

# A ÁGUIA

Órgão de A RENASCENÇA PORTUGUESA

Vol. II — 2.<sup>a</sup> Série

Pôrto — 1912





~~VI-32,1,15~~

VII-422,2,4

# A ÁGUIA

Biblioteca da RENASCENÇA PORTUGUESA

- A Água — Revista mensal.  
A Vida Portuguesa — Quinzenário.  
A Evocação da Vida — *Augusto Casimiro*.  
 regresso ao Paraíso — *Teixeira de Pascoaes*.  
Esta História é para os Anjos — *Jaime Cortesão*.  
O Espírito Lusitano ou o Saudosismo — *Teixeira de Pascoaes*.  
A Sinfonia da Tarde — *Jaime Cortesão*.  
O Criacionismo — *Leonardo Coimbra*.  
A Educação dos povos peninsulares — *Ribera y Rovira*.  
Romarias — *António Correia de Oliveira*.  
A Primeira Nau — *Augusto Casimiro*.  
Cintra — *Mário Beirão*.

NO PRELO:

- O Doido e a Morte — *Teixeira de Pascoaes*.  
Daquem e Dalem Morte (Contos) — *Jaime Cortesão*.  
Camilo Inédito — (*Notações de Vila Moura*).  
Só — *António Nobre* (3.<sup>a</sup> edição, com notas).

ALICIA A

## LITERATURA

### MEUS OLHOS DOLOROSOS

A lua sobre um píncaro escaldado,  
Teus olhos sob a fronte que os domina;  
O sol morrendo, ao longe, aureolado,  
N'um fundo de pinheiros e neblina;

Um rio manso, lívido, parado  
Na concepção da Névoa; cristalina  
Veia, onde nunca um raio afogueado  
Matou a sêde trágica e divina;

Aparições de Deus e da Belêsa,  
Sob formas de Cousas e Criaturas,  
Perseguem os meus olhos que, ás escuras,

Choram como as creanças, na Tristêsa  
Creadôra que é a Virgem da Agonia,  
A Mãe piedosa e triste da Alegria.

## A NOSSA SENHORA

Oh! mystica mulher, nascida na Judeia  
Phantasma espiritual da legenda christã!  
Imperatriz do céu, que para Além se alteia,  
A Nação de que a terra é uma pequena aldeia,  
E simples logarejo a Estrella-da-manhã!  
Morena aldeã dos arredores de Belem!  
Mãe admiravel! Mãe do soffrimento humano!  
Mãe das campinas! Mãe da Lua! Mãe do Oceano!  
Oh! Mãe de todos nós! Oh! mãe da minha mãe!

## COLLAR D'ASTROS

Quando em Junho, n'este mez,  
A aurora se ergue da cama,  
Tão cedo (e ninguem na chama!)  
Para a terra allumiar:

Mal poiza o pé  
Se n'um bocejo abre a bôcca,  
Logo sae, tontinha e louca  
A cotovia a cantar!

E percorre todo o céu  
Colliendo, á pressa, as estrellas,  
Porque outra maior do que ellas  
Vem atraz com seus clarões:

A dentro o seio profundo  
Entorna-as por sobre o Mundo  
Transformadas em canções...

Desce á terra e, logo, vae  
Direitinha á tua alcova...  
(Eu, alli, da minha cova  
Vejo tudo meu amôr!)

E, n'um longo pio, um ai  
Bate-te á porta  
Tu, já sabes, vens abril-a:  
Que infindos beijos, senhor!

E eu vejo-a abraçada a ti.  
N'essa caminha de bôdas,  
Enfiando as estrellas todas,  
No teu collo, alvo lilaz,

.....



Eu nada espero  
Do meu porvir,  
Por isso quero  
Morrer, dormir...

Ai, chora, chora,  
Amada flôr!  
Que amei, outrora,  
Com tanto amor!

Põe um enfeite  
Com tua mão  
A lua de leite  
No meu caixão...

A lua é nova,  
E eu vou, enfim,  
Dormir na cova...  
Orae por mim.



Quinta Victoria  
Ilha da Madeira  
Novembro, 19

Meu caro amigo

Logo vii decerto pelo meu longo silencio (falta de saude, villegiaturas, desleixo de criados) que algum superior motivo havia em demorar d'este modo a resposta á sua carta, agradecendo a amabilidade do seu artigo, e mais do que tudo, quedar-me durante mezes sem ir abraçal-o na sua grande dor.

Foi pelo Adolpho Ramires que eu soube do fallecimento de sua mulher, o que não me cauzou inteira surpresa pelas más noticias que antes me tinha dado da sua saude. Entretanto, n'estes cazos dolorozos ha sempre um não sei quê de inesperado, chegada a hora,—e eu pensei muito em V., lembrando-me que, então no Minho, longe dos seus amigos, talvez só, a sua desolação precisava d'um pouco de carinho.

Embora tarde, aceite o meu abraço.

O meu retrato na «Mala da Europa» não era nada a minha pessoa, o que pouco importa nos poetas: a sua alma é a unica coisa interessante. E essa pôde V. mostrar-a aos curiosos, decerto, embora eu me julgue um pouco augmentado com a bondade que me attribue. Gostei muito da synthese que faz da minha obra e achei bem: pareceu-me, comtudo, «trop lyrique» o photo que faz de mim, das minhas viagens, da minha lenda amorosa. N'um paiz pequeno, como o nosso, notaram-me, e quando um poeta é tambem um consul, ha sempre uma ligeira indiscreção em os apresentar assim, tão intimos, não é verdade? Só os amigos nos devem ver assim. Os mais não o merecem. Notaram-m'o, eu quasi que não notei nada, e o meu agradecimento pelas suas palavras é muito e é sincero.

Que dizer-lhe de mim? Regressei, ha tempos, á cidade, depois de arrar durante o verão por estas montanhas da ilha, realmente bellas. Chamam a esta ilha, em phrase doce, a «Suissa do Oceano» e não exageram: vi paysagens, aspectos, montes como só nos nossos Grisons de triste memoria. De saude vou agora muito bem: em maio, se Deus quizer, partirei para Lisboa, definitivamente curado.

Serenamente, tenho assistido á marcha da minha doença, que,

como um medico, conheço. Li muito sobre casos do peito. O pulmão direito vae, a pouco e pouco, tornando-se em folle, como é o seu dever: nem para outra coisa preciso d'elle. O esquerdo bem, como sempre. Mas deixemos isso.

Que faz agora? Que tem escripto? Trabalhos novos? Eu tenho a impressão de que já não ha Litteratura Portugueza... Callados todos! E eu talvez com maiores culpas. O que não admira. Sem estímulo, doente, apenas uma ou outra vez com um pouco de cavaco litterario... Ha dias, apezar d'isso, resolvi dar uma nova feição ao meu poema, que vai saindo bem e a meu gosto. Não ha como Paris, ou Coimbra, para trabalhar. Lisboa, como a Madeira, é terra de clima doce, de doce vadiagem: tivesse eu o canto do lume do meu quarto do Bairro Latino!

Um dos motivos principaes tambem da nossa falta de trabalho é a falta d'uma revista. Uma revista olympica, «hors ligne», inacessível, quanto eu a desejava! Porque não falla ao Gomes? Estou certo de que se venderia. Não ha na Europa, ia a dizer, no mundo, um paiz que a não tenha. Mesmo os mais pequenos. Quantas na Hollanda, na Belgica, na Grecia! Quantas em Paris! Eu collaboraria em todos os numeros. Magazine, por exemplo, como tantos que vejo ali por cima da meza, d'onde lhe escrevo, mas um magazine com «ar», com esta feição especial que em Inglaterra sabem tão bem dar-lhes! E quando não fosse um magazine, uma simples revista, em mau papel (papel de assucar, ou queijo) mas com miolo optimo. Chymeras, não é verdade?

Escreva-me muito e presto, como uma generosa resposta ao meu silencio (embora justo), e conte-me, peço, casos novos, o que vae por Lisboa, o que se faz, sim? Entretenha este doente.

Então o Luiz Osorio vae casar?

Adeus. Abraça-o o seu muito dedicado

António Nobre

## A VILLA-FEIA



**Villa-Feia**, sobranceira a Entre-os-Rios, assenta na encosta que domina a junção do Douro com o Paiva.

Este ribeiro desce obliquamente, como um fio de platina a fundir-se nas aguas d'oiro do Rio, que segue como um grilhão mysterioso, a perder-se no mar.

O antigo paço senhorial da Villa-Feia é um systema de torres e torreões extravagantes, casas afiladas de frestas altas e seguidas, que dão de longe a impressão de linhas pontuadas; e quadrados enormes, atarracados, beirados de ameias grotescas, frestas em losango, que poem na cantaria verde-negra, um recorte de retinas extranhas, attentas ao mechanismo liquido das correntes, e á paizagem rôxa dos montados.

Tanto o paço torreado como o plantio da maior parte do arvorêdo da Villa-Feia, foram obra d'um velho templario que, segundo a Lenda, veio esquecer alli as canceiras da Guerra.

Aquella architectura, informam os do povoado, foi idéa do templario. A deformação das arvores e outros *signaes* da Villa maldita, foram castigo de Deus, irritado com o porte de D. Alvaro de Castro Leite de Villar, um dos maiores da Ordem que em 1312, Clemente V aboliu.

Corre a fama de que o grande cavalleiro fora um dos que mais justificaram a liquidação da Ordem militar religiosa dos Templarios, pois que escureceu o brilho dos feitos mais ousados com actos de desenfreada sodomia.

O seu temperamento, fóra do natural, delineara um castello desproporcionado e á parte, alheio á architectura do seculo. A natureza requintou em lhe deformar as arvores, dando á Villa-Feia uma Flora-monstro, invertendo o tempo das flores e fructos e afeiando as plantas de melhor raça. Mas não é sómente nas velhas arvores que os do Povo inculcam como plantadas pelo Templario, que as deformações se notam. E' em todas as arvores que ali se dispõem. Quanto mais formosas são fóra mais afeiam lá dentro. Ha-as chloroticas, abraçando-se n'uma adherencia de enxerto; outras, communicando serpentes de ramaria e abraços a muitos metros dos troncos; raças humildes attingindó desenvolvimentos notaveis; *eucaliptus*, geralmente desenvolvidos, que ali figuram de anões enfezados, exiguos.

Desenvolvimento, florescencia e fructos parecem obedecer alli a leis especiaes. A Villa-Feia é um capricho da natureza: a bem dizer uma pagina de Pathologia vegetal.

Os mais dos fructos são acres; as flores, em meios tons, e d'um recorte exquisito, não têm aroma, o que faz que os camponios supponham que a approximação de taes flores lhes veda o olfacto.

Tudo allí é extranho. Cada arvore toma um aspecto diverso das mais da sua raça em outras terras.

O choiipo-chorão abre em traços rectos; o *ulmus pendula*, de braços geralmente curvos no sentido do tronco, revira os ramos em hastes de novilho; cactos hirsutos, prodigiosos, vestem o sopé da encosta, formando cordões farpados; pinheiros bravos abrem-se em umbellas rôtas, de agulharia verde-escura; os cedros parecem arvoresitas de Natal, ramos de presepio; cyprestes bastos, tragicos e collossaes, poem pontos de admiração na paizagem; chorões, flexiveis como vimes, descem em tufos emmaranhados as suas lagrimas verdes, longas até aos pés; medronheiros de grandes troncos herpeticos de musgueira, de folha rota, mal vestidos, ostentam simultaneamente floritas brancas e fructos exiguos de coralina.

Os sobreiros jámais deixam o tom acastanhado que usam n'outras terras ao abandonar a cortiça: poem na Villa-Feia uma *nuance* de sangue velho, erguendo-se rachíticos, como adolescentes morenos alcançados pela phthisica.

Ainda nos recantos mais sombrios o chão é hirsuto de tojeira, cerdoso de espinhos bravos, bastos como pellagem de javali, salvo nas ruellas, abertas em lacêtes tortuosos, de uma collacção misteriosa de labyrintho.

Domina a villa um penedo enorme simulando uma figura gigante, deitada na tojeira, que se desdobra em volta como uma pelle.

É uma figura nua, guarnecida de musgos velludosos, ostentando signaes nitidos dos dois sexos; lembra a figura de Hermaphirodita que um artista ensandecido tivesse trabalhado ha muitos seculos e postada allí como um amuleto maldito do mundo sensual.

Corre entre os lavradores que o Penedo fora trabalhado por D. Alvaro em noites brancas de Janeiro de collaboracção com o demonio que em baixo, no Ribeiro de Cobre, refere coleras.

E rapazes gastos e velhos sensuaes, crentes na sua virtude, vão nas horas mortas, pedir-lhe forças desbaratadas.

O Encommendado não se cansava de predicar o peccado em que incorrem os que veneram o mysterioso granito.

E velhos menos confiados contam casos de creaturas tolhidas, quando de romaria ao Penedo, depois encontrarem a alma-penada do Templario, de braço dado com o demonio a revêr a obra.

O Ribeiro de Cobre ganha a primeira altura da encosta d'um salto, borbulhando tufos d'agua escura, que razam em madria pela açude. D'alli partem levadas que cortam em leque os campos baixos.

Vogam na madria aves d'agua, pequenos cysnes e enormes gansos, de pescoços de cobra e bicos de fava, remando, de vagar, os corpos gondolosos, vestidos de penas, tufadas como ramos de chrysantos negros.

Tracto singular de paizagem morena, onde esparsos olivêdos, poem nodoas de saudade em cinza!

Parece haver o maior parentesco entre o Ribeiro de Cobre,

assim chamado em razão da côr e o arvorêdo em que predomina o acastanhado dos sobreiros.

O povo guarda-se cautelosamente de pescar no Ribeiro se bem que seja abundante em peixe e sobretudo em trutas, que lembram desenhos fugidos d'algum jarro precioso do Japão a refulgirem escamas de prata e oiro por entre o cobre liquido do humilde corrego.

É que desde muito se conta n'aldeia que D. Briolanja, a ultima morgada da Villa, fôra victima de peixes allí pescados:—que ceicara as endemoninhadas trutas n'uma vespera de Anno-Bom e amanhecera sem fala, muito branca, tregeitando esgares, até que morreu depois d'uma agonia mysteriosa ao cabo de poucas horas.

Para além da madria ha um velho moinho redondo, de grande circumferencia e pedra tosca, de juntas tomadas a verdura, com janellas oblongas e uma roda de dentes podres.

Semelha um carão horrivel de olhos azeitonados, comidos de ophthalmias, sobranceiras rentes de musgueira verde-limo e bocca enorme, a que a roda de dentes cariada dá a expressão confrangida d'um riso diabolico de dôr.

É a agua que a bocca do moinho espuma em camarinhas escuras, travez a roda meia gasta, que vae sunir-se a distancia no lagedo amarello das alluviadas, que escondem o ribeiro n'um tracto de dez passos.

E é sob o lagedo que a agua espadanada contra a penedia baixa, referve coleras d'inferno, resoando n'aquella abobada d'acaso as presumidas falas do diabo, segundo a vóz corrente n'aldeia.

Sobranceira ao moinho, na outra margem, fica a *Eira de Vidro*, uma escama natural de mica luzente, que ao meio dia, quando o sol ahi bate, refulge a meio da Penedia-amuleto cordas de luz branca.

Circuita o exotico miradouro uma escarpa de granito rendilhado, que lembra o espaldar e braços d'uma cadeira gothica de Cathedral.

Finalmente é d'este poiso extranho que os valles proximos escutam e repetem os dizeres dos que ahi falam.

Condições de acustica desconhecidas poem no espaço trios de arremêdo!

Tal a descripção da Villa-Feia, conforme um inedito de Nuno de Villar, III conde de Nevogilde, e ultimo representante do Templario.

Era ahi que o Artista villegiava quando a cidade o aborrecia, ou sentia necessidade de dar azas á sua erudição e Arte.

Ahi escreveu *Os Sensuaes*, o melhor dos seus livros, varios capitulos da *Vida Plastica*, opusculos criticos, afóra artigos.

Dava-se bem com a paizagem-monstro que o cercava, e sorria, benevolo, sempre que perguntava e ouvia a historia do Templario.

Os camponezes interrogados é que o não indulgenciavam pela

transigência com o execrado cavalleiro. E á puridade aventavam suspeitas:

—Que o representante de D. Alvaro parecia seguir-lhe as pizadas; que não era fácil fugir às leis do sangue; que na Villa-Feia tudo se deformava, os homens como as arvores... E discutiam as figuras que pernoitavam no velho casarão senhorial.

Do livro "Nova Sapho," *Tragedia estranha* (Romance de Pathologia sensual, a sair da prelo).

Villa-Moury

## TERNURA DE CHACAL

De Friedland a batalha—a mais sangrenta  
Das que degradam a especie humana,—  
Terminou. A' estulta gloria insana  
Napoleão mais horrores acrescenta.

Descança o Heroe; o somno lhe afugenta  
O excesso da fadiga, e a mente ufana  
Exalta-o... Quer dormir; a mão tyranna  
Toma um livro; a leitura o adormenta.

Foi ao acaso lendo. Estranho encanto!  
Quando as lagrimas mudas, n'um momento,  
Deslisam soltas n'um suave pranto.

Pouco o lançára no enternecimento,  
Lendo *Paulo e Virginia!* Abalou tanto  
O idyllo insulso o Heroe sanguisedento.

Abril de 1912.

Fernando de Saes

# VERSOS DA ALÈLUIA

## I

As velhas naus vieram fundear no porto,  
As naus da Descoberta... E a marinagem  
Abandonou-as como a um sonho morto...  
E aquela foi a ultima viagem!

Da beira-mar a patria, como um horto,  
Sobe nas azas claras da paisagem...  
E o povo, triste, fita a névoa absorto,  
E espera, o olhar perdido na miragem...

Bandarra, Alcacér, duque de Alba... A morte  
De Luiz de Camões!... Lá vai ao Fundo  
A ultima nau do Mar, a nau mais forte...

Noite...—A manhã de névoa hade chegar!...  
—E no silencio trágico e profundo  
—Ecôa a voz nostalgica do Mar...

## II

E vai subindo a noite... Sobre a terra  
Fantasmas e silencio... O oceano cala...  
E' meia noite... E vai da praia á serra  
O silencio,—a maré que a noite ezala...

Ó maravilha!... Mas que vulto erra  
Junto do caes?... E o velho mar que embala?  
Assombro!... As naus antigas!... Quem desferra  
As velas?... E que voz divina fala?

Olha as naus, outra vês, de quilhas feitas  
Ao mar, e as almas prontas á Aventura!...  
—A capitaina as ancoras levanta!

Eh! povo, acorda, embarca!... Olha as colheitas  
De gloria e sonho, vastidões, ventura!  
—Embarca!—Acima, acima!—Camões canta.

20 de Junho.

*Augusto Pasiniro*



FLORES

(De Júlio Costa)

A Águia - 7 (2.ª série)

# AMOR DE MULHER

(Excerpto de um romance)

(A acção passa-se em 1836-37)



**M**eu Deus! usa-se sempre a mesma coisa, para variar: colletes de amordine e acólchoado, calças de ganga, casacas cõr de bronze... Estão em moda as charadas: a praga maior que inventaram mulheres! Dança-se o desengraçado *chassé* e o sem-sabõr *avant deux*. Monsier Paul, primeiro comico do *Gymnasio* de Paris, representa *vaudevilles* de Scribe no theatro da rua dos Condes. Temos sempre a Charini no circo Olympico do Avrillon e uma detestavel orchestra no Tivoli da Flõr da Murta. O Passeio Publico, um ermo! Em S. Carlos, dançam a Farina e a Clara: as mais lindas quatro pernas do universo! A Ripamonti canta os *Puritanos* como um anjo! Aboliu-se a procissão do Senhor dos Passos da Graça desde que sabiu a rua a procissão dos *Passos da Desgraça*. Como já não ha toiradas, nem liberdade, o Vimioso vende os cavallos e o governo faz dictadura. A Rainha está doente; o ministro da Belgica furioso. A nobreza morre de frio em Cintra por orgulho. Todos nós, sob o regimen protecconista, estamos reduzidos a vestir de saragoça, por patriotismo. Ali tens Lisboa, como a deixei ha cinco dias.

Alvaro de Sá escutava, abstracto e quieto, olhando as brasas faúlhar entre as cinzas do braseiro de cobre.

O visconde de Alva estendeu as pernas magras, compoz nas fontes os aneis da cabeleira perfumada, e acrescentou, depois de um silencio consumido em olhar, através dos vidros da janela, a praça tranquilla e deserta, que o luar de dezembro illuminava:

—Eu teria morrido cem vezes de tédio n'esta terra!

—Vaes amanhã?—perguntou Alvaro de Sá, acordando da sua somnolencia reflexiva.

—Ao meio dia. E espalharei por Lisboa que o Administrador Geral lê Larmartine; que o jacobino vae á missa do galo; que o pedreiro livre joga o volante com o bispo...

Ergueu-se do divan, buliçoso, foi ageitar ao espelho de um tremó o lenço de seda branca, e não findava de falar, com uma surprehendente volubilidade feminina.

—Tua mulher usa agora um toucado de velludo carmesim com plumas e rendas, que lhe vae a matar! Falamos em Seteaes, no domingo. Trazia um burnu de cachemira igual ao da Imperatriz.

—E a creança?

—Um cherubim, de *plaid* escossez!

O Governador Geral sorriu, fechou de novo os olhos.

Ouviam-se os passos da sentinella no largo. Os sinos da Sé, ao longe, tanguiam para a missa da meia noite.

O visconde esticou as calças de gambrum, mirou o collete bordado a prata, a casaca cingida de duraque, deu uma volta pelo gabinete, entreteve-se por um instante a folhear o volume da *Atala*, esquecido entre papeis officiaes sobre o marmore verde do tremó. E de repente, erguendo os olhos do livro, pousando-os no rosto meditativo do governador:

—Esquecia-me dizer-te... Corria em Cintra, entre as senhoras, que estvas apaixonado!

Alvaro de Sá levantou-se, impassivel.

—Assim se explicava a tua dedicacão ao governo e á democracia. Mas vou desfazer a intriga. As mulheres vestem-se aqui pelos figurinos do seculo passado. Ainda cá não chegou o *Correio das Damas*!

— E se estivesse realmente apaixonado? — perguntou, sorrindo, Alvaro de Sá.  
— Porque as modas andam atrasadas não podes deduzir que também os corações envelheceram. Não me parece razoável que leves a elegancia ao exaggero de subbordinar o amor á moda... Nem eu mandei affixar editaes abolindo o amor no districto.

— E' que não vi uma mulher que valésse o artelho da Velluti ou as sobran-celhas da Tavola! Devassei toda a cidade, espreitei a todas as janellas. As damas olharam-me como Judith devia ter olhado Holophernes ao entrar na tenda... Tu discutes politica ao jantar: logo, não amas! Vaes á missa do galo...

— Logo, amô!

O visconde estacou, com os dedos enfiados nos bolsos do collete de setim.

— Ainda não tinha pensado nisso!

Sorrindo, Alvaro de Sá pousou-lhe no hombro a mão resplandecente de aneis.

— Então as pernas de Velluti são lindas?

— Porque não vens vê-las a Lisboa?

— Noventa leguas para ir admirar uma mulher?

— É um sacrificio?

— Seria uma asneira, o que é peor! São inuteis mensageiros e supplicas para me fazerem resignar o cargo... Podes dizer isso em Cintra.

O visconde mordeu levemente os beiços, e até aos aneis da sua pretenciosa cabelleira espalhou-se um rubôr passageiro.

Alvaro de Sá deitou aos hombros, com um gesto indolente, a capa de gola de velludo e foi espreitar á janella a fria noite de luar.

Não tenho uma frisa em S. Carlos para te offerecer, nem pernas de bai-larinas para te mostrar... Farás hoje penitencia, acompanhando um homem vir-tuoso a uma tribuna da Sé para ouvir missa.

O visconde calçou as luvas em silencio, viu as horas no relógio; e pisando o tapete em passos leves respondeu com resignação desconsolada:

— É de esperar que toquem no órgão alguma velharia de Marcos Por-tugal...

— Não se toca musica profana na Sé — advertiu Alvaro de Sá, abrindo a porta do gabinete.

Ambos sahiram, embrulhados nas capas. A sentinella apresentou armas. Erguera-se um vento agreste. Apenas os Sinos da Sé, ao longe, despertavam do silencio a cidade adormecida sob o luar glacial de dezembro.

Aos primeiros passos, o visconde estacou.

— Vou buscar o *currick*.

Alvaro de Sá teve um gesto de impaciencia.

— É tarde e perdemos a missa.

— Mas eu adoeço com uma pneumonia!

— Chama-se o medico disse singelamente Alvaro de Sá, sem se voltar.

O visconde continuou a caminhar, pousando com infinita cautella os escar-pins de baile nos pedregulhos do largo, rogando pragas ao municipio pela pes-sima conservação do empedrado. Impaciente, Alvaro de Sá promettia já abandona-l'o n'um portal, mandando por elle a primeira liteira que encontrasse devoluta pelo caminho. Mas áquella ameaça, o visconde cobrou animo e a jornada pro-seguiu entre os redemoinhos do vento norte.

Ao fim de uma tortuosa betesga, abria-se o espaço mais airoso de uma pe-queña praça, onde bruxoleava a luz escassa de um candieiro, que balouçava á ventania no seu braço de ferro. Mulheres de capote e lenço encaminhavam-se para a Sé, cujos sinos tangiam mais sonoros. As chaminés dos lares, que a essa hora cosinhavam as ceias de natal, fumegavam na ventosa noite de inverno. De uma casa, com pedras de armas hasteadas nos portaes, sahia uma numerosa fami-lia, precedida pelo creado com o lampeão de duas velas. A espaços, a andadura resoante dos machos e o rodar de alguma sege afugentavam dos telhados os pardaes engeridos de frio.

O Administrador Geral estugava o passo, acompanhado de perto pelo vis-conde, que disputava ao vento a sua capa á russiana, divagando sobre as peniten-cias da Igreja e o martyrio dos christãos.

Avistou-se finalmente a arcada, a rua do Arco, onde ardiam fogueiras, o largo de S. Paulo com o edificio do governo-civil e o obelisco do chafariz. As

torres da Sé erguiam no plenilunio as ameias denegridas. Liteiras e seges esperavam no adro, em frente dos velhos paços do Bispo. Atabaladas em chales-mantas, burnus e carrikes, famílias seguiam em fila pelos passeios estreitos, atrás dos creados com as lanternas. Homens encapotados rebocavam cavallos pela redea.

Abrindo caminho por meio do povo, embuçados nas capas, os dois atravessaram a praça, onde as moças da aldeia armavam danças ao som de gaitas fahnosas e pandeiros sonoros. Entre o entôno dos pregões, o rumorejo das conversas e o tropar dos cavallos, tiniam as campainhas das irmandades esmolando para o presepio. E ainda uma legião de mendigos, exhibindo aleijões, pustulas e moles-tias, empecia o passo dos devotos, assaltando as portinholas dos carros com algaridos de preces e de lastimas.

Finalmente, os dois alcançavam os degrãos da igreja quando uma grande e morosa liteira estacou e uma alta mulher, embrulhada n'um chale de velludo preto, desceu com a creada, arregaçando a saia do vestido *gras de Napoles*.

O visconde ia a subir, fugindo aos mendigos, quando reparou que o Administrador Geral ficara para trás, immovel, a meio do primeiro lance de escadas.

As suas mãos reluzentes de aneis tinham afastado do rosto pallido as bandas da capa; e de entre a renda da mantilha os olhos luminosos da mulher encontraram-n'o, fixaram-n'o por um instante, com essa doçura que o olhar só tem para quem ama.

Depois, lentamente, a mulher do chale de velludo subiu os dez degrãos, com a solenne ondulação de uma rainha, até desaparecer na nave sombria, onde scintillavam os cirios do altar-mór.

—Alli vão dois olhos perigosos!—murmurou o visconde ao ouvido do amigo.

Alvaro de Sá estremeceu levemente e esteve ainda acompanhando com a vista o liteireiro, que se afastava pela praça tangendo os machos, até vel-o encalhar a pesada liteira junto ao cunhal de uma travessa.

Mal chegados á tribuna, o visconde debruçou-se no varandim, á procura da dovota do chale de velludo. Mas inutilmente, na sombra densa que descia das altas e sonoras abobadas de pedra, de cinzeladas nervuras, o visconde tentava descobrir essa mantilha preta e o esplendor d'aquelle manso olhar, que por um momento pousára, como uma promessa, nos olhos extaticos do governador do districto.

Pelos altares do cruzeiro, mais ao abrigo do povo, havia grupos de damas que se cumprimentavam como n'um serão, cochichando, dizendo adeus tilintando braceletes. Sobre os livros de missa tremulavam plumas, debruçavam-se toucas de blonde e chapéus de castor. Homens de carrik e capote, segurando atrás das costas os bengalões e os chapéus de copas enormes, ouviam a missa com devoção e recolhimento. Um zum-zum de reza ascendia da mancha escura de povo, comprimido e ajoelhado. De onde a onde, na densa penumbra, scintillavam as escamas, dragonas e chapas dos soldados.

Até á elevação, o visconde pacientemente pesquisou os degrãos dos altares, os espaços frouxamente illuminados pelo reverbero pallido dos cirias e pelos claros mortícios das lampadas. E já sem esperança de encontrar o chale de velludo, voltou-se na tribuna. Mas Alvaro de Sá tinha desaparecido.

Sem uma hesitação, o visconde deitou a capa aos hombros, pegou no chapéu e na bengala, desceu a escada da tribuna, só parando no adro. Embuçado cautelosamente, atravessou a praça por entre os grupos de ségeiros e lacaios, dirigindo os passos rapidos para o cunhal da travessa onde momentos antes o liteireiro encalhará a liteira. A meio caminho, um apressado vulto cruzou por elle, em direcção da igreja, e o visconde reconheceu Alvaro de Sá. Então retrocedeu, sem largar de vista a sua ligeira sombra.

Mas sentindo a perseguição subtil dos escarpins de baile, o Administrador Geral estacou e voltou-se.

Sorridente, desembaraçando o rosto da capa, o visconde avançou.

—É assim que os homens virtuosos da provincia ouvem a missa do galo?

Alvaro de Sá estremeceu, olhou em redor, titubeou:

— Vim tomar ar... Abafava... Ia buscar-te...

— Exactamente como eu... Abafava... Vim procurar-te para aquellos lados, onde ficára a liteira da mulher do chale de velludo...

E o visconde, finalmente, sorria.

Alvaro de Sá cresceu para elle um passo. De sob a capa, a sua mão resplandecente estendeu-se, crispou-se como uma garra no braço fragil do amigo.

— Por cada palavra de maledicencia que venha a cahir sobre aquella mulher, dispero uma pistola á cabeça do calumniador!

— Entendido! — disse tranquillamente o visconde, desembaraçando o braço da convulsiva mão que o algemava.

Alvaro de Sá tinha a voz suffocada, como um homem que galgou uma encosta a correr.

— Nunca falei a essa mulher!

— Está bem — disse com serenidade o visconde.

— Nunca mais a tornarei a vêr...

— Vae-se embora? — perguntou a voz calma do janota.

Mais baixo, n'uma voz que arfava, Alvaro de Sá retorquiu, raivoso:

— Que te importa?

Então, na sombra, o visconde sacudiu n'um protesto os aneis da cabelleira á Capoul:

— Nós fomos creados como dois irmãos; tivemos as mesmas amantes; comemos tres annos á mesma mesa; fugimos do marquez de Chaves na mesma sege; gastamos em Londres da mesma bolsa. Guarda o teu segredo e as tuas ameaças.

— Vieste de Lisboa para me espiar!

— Estás a esquecer na provincia a significação das palavras que offendem! Vim de Lisboa com uma missão, é certo. Não para espiar o amigo, mas para arrefecer as exaltações do patriota. Eu sou apenas um frívolo, para quem a tua democracia nunca passou de uma extravagancia. Tua mulher receia ver-te exposto ás represalias da opposição ou ás balas de um exaltado. Os Sás não nasceram para morrer ridiculamente pela plebe ao virar de uma esquina. Todos os dias és ameaçado. Os ministros, em Lisboa, são menos democratas. Dizem que te occupas em promover o bem-estar dos povos. Não sei. Os jornaes insultam-te. Para uma fidalga aparentada com a melhor nobreza do reino, é vexatorio lêr nas gazetas que o marido dissolve assembléas cartistas, faz evacuar, acompanhado de arruaceiros, os clubs dos *chambrros*, é conhecido pelo *rei da canalha* e estende a mão aos soldados da guarda nacional. Posso errar, mas a intenção que me trouxe foi excellente!

Nas torres da Sé repicavam os sinos, annunciando o alvorecer do dia de Natal. A missa acabara. Já os liteiros tangiam os machos das liteiras, os bolleiros aproximavam as traquitanas e as seges. O povo descia os degrãos da igreja em borborinho. De toda a parte, os creados corriam açodados com as lanternas.

Então os dois atravessaram o largo, tomaram em frente, á estreita e silenciosa betesga, apenas illuminada pelo escasso luar de dezembro.

Agora apaziguado, com uma voz triste e difficil onde esmorecera a vehemencia, Alvaro de Sá respondia, cruzando no peito a capa de velludo:

— Não sou mais democrata do que os ministros, nem mais exaltado do que esses que me accusam. Minha mulher receia as represalias dos cartistas? Mas não é com elles que está vivendo em Cintra? Quando fui nomeado para administrar o districto, recusou acompanhar-me, com o pretexto de que a fatigava a jornada. Estava em Belem no dia 4. Eu sei! Estava no segredo do golpe de estado que me ia expor ás furias e aos excessos da opposição; e assim ajudava a carregar a clavina com que ameaçam matar-me! Sou já um suspeito ao governo. Minha mulher vive em Cintra com os conspiradores e offerece ramos de loiros ao Saldanha... Ha quatro mezes que recebo cartas perigosas, que podiam ser interceptadas e fazer-me passar por um traidor. Hoje és tu que vens, como um embaixador das damas de Cintra, seduzir-me e ridicularisar-me... O ministerio desagrada aos aristocratas porque defende os principios da democracia? Os meus actos envergonham minha mulher? Assim, quando arrisco a vida pelo bem publico, ella esconde o pudôr atrás do leque?

— E as lagrimas...

— Ou os sorrisos! Hoje, que está em moda a descrença, é ridiculo o homem que tem fé, mesmo para as mulheres! As senhoras vão a S. Carlos ouvir operas, enquanto o povo se bate nas ruas. A rainha gosa pela segunda vez as delicias de uma lua de mel, enquanto a nação é entregue ao saque dos *devoristas*.

— Morreu-lhe o primeiro marido... — arriscou o visconde.

— Naturalmente! Porque lhe morreu o primeiro marido... E quando o la-

vrador pede sementes para semear os campos devastados, a cõrte dança *vis-à-vis* nas Necessidades. As mulheres enxugam o sangue das guerras com as caudas dos vestidos de baile. Quando ainda se não apagou da memoria dos homens a imagem das fôrças, o príncipe consorte faz desembarcar na Junqueira os inglezes. Sobre a tragedia volteia a frivolidade. As mulheres pretendem governar os homens e mandam as janotas como embaixadores aos patriotas. Não; tu não me comprehendes! Dos camarins das bailarinas não se vêem os homicídios, as miserias, as angustias e as desesperanças que devastam as provincias e as cidades, n'uma guerra peor do que a passada! Era preciso inventar um motivo que explicasse a minha dedicação ao governo e á democracia. E tu mesmo m'o disseste: esse motivo encontraram-no em Cintra: estou apaixonado! E tu homem frivolo, tendo surpreendido um olhar que se demorou em mim por um instante, dirás que as damas de Cintra adivinharam, que eu estou realmente apaixonado, que a minha dedicação ao governo é uma impostura, que a minha administração vigilante é uma burla, o meu sacrificio é uma hypocrisia, a minha austeridade uma mentira, a minha solidão uma libertinagem, a saudade do meu filho um estratagem! Dizes que não vieste para espiar-me... E sorratamente, como um policia de profissão, o fizeste! Não; tu não me comprehendes! Quando, em Londres, ias cortejar as mulheres para os *music-halls*, eu ficava em casa trabalhando. Do passado, só guardei os aneis dos dedos; tu conservaste uma cabeça ôca e um coração ligeiro. Hoje mesmo escrevi a minha mulher, ordenando-lhe que viesse. Espero que farás as maiores diligencias junto d'ella para que me obedeça. Tenho sido um marido paciente. Não desejo ser um marido auctoritario.

— E a dama da liteira? — interrogou o visconde, surpreendido por aquelle desfecho inesperado.

— Entre mim e essa mulher nada houve de mais grave do que esse innocente olhar que surpreendeste! Da minha bocca nunca lhe chegou aos ouvidos uma palavra!

Calou-se; e logo depois, muito baixo, como uma prece, estendendo ambas as mãos para os hombros do amigo:

— É preciso que minha mulher venha! Vê se a convences... E que traga a creança: o meu filho; ouviste?

Era n'uma solitaria rua, sob uma esquiua luz de lampada que balouçava em frente a um painel de azulejo, illuminando frouxamente a mitra e o baculo de um bispo. Ao longe, repicavam sempre os sinos da Sé, n'uma toada festiva. O visconde, pensativo, batia a calçada com a ponteira de ouro da bengala. E de repente, a uma distancia de dez passos, da escuridão de um portal, luziu a faisca de uma escorva e a carga de uma pistola bateu no cunhal de pedra, por cima da cabeça do governador do districto.

Uma voz raivosa disse na sombra:

— Erraste, patife!

E dous vultos abalaram pela treva da calleja, apanhando as abas dos capotes.

O visconde ficara no sitio, immobilizado de assombro.

O Administrador Geral observou, com uma voz que de repente serenára:

— Tinha-me esquecido de que não posso andar de noite... É prudente mettermos direito a casa e caminharmos depressa. Não convém que as senhoras de Cintra tenham conhecimento destes encontros nocturnos.

Voltando a si do assombro, o visconde falava em perseguir os matadores e brandia uma minuscula pistola de salão, que parecia um brinquedo e scintilava com uma joia.

Alvaro de Sá fel-o guardar no bolso do collete de baile a sua pistola inoffensiva.

— É inutil correr. A esta hora desapareceram. Seria preciso cercal-os e somos apenas dois. Vamos, enquanto não acode gente ás janelas.

— Mas assim se dão tiros? — objectava, pallido, o visconde.

— São as moedas com que se paga aos patriotas a chocarrice das damas de Cintra...

Dobram os dois á esquerda, subindo açodados uma ladeira ingreme; e quando dez minutos depois, no gabinete, se desembaraçavam das capas, o visconde, offegante, com os escarpins enlameados, ainda elevava para o tecto as mãos, em gesticulação atonita:

—Peor do que monetarias a lobos! Valeu a pena curtir annos de exilio em Londres, ter expulso o francez, o inglez e o usurpador; ter visto as forcas e ter lido os philosophos; ter estado na Terceira e no Mindello; haver acclamado a Carta e jurado a Constituição, para se ser alvejado ás esquinas pelas pistolas da canalha! Com franqueza: o povo não vale as bailarinas de S. Carlos!

Alvaro de Sá encolheu de leve os hombros com um sorriso triste de duvida e atirou a capa e o chapéo desabado para o canapé de velludo.

—As balas não me querem... Ha uma mysteriosa mão que as afasta da minha cabeça...

—A minha vale menos, mas tenho-a em maior preço—disse o visconde, parando de girar pelo gabinete.

Alvaro de Sá voltou a sorrir.

—Não merece a pena gastar tantas palavras com uma pouca de polvora que detonou. Esse tiro apenas nos fez mal aos ouvidos. Os meus argumentos eram talvez fracos. Aquella pistola sem raciocínio veio em soccorro delles e tornou-os de prompto decisivos! Governar nestes tempos de anarchia é peor do que commandar em tempo de guerra. Mas tudo isto não impede que vamos ceiar com appetite e alegria. A provincia torna os homens grosseiros. Preciso de entreter novamente relações com Babylonia. Quero ser tambem, nas horas vagas, um homem elegante e frívolo. As mulheres apreciam-n'os. E as mulheres são maravilhosos instrumentos politicos. É-me proveitoso saber se as mundanas do Tivoli usam ainda saias de levantina e mangas á jardineira; se quem dança melhor na *Duquesa d'Argyles* é a Pontiroli ou a Velluti; se te parecerem bem os chapéos azues á *Constituição*; se pertences ao grupo dos *tavolistas*; se defendes a pirueta de *madame Farina* ou o *glissado* de *mademoiselle Clara*...

O visconde deu dois passos pelo gabinete e parou.

—Essas coisas interessam-te?

—Porque não?

O visconde proseguiu no seu reflexivo passeio.

—Em que pensas tu?—perguntou Alvaro de Sá, surprehendido.

—Não sei, mas não pensava na moda...

—O tiro atordoou-te!

—As tuas missas do galo, as tuas mulheres de chale de velludo e as tuas emboscadas nocturnas desagradam-me!

—Que queres tu? Não ha outros passatempos... É assim a vida na provincia... A estas horas, a igreja está vazia, a pistola descarregada e a mulher esquecida. A noite acaba como principiou: sem fé, sem sangue e sem amor. Podemos ceiar tranquilos...

C. Malheiro - Dias.

## UM PINTOR D'AGUARELAS

ALVES DE SÁ

(ESBOÇO EM ZIG-ZAG)

As exposições de paysage servem a cinzelar na sensibilidade relapsa de quem lá vae tendencias p'ra um afalcoado bemquerer á feitiçaria beijante da Terra verde?

Creio que não servem. P'lo menos assim pensa um prósista mórbido, meu amigo, morrendo por mimar galbos de vaga murmura ás suas outônerias de estilo e de quem eu procuro seguir na vida a máxima fulgural:—Faz de desprezo o teu *delirium-tremens*.

“Taes—explica elle—, que smórzam os olhos duros ante uns centímetros de lona, onde uma incerta arvor' se atonisa no somno cataléptico das tintas, aí, nunca, nunca á paysage real pediram ópios. Todos os dias atulham os comboios p'ra ir têr com ella, frequentá-la... myopes levam binóculos. Mas, *verbi gratia*, que pretendem cocár atravez d'elle? Corpos d'arvores coreicos, *fusinando-se* na grisalha dos “longes”? Não, amigo: simplesmente, o registo *quase*-mundano dos jornaes. Quantas vezes, também, o despeito cinzeno-chumbo dos eternamente jungidos á mesquinhez do seu terceiro andar...

E “as adoraveis macácas Y”—chrômos de salinha burgueza ou *maquettes* do frívolo que galvanisam Paquins hemorrôidarios?... Nenhuma que não diga dum *poente*: “E' muito fino”, com o vazio emocional do refrem:—“mas se eu o amo, mamã!”, pleitando as intenções contrariadas dum Alfredo pluri-asno”.

A pintura devendo ser a *eternisação* da esphinge semi-fluida que espéctram num *fascias* certos minutos de spasmo conceptivo ou na paysage a sombra—dôr do espaço—, quando as coisas começam o seu sonho, importa indagar o *quantum* de fé mediéva, paroxística, contracturante que, no seu afan, pôz o artista de que ora trato.

Folheio o catalogo: assumptos neutros, gibosos assumptos, *táboa* duma sensação parecendo amar da natureza, em especial, o seu execravel “dia claro”, grazina, acutilante, martirisante, metálico, reverberando, voluptuado, o óxido do sol. Vão exemplos: *Barcos de pesca (Tejo)*, *ao nascer do sol: Nascer do sol (Tejo)*.

O vento, horas mortas, crepusculos d'outôno estrebuchantes, mãos da penumbra, tão profundamente maternas, em que os pobres e os tímidos *se esquecem*—p'ra ser deuses, certas arvores *em transe* no adeus da tarde, a chuva—vóz de seda caíndo e orando... todo o hamléptico mundo que nos plange o seu murmúrio de nuvem vagabunda, em que ha beijos, súplicas, ameaças, remorsos de Lady

Macbeth, soluçando... ah, eu duvido que o aguarelista o sinta, bem nas suas artérias, profundamente, como um *mors-amor* filtrando-se-lhe no sangue.

É certo: aqui, além, a elle se refere (*Pôr de sol no Tejo, Doca Grande de Santos ao pôr do sol*); mas fá-lo-ha em gentil-homem gallardo, epicureano em bom tom, por fina cortezia para com o uso que dictatoriou indispensavel, num catalogo d'exposições, a menção de assumptos—*mais ou menos tristes, o seu bocado carregados.*

"A febre chamada viver", de Edgar Poe que, como uma tatuagem sinistra, assignala todos os que fazem arte com uma especie de auto-sadismo obscurente, talvez não passe em Alves de Sá dum estado de sezão, diga-se, pouco pernicioso de caracter e com magnanimos claros de plenitude... visceral. O seu pincel é discreto, um pincel de confidencia e *demi-jour*—tons de syncopes da ante-manha beijando, tristissima, o corpo morto da noite—musa do Medo.

Pela tympaneria óptica que produz, á aguarela recai o papel de fixar a fêmea que passa com o seu contemporaneo typo de mulher-têla que as toilettes clarescuram de sortilégio, a sua vehemente cabeça de *lochade*, olhos ideando, spasmicos, torsos nús, mãos de marfim respirante; beleza vesanica de cidade, feita de asymetria e elykses de laguna...

Não se preocupou de tal o pinturista quando escolhia motivos p'róos seus "Estudos".

Pois bem: apesar de tanta negligencia, sobrepticiamente contravindo a repuxar a minha antipathia, alguma coisa faz que eu sinta por elle ternura e admiração: o facto de ser um artista que usa ainda cabeleira!

Neste strugleano século de *descuiamento*, em que é mister cultivar com ardorosa assiduidade, a Chiméra e um barbeiro, a sua cavalheirosa obstinação radia dum encanto que amolece e, nobremente faz jús a apothéose.

Assim o comprehendesse um jornalista batrachio, como todos os jornalistas, que, com evidente sarcasmo de gánimedes, apodou de—romantica—a cabeleira do meu aguarelista.

Lisbõa, junho de 1912.

Carlos Parreira



ESTUDO

(De Margarida Costa)

1.º de Maio, 2.º de 1912



## O SALÃO DOS HUMORISTAS

**F**echou o Salão dos Humoristas onde nada faltou — nem sequer humôr.

A mascara da comedia grega tem as pupilas cegas; das orbitas vasias escorre implacavelmente o filtro da ironia. Tem a fonte serena como uma rocha inacessivel. A boca retezou-se, fez-se gladio; e esparsos na sua face petrificáram sulcos do filtro num riso que se sente, acordados a uma voz que se advinha lendo o elogio esteril das coisas vãs.

A mascara do Humor dos nossos humoristas é cabeçuda e sombria. Tem o craneo luzidio e liso, os olhos encovados, e as pupilas olham baixo, desconfiadas, sob as pálpebras papudas. O rosto é um bocejo calmo. O bigode grisalho gradeia a bôca, apanha o beijo inferior, caído e desageitado. Tem pêlos nos ouvidos. Ata ao pescoço uma gravata bicolôr, e encheu de caspa a gola do casaco. Não é a mascara do Humor: é um retrato a crayon de amanuense com filhos e letras no fim do mez.

Ora succede que na Rua Ivens ha uma sociedade de pessoas limpas, genios calvos, sujeitos ornamentaes de esquinas do Chiado, proprietarios em Mato-Grosso, primeiros officiaes, e outras forças publicas — o que se considera o equilibrio nacional —, denominada, como muito era de ver — *Gremio Literário*. A sombra deste oloroso roble (já Eça de Queiroz lhe chamou faia) gosávam os Poderes Constituidos as delicias estivaes, perdêram portadores de nomes vastos a derradeira charneca, e *brazileiros* considerados, junto ao fogão, sonham mudanças de cambio, olhando o fogo, pensativos.

Por uma ironia singular aqui abriram os humoristas o seu primeiro Salão.

A tentação dum artista que muito préso, enleou-me a tal ponto que me achei comparsa na inauguração. E porque me pareça de particular interesse para os anaes do humorismo o que então vi, e ouvi, aqui deixo de tudo imparcial relato, pedindo desculpa a todos de qualquer falta que a pena ou a memoria inconsideradamente hajam de acaso cometer.

O que ao primeiro relance mais feriu a minha vista (devo dizê-lo?) foi o amavel aspecto dos artistas, numa tal compostura que muito era de agradecer; pois alguns houve que dentro de seus habitos davam mostras de sacrificio, e em todos era muito curioso ver o ar endomingado que tinham querido tomar para melhor receber os visitantes.

Mas logo o meu olhar se desviou para uma pequena e volumosa familia que ante o autor encarecia uma sua produção. Era o desenho, se bem o vejo ainda na memoria, a alegre frescata duma familia no campo gosando os ocios dominicaes; e tinha ao alto, em classificação—*Caricatura impessoal*. E mostras de tanto agrado lhe estava dando o grupo, em tão contentes sorrisos, que logo o chefe apeteceu te-lo à mão, no proprio domicilio, e com amigos e conhecidos continuar o gôsto que lhes dava e iam comentando:

—Este é o Zé Luciano. . . Este agora... é o Bernardino...

A digna esposa, se bem que asoberbada de calôr, quis tambem conhecer uma figura:

—Olha: este é o José Povinho...

Até o menino, muito redondo, espalmou o dêdo no vidro

—Este é um burro!

E era: fínha falado a innocencia.

Chego-me agora a um grupo elegante onde o galbo marinho de dois corpos me prende o olhar, em caricias ondulantes. Paráram indecisas, a meio do salão, esperando a mãe. Têm na linha dos flancos uma volupia vegetal tão enleante e nobre que di-las-hieis filhas de ogiva e incestos de luar. O ritmo das suas curvas embala-me; e sem eu saber, junto do grupo me sinto e dum senhor impecavel que se ficou cumprimentando a mãe com modos de cão de raça.

—Ainda bem, ainda bem que o vejo. Lisbôa está um horror, sabe? Muito calor, pouca gente, más caras... Tudo isto me fatiga e me aborrece. Vou passar um mez ao norte, em casa da Carlota.

Ficou desolado. E logo perguntou, muito familiar, se as pequenas tambem iam, quando voltava, onde iria fazer o seu agosto; e rematou, indicando as paredes:

—Engraçado...

Já as pequenas descobriram um aprendiz de heroi, da Politecnica, todo a estoirar na farda, que sussurra malicias a um colega mirando a caricatura. Cumprimentos.

—O seu amigo Souto pareceu-me tão môno...

— Sim? Que fez você ao rapaz?!

— Ora essa; perguntei-lhe pela Luiza Vianinha, se gostava mais de a ver em casa ou no jardim...

— Essa é boa...

— Ouça lá: quem é aquele que está a olhar para aqui?... Sim, o mais alto...

— Ah! esse é *cá da coisa*... Cá das piadas...

Logo me perco entre a gente que vem entrando, e se espalha pelas salas, aos primeiros cuidados dos humoristas que prodigalisam explicações, antevendo hipóteses mercantes, em frases cautelosas, envolvidas em manteiga, a sentirem-se acanhados na arte de ser galante.

Agora é a vez da mocidade das escolas, que vem entrando: teem feminilidades no andar, sorrisos incolores diante tudo, e atravessam as salas na ponta dos pés, afeiçoando com a dextra o penteado.

E novos grupos entram.

Lá vem eles todos, os criticos de botequim. Olha o Lucio como vem formoso:—bem se vê que já come á mēsa do orçamento. E o Quirino cada vez mais vésgo desde que o Lucio come bem e ele roe as unhas.

O Lucio achou muito acabado, muito *grêgo*, aquele pano das Três Graças; atraz o Quirino teve um silencio.

Lucio, o principe do adjectivo, ergeu o monóculo, em lentidão liturgica, poisando-o num grupo tagarela, tocando numa rapariga airosa curvada ante uma estatueta, desviando-o pelas parêdes.

— Incisivo... Pictural... Este rapaz—e olhava em torno, a lapidar o gesto—é sobretudo metafisico!

O Quirino vá de se encolher num silencio mais distante. E o Lucio, sempre muito parnasiano a recortar o gesto:

— Você dedica-se à metafisica?

O Quirino, acordando:

— As vezes... Em familia...

Chega a gente à *tér rasse*:—a cidade entorpecida sob as patas da canicula, telhados, o rio, uma falua soltando vôo, e os montes da Outra-Banda num velador da luz.

Ha um delírio de côr na casaria: e vejo basaltos extáticos em adoração às penumbras da rua, gritos estridulos em bairros populares, grotescos tons tuberculosos cegos na festa da vida.

Para além do rio os longes tentam-me: os longes são côlos de cisne, gestos de corpos femininos que se entregam na distancia.

E um momento, estirado na cadeira, os meus sentidos vivem embalados num além-mundo inconsistente e vago...

Como a meu lado um genio official soletra o *Figaro*, volto para dentro. A sombra envolveu a sala por tal fórma que os meus olhos cheios de sol mal conseguem distinguir todo um escorrer de figuras, vestidas de penumbra e de silencio. E todas caminham, todas coleiam, todas se somem, sem ruido, não se vão acordar umas às outras. Entrou agora o Poder Executivo, seguido dos homens graves, dos detentores da Constituição. Os artistas ficaram-se todos em fila, como tochas de enterro, em frente ao Estado. O Marta, junto à mēsa, tornou-se mais solēne ao entregar a pena, solicitando o nome. E o Poder Executivo nem sorri: o Poder Executivo considera... Escorre das salas uma tal melancolia, que a gente, sem saber como, se sente levado nela; e sob o público curvado a inscrever o nome, me pareceu ver na sombra uma larga tarja preta nessa folha de papel onde os nomes se sucedem, isocronissimamente. Aquela bandeja, sobre a mesa, coberta de papeis, estranhamente me perturba: e sobre os ombros hirtos lancei meus olhos, ansiosos de a descobrirem, presos na sedução do que ela ocultará.

E eu vi, eu vi então o Marta sobraçar a bandeja, dela ir tirando velas que estendia aos convidados. Na moleza das sombras uma figura andava dando ordens, numa voz tam serena e tam sumida, que só junto de mim eu a notei. Era angulosa, elastica, vestida de escarlate, com os labios vermelhos e a cinta duma vespa. Tinha no olhar um ruidoso escarneo, e as commissuras delidas de quem na vida só ri e vence. Trazia um leteiro na ponta do chicote, como os *Varões* do snr. Valença, dum sabor a farça e carnaval: *A Caricatura*. E puxando no braço do snr. Alfredo Candido, murmurou-lhe ao ouvido, discrectamente:

—O cavalheiro tem a bondade... Vai para o segundo turno...

Não dizia eu aos senhores que nada tinha faltado,—nem sequer humor?

Ao de cima do que aí se vê fazendo cócegas à vista—os marujos do snr. Candido, e o pim-pam-pum em barro do snr. Coissas—surge um artista tam distante de todos os bons senhores humoristas, que é, se os cavalheiros dão licença, o mais perfeito, o unico até agora perfeito artista da caricatura nado e criado em terras de Portugal.

Cristiano Cruz, o mago da ironia,—olhos quebrados para as coisas de enredor, varando um além ideal de linhas em que desnudam o mundo das vestas usuaes para apenas verem na vida o caricato e o comico. Visão estranha, evocada em relevos, fantasmagorias de nórdico escritor, erguendo para àquem da vida um claro velador em que a vida perpassa só no que tem de caricatural,

—visão que torna este artista irmão gémeo dum Balzac do grotesco, nunca lido.

Fazer caricatura é seguir as sombras das figuras, ora alongando-se em picaresca ronda de espectros-marionetes, agora fluidicas e misteriosas, logo já nedias e anafadas como a gordura dum felizardo. É vincar nas linhas da sombra humana o proprio riso, —como o esqueleto é a memoria grotesca duma cortezã gloriosa.

Da vida se ergue uma carícia múrmura que nos roça com azas de crepusculo, e nos enleia em ciciantes vozes marinhas, e nos envolve em sonho, a desmaios de luar. Então, à hora hiperlucida do espirito, a gente escuta as confidencias maguadas que têm as fontes, primeiros deslumbamentos de flores a abrir, as epopeias altas dos Oceanos e o silencio das aguas mortas. Isto se diz sentir a vida.

Mas entre a multidão que reduz a si-mesma a razão da existencia, ha conflitos, situações, gestos e traços que o homem criou à sombra do passado, ao sol maneiro dos dias correntes. E tam feita é a vida que aí vai andando, que a cada gesto o homem desenha um arabesco cómico, e da mais trágica situação se levanta a ironia aveludadamente. Só o dandi ideal num mundo supersensível atingiria a negação do grotesco. Mas—ai!—o dandi ideal não usaria chinó?

Porque tanto o ascetismo de Simeão Stilita como a vã oratoria dum legislador têm em si-mesmos a linha caricatural, desenhando-se, tornando-se relevo ou diluindo-se nos longes. Destacar essa linha, atacando na medula o cómico, e com ela o conflito, a situação, o gesto que a gerou: e eis o caricaturista.

Por isso mesmo, a historia da nossa caricatura realiza o paradoxo de ter primeiro capitulo no que ainda está para vir. E' ver o que se fez desde os tempos de *O Patriota* até aos nossos dias, em que Bordalo conseguiu um nome enorme. A nossa caricatura tem andado atada à politica, em torno dela vivendo e dela se sustentando; a tal ponto que mais parece ter sido promovida pelo grande Fontes a Acto Adicional da Carta. E mais tarde, quando o seu historiador procurar a mais bela figura da sua primeira idade, com grande pasmo achará, em vez de Rafael Bordalo, o Partido Progressista; e a curiosos estudos será levado para saber o local preciso onde floresceu então, no Terreiro do Paço, a, ha muito extinta, Direcção Geral do Humôr.

Esta maneira de ser do artista em que nos acostumámos a ver o mestre da caricatura portugêsa, tanta influencia tem exercido que não ha maneira do público encarar uma figura que não pre-gunte quem é, se o prolixo desenhador lhe não escreveu na saia a legenda elucidativa: *A Opinião*. Anunciou-se a exposição de alguns trabalhos de Bordalo neste primeiro Salão dos nossos humoristas. O velho mestre, à entrada do certamen, vinha servir de fiador aos novos; e o público passou sem reparar no mestre. A vida é por demais complexa para que alguém julgue Burnay o centro do universo; e o sr. José Luciano está de sobejo esquecido para que valha a pena recordá-lo.

Ora este grande artista em que lhes falo, Cristiano Cruz, nunca pensou em pôr um rabo ao que vai adiante para o que vai atrás se rir da graça (parece que era assim a Caricatura nos dias joviaes do Passeio Publico). Nunca notou os bons senhores da politica, porque a sua visão o elevou ás sobrias linhas caricaturaes. É tal serenidade anda esparsa na sua obra, que os que andam no mundo esparralhando o olhar nas coisas que os rodeiam hão-de julgá-lo uma rara ténpera de romancista, lançando atravez duma nobre educação filosofica syntheses da vida nos aspectos que o tentam e o rodeiam, quando ele é simplesmente—um caricaturista atingindo a apolinea serenidade de quem encara a vida e a fixa em traços, como a sua visão lha entrega.

Diabolica figura de mago, riscando na grande noite de Walpurgis a tragica e grotesca legenda da vida,—na legenda da vida lha fogueiras a arder, carnes melodicis bisando a cançoneta da castidade, em mãos de santos açucenas maculadas do roçar de azas dum môcho, cortejos funebres com arlequins pegando ás borlas, Venus dizendo missa, e o velho Deus inspeccionando o mundo em dirigivel.

A vida vestiu-se com a farda rica de Conselheiro: o mago despiu-lha—e ficou um nanequim.

O humor de Cristiano, porque vem dum sensitivo, solitario fauno flagelando ao látego da ironia, é sombrio como os espiritos que se ferem nas arestas do vulgar. O humor de Almada Negreiros é aberto, primaveril, como um belo corpo môço senhor da sua nudez. Perpassa por todo ele um sôpro, de graça adolescente, de quem vive grifando as coisas com sorrisos leves, sobre elas passando leve, deixando empôs de si um sulco de ironia, como uma deusa alada a memoria acariante das suas azas. Dentro deste caracter a sua obra assume aspectos bem diversos, onde por vezes a roça a influencia, da concepção à tecnica, de Cristiano Cruz,—o que nada é de extranhavel num artista em formação, enleado na obra perturbante de um outro artista grande, já feito. No que Almada Negreiros se irmana com Cristiano é na escolha nobre dos assuntos, nunca deixando o seu espirito resvalar fóra dum circulo intelectual—onde não entram as piadas coceguas dos outros bons senhores que lá andáram atravancando as parêdes com ditos e bonecos muito de espèviar sorrisos detraz de leques em serões Pires ao domingo. O mesmo não é de dizer de Jorge Barradas, em em cujas caricaturas ha transparentes ingenuidades que deixam ver nele um futuro artista de elegancias, sabendo colear uma mulher, gracificá-la, tocá-la de donaire, com uma intelligencia que a observação da vida ajudará a completar e a fazer perfeito. As poucas coisas que expôs, são uma revelação de ineditas qualidades, que nem sei de artista do traço ou do romance que em nossos dias tenha tentado o seu campo. Claro que a Barradas começa por faltar conhecimento da vida que dê para expandir um temperamento;

mas tal como nos aparece, com os seus defeitos e as suas infanti-  
lidades, não vejo ninguém deste Salão, depois de Cristiano e de  
Negreiros, nem dentre os carregados de anos e serviços de chalaça  
aos Poderes Constituídos, que de longe se aproxime com o que faz  
este moço, ainda tão só em germen dum artista.

O que dizer do resto? Para que falar do snr. Valença que se  
deu à singular curiosidade de pôr em riscos e côres as larachas de  
almanach, tomando a Caricatura por Calino?

Tambem Emerico Nunes, já conhecido dum anterior certamen,  
aqui expõe caricaturas—scenas infantis da Alemanha, uma mui  
saborosa evocação do Império, rondas de crianças em ar de ker-  
messe flamenga—duma tão natural ingenuidade em gente do  
norte que só o muito lusitano Nunes nos deixará ver ali alguém  
de Portugal.

Ha tambem o snr. Ferreira, que faz caricatura de calças e  
outras peças de vestuário dos soldados e mais pertences do batalhão  
onde o seu humor funciona.

Ora dada a exuberância de produções, emolduradas na cócega  
por amanuenses de notários, ocorre perguntar porque faltou aqui  
Luis Felipe, dandi do traço, artista das coisas delicadas, volutuoso  
encantador de corpos de mulher, tecendo situações galantes com a  
finura dum Barbey do traço. Porque faltou Stuart Carvalhaes, em  
cuja obra ondeiam sob uma neblina de grande cidade, noturnos e  
marchas, caladas tragedias da gente humilde, erguidas a uma ironia  
melancolica, fugaz, brumosa...

E agora que enxotei de mim todo esse enxame de senhores  
—oiço dizer que trinta e tantos!...—que à falta de qualidades para  
um emprêgo normal, deliberaram fazer humor, certos de que nin-  
guem o irá fazer sobre eles, com descanço e regalo lhes quero  
falar dum artista encantador, Ernesto do Canto, modelador de  
ritmos em figurinhas de barro. Porque as suas estatuetas formaram  
na Exposição um pequenino mundo perfumado, antecamara da  
malícia que não chega a tocar o vicio. Figurinhas graciosas de  
Nuremberg feitas ao sôpro do Boulevard, tentavam-nos a vista em  
curvas aliciantes, vestidos modelando corpos em ansia de escultor  
que presente a carícia das carnes, o galbo dos quadris, religiosas  
orações dos seios sob a gotica maravilha dum garganta caindo  
num extase promissôr. Ha tal leveza e tal gracilidade no pequenino  
mundo de barro, que cada figurinha se transforma em capitosa  
planta de *boudoir*, alma-mulher, dizendo-nos em aromas perturba-  
tes segredos intimos, a carne mórna, confidencias de velho espelho,  
coisas que sabe um tapete mui discreto... Não viverá na alma  
deste artista um pouco do humor esparso e vago que o snr. Mar-  
cel Prévost muito entendidamente foi ajuntando em três volumes  
de Cartas? E sonha a gente uma ronda requintada das mulheres

requintadas de D'Annunzio e de Lorrain, — essa das belas mãos, aquela das veias altas, princezinhas nenufares suflando vida no barro, erguendo corpos de ogiva ao seu halito escultor...

Prometem os humoristas futuras exposições. E pois que desta não logrou ficar uma expressão geral que alguma coisa diga do seu caracter, pergunta a gente a si-mesmo qual é a face do nosso humor.

Bordalo enquadrrou-o num tólo de profissão, simples pagador de impostos, a que chamou — Zé Povinho. Fôra ele evocar longas historias de frades satiros, correndo por estalagens ao choutear da mula, requestando môças, dizendo á lareira, com o fôgo iluminando as suas coxas peludas, historias picarescas de fazer rir em redor recoveiros e almocreves, — e teria entrevisto a face do nosso humôr.

Era assim tambem a mascara de Rabelais, tal como a fui encontrar numa velha gravura do seu tempo...

9 de Junho.

*Veiga Simões*





DEPOIS DA CEIA...  
Salão dos Humoristas

(De Ernesto do Canto)

## O PALEOLITICO EM PORTUGAL

ESTADO ACTUAL DO SEU ESTUDO

**N**ão ha ainda um seculo que na Europa se desconhecia por completo nos meios scientificos a existencia de uma época da vida da humanidade em que utensilios e armas haviam sido de pedra, de silex duro, dessa pedra que toda se desfazia em faiscas rapido amortecidas, e que fôra a mãe do fogo, a primeira divindade do lar apiedada dos homens.

Perdia-se tão longe na cadeia dos tempos essa época, que maravilha seria que alguém se tivesse lembrado de lhe estudar os vestigios, numa era em que a Arqueologia Historica enchia o espirito e tomava o tempo de todos os sabios sem excepção. Andava presente á memoria de alguns cujo cerebro á educação classica e humanista do tempo organizára fortemente, um verso de Lucrecio que referia as idades do homem sobre a terra:

Arma antiqua manus, ungues, dentesque fuerunt,  
Et lapides,...

Mas quem ia tomar estas palavras senão como uma indicação da primitiva rudeza, que tão mal se casava afinal com a idade de ouro cantada de outros poetas?!

Alguns objectos paleolíticos haviam mesmo sido descobertos já no começo do seculo passado e anteriormente, mas ficavam ignorados e sem sentido entre os coevos do achado como cousa que não vinha em seu tempo e cujo valôr e natureza não eram comprehendidos.

Em 1801, John Frere descrevia numa Memoria varios sílices talhados encontrados com restos de animaes fosseis no Condado de Suffolk; e desde fins do seculo XVII existia em Londres, guardado como curiosidade, um belo *coup de poing* de silex, (no British Museum), que fôra extraido do subsolo do Gray's Inn Lane, um dos mais afamados bairros da capital da Inglaterra. Ambos estes descobrimentos estiveram esquecidos até ao periodo de esplendôr e vida desafogada do Paleolítico, porque se tratava de achados absolutamente isolados, sem ligação nem semelhança que os notabilizasse.

De ha meio seculo a esta parte, o estudo da idade da pedra lascada, organizado com metodo e com o desvelado cuidado com que compete tratar-se quem é tão velho no mundo, tem tomado proporções de verdadeira sciencia, a que nada falta, desde o congresso annual á duzia de revistas da especialidade, tanto na Europa como na America do Norte.

Mas que tempo não custou essa organização, na sucessão lenta

dos achados! Apareceram primeiro os rudes *coups de poing* cheleanos, pesados e disformes, talhados a golpes brutos; depois os silices mustertianos, mais perfeitos; depois os soluteréanos, os aurignacianos, os madaleneanos, os da Tourasse, os do Mas d'Azil. A seguir, os ossos trabalhados com desenhos e gravuras que alcançam por vezes, a perfeição grafica; a escultura do marfim em baixo relevo e *ronde bosse*; e por fim, a pintura nas paredes das grutas, adornando de vermelhos e negros — mamutes petrificados de atitudes e bisões que arremetem —, a frieza dos grandes salões funerarios.

Do fundo das cavernas, dos seus estratos e divisões complicadas, dos simples abrigos encostados ás rochas ou sob as suas projeções perigosas, das estações ao ar livre em que outróra o selvagem peludo armou as choças de couro ou viveu sobre as arvores, e onde agora pacificamente os arados rasgam as linhas rectas das leiras, de todos estes lugares se tem extraído com que reconstituir quasi completamente o modo de viver dos primitivos.

E não só os objectos vieram: os proprios homens, conservados quasi por milagre nas suas carcassas frageis, apareceram tambem. E' já uma larga lista deles: Cró-Magnon, Furfooz, Spy, Baumes-Chaudes, Hauser, etc. O nevoeiro denso que envolveu o homem préistorico, começa a desfazer-se; as figuras do lado de lá da nevoa, vão aparecendo mais nitidas; não tardará que as vejamos completas, forradas de peles ou tauxiadas apenas de enfiadas de conchas raras...

Na brillante cavalgada da sciencia para o abismo do passado que parte tomou Portugal? Conforme um velho costume, Portugal quedou-se a vê-la transpôr o limiar da grande caverna para lá de cujo boquicirão começa a Préistoria e só muito tarde tomou o trilho seguido. O que tem sido entre nós o estudo do Paleolítico, é o ponto que vou fazer o possível por tratar neste artigo, que positivamente não pôde nem deve ser inquietantemente scientifico, nem demorado.

Ha para a Arqueologia portugueza uma data memoravel que, marcando na Arqueologia estrangeira apenas um congresso neste exotico paiz de Portugal, significa para nós mais alguma cousa do que o simples facto da sua realização em Lisboa. A 9.<sup>a</sup> sessão do Congresso de Antropologia e Arqueologia préistoricas que se verificou em Lisboa em fins de setembro de 1880, coincide em Portugal com a época de maior esforço, produção e entusiasmo pela Arqueologia préistorica. A volta dessa data gravitam os grandes trabalhos fundamentaes sobre que veiu assentar toda a construção préistorica nacional. Devem lembrar-se bem dele os novos de ha 30 anos, por que na ocasião visitáram o paiz algumas das maiores intellectualidades europeas, e porque as festas organizadas quando das excursões dos congressistas ficáram por muito tempo na memoria dos aldeãos cujo socego turváram, desde os campinos de Santarem, ás *plantureuses* mocetonas de envolta Guimarães.

No Congresso estavam representadas todas as nações cultas da Europa, por nomes da mais autentica valia: Mortillet, o velho, o

sabio Vorsaæ, da fria Dinamarca, Quatrefages, um dos fundadores da moderna paleontologia, Evans, olord, o douto Virchow da imperial Alemanha, Lartet, Nadaillac, Rivière, da França, e entre os ainda hoje vivos, Cartailhac e Pigorini.

Dentre os portuguezes não faltavam nomes que de sobejo conhecemos: Carlos Ribeiro, Nery Delgado, Martins Sarmiento, Estacio da Veiga, Oliveira Martins, Felipe Simões, Teixeira de Aragão, Consiglieri Pedroso, Sousa Viterbo e outros felizmente bem vivos ainda, e por muitos anos o desejamos, como Adolpho Coelho, Julio Henriques, Paul Choffat, Joaquim de Vasconcelos e José Caldas.

Nesta brilhante assembleia falou-se muito em paleolitico; não era porem a primeira vez que isso se fazia em Portugal. Em 1871 Carlos Ribeiro apresentára á Academia das Sciencias de Lisboa, juntamente com varios exemplares de silices lascados, uma Memoria intitulada "Descripção de alguns silix e quartzites lascados encontrados nas camadas do terreno terciario e quaternario das bacias do Tejo e Sado„ (Lisboa—1871), em que concluia pela existencia do homem terciario entre nós.

No ano seguinte tornou-os a apresentar ao 6.º Congresso de Arqueologia, de Bruxelas, e ainda em 1878, á Exposição Internacional de Paris, na Secção de Antropologia. Alguns sabios concordaram com a classificação do illustre geologo, mas como o numero de crentes fosse diminuto, lá tivemos de novo Carlos Ribeiro, no Congresso de 1880, (2.ª sessão), defendendo com calor a existencia do homem terciario em Portugal nas encostas de Otta, onde tinham sido as margens de um grande lago desaparecido depois.

No mesmo Congresso, Nery Delgado apresentou (3.ª sessão) uma "Descripção da Gruta da Furninha em Peniche„, e juntamente um rude *coup de poing* amigdaloidé (hoje no Museu da Comissão Geologica) encontrado na camada quaternaria da gruta entre silices lascados, de mistura com ossos de animaes de especies desaparecidas e um pequeno maxilar de creança. O engenheiro portuense Frederico de Vasconcelos, leu (4.ª sessão) um resumo de um trabalho sobre "Depositos Superficiaes da Bacia do Douro„, em que denunciava a presença do homem quaternario em varios pontos da margem esquerda do Douro, frente ao Porto, pelas quartzites talhadas intencionalmente que lá tinha encontrado. Sob o ponto de vista anthropologico apenas Paula e Oliveira descreveu na 7.ª sessão um craneo aparecido em terreno que Carlos Ribeiro julgava quaternario, no Vale do Arieiro (Vila Nova da Rainha).

Foi esta a parte que a Arqueologia Paleolitica teve no Congresso. Mais tarde, Cartailhac e Carlos Ribeiro descobriram instrumentos de pedra lascada nos arredores de Leiria. Cartailhac descreveu os seus achados nas "Ages Prehistoriques...„, mas Carlos Ribeiro morreu poucos anos depois do Congresso, deixando sem informações muitos objectos que encontrou.

Nas primeiras vitrines da esquerda de quem entra na sala de Antropologia da Comissão Geologica, ha varios instrumentos paleo-

líticos de sílex e quartzite, provenientes de S.<sup>to</sup> Antão do Tojal (perto de Lisboa), dos Chãos (?), da encosta do Córvo, e dos Milagres (arredóres de Leiria), talvez recolhidos ainda por Carlos Ribeiro. Também lá existe uma série de grosseiríssimos instrumentos (?) de quartzite, dos Cabaços (Mosqueiros e Alvaizere).

Um Mendes, colectôr da Comissão, que conta ás costas varios crimes arqueologicos, encontrou um dia sobre a Senhora Santana (Monsanto) uma bela faca paleolitica que guardou e levou para o Museu, sem nunca mais se lembrar de tornar ao sitio onde a achára; valeu esse descuido o não se descobrir então uma grande estação préistorica.

Fóra de Lisboa, o Museu Municipal da Figueira da Foz guarda na sua estante 1.<sup>a</sup>-B, alguns instrumentos de quartzite provenientes das aluviões quaternarias da Fontela (perto da Figueira). Infelizmente, é minha opinião que só a muita vontade de Santos Rocha foi capaz de descobrir trabalho intencional em semelhantes calhâus. Na mesma estante ha tambem uma serie de jaspes (?) lascados, colhidos no Fôrno Velho ou Fôrno d'Elrei, na Serra do Bouro. Esses são positivamente talhados e quaternarios.

A paginas 281 do volume VII do *Arqueologo Portuguez*, nas "Estações préistoricas dos arredores de Setubal", o snr. Marquez da Costa descreve um instrumento que encontrou junto a um ribeiro, nos Combros (aro de Setubal), e que aparenta o tipo vulgar das pontas mustereanas.

Em 1892, Fonseca Cardoso, encontrou dois *coups de poing* no vale d'Alcantara, sendo um de quartzite e outro de calcareo silicioso, medindo 0,235 de comprimento. O snr. Paul Choffat julga porém que este ultimo não é um verdadeiro instrumento.

Finalmente: para o Museu Etnologico de Belem, trouxe o seu directôr da Serra da Brunheira (Chaves) uma grande ponta de sílex, que é tanto pela qualidade da pedra como pela tecnica da construção, uma das melhores peças paleoliticas do paiz.

Da idade da pedra lascada, era isto só o que havia em Portugal nos começos de 1909: desde então os descobrimentos têm-se multiplicado duma maneira notavel, deixando a perder de vista os parques achados do começo.

Em 1909, o professor francez Lapiere, que visitava o paiz com alguma demora, notando que os sílices de Santana (Monsanto) eram talhados intencionalmente, recolheu alguns e chamou a atenção dos arqueologos para essa estação, onde o colectôr Mendes anos atraz havia já descoberto a faca, e perto da qual provavelmente Fonseca Cardoso encontrára os seus *coups de poing*. O professor francez, reuniu algumas grandes e pequenas lascas, *lames*, e uma ou outra pedra com vestigios de trabalho, mas não encontrou instrumentos completos e definidos. O Museu Etnologico e principalmente o auctôr destas linhas exploráram depois esta estação, recolhendo instrumentos perfeitos e variados de todos os tipos do paleolitico francez, conseguindo formar uma bela coleção de *coups de poing*,

pontas solutreas, facas, raspadores, gráttoirs, percutores, nucleos, etc. Ainda bem recentemente o snr. Dr. Leite de Vasconcelos lá descobriu um esplendido *coup de poing*, de 0,220 de comprimento e o auctôr deste artigo outro semelhante, de 0,234,—instrumentos que são inquestionavelmente, por agora, os melhores do paiz.

No mesmo anno de 1909 Joaquim Fontes descobriu o Casal do Monte, uma bella estação *à coups de poing*, onde o sílex e os instrumentos apresentam caracter diverso dos de Monsanto; encontrou depois, até ao dia de hoje, mais as estações do Casal da Serra e Casal das Osgas (Damaia), Monte da Bica, Peras Alvas e Casal do Barel (juntamente com o snr. Dr. Leite de Vasconcelos e com o auctôr).

Pela sua parte o auctôr deste artigo teve a felicidade de encontrar nos arredôres de Lisboa, desde 1909 a 1912, uma serie de estações que a seguir enumera: Monte da Peça (Belas), Damaia, Casal do Garôto (Damaia), Quinta de Alfragide (Damaia), Casal do Cannas (Damaia), Alfragide 1.º, Monte da Barronhada (Carnaxide), Serra de Carnaxide, Casal dos Gósmos, Amadôra, Monte do Penedo (Amadôra), Casal de Vila-Chã (Amadôra), Castelo (Amadôra), Moinho da Bôba (Amadôra), Queluz de Baixo, Monte Abrão, Quinta do Torres (Bemfica), Moinho das Cruzes (Campolide), Vila Pouca —um pouco acima da estação neolitica do mesmo nome—(Campolide), Quinta dos Alvitos (Odivelas), Famões, Alto do Castelo (Liceia).

Como se vê, em quatro annos o numero de estações conhecidas augmentou consideravelmente. Acresce que as que se têm encontrado agora, são estações, completas, com todo o vasto e variado material quaternario: *coups de poing*, pontas, raspadores, percutores, nucleos, *grattoirs*, *pointes à cran*, pontas solutreas, *lames*, *poînçons*, *perçoirs* e todas as mil pequenas variedades de instrumentos de transição, que tão enfastiante tornam a classificação paleolitica.

Hoje as estações da idade da pedra lascada conhecidas em Portugal, agrupam-se pelo seguinte modo: no distrito de Lisboa, 33 (Peniche, Otta, Setubal, arredôres de Lisboa), no de Leiria, 4 (Serra do Bouro, Milagres, Marrazes, Cabaços), no do Porto, 1 (na margem esquerda do Douro, frente á cidade), no de Vila Real, 1 (Serra da Brunheira, concelho de Chaves).

Tal é a situação do estudo do Paleolitico em Portugal á data em que escrevemos, Maio de 1912. Não se pode dizer que seja muito o que ha feito; deve porem notar-se que se está por assim dizer no começo, e que os investigadores são pouquissimos.

Lisboa — Maio de 1912.

*Tejido Correia*

## EÇA DE QUEIROZ



**S** conhecidos editores portuguezes Lello & Irmão, proprietarios da famosa livraria Chardron, do Porto, tiveram a penhorante gentileza de honrar-me com a offerta de um volume das *Ultimas Paginas*, definitivamente, e tambem desgraçadamente, o derradeiro livro posthumo de Eça de Queiroz. O doce e grave dever, que me assiste, de agradecer, de publico, a generosa dadiua, acolhida com infinita alegria por quem infinitamente se orgulha de ter escolhido o grande artista peninsular entre a sua duzia de autores de cabeceira, dá-me ensejo para render um modesto preito, mais de gratidão pessoal que de homenagem litteraria, á memoria do homem singular que, com uma obra relativamente pequena, já educou duas gerações de prosadores. Fôra desejo meu, em face das graves responsabilidades que eu descobrira em tão suave e sempre adiada tarefa, deixar para melhor tregua, desta vida a realização deste sonho antigo. Mas, como na successão monotona dos dias, nesta época de asperos conflictos de interesses subalternos, as correntes que passam sob meus olhos, e decerto sob as vistas dos meus contemporaneos, já não têm a calma e a pureza daquelle veio cristalino a cujas margens desejara Balzac que o artista se debruçasse para apreender e gravar as idéas e as imagens que ficam; e como já nos não resta esperança de que essas turvas aguas se aclarrem, tão grosseiras e volumosas se tornam cada vez mais as sollicitações do viver — levados no atropelo das nossas ambições, paremos um momento á beira desse rio tumultuario, enquanto faz um pouco de sombra, e alguns passaros perdidos povoam o silencio desta manhã, e a civilização nos não reclama o espirito, mal desperto da noite mal dormida, para as batalhas do mundo cheio de sol e de ruido...

Como Victor Hugo, que ainda do tumulto nos mandava, de vez em quando, com a mesma febre de genio eternamente moço, volumes e mais volumes, que a enfatuada esterilidade dos modernos escriptores inceditos costuma desdenhar com absoluta confiança na sua impotencia creadora — assim Eça de Queiroz, durante um longo e fecundo decennio, após a sua morte, nos enriqueceu com a divulgação regular de novos thesouros conquistados ao seu espolio litterario. Dir-se-hia que a gloria do mestre, se não cresceu, porque já estava definitivamente consolidada, pelo menos ganhou mais brilho e frescura com a revelação de outros aspectos, que vieram constituir a cupula da sua bela obra. Porque foi a partir de 1900, ano fatal da sua morte, que, com o advento das novas gerações portugueza e brasileira, mais no Brazil que em Portugal, se afervorou o culto desta modelar personalidade. Até então, pelo menos entre nós, já alvorçados pelas cruzas, geralmente pobres de estylo, de Aluizio Azevedo, Eça de Queiroz era o romanista picaresco, algo profano ou dissoluto, que, com o *Crime do Padre Amaro*, o *Primo Bazilio* e algumas paginas menos evocadoras da *Reliquia*, nos lançava em ardentes comichões peccaminosas, e lido as escondidas, em breves lazeres collegiaes, nos curtos intervalos das epopéas romanescas, violentamente nos quebrava todo um magro seculo de jejuns litterarios. Daquella época para trás (porque é innegavel que com a geração deste começo de seculo a arte de escrever em lingua portugueza adquiriu desusado esplendor) a sua influencia se exerceu mais pelos principios demolidores, pela iconoclasia impetuosa, pelos fundamentos cruéis da escola naturalista (de que elle era, afinal, um assimilador e um divulgador nas nossas letras) do que pelo inedito da fôrma maravilhosa, estranha, imprevista, unica, perfeita. Foram os moços, e foi principalmente o Brazil deste ultimo decennio, que, resolvendo-se a aprender a ler por uma pequena minoria de iniciados, comprehendeu, amou e diffundiu a obra do grande artista, dilatando-a em toda a sua grandeza, e salientando-lhe, com uma paixão continuada e enternecida, as creações immortaes.

Pertence, com effeito, ao Brazil, que de titulos tão meritorios não tem infelizmente um activo solido e extenso, a iniciativa generosa e decisiva na diffusão

e estima do nome literario de Eça de Queiroz. Foi daqui que se avolumou, para nunca mais se extinguir, o caloroso rumor da sua fama. Isto, aliás, não se explica sómente pela circumstancia material de termos sobre Portugal a vantagem de mais uns quinze milhões de habitantes, cuja maioria diluviana é constituída, como se sabe, por alphabetos virginaes. Tampouco a causa principal deste phenomeno estranho em terras brazileiras, repousaria na hypotese longinqua de já termos recebido integralmente, e vinculado definitivamente ao nosso patrimonio intellectual, aquelle legado preciosissimo da lingua, que Garrett dolorosamente nos fez no seu poema, num anseio illustre, ainda que repassado de profundo desespero, de que as glórias seculares do seu cansado Tejo fossem recolhidas e continuadas pelo nosso "generoso Amazonas... Tanto um como outro destes dois motivos fundamentaes, a superioridade material do numero e o renovamento crescente da cultura, justificariam até certo ponto (como já se dêra com outros nomes da mesma procedencia), a nossa predilecção por aquelle escriptor, no qual entretanto, por mais alto, independente, universal que fosse o seu espirito, as nossas velleidades de emancipação politica e literaria sempre vislumbriariam o antigo traço do colono. Taes razões, porém, nunca determinariam a admiração absoluta e a divulgação inaudita, que temos dado á sua obra. O motivo, decerto, é muito outro, e, filiado a uma indestructivel lei historica de integração, representa uma das mais bellas e puras conquistas do espirito humano.

Eça de Queiroz — rebento lidimo e mais novo dessa progenie monstruosa em que culminam divinemente, com raizes eternas no vasto solo dos gregos e latinos, Shakespeare, Cervantes, Voltaire, Goethe, Balzac — foi o primeiro e unico escriptor portuguez que, simplesmente, com os seus livros, conseguiu internacionalizar Portugal. Mais do que a epopeia maritima dos velhos descobridores, o Adamastor, Nun'Alvares, Aljubarrota, os amores tragicos de Ignez de Castro, o marquez de Pombal com o terremoto de Lisboa e a expulsão dos jesuitas; mais do que o sonho immenso do solitario de Sagres e a intrepidez cavalleiresca do rijo Gama, as conquistas da sua diplomacia secular e da sua publica industria, a bravura e elegancia dos seus condestaveis e a generosidade e pureza dos seus vinhos; mais do que todos esses feitos heroicos, que através de tão longa e enevoada distancia já nos parecem ficções historicas (porque, historicamente, de ha muito, desde a implantação do constitucionalismo, Portugal deixou de nos interessar); mais do que tudo isso, encontrou, afinal, a patria dos navegadores um homem de genio para nelle reviver, universalizando-se. Eça de Queiroz — é o autor deste milagre internacional.

Antes delle, a literatura portugueza, em conjunto, era, apesar de pura e rica, principalmente regional. E o era não só pela essencia como pela forma. De Camões a Heretiano, com escala pelos maiores cultores da lingua opulenta e barbara, as letras portuguezas mantêm um caracter de austero regionalismo, que por vezes chega a ser pretencioso. Em vão se procurará, através dellas, uma dessas creações universaes, um desses typos de integração social e sentimental, que se accomodam em todas as literaturas do mundo — Rei Lear ou D. Quixote, Hamlet ou Candide, Iago ou Mephistopheles, o doce Hermann "sorrindo á imagem espirital da formosura... ou o truculento Vautrin "violando as açucenas mortas á beira das estradas... Porque a tragedia commovente de Ignez de Castro é mais o producto de uma intriga politica de aldeia, sem a larga irradiação de uma these profundamente humana, e as sombrias façanhas de Eurico representam apenas, sem o estudo fixo de um caracter, um episodio vago da cavallaria. Ainda no grande, no formidavel Camillo, quando o seu genio atormentado, combatido por toda a sorte de adversidades, se não dispersava em novellas desiguaes, mal acabadas, escravizava-se, espremia-se furiosamente nas moendas das polemicas desfibradoras, no exaspero tragico de campanhas pessoalissimas — isto numa lingua que, de tão barbaaramente classica e contundente, jámais foi excedida no representar a velha, a genuina, a grossa chalaça portugueza.

A lingua em que se escrevia em Portugal era um instrumento aspero, solemne e duro: não se lhe conheciam nuanças delicadas para esboçar os sentimentos mais subtis, nem ondulação ampla e sonora para abranger o vasto e complexo surto das idéas: em uma palavra — ignorava-se-lhe o verdadeiro espirito. Era a lingua secca, espartilhada, tabeliã, dos classicos primeiros, muito preciosa e justa para seu tempo e seu meio, mas archaica, insubsistente, provinciana, nestas

idades praticas da maior expansão intellectual e economica—quando não era a lingua donatrosa, flacida, rotunda, dos ultimos romanticos, resumindo a Vida e o Universo em apologias de creaturas celestiaes e em descripções de mundos encantados. Certo, os *Sermões* de Vieira são esculpturales, e a *Nova Floresta* de Bernardes é lapidar; mas, apesar de toda a sua pureza classica e de toda a sua divina eloquencia, não constituem uma literatura. E—sem que isto pareça um prurido infantil de irreverencia inocua—o proprio *Lusiadas*, tão grande, tão bellicoso, tão suggestivo, se conserva a sua gloria através dos seculos, não é decerto pelo padrão de vernaculidade que o solemniza, nem pelas descripções geographicas e evocações mythologicas que o perturbam, mas, principalmente, pelo forte, largo e sadio sopro lyrico que o atravessa e anima. Se eu ousasse abrir uma despretençiosa excepção no meio desse monumental atravancamento classico e romantico, esta seria, entre os modernos escriptores portuguezes, para Garrett que, pela universalidade e clareza do pensamento, pela flexibilidade da linguagem, a sobriedade dos tons, a distincção das maneiras, e sobretudo, pela sabia ironia gaulleza que lhe corria nas veias, é o precursor da nova arte de escrever em nossa lingua.

Eça de Queiroz, o creador supremo, veio revelar á literatura portugueza o segredo das coisas eternas. Elle é o artista por excellencia. Com os typos que creou em meia duzia de romances, representando integralmente a vida portugueza contemporanea, realizou este milagre inedito: universalizar Portugal. Esses typos são, na verdade, maravilhosos de expressão, de realidade, de vida. Não ha para elles fronteiras de idéas, de sentimentos, de costumes, de aspirações: todas as civilizações illustres os disputam, porque elles participam de todas ellas, integrando-se na communhão humana, sem perderem, entretanto, a particularidade regional que lhes é propria. Resaltam dessa prodigiosa galeria a mais rigorosa preocupação do detalhe e a mais perfeita visão do conjunto: o apuro da expressão e o pathetico da idéa. Accacio, o conego Dias, Bazilio, João da Ega, Gouvarinho, o Damaso, e toda a espantosa galeria dos Maias, Raposo Jacinto, José Mathias, Fradiques Mendes, Pacheco, o Gonçalinho, instalaram-se para sempre na nossa intimidade, vivendo humanamente a nossa vida. Ha escriptores que, cercados de conforto material e prestigio social, escrevem, methodicamente, cincoenta livros, e ninguem lhes cita uma personagem, nem lhes decora uma phrase. E os ha, em compensação, de vida tormentosa e errante, que, na degradação dos carceres, ou no desalinhio das estalagens, como Cervantes, como Shakespeare, compõem tres ou quatro volumes que são a gloria de uma raça e de uma época, e em que se louva, eternamente, a humanidade agradecida. A immutavel caracteristica do genio é a adaptabilidade universal das suas creações. Todos nós sabemos o que significam Sancho Pança, Othello, o mercador de Veneza, Macbeth, Romeu e Julieta, como já nos familiarizamos com as figuras secundarias accessorias, e até com as mais insignificantes da extensa e palpitante nomenclatura oceana—o João Eduardo, o doutor Topsius, o Grillo, o Pimenta dos oculos, o Titó com o seu vozeirão de athleta preguiçoso de Villa-Clara, e o Videirinha, com o seu violão de fadista épico de Santa Irineia. Entre uns e outros existe apenas, a distancial-os aparentemente, a differença de idades e de temperamentos; no fundo, porém, anima-os, arrasta-os, vincula-os, a mesma fatalidade, o mesmo destino. Depois, a nossa época já não comporta a tragedia; e attendendo a que (mesmo sem accrescentar neste caso o argumento basico da predisposição organica do escriptor); attendendo a que a Ironia é o melhor, o mais seguro, o mais definitivo expoente das civilizações requintadas, tem-se a razão por que Eça de Queiroz, ao invés de pintar grandes telas tragicas, traçou prodigiosas caricaturas.

Como escriptor mais critico de acção social que explorador de themas passionaes, a mulher desempenha na sua obra um papel bastante secundario—para não salientarmos a sordidez pathologica de Juliana, e a loucura mystica de D. Patrocínio das Neves. Com excepção de Maria Eduarda, a mais enérgica das suas heroínas (typo de honestidade sofredora e heroína, mau grado a fúria arrasadora de Fialho, quanto afirma que nos *Maias* não ha uma só mulher honesta), o amor nas outras, quando não é a carne que se entrega, physiologicamente, na hora precisa, sem arrebatamentos lyricos, como em Luiza e Amelinha, é a passividade dolorida e resignada de Gracinha, ou a estima delicada, ingenua, quasi insexual, de Joanninha. Mas, para compensar esta ausencia de paixão, de calida vibração affectiva entre as suas creaturas femininas, elle é o glorificador commo-

vido da amizade, da solidariedade intellectual e moral entre os homens. Eça de Queiroz tinha o culto dos seus amigos. Vêde, por exemplo, a constante correspondencia psychica, intima, fraterna, que une Jorge a Sebastião, João da Ega a Carlos da Maia, Zé Fernandes a Jacintho, fundindo-os na mesma ordem de sentimentos e de idéas, sem, contudo, annullar em cada um a individualidade propria, que se conserva, ao contrario, inconfundivel e flagrante. Este culto dos amigos, não o celebrou apenas Eça de Queiroz através das suas ficções artisticas, porque era um prolongamento da sua conducta particular na vida. Ninguém exaltou melhor as virtudes dos seus companheiros. É uma grande sympathia irradiando de todo o seu ser. Ali estão como provas, entre outros documentos fidelíssimos, esses magníficos retratos psychologicos de Ramalho Ortigão, Eduardo Prado, Antlhero de Quental, considerando-se mais que, na apologia deste ultimo, Eça de Queiroz attinge a perfeição sobrehumana de se diminuir publicamente para louvar o seu amigo, traçando um perfil que está para a moderna literatura portugueza, como na religião os evangelhos estão para Christo. Estes e outros ensaios de critica social e literaria, como os sobre Victor Hugo, o conde de Paris, Beaconsfield, a Rainha, Joanna d'Arc, os *Tres Prefacios*, vieram revelar novas faces do seu espirito de commentador genial e de creador equilibrado: ali, as suas faculdades de analyse e de synthese ganham um vigor rejuvenescido e uma idealização desafogada. Neste contacto directo com a creatura viva, com o facto objectivado — é o mesmo que se observa com outros artistas profissionais, como, por exemplo, Anatole France, o sábio atheniense, muito mais interessante na *Vie Litteraire* que no *Lys Rouge*, e mesmo com alguns escriptores medianios, como esse venturoso Paul Bourget, incontestavelmente o mais insigne dos actuaes medianios francezes, e decerto muito menos irritante nos seus estudos de critica do que nos romances preciosíssimos que elle urde como bom parisiense — “um parisiense com um ligeiro toque de inglezismo; como pede a moda, que leva para o faubourg St. Germain, num fiacre, os seus methodos de psychologia, de uma psychologia que cheira bem, que cheira a opoponax, e tomando uns ares infinitamente profundos, remexe os corações e as sedas das senhoras, para nos revelar segredos que todo o mundo sabe, num estylo que todo o mundo tem.”

Se fosse possível destacar das obras primas de Eça de Queiroz uma unica obra prima, em que todas as outras se resumam e condensem, esta seria forçosamente a *Illustre Casa de Ramires*. Este livro é o mais bello monumento da lingua portugueza, nos ultimos tempos: é um *Lusiadas* em prosa, é o poema limpo e sonoro do decaído Portugal contemporaneo em contraste com o poderoso Portugal medioevo. Producto de plena e sadia maturescencia intellectual, dessa tristeza consolada e luminosa do envelhecer, livre de preconceitos de escola, repousado e sereno, tudo nelle é forte, suggestivo, emocionante, formoso, harmonico, preciso, igual, porque ali, de principio a fim, o perfeito senso do historiador acompanha e regula a alcandorada fantasia do artista. Tenho ouvido, com uma insistencia devastadora, que em Eça de Queiroz o minucioso narrador de factos esmaga o philosopho sementeador de idéas. É que estas, muitas vezes, só dão na vista, quando são impostas a miuque, aos saltos e aos berros: a discreção, a finura, a subtilidade, prejudicam-nas na maioria dos casos. Para embarçar o asserto que se funda na supposta ausencia de suggestividade, de surto, de força, de que se accusa o autor da *Perfeição* (se uma tão facil tarefa tem algum valor), basta lembrar aquelle inesquecivel epilogo dos *Maiaes*, em que Carlos e Ega, depois de bravamente philosopharem, ao mesmo tempo que assentam numa teoria fatalista da existencia, proclamando a inutilidade de todo o esforço, correm desesperadamente para apanhar o “americano”, que os deve levar ao *Hotel Braganza*; ou evocar aquelle maravilhoso final da *Illustre Casa*, em que ao lado de Villa Clara e ao pé da *Torre de D. Ramires*, na doçura da tarde agonizante, “por todo o fresco valle até Santa Maria de Craquêde”, a silhueta melancolica do padre Soeiro, destacando-se “no silencio ainda claro, de immenso repouso, tão doce como se descesse do céu”, traça genialmente a psychologia de Portugal, “pedindo a paz de Deus para Gonçalo, para todos os homens, para campos e casas adormecidos. ... Não, meus amigos! Eça de Queiroz é um artista completo; fixou maravilhosamente a Vida. E, para fixal-a, teve ainda este grande merito: transformou uma lingua barbara, dura, aspera, fradesca, solemne, hostile, num instrumento plastico, sonoro, ductil, ondeante, diaphano, subtil; em uma palavra — foi o primeiro

escriptor portuguez que fez paradoxos com a nossa lingua. Elle é o mestre—e depois d'elle, ninguem, que se prese, tem mais o direito de escrever mal a lingua portugueza.

Releio, desolado, estas linhas. Eu as desejara largas e harmoniosas como um canto gregoriano, e ellas dão-me a "apparencia de uma herva reles, tremendo junto ás raizes de um cedro". Não resumem idéas criticas, que eu não teria; nem narrram impressões, que me bastavam. Todavia, para socego meu, para salvação dellas, se aqui não ha uma impressão, uma idéa, uma phrase, uma imagem, um lampejo digno do mestre, seja-me permittido appellar para o meu paiz, no sentido de lhe erguermos um monumento. O Rio de Janeiro deve-lhe uma estatua: ergamol-a. Coube ao Brazil a iniciativa generosa na propagação do seu nome literario: cumpre-lhe agora perpetuar o raro gesto, condensando-o no marmore ou no bronze. Como a de Goethe em Roma, como a de Heine em Paris, a estatua de Eça de Queiroz entre nós não só diria da nossa gratidão, mas, principalmente, da nossa cultura. Eu sei que esta idéa é quasi ridicula num paiz onde Machado Assis, Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha, ainda não têm sequer um busto. Em todo o caso, ella ahí fica, sincera e justa, para consolo meu, para realce destas linhas, e para desaggravo da minha geração.

Rio de Janeiro, junho de 1912.

*Mathews de Albuquerque*

## REVISTA BIBLIOGRÁFICA

### *Obras recebidas:*

- \* Cantos d'Alma. — Alexandre Francisco Pereira.
- \* Visionario. — Mathews de Albuquerque — Edição da Livraria Chardron.
- \* Versos de um Dilettante. — Adherbal de Carvalho — Rio de Janeiro.
- \* Risadas. — Santos Galvão.
- \* A Festa de Camões. — Guerra Junqueiro.

## ÁGUAS RELIGIOSAS



**A** época moderna tem sido de exploração e movimento. O pensamento lançou-se numa ávida curiosidade sobre uma natureza cheia de vida e interesse. O ensino religioso dava um mundo demasiadamente pobre para satisfazer o espírito. A harmonia fôra conseguida à custa de amputações duma realidade excessivamente rica e difícil.

Por isso os espíritos com vida própria desertaram da torre de marfim da vida católica para a aventura do indefinido oceano cósmico, aberto a toda a virilidade indagadora.

A dissolução da igreja católica começa, quando, materializado em dogmas, foi adormecido o cristianismo criador, a mais formidável erupção telúrica das forças do espírito.

Desde então o espírito livre, que faz e sustenta a criação, só poderia viver dentro da Igreja crescendo em profundidade, pois que a superfície era petrificada. Só o misticismo permitiria a vida espiritual dentro dos dogmas. Mas esse misticismo teria de esterilizar-se, pois a descida para a profundidade da alma levaria ao coração da Vida, para irromper em inundação e dilúvio de toda a pétreia superfície.

O misticismo teria de ser o primeiro momento interiorizante, de tensão, das avassaladoras forças espirituais, irrompendo conquistadoras, em incontida expansão, até á superfície. Deste modo o misticismo quebraria os dogmas, ou matéria, pelo dilúvio espiritual.

O misticismo seria a lava cristã arrasando os diques católicos. Por isso o misticismo foi considerado herético. Encarcerado dentro do dogma, foi estratificado sob o dogma tornado estéril e morto!

O único caminho do espírito era em superfície, sob as realidades do dogma, olhando-as sob uma mais intensificada atenção. Era sobre a natureza, que o dogma dava morta, mas que a atenção descobria real, fremente e viva.

Forçam-se as portas do mundo pelas viagens de Magalhães e Colombo e pelo pensamento de Giordano Bruno.

A paleontologia do pensamento grego volve-se em fisiologia. Os fósseis helénicos são percorridos por uma nova seiva vital e erguem-se na frescura infantil duma nova aurora. Eis o momento de exteriorização avassaladora. O homem sai do lar para o vasto globo, o pensamento, sai do catolicismo para o cosmos infinito. Desvairamento irremediável o prende: A terra é vasta de prodígios,

em delírio o homem os procura incessantemente; o Universo é infinito, nele caminhará o pensamento, sem termo e sem descanso, sem que possa voltar a si, a recolher-se em profundidade e apreensão, de si e do todo, no foco do Ser. O primeiro delírio dá a universal civilização exterior, de comércio e movimento. O segundo delírio estorva a civilização interior, de alma e eternidade. Eis o espírito espalhado, sem aquele excesso permanente que é a sua essência íntima. O espírito espalhado é a matéria. Mas êle não está de todo perdido, visto que se estende progressiva e indefinidamente. A matéria infinita não é matéria, é espírito. O dado, o feito, o morto não pode ser infinito. Eis a contradição das almas modernas — perdidas num infinito mundo material; presentes nesse mundo, porque só o espírito pode viver em perpétuo excesso e crescimento.

¿Qual será a saída?

Uma única é possível — a apreensão do espírito em si mesmo, no foco imanente da sua actividade criadora. O espírito não deixará que a terra espiritual tombe, como célula morta, dos seus cósmicos tecidos renovados.

A vida espiritual não envelhece, não se deixa invadir pela matéria. O espírito há de irromper, rasgando as penedias do pensado ou morto. Em novos abraços, mais íntimos elos, mais amplos e profundos enleios. A voz da impiedade zomba e um frio nordeste vem dos tûmulos do pensamento. Sopra cóleras mesquinhas e enraivadas dos lados do catolicismo, pântano pútrido das eternas águas cristãs. Sopra trovões apagados dos lados da sábia suficiência, estagnada conquista das eternas forças do espírito. O homem espalhado pelo cosmos, perdido pela noite fria e solitária, vai volver a si e envolver um cosmos de amor e fraternidade.

Sopra veemente, em raivas ululantes, o vento do desânimo. Mas, na grata intimidade doméstica, o homem sente o calor fraterno do espírito desperto.

A matéria como que esmaga o espírito, mas, na própria heróica afirmação do espírito perante a infinidade material, êle se garante, viriliza, engrandece e exalta. A vida jorra, continuamente vitoriosa e criadora; a consciência cresce em virtudes realizadas e, se não se apreendeu ainda em tranquilidade e certeza, é porque não abandona cobardemente um mundo, que pretende iluminar em espírito e verdade.

Mas a maré se anuncia, sem rumores nem impetuosidades.

É uma preamar incessante e silenciosa, um crescimento moral, uma longínqua maturação. Deixai passar o vento da descrença e da loucura; este oceano não se irrita, as suas ondas envolvem a própria ventania, e a voz do vento raivoso fica logo a ciciar ternuras, a murmurar esperanças. É uma maré interna, um crescimento universal.

¿O peito ergue-se brandamente? É o amor que se infiltra na terra seca do egoísmo.

São as águas da Vida; elas brotam suavemente, sem maldades, nem destruições. O seu dilúvio será universal, mas nenhuma criatura irá perecer. As águas da Vida hão-de penetrar os sois e os planetas, sem que a sua luz morra ou se apague.

Mas essa luz espiritual, de dor e humanidade, brilhará consciências em todo o frio, infinito espaço.

Pórtó, Agosto 1912.

*Leonardo Coimbra*

## Canção das andorinhas

As azas das andorinhas  
São azas feitas de graça...  
São tristes, andam de luto...  
E' saudade que esvoaça...

Nas azas das andorinhas  
O sonho cristalizou...  
E' sonho triste a voar...  
E' alma que transmigrou...

Andorinhas! Primavera!  
A aza é nuncia da Vida!  
Traz o mistério da terra  
Que se vai tornar florida!

Outono... Poentes tristes...  
O sonho torna a fugir...  
As andorinhas já singram  
O azul do mar, a sorrir...

Pórtó, 30 - V - 012.

*Carlos de Oliveira*

# TENTAÇÃO

## O PURO

Vizão noctivaga! Cantharida do Cio!  
Deixa-me em paz! Adeus! Não sei o que queres  
Tão pallida, a sorrir, como a lua do Estio...  
Maldita seja a carne e a Graça das mulheres!

Quando eu estou a lêr, como um obscuro ermita,  
Em noites de verão que os mortos fazem suar,  
Vens até mim, depois rasgas o seio, afflicta,  
E imploras: "Padre! resa a missa n'este altar!"

Estrella de alva luz, julguei que fosses Venus,  
Mas, hoje, sei quem és: deusa da guerra, és Marte...  
Teus raios são punhaes, teus prantos são venenos;  
Que sobre mim do céu chovem em toda a parte!

Em vão me occulto, em vão! Escondo-me na terra,  
Como de Abel se esconde o seu irmão Caím:  
Debalde, ai de mim! Como um clarão de guerra,  
Eu vejo, além, acceso o teu olhar sem fim!

Tento fugir, fugir: em breve caio, exangue!  
Opponho-me a esse amor phantastico, extra-humano!  
Ai quem me dera, flôr! para apagar-te o sangue,  
Chorar sobre o teu corpo as lagrymas do Oceano!

Dás-me o teu reino, dás-me o teu palacio de oiro,  
Um leito de marfim para noivarmos, lá!  
Eu forte, como heroe, recuso esse thesoiro  
E nada quero teu, Rainha de Sabá!

Deixa-me em paz! Adeus! (olha o luar de Estio,  
Que linda noite!) Os leões esperam-te na jaula:  
Uivam de fome: têm o estomago vasio:  
Vae dar-lhes de mamar, Madre Paula do Cio!  
Ah, deixa-me que eu sou S. Francisco de Paula...

## O LASCIVO

Corpo de eburnea pelle, ó carne de alva infancia!  
Entorna sobre mim o teu sangue pizado...  
Enlaça-me o pescoço em voluptuosa ancia,  
Como se enlaça a corda á gorja do enforcado!

Morde-me o corpo, flôr! Com teus espinhos de aço,  
Morde-me o olhar que chora e os labios que dão ais...  
Morde-me a fronte, os pés! Arranca-me um pedaço!  
Queres auxilio? Pede o sabre aos generaes!

Aguça a bôcca! Afia os dentes como espadas,  
Sabá! na pedra amoladôra do meu seio:  
E, após as fundas, crueis e vermelhas dentadas,  
Chupa-me o sangue a arder, abre-me o corpo ao meio!

Vamos! Trovões! o meu noivado illustre!  
A' Carne! á Ceia! A meza está posta, anda vêr:  
O céu acceso de relampagos é o lustre:  
Nosso padrinho, Deus, já o mandou accender...

Os convidados são os tigres, as pantheras,  
Que de Além-Mar vêm assistir ás nossas bodas...  
E tu n'aquella orgia olympica de feras,  
Devora-me, tambem, fera maior que todas!

Ó meu amor! attende aos meus uivos funereos!  
Piedade! Vem! Socega-os: dá mais pasto aos leões,  
Grita: façamos acordar os cemiterios!  
E os defuntos uivar dentro dos seus caixões!

Quero te vêr, assim, estatelada, nua,  
Capaz de seduzir os mortos com desejos...  
Ah, que o teu cio chegue aos astros, flôr da Rual!  
Que Jesus desça á Terra, a cobrir-te de beijos,  
Que o Oceano aperte, enfim, em seus braços a Lua!...

Porto, 1887.

António Nobre



## MULHERES DE CAMILO

**V**ós, mulheres portuguesas, amai-o sempre, porque Camilo foi o mais carinhoso interprete do vosso coração! Todos os graus do amor, desde que elle não é ainda senão um arfar mais fundo do vosso peito iludido; um olhar mais demorado e já quebrado; uma attitude de cabeça combalida; um gesto de mãos pensativas; uma sombra de melancolia em vosso rosto alegre; desde estes nadas, que são mundos, até ás violencias da felicidade ou da dôr; todos os aspétos: aquelle amor tímido que se escondê, e aquelle amor vaidoso que se ostenta; o amor passivo da mulher meiga, o amor consciente da mulher orgulhosa, e o amor explosão da mulher arrebatada;— todos estes modos de ser do mesmo cuidado, que é prazer e dôr, que é morte e vida, Camilo entendeu e exaltou.

Nas mãos dêle andaram os vossos mais bonitos segredos de amor. Vivem na sua obra os tipos perfectos de mulher amorosa deste amor portugêz que alguns chamam romântico e que eu chamarei divino, porque é divino tudo que não é deste mundo! Vão mudados os tempos, bem sei. O espiritalismo é contido pela análise. A alma de Platão anda arredia das almas modernas; e se dantes os corações devaneavam em quimeras, os de hoje sofream seus impetos no calculo assidado da vida prática. No entanto, ainda por aí freme, em corações môços a anear de sonhos, muita insis-tência de raça affectuosa, muito irreductível atavismo de sentimentalidade que rebenta e estruge em gritos de amor fatal! Essas almas compreenderão as grandes amorosas de Camilo.

A Virginia do romance— “Memorias de Guilherme do Amaral,” — é o tipo do amor consciente que, amando sem poder inspirar amor semelhante ao seu, tem o orgulho do que vale e da embriaguês de felicidade que poderia levar a quem dêsse o seu opulento coração. Incompreendidas, essas malayenturadas heroínas acabam por

amar a sua dôr, e maceram-se a sorrir, bendizendo o homem mau que as faz sofrer; regeitam consôlos á sua amargura; amam o desamparo como amariam a doce companhia sônhada; humilham-se com gôsto; sacrificam orgulho e dignidade; põem prazer em despeñar-se; e, cercando o amor de superstição e de fatalismo, quedam-se vencidas par se julgarem condenadas por Deus "ao infinito inferno do amor!" Ás vezes, encontram nos afagos da humildade religiosa o deleite dos seus remorsos serenos!...

A Mariana do—"Amor de Perdição,"—é o tipo do amor inpronunciado, que vive oculto no silêncio da alma e que de si proprio se alimenta. Rebuça-se em mistério; é sua divisa generosidade e desinteresse; e desejando o infinito com um nada se contenta: um gesto, um sorriso, o consôlo de um olhar!... Com um beijo—o primeiro e o último!—dado no cadaver ainda quente de Simão Botelho, a Mariana se considerou paga de uma mocidade perdida!

Grandes figuras de mulheres essas a interrogar o céu, o mar, as coisas, em busca de quem lhes entenda as âncias divinas das suas almas languidas e incendidas, que, por fim, o amor precipita nas catástrofes da loucura ou da morte! E como o escritôr é enorme nesses lances de dôr ingente!—são sacudidélas bruscas estrancinhando o coração em lagrimas e soluços!

Camilo que tinha, com a penetração das lagrimas, aquele romântico amor á desgraça, estudou como ninguem o amor-paixão que, uma vez estrangulado, nas lagrimas se lava, mata quem o sofre, mas não é vencido. A Isabel do conto—"Como éla o amava!"—atira-se á voragem do Tamega para se abraçar ao cadaver de João Lobo, e, mortos, noivarem por entre as raizes dos salgueiros comovidos, nas delícias da noite infinita das aspirações de Tristão e Isolda! Essa amantíssima Maria de Nazareth, da—"Doída do Candal,"—, a quem um duelo de morte lhe roubara dos braços um amante querido, corre louca, por entre as floridas acácias do jardim que a vira feliz, soltando gargalhadas e uivos asfisiados pelos soluços e pelo pranto. A Albertina, de—"A filha do Doutor Negro,"—, formosa e do mais fidalgo amor, acabou pedindo esmola nas ruas do Porto. A Brites tecedeira, do—"Segundo Comendador,"—, definha-se e envelhece esperando quarenta anos por um noivo ausente, com quem éla, aos vinte, trocara uma certa palavra de amor, por certa noite de luar! A Marta, da—"Brasileira de Prazins,"—, quando não pôde mais chorar nem rezar pelo namorado que a morte lhe levava, endoideceu, e a rir dialogava com o morto como se o vira presente, e dizia-lhe palavras tão cariciosas que parecia falar com os lábios pôstos na face amada! A Terêsa do—"Amor de Perdição,"—, enclausurada no mosteiro de Monchique, ao abrir de uma manhã de primavera que enlhorava as colinas do Candal, sóbe, moribunda, ao mirante do seu convento sobre o Douro; e, depois de rler, com olhos já sem lagrimas, as cartas mais ternas do seu namorado—aquelas em que melhor brincava o engano das aspirações felizes; depois de as atar com fitas desenlaçadas dos ramos de murchas flôres tanta vez beijadas; Terêsa crava os olhos num navio escuro

que vai descendo o rio e lhe leva, entre condenados, o seu Simão; crava os olhos e, agitando, por entre os ferros das grades, o lenço branco da despedida derradeira, morre a pensar no seu amado! E outras, e outras a quem o amor perdeu!

Virginia, Terêsa, Mariana, Augusta, Marta, Isabel, Joaquina, Eduarda, Brites, Albertina, Maria da Gloria, Maria Moisés, Maria de Nazareth—amorasas de Camilo, almas sem ventura, no mar das vossas lagrimas desaguarão sempre as enternecidas simpatias dos que vos entendem!

Oh Camilo dos raptos e das aventuras, dos duelos cavalheirosos em clareiras doiradas, dos namoros melancólicos ás grades dos conventos, dos fados chorados em ruelas a horas mortas sob o luar doente; oh Camilo das entrevistas amorosas de corações comovidos de felicidade, vendo perpassar visões amáveis e sentindo os beijos da aragem perfumada! Muito te devem os espíritos que precisam de se alimentar da graça da vida! Tu alindáste as almas, pois o amor põe sorrisos nas faces dos maus; e porque nos amores romanescos tanto ama o coração como a fantasia, tu, Camilo, tornaste a vida leve embrigando os espíritos em devaneios suaves...

Se, com o andar dos tempos, outra idade vier em que os sentimentos se alterem no sentido de atrofiar no coração a doçura de amar, desenvolvendo no cerebro as frias qualidades do juizo reflétido; se o poder dos afectos passar a ser coisa morta, e a intelligência serena a força única nas relações da vida; emfim, se se chegar á falência definitiva do coração, teus livros, Camilo, ficarão entre os grandes documentos da raça latina para mostrar quanto era meigo e forte—quanto valia!—o amor de uma mulher portugêsa!

*Author de Figueiredo*



ÁRVORES DE PORTUGAL  
Tronco de castanheiro

(De Cervantes de Haro)



## MARIA PEREGRINA

Ao Visconde de Villa-Moura

Impressão do seu li-  
vro « Nova Sapho »

Ei-la que surge: e, pallida, esmaiada,  
A mascara embebida em sonho e alvura,  
Vem pela sombra e a sombra transfigura;  
Do seu sorriso nasce a madrugada...

Já não tem forma, a forma é visionada,  
E' uma alma de livida esculptura;  
Somnambula, divina de loucura,  
Rescende a morte... E' a Vida embalsamada!

Ergue os olhos e a noite agora acalma;  
Sombra diluida a incensos de mysterio,  
Veste um veu de luar, mas luar de alma...

Alma que é abysmo e Deus e azul profundo,  
Treva incendiada alando um fumo ethereo:  
A Noite Humana a illuminar o Mundo!

*Mario Barroso*

## O VALOR DA VIDA

(Dum conto)



**N**a doce penumbra silenciosa poisaram os meus olhos na alvura dos cortinados do leito, como num brando nevoeiro a acariciar-me e a envolver-me.

E aquele quarto em que sombras perpassavam, mudas e ligeiras de suaves gestos,—dizia a doçura duma convalescença e quási o silencio pálido e asfixiante duma campã.

Eu adivinhava o Sol e a Vida, lá fóra, pelos fios de oiro raro que atravessavam as frestas das altas janelas cerradas, e vinham poisar sobre o meu leito.

E como dum outro mundo, do Sol e da Vida, chegavam até mim os ruídos longínquos e embaladôres.

Era como se boiasse à beira dum vasto rio que meus olhos não viam, mas que escutava rolando indefinidamente a sua massa de água enorme, num vágado intérmino, buziando, a corporizar um fatigado silêncio, sob marés—cheias de Sol...

A ouvi-lo, o meu corpo espumava-se, dissolvia-se brandamente, como uma sombra, na calma absoluta duma obsediante, inerte monotonía.

Já o tempo, na sua vaga e incerta figura, se definira—erguera o seu espectro em meu espírito mais lúcido e vidente.

Sentia as horas passar no silêncio pesado e na penumbra, escutando suspensas o ruído dos próprios passos.

Era como se flutuasse à flôr dum largo mar em que ondas macias eram nuvens e em que era alada nuvem o meu corpo adormecido como uma criança.

Um novo sentido iluminara a minha vida. Na prostração inerte do meu corpo, a minha Alma rehouvera as suas asas e já tentava tímidamente os desvairados vôos que medem a imensidade.

Naquela iniciação que começara diante da morte, nos penetrais da Elessis do meu sepulcro, havia umas brancas mãos piedosas para coroar de carícias a minha fronte pálida.

E o olhar de minha companheira, luz do ceu que Deus libertara dum corpo belo, guia da minha Arte e dôce Mãe das minhas Venturas—o olhar do meu Amor—alma e luz, perfume de lírios e luar pleno,—tombava duns olhos claros e dum ceu muito alto, como imponderável chuva de etéreas flôres sobre mim.

Um dia, como tantos, o delírio da febre arrebatou-me, levou-me...

E o vasto rio invisível, de intermináveis rolos de água, envolveu-me nas suas coleantes ondas, entontecedoras, desvairadas...

Era por uma paisagem exótica de florestas e prados, e ora no meu olhar atônito se perfilavam árvores colossais, num pesadêlo, e animais antidiluvianos, ora liliputianamente se perdia tudo a meus pés, e a meus olhos alucinados e estranhos...

O turbilhão levava-me consigo e, incessante e imenso, eu era nas vertiginosas rondas, no delírio da febre, o grão de areia minúsculo turbilhonando, num desespero indizível, depois a imensa mole inquieta e lenta que rolava sobre si mesma como um mundo, obscurecendo e tomando todo o céu.

Passavam monstros lentos e ameaçadores, de fauces profundas como cavernas...

Sobre mim mesmo, pálido e perdido, ruí a massa imensa duma montanha de pedra...

Os ruídos longínquos e contínuos, num infatigável *crescendo*, transbordando,—envolviam, desvairavam tudo,—e como o fragor duma ciclópica batalha que um tufão levasse, esmoreciam, desmaivavam, diluíam-se num asfixiador e trágico silêncio. Na sombra faisavam relâmpagos, cegando,—largas fachaças de ouro, ceus *plenos de luz* deslumbradora.

E o turbilhão voltava constante, levava-me consigo, grão de areia e mundo, num estonteamento, como numa agonia...

O fragor longínquo aproximava-se de novo, erguia a voz cavernosa e demoníaca, depois esfumava-se e perdia-se ao longe.

Um fulgor de ráio, um negrume impossível cegava os meus olhos...

Eu padeci a tortura duma sede tantálica...

E a febre ergueu assim no meu cérebro, enfraquecido e delirante, as visões dum horroroso sonho.

Através das pálpebras pálidas e leves, a última luz coava-se com brandura. Como depois duma luta titânica vencida, no cansaço da minha vitalidade gasta, eu ficara p'ra ali, abandonado no imenso de mim mesmo, num vácuo desolado que o débil fulgor do meu espírito não alumiaava quâsi, esmaiada luz bruxoleante numa caverna de além mundo, fantástica e vazia...

A minha vontade e o meu esforço, indomáveis asas de desvairados vôos, tombaram flácidas e mortas...

E o meu sangue, lava do meu desejo, bárbaro fogo da minha animalidade, ritmo forte marcando a harmonia da minha vida primitiva,—era como um pântano frio e claro, com espirais fantásticas de mortes e venenos, e silêncio, calando...

Nem sentia o meu corpo.

Só meus olhos vagamente viam uma luz distante e indefinível...

Talvez à minha beira se murmurasse baixinho, e as árvores, palpando e mergulhando nas leivas as ávidas raízes, suspendessem

o murmúrio vitorioso das seivas ascendendo. Mas a mesma luz vaga esfumou-se, perdeu-se mais ainda.

Foi à noite depois, e os ruídos secos, como bátegas sarai-vando uma última revoada,—mãos hostis da chuva chamando, noite alta, às janelas duma casa solitária,—e cobrindo-me numa carícia sufocante, turva do hálito da terra, tam possessiva e acon-chegada que gelava de frio.

Um silêncio profundo se fez em volta de mim... E no silên-cio aterrado, infinitos, minúsculos ruídos se fôram erguendo...

As raízes e as larvas afagavam-me, e meu corpo previa-se já mansa torrente deslizando a fundir-se no Mar...

Adivinhei a alegria das plantas ébrias da vida pululando sobre a podridão...

Vi meu corpo subindo em veias diáfanas e verdes, purificado em seiva, sangue de flores, fonte de perfume...

Senti que me aspiravam no cálice gelado duma gardénia...

E do meu coração desfeito, como rolo alvente de fumo numa tarde serena, vi subir um lírio e as asas do seu perfume fôram as da minha alma.

Porque tanto amámos e beijámos tanto os lírios teus irmãos, —ó minha bem amada,—eu vi-te e senti então, num doloroso re-lance desvairado, a amargura de perder-te...

Meu coração inerte que eu julgava morto, pôs-se a bater um ritmo cruciante de angústias asfixiadamente.

E em meus olhos fez-se, em meus olhos terrosos e escuros, uma noite mais dolorosa e tenebrosa, riscada de relâmpagos de desespero...

O meu corpo e a minha alma, ressurgindo no mesmo corpo mortal de pavor e miséria,—sufocaram, arquejando, sob o pêso horroroso de todo um Mundo que os oprimia ali.

Avidos, os meus olhos dilatavam as pupilas convulsas. Mãos de ferro, como implacáveis garras, me prenderam o corpo miserável, retalhando-o.

E todo o infinito do meu Amor e do meu desejo, toda a minha febre de criar e amar, foram desvairada fúria, raivosas lágrimas impotentes, inertes esforços tresloucados tentando o impossível.

Como numa jaula, o horror e o desespero percorreram o cárcere de minha imobilidade. Toda a Vida despertou naquele desvario, temperou os meus músculos de raiva, incendiou o meu corpo de loucura, libertou a ilimitada insânia nativa dos meus nervos como um vendaval.

A terra inteira batalhou em mim, convulsamente, tentando lib-ertar-se da invisível cadeia inquebrantável.

No mar havia ondas altas e raivosas de nunca vistas e ulu-lantes procelas. E, em cima, a tormenta escurecendo o Sol, abalava com seus braços tenebrosos os cedros miliairos e azuis da floresta do céu.

Eu vivi assim toda a amargura e o martírio suprêmo da minha morte prematura. Vivi a dôr dos destinos incompletos, e a dos

grandes sonhos ansiosos e irrealizados. A Vida, que a minha sêde de vitórias e de immortalidade engrandecera e doirara, chorou sobre o meu coração as lágrimas ardentes que se não consolam.

E os meus braços anquilosados em vão os estendeu a minha ânsia para um Futuro perdido, no afundar irremediável de todas as esperanças... Em mim a Vida foi crucificada, na cruz hostil dum impossível, com todo o meu orgulho e todo o meu Amor e a insatisfeita, ousada sêde de triunfos, insatisfeita e ousada como as águias que vôam direitas ao Sol...

Coimbra, 1912.

*Augusto Pascoas*

## MAGUA RELIGIOSA

a Teixeira de Pascoas.

Nos charcos cai a Tarde... commovidas  
As azas se recolhem no Mysterio...  
Parece que vagueiam no ar as vidas  
Evoladas da paz do cemiterio.

Penumbra d'oiro... máguas coloridas...  
O Espaço encheu-se todo! O' Corpo-aéreo,  
Porque me pões as faces contrahidas  
E assim me deixas perturbado e serio?!

Pallida a Tarde reza... Á superficie  
Da Natureza — minha Mãe d'origem —  
O Angelus! soando em longes de planicie...

Ó corpo-aéreo, unguido pelo Alem,  
Concébe o teu Desgosto n'uma Virgem...  
— Nossa Senhora do Sol-pôsto...

Amen! —

Lisbôa, Abril de 1912.

*Augusto Pascoas*



## LUA-NOVA

Dá a lua-nova sobre o meu casal;  
—Que fundos de alma em religiosas telas!  
Olha por mim o céu de Portugal  
Com olhos beatíssimos de estrelas.

E em fluido ocaso ainda, o sol derrama  
Não sei que olhar extático de monge...  
E lívido ermo onde o silencio chama  
Dobra em minh'alma à voz cristão do longe.

Dia ao mar. O sol finda o seu poema:  
E hora de cinza, ó dúvida suprema,  
O longo fim da tarde desconsoa.

Já nas sombras da Noite, orando aos céus,  
Como um pobre de Cristo pede esmola,  
Erguem os choupos suas mãos a Deus.

Ereira de Montemor—Velho, 1910.

*Affonso Duarte*

## SEMPRE MÔÇA

Como enganas os pálidos humanos,  
Terra tão verde e loira que pareces  
Sempre moça, a brilhar, quando apareces  
Toda em risos; e tens milhares de anos!

E tens sido pisada por tiranos,  
Por trágicos heroes, e resplandeces!  
E ouves sempre um tumulto de altas preces,  
Morrendo como sombras de oceanos!...

Quando surgir o rútilo momento  
Do teu fatal suspiro derradeiro,  
Trovejando no espaço nevoento,

Terás ainda as mesmas rosas claras,  
Egual perfume juvenil, ligeiro,  
A mesma luz, e o oiro das searas?...

## MINHA VONTADE

Meus antigos irmãos, no orgulho feito  
A' imagem da sombra fugidia,  
Vós que ainda creaes a raiz fria  
D'uma vontade propria a cada peito,

Sabei que, ha muito, tenho já desfeito  
Esse orgulho de ter uma sombria  
Vontade, esse querer, que, noite e dia,  
E' fogo inutil, lívido, imperfeito!

É então, erguido altivo na montanha,  
Livre de toda a dor, em voz extranha,  
Exclamei para a luz dos horisontes:

Pertenço á vossa rútila vontade,  
Que durará a fulva eternidade,  
...Selvas e mares, árvores e montes!

*A. Rocha Pinto*

## A educação dos povos peninsulares <sup>(1)</sup>

**P**eregrino de ideias, eu percorri a Iberia toda n'um apostolado fraternal, e, da presente injustiça, uma realidade victoriosa no futuro se me depurou evidente. Um absoluto equilibrio e justa ponderação adviria do regime que consagrasse a liberdade d'essas tres patrias vivas peninsulares entre as quaes nem as preferencias nem as suspicias poderiam prevalecer, posto que cada uma d'ellas tenha o seu peculiar ideal nacional que lhe absorve a vida inteira. Portugal e Galliza, formando a patria occidental, com a sua missão atlantica e colonial, que constitue a suprema e unica razão da sua existencia independente; a patria castelhana, ao centro, com a missão africana e civilisadora; e a patria catalã, ao oriente, rehavendo a sua perdida missão mediterranea, industrial, mercantil e artistica. Consagremos a independencia d'estas nacionalidades, e não será difficil acharmos, á base da liberdade, egualdade e fraternidade, a formula politica que as incorpore no movimento estatista europeu. N'estas tres patrias, n'estes tres centros de atracção, reconheci, senhores, a existencia dos elementos constitutivos das nacionalidades: o historico ou tradicional, o scientifico ou estatico, e o social ou dinamico.

A' existencia das unidade territorial, ethnica e filologica que requerem as nações para adquirirem o caracter de taes—segundo o criterio tradicionalista—é preciso acrescentar-se o valor humano da repulsão contra a unificação estrangeira e a vontade popular firmemente manifestada no sentido de definir o seu peculiar patriotismo. Para os democratas, a expressão da soberania popular é o argumento do reconhecimento do nacionalismo. Esses caracteres vejo-os em Portugal, em Espanha (para não resuscitar o valor historico inactual de Castilla), e na Catalunha.

A Nação Portuguêsa, cujo reconhecimento, por ninguem posto em duvida, justifica a razão da diversidade nacional iberica e comprova a existencia do nacionalismo catalão, ou pelo menos obriga a admitir a sua possibilidade—afirma-se pela sua tenacidade, pelo entusiasmo com que tem conservado, através das edades, o seu caracter inconfundivel. Ainda pela persistencia em impôr o seu ideal patriótico em todas as vicissitudes historicas, pelo desenvolvimento da sua missão civilisadora manifestada vigorosamente nas descobertas, na epopeia manuelina, na literatura esplendorosa do Seiscentos, e pela maneira heroica como se revoltou sempre contra os invasores desde os romanos até os castelhanos. A vitalidade do genio português, afirma-se na persistencia ethnica e filologica. A formosa lingua lusitana evolucionou gloriosamente creando uma forte modalidade poetica.

Da patria portuguêsã, da unidade moral do patriotismo dos povos atlanticos, uma rama nobilissima, os azares da politica iberica tem desgajado: a Galliza, essa região irmã, laboriosa e docissima, que pelo caracter da sua população, pela sua historia, pelas suas tradições, pela sua mesologia e etnogenia, íntegra a nacionalidade portuguêsã, como parte constitutiva do nucleo nacional do occidente hispanico, a nação galaico-portuguêsa. Eu vejo na Galliza de hoje o Portugal do seculo XVI que as cronicas rememoram; e no Portugal de então, áparte os esplendores e o fausto da cõrte lusitana, a Galliza de hoje. A independencia politica, a realisação do ideal occitanico, levou ao Portugal a riqueza, a iniciativa, o progresso economico, o desenvolvimento mercantil, a eclosão artistica, a depuração do idioma, que se aperfeiçoou com o uso literario. E, pelo contrario, a Galliza submetida, dependente, sujeita a uma hegemonia opressora, sem liberdade nacional e sem finalidade patriótica, desde a sua integração na unidade catolicomonarquica espanhola, a Galliza tem visto detido o curso da sua civilisação, desnaturada a sua politica, estatica a sua lingua e interrompida a sua historia.

(1) Duma conferência realizada em Lisboa e a ser editada pela «Renasença Portuguesa».

Portugal, emmuralhando o seu isolamento, tem ido desatendendo as relações fraternas com a Galliza. Porque se separaram esses dois povos irmãos? Que diferenças terão surgido entre elles? Oh, nenhuma! Apatia, sim; de nenhuma maneira desafecto. Por negligência, os portuguezes nada tem feito para reconquistar a alma desse povo que deveria estar integrado nas suas fronteiras espirituas. Para emendar o erro secular, é preciso iniciar-se uma intensa propaganda de amor e fraternidade, á qual ajudarão esses milheiros de sofridos e honrados gallegos que se abrigam na hospitaleira terra portuguesa, e ver-se-ha como a alma abandonada da Galliza, virá dócemente para a alma de Portugal e caminharão juntas a um futuro de paz e de justiça iberica.

O povo portuguez bastou a si só para se defender das invasões romana, goda e arabe, e das numerosas tentativas de absorção castelhana. A sua iniciativa levou-o ás descobertas, e, n'esse ciclo maritimo heroico, a Catalunha tambem teve uma participação honrosa pelo character fenicio da sua população, fazendo-se senhora do Mediterraneo, no qual exerceu a sua hegemonia maritima. Maior persistencia se acentua na fixação e, sobretudo, na conservação da lingua; n'uma epoca em que o castelhano se impunha, sendo até geralmente usado pelos escriptores lusos, o povo manteve-a pura e intacta, surgindo o immortal poema de Camões que vem atestar a vitalidade do espirito portuguez.

A Espanha, a Nação Castelhana, constitue-se actualmente, a meu ver, por todos aquellos povos submetidos, e só especificados por palidas tendencias regionalistas, ao criterio patriotico formulado e imposto por Castilla. E' com effeito, tão intenso o sentimento nacional castelhano, que aquellas populações, mesmo com differença historica, que sofreram o seu jugo sem ostensiva rebeldia, acabaram por incorporar-se completamente na idealidade patriotica castelhana; e de tal maneira, que, hoje, percebe-se uma uniforme sensação de patriotismo nas Castellas, em Leão, em Andalusia, em Extremadura, em Aragão, e mesmo em Valencia — onde felismente subsiste o conflicto filologico que obstou á completa integração de Valencia, parte sul da Catalunha-nação, no pensamento castelhano. Uniformismo patriotico devido, em grande parte, á força de sucção de Madrid e os seus instrumentos de absorção: o burocratismo, o militarismo, o clericalismo e o flamenquismo.

Apesar d'essa unidade nacional dos povos centraes espanhoes nos quaes Castilla infiltrou o seu ideal proprio, evidenciam-se certas caracteristicas etnicas diversas pela influencia das invasões, n'uns mais do que em outros accentuadas. As raças invasoras deturpam o character indigena, devido á sua longa permanencia e ao seu numero. De todos os povos que pisaram o seu solo — povos barbaros, excepto os arabes, que não acharam ali, como em Portugal e na Catalunha, uma superior civilização autoctona, ou ainda uma bella tradição grega e fenicia — ella recolheu o que elles tinham de peor. Formou-se fatalista como os arabes, preguiçosa como os godos. E, como todas as raças fracas, foi tiranica e despotica, — lembrarei só 'essa data fraternal, para portuguezes e catalães, de 1640. O seu despotismo é absolutista, inquisitorial, uniformista; a sua tradição monarchica vai de Felipe II a Fernando VII; a sua tradição militar, do Duque d'Alva a Weyler; a sua tradição religiosa, de Torquemada ao cura Santa Cruz. O audacioso acaso ou a variavel sorte poz sob o sceptro dos seus reis o maior imperio do mundo, e, pouco a pouco, os povos oprimidos rebelaram-se airadamente sacudindo o jugo ominoso sem amavel laço espirital que perdurasse... E tudo isso, informou um patriotismo que jamais poderá ser partilhado nem cordealmente sentido por catalães e portuguezes, que perpassaram pelo mundo em tórno de uma oposta orbita social e ideologica.

No seu character islamita, no seu riso historico, forçado, d'umas canções que choram, distilando a mágoa hypocondriaca mesmo no som louco das castanholas, esse povo que definha ou emigra, quando a enderrocada colonial lhe marca tristemente o mortal estigma da sua decadencia, enche as praças de touros n'um impeto suicida! Contemplastes, meus Senhores, alguma vez, a barbaria d'uma tourada á espanhola? O toureiro e o flamenco são as figuras representativas da Espanha castelhana; nos fastos heroicos, nos repêdes d'ira popular, nos movimentos facciosos religiosos ou guerreiros, é o flamenquismo a móla vital que move o caste-

lhano. Fez bem, aquelle mentecapto Fernando VII eliminando as aulas de mathematica do reinô, e abrindo o Curso Superior de Tauromaquia, de Sevilla!

Sim. O espanhol emigra. A Espanha tem regiões inteiras despoçadas: na Mancha, em Aragão, nas Hurdes... Ha provincias com uma densidade de população de 10 habitantes por kilometro quadrado, como a de Burgos. Ali n'aquelle paramo solitario houve um burgo... a sua gente emigrou em massa! Atravessas as inclementes mesetas, as estações succedem-se a intervallos longuissimos; terras bravas, charneças, sem uma arvore, sem uma flor, sem um passaro... A gente rude e abnegada, frugalissima e simples, vive em covas, em casas de barro, choupanas tapadas aqui e ali espalhadas ao redôr d'um campanario pontegado, tudo confundido na côr indefinida e terrea do solo sangrento, argiloso, esteril... Elles não sabem ler: mas sabem morrer heroicos levando á tumba o seu secreto desespero. Essa é a raça dominadora!

Na sua miseria moral e fisica, ella mantem ainda os sens odios: ella actúa pelo clericalismo que a fanatiza e embrutece; pelo militarismo aventureiro dos "pronunciamentos", dos golpes d'Estado, pelas guerras santas, civis e coloniaes; pelo burocratismo, que o nepotismo oligarca mantêm nas regiões ricas sugando as energias em nome do fisco odioso e odeado... Enquanto *el catalán*, de las penas saca pan como o anexam popular castelhano afirma; enquanto o gallego trabalha rudemente pensando no amanhã; enquanto o basco desentranha da terra prodiga o minerio escondido, e o valenciano transforma n'um jardim a sua "horta" opulenta... o castelhano, que o tipo madrilenho sintetiza, vive ao dia, parasitando nas repartições publicas, é militar ou é padre. Ou então, espera que o deus Estado lhe accuda transformando-o, por arte de magia, n'um nababo a elle, e n'um paraizo a sua terra inculta. Ou, ainda, consola-se trabalhando, se é dos parias sem um parente politico ou sem a protecção do cacique, como uma besta de carga, dando os filhos ao rei e a sua pobreza ao fisco, regressando ao pastoreio se a agricultura definha e foram más as colheitas miseras e espaçadas, deixando-se morrer, ou emigrando que, para os infelizes é um meio de morrer com mais dolorosa e longa agonia...

Contudo, esse povo teve, com o ouro da America, a sua epoca de opulencia nacional: creou modernamente a mais famosa literatura do mundo, produziu uma arte soberba, fez tremer as cidades ao passo dos seus exercitos, e, ainda na sua decadencia actual sente fremitos de superior impulsividade. Mas o seu dinamismo preterito, que só na tradiçào se guaresce, não justifica nem proclama a sua absurda hegemonia politica sobre os demais povos espanhoes, de ha muito incorporados, com superiores vantagens, na marcha progressiva da humanidade.

Ao norte d'essa faixa central, ha um pequeno povo. O povo basco, por alguns considerado como a *epave* viva dos iberos, raça asiatica que emigrou antes dos arianos e que até aos nossos dias tem mantido raramente as suas caracteristicas etnograficas. A sua civilisação não tem precedentes historicos. Povo rude e forte nos jogos fisicos, manteve o seu fero espirito de independencia contra todos os invasores, vivendo nas montanhas do seu selvatico territorio quando o estrangeiro maculava o sólo da patria, sempre alheio ao rodar do tempo.

Nas Vascongadas, deu-se o caso da influencia castelhana que as incorporou, na politica, na filologia e na arte, ao seu patriotismo. Existe, é verdade uma corrente nacionalista, ali. Mas, o bizkaitarrismo, sem uma base historica, sem uma base literaria, e sem uma expressão democratica liberal, constitue, a meu vêr, um irrequietismo faccioso. E' esta tambem a opinião de Unamuno, o genial escriptor basco incorporado completamente no patriotismo castelhano por um natural fenomeno de supernacionalisação: caso representativo da palida individualisação nacional do povo basco. O idioma basco, que não poudo formar uma literatura, carecendo de expressão lirica, vai relegando-se a um mero valor archeologico. O nacionalista basco, catolico e monarchico, fala o castelhano com os seus concidadãos. Assim como o barcelonismo, fundamente catalão, constitue a força directora do catalanismo, o bilbainismo, perfeitamente castelhano, não pode constituir o nervo e a norma do verdadeiro nacionalismo bizkaitarra. O nacionalismo catalão, sem Barcelona, ficaria acefalo; que é o que acontece ao bizkaitarrismo.



**ESTUDOS DE CRIANÇAS**

(De António Carneiro)

No oriente peninsular, na parte alta do Mediterraneo, — o mar das civilizações — como um soberbo *pendant* do occidente atlantico — o mar das descobertas — estende-se o paiz nobilissimo da Catalunha.

Depois que os dominadores ligurios, gaelicos, tartesianos, helenos e fenicios, cartaginenses e romanos passaram a sua civilização pela terra catalã; de aquelles longos seculos de influencia estrangeira só ficou o conteúdo espirital de uma superior cultura, e, por um claro fenomeno de recorrença antropologica — visto ser mais reduzida do que a invadida a raça invasora vinda pelo mar — novamente surgiu nos seus limites naturaes, territoriaes e filologicos, desde Murcia ao Rodano, a velha *etna iberica*, fundamento nacional da Catalunha, que, pela força assimilativa e pela sua virtualidade soube incorporar á sua civilização peculiar os elementos ponderosos da civilização dos povos momentaneamente dominadores. Os godos e os arabes nenhuma influencia deixaram na Catalunha, pela curtissima permanencia n'esse paiz que repelliu os primeiros pelo seu contraste barbaro e os segundos pela ameaça á sua independencia nacional e á sua integridade civil e religiosa.

No nosso litoral mediterraneo floresceram as bellas cidades livres, que se mancomunavam em pequenas republicas, como Empuries, germen remotissimo do federalismo e do municipalismo o que explica tambem a rara permanencia do dominio feudal até que no seculo IX a Nação Catalã adquire uma rudimentar organização politica com a constituição da "Marca Hispanica," e subsequente emancipação do Condado independente do poder franco, sendo Wifredo o primeiro conde-soberano ou pelo menos o fundador da casa real que durante cinco seculos, sempre por linha masculina, governou a Catalunha.

Acrescentado o territorio sul do Condado Catalão pelas conquistas aos arabes, no seculo XII, Ramon Berenguer IV, pelo casamento com D. Petronilla, filha do rei aragonés Ramiro, o *Monge*, o reino de Aragão, foi incorporado ao patrimonio do soberano catalão, constituindo-se a Confederação Catalano-aragonésa, n'um regime de liberdade e de egualdade entre os dois povos confederados.

Apenas o grande rei Jayme I o *Conquistador* cometeu o erro politico de não agrupar e unir os vastos territorios da Confederação n'uma commun denominación de Reino da Catalunha, com a capital em Barcelona. O territorio submetido á Confederação Catalano-aragonésa, no seculo XIV durante o reinado de esse extraordinario monarca, então o maior da terra, que foi Pedro IV, depois do seu casamento com D. Leonor de Portugal — abrangia a Catalunha, Aragão, Valencia, Malhorca, Russilhão, Cerdenha, Corega, Napoles, Sicilia, Atenas e Neopatria... que a nossa união com Castella, desde os Reis Catholicos ao consumar-se a unidãde politica espanhola, nos fez perder pela ineptia diplomatica e pelas loucas aventuras guerreiras da raça dominadora!

No Compromisso de Caspe, extinguiu-se o ramo real da casa catalã, e um rei estrangeiro, Fernando de Anteguera, succedeu ao ultimo monarca da Confederação, morto sem primogenitura, Martin o *Humano*. Mas, até Felipe V a Catalunha não perde as suas liberdades. Se é certo que um rei castelhano reinava na Catalunha, contudo mantinham-se pelo juramento real as constituições e franquias do povo catalão, atacadas arteinamente por Felipe IV, o que provocou a revolta que tão brillantemente historiou o vosso immortal D. Francisco Manoel de Mello, revolta que constituiu a ajuda mais eficaz que teve Portugal para a reconquista da sua perdida independencia. As liberdades catalãs só foram banidas por Felipe V, de execravel memoria, depois de uma lucta epica de dez annos que se conhece na Historia pelo nome de Guerra da Sucessão e que originou a perda completa da relativa autonomia que destructou a Catalunha sob as dinastias castelhana e austriaca. D'essa forma brutal entrou na Espanha o ramo dos Bourbons! D'aquella ominosa epoca, fica o vilipendio liberticida do decreto de Nova Planta, do rei intruso!

Todas essas desventuras apagavam o fulgor da historia da Catalunha. A tradição liberal e democratica do nosso povo revelada na sua legislação de estrutura juridica consuetudinaria e nas suas constituições famosas, os *Usatges*, o livro do *Consulat de Mar*, o *Recognoverant proceres*, e a sua organização politica nas Côrtes e mercantil no sistema gremial; na obra do bispo do Felix d'Urgell, do sabio Arnau de Vilanova, do grande Ramon Llull, de Fivaller, de Claris, do Concelho dos Cem, de Barcelona, famosissimo; tradição liberal enaltecida pela conducta dos soberanos, pela tolerancia religiosa que consagrou a cidadania dos judeus e

judaizantes, pela hostilidade do povo e dos poderes constituídos contra a Inquisição, essa tradição liberal que constitue a suprema gloria do povo da Catalunha, apagou-se com o advento da tirania, do uniformismo catolico-monarquico castelhano!

A decadencia espantosa da civilização catalã, o descahimento mesmo da raça que se insensibilizou na desgraça, a perda da consciencia nacional, accentuou-se a fins do seculo XVIII, em que, perdido o elemento espirital, poetico, substratum de invencivel força que constitue as patrias, a Catalunha podia ser ao todo um agregado d'homens, uma colonia exemplar sem uma alma em actividade. Com o advento do humanismo e a obra dos Enciclopedistas, ao resurgir a cultura greco-romana e ao baquear o escolasticismo perante as modernas tendencias filosoficas iconoclastas, um novo sentido liberal informou a atracção dos nossos homens cultos accordando-lhes o seu esquecido e palido sentimento patriotico. De tal modo era latente na alma catalã esse sentimento, mesmo que informado, que o sagaz mariscal francez Augereau, que em 1808 invadiu a Catalunha, proclamou em catalão que Napoleão não vinha em som de guerra, em som de conquista, mas sim para conceder a independencia á nação catalã. Infelizmente aos afrancesados de então escorraçavam-n'os por máus patriotas, e o feroz faccicismo catolico desviou a campanha da guerra peninsular; aqui, lançando-vos no vergonhoso absolutismo de D. João VI; ali, lançando-nos no vilipendioso absolutismo, de Fernando VII; máis, aqui e ali iniciando as cruentas luctas civis provocadas pelo miguelismo e o carlismo.

Data de 1833 a famosa *Ode á Patria*, de Aribau. Aquella bellissima instituição dos Jogos Floraes que os vates Jaume March e Lluís d'Aversó estabeleceram em Barcelona, em 1393, por encargo e sob a protecção de aquelle magnifico rei João I, o amador da gentilésa, como as cronicas o proclamam, foram restaurados com um louvavel intuito patriotico em 1859, fomentando-se assim o uso da lingua catalã, escripta. Hoje, a nossa literatura adquiriu uma grandesa soberana, e o idioma catalão, perseguido implacavelmente pela lingua official castelhana, conquistou a sua beligerancia mundial mercê do culto fervoroso dos nossos genios literarios e da divulgação jornalística. Em lingua catalã, que é a linguagem natural de perto de três milhões de cidadãos catalães, escrevem-se, alem dos dois importantes rotativos *El Poble Catalã* e *La Veu de Catalunya*, mais de cem diarios e periodicos politicos, literarios, artisticos, que acompanham o movimento autonomista. Essa revivescencia e recrudescencia do uso literario da lingua catalã, tem uma justificavel razão de defesa.

Foi no idioma, com efeito, onde a brutalidade do centralismo castelhano vibrou os golpes máis impiedosos: porque o idioma é o espirito invencivel das reivindicações patrias. Proscreevou-o da escola, atentando-se assim contra o principio fundamental da pedagogia que obriga a ensinar as creanças na lingua que falam; proscreevou-o dos tribunaes, negando o principio juridico e humano que obriga os juizes a administrarem justiça na lingua dos naturaes do paiz; proscreevou-o do leito do moribundo que não pôde testar na lingua e nas leis da sua terra.

Por isso o problema nacionalista catalão merece a simpatia dos povos livres e a sua retardada solução constitue um crime de lesa-humanidade. É doloroso confessar-se, mas é a fiel expressão da verdade: nós os catalães não temos, na Espanha, os mesmos direitos do que os castelhanos; estamos n'uma evidente inferioridade civil. E nós não queremos categorias politicas nem sócias entre os espanhoes; e posto que perante o fisco os catalães sejam considerados cidadãos de primeira ordem—contribuindo só a Catalunha em 70% no orçamento geral do Estado—tambem queremos manter a mesma categoria perante as leis e privilegios constitucionaes do reino, n'uma condição civil geral: visto como o ser catalão, não constitue inferior condição civil.

A' renascença literaria seguiu, na Catalunha, o movimento politico de protesto contra o centralismo castelhano, originando o regionalismo que francamente formulou as suas reivindicações particularistas cristalisadas mais tarde na acção catalunista genuina, improfieta, talvez, pelo predomínio que tem n'ella os elementos retardatarios e catolicos, mas que se vae canalizando para a limpida corrente nacionalista liberal que vem continuar o espirito tradicional do povo da Catalun-

na. Ao serviço d'esse nacionalismo liberal, que Valenti Almirall soube formular oportunamente, veio o critério federal que Pi y Margall definiu de modo magistral. E hoje, na Catalunha, o nacionalismo federalista constitue a escola política das nossas democracias, reassume as esperanças liberadoras dos catalães, e presta-belece a solução iberista á base do reconhecimento das entidades nacionaes historicas com valor e realidade social claramente emergindo da soberana vontade popular.

A Espanha, perante o movimento autonomista catalão argüe-nos de separatistas, de filibusteiros; amesquinha o nosso protesto reduzindo-o á covardia de querermos separar-nos d'ella violentamente. Não. Não é assim: nós não queremos sequer separar-nos da Espanha, porque isso seria livrar-nos da tirania do Estado centralista castelhanu para caírmos no centralismo francês suavissimo e enervante, ou germanico despotico. Queremos viver ao lado da Espanha como irmãos, que não somos hoje, pois nunca poderá haver amor entre o que franisa e o que é escravizado. E, ainda, no nosso ideal emancipador, queremos uma maior grandesa iberica.

Nunca aos nossos brados de justa reivindicação nacional respondeu amorosamente a Espanha. Foi sobranceira sempre a sua attitude, como em Flandres, como em Portugal, como em Cuba e Filipinas, porque teme revelar a sua debilidade real, se renuncia á sua aparente fortalésa externa. Ha tempos, tivemos por um momento, a esperanza de que as nossas reclamações seriam em parte atendidas. Foi por ocasião da viagem de Affonso XIII á Barcelona, a cidade liberal e republicana O rei foi ali com um ramo d'oliveira na mão. Para demonstrar a sua estima pela Catalunha e quanto tomava em consideração as suas reivindicações, até chegou a declarar que iria aprender catalão para melhor se identificar com elas. Mas, quando voltou a Madrid, esqueceu as suas promessas. Os reis, esquecem-nas sempre!

A opressão refinou. Na noite de 25 novembro de de 1905 — data memoravel, e tragica — a officialidade da guarnição militar de Barcelona, assaltou, á mão armada, as redacções dos jornaes catalanistas. Foi um acto de anarquia, de indisciplina, que ficou impune. Para coroar aquelle acto de bandoleirismo, o governo liberal, espanhol de Moret, acovardado perante a pressão militarista e palatina promulgou a infame Lei das Jurisdicções, só propria d'Estados autocratas e que Azcárate reputou a mais tiranica e iniqua das leis europeias. Com a lei das Jurisdicções baniiu-se a livre expressão do pensamento, entregando-se ao julgamento marcial todos os chamados delictos de opinião que o parcialissimo critério de qualquer auditor ou qualquer fiscal reputas-se offensivo para o exercito ou para o intangível patriotismo espanhol. Perante essa chicotada do poder, a Catalunha levantou-se em peso, acompanhando-a no seu protesto aquelle nobilissimo espirito de D. Nicoláu Salmeron, e, a Solidariedade Catalã fez-se. Em 20 de maio de 1906, mais de duzentos mil cidadãos percorreram as ruas de Barcelona, n'uma manifestação energica e assombrosa, dando ao mundo o exemplo mais frisante do civismo e da cultura do nosso povo. A Solidariedade Catalã era a expressão, a coincidência patriótica dos catalães, e revelava o absoluto divorcio entre a Catalunha e o Estado monarchico espanhol. Ao lançar-se á luta eleitoral, a Solidariedade Catalã conquistou a representação parlamentar plena da Catalunha. Era aquelle, um ameaçador, e forte movimento revolucionario.

Então os governos espanhóes compreenderam que era preciso proceder de outra forma. E assim lançou-se mão de um aventureiro codicioso e de talento, dotado dos mais incisivos predicados de *meneur du peuple* e possuindo uma grande-influencia proveniente da sua especial situação no partido republicano. Esse ho mem é Alexandre Lerroux, um audacioso agitador. Sendo o movimento autonomista catalão impulsado e dirigido pelo dimanismo cidadão era contra Barcelona que o golpe devia ser vibrado para melhor operar a confusão na democracia patriótica catalã. E, subvencionado pelo governo moretista, appareceu Lerroux em Barcelona iniciando uma campanha espanholista facilmente secundada pelo elemento burocratico barcelonês e que chegou a reunir os elementos dispersos das varias regiões espanholas que o franco e hospitaleiro cosmopolitismo de Barcelona tinha amorosamente congregado. Na grande urbe, o lerrouxismo tomou uma agressiva posição contra a politica catalã, e mesmo contra a politica republicana autonomista que Salmeron acudilha, e contra a organização operaria antes for-

tíssima e actuação catalanista. Nunca mais fiel aliado para os seus fins teve a monarquia espanhola.

Em breve, porém, lhe foi arrancada a máscara. Lerroux foi julgado como merecia e o lerrouxismo perderá a sua eficacia politica. Passam as ambições e as concupiscencias dos homens n'um cortejo odiento; degladiam-se as mais firmes agrupações sociais quando um nobre ideal as não consorcia; abatem as mais solidas organizações politicas quando se não fundamentam na verdade e na justiça... o que não passa nunca, é o patriotismo puro orvalhado pelo sentimento d'uma absoluta equidade social. E a Catalunha, a despeito de todos os seus inimigos, de dentro e de fóra, continuará no seu heroico protesto contra o centralismo brutal do Estado espanhol, tórpe e deshumano.

A nossa persistencia dar-nos-ha a liberdade na monarquia ou na republica; apesar de eu acreditar, hoje, n'uma razão que torna impossivel toda a concessão autonomista: na Espanha castelhana sacrificou-se tudo sempre á unidade catolico-monarquica. Servindo esse mesquinho ideal, perdeu-se o maior imperio colonial que ainda viram os seculos!

*Ribera, Novina*

## SONETO

Um dia fui pastor. Nas serranias  
Vi romper alvoradas a meu gosto,  
E sósinho, nas altas penedias,  
Bebi o Sol que trago no meu rosto.

Divino-irmão das coisas mais bravias,  
A Beleza em meu sangue, fogo-posto,  
La lavrando em mim as harmonias  
Que o Sol leva a cantar para o Sol-posto.

O' tardes da Montanha, ó meus cordeiros,  
O' meus brancos, meus doces companheiros,  
— Eu fito com Amor a vida antiga...

E trago nos meus olhos côr dos montes  
O luar que deslumbrava os horisontes  
Quando eu voltava lá da serra amiga.

Celorio de Basto—912.

*Antonio Mota Fernandes*

## ELEGIA D'ALMA

A Fernando Pessoa

Olhai-me bem... Fitai o meu olhar:  
—Noite negra com lágrimas a arder...  
—Fumos vivos que sobem a rezar  
Das raízes em fogo do meu sêr...

Olhai-me bem... Eu sou espectro exangue  
Onde ambição altiva fulge e arde...  
Como o azul da tarde  
Num poente de sangue.

Não sou carne vivente... Eu sou phantasma oculto  
Que o sol ofusca e a sombra faz brilhar,  
Sou uma voz que sonha e toma vulto  
Num corpo transitorio a expirar...

Eu sou Christo e Satan que, na Montanha,  
Vendo a Tristeza em tudo quanto existe...  
Convulsos choram em piedade estranha,  
E se confundem num abraço triste.

Sou uma sombra em vaga saudade  
De ter já sido heroico sol que assombra...  
Ou sou um sol heroico em soledade  
Que amargurado já prevê ser sombra.

Sou Ironia e Sonho... A Agua gira  
E abraça e beija a Luz sem na apagar...  
Meu coração doente é uma lyra  
Que um vento de loucura faz vibrar.

Eu sou Mephisto e Fausto num só ente,  
Que, por cavernas de calháus ou marne,  
Andam cumprindo irremissivelmente  
Esse fadario avérnico da Carne.

Sonho ser Rei... E a minha frente cinge  
Sagrado Orgulho humilde, a me esconder...  
Sonho ser Rei... Encarno Oedipo e Esphinge  
Na liga mysteriosa do meu sêr.

*Antonio Lobato*

## PHYTOGRAPHIA SELECTIOR

**E** geralmente conhecido que Felix Avelar Brotero iniciou a publicação dos seus notáveis estudos sobre a flora portuguesa com um primeiro fascículo da PHYTOGRAPHIA LUSITANIE SELECTIOR. Parece, porém, que o eminente botânico ficou muito desgostoso com as imperfeições tipográficas da obra, resolvendo suspender a continuação do trabalho de impressão e inutilizando, por fim, quantos exemplares lhe foi possível. Anos depois, em 1804, apareciam os dois volumes da sua FLORA LUSITANICA, unico tratado de conjunto até hoje concluído sobre a nossa vegetação continental, pelo qual grangeou universalmente, e para sempre, a reputação de um verdadeiro clássico na ciência das plantas. A publicação do seu primeiro trabalho descritivo, de uma execução material cara, pelas grandes e belas gravuras a buril, só a pôde empreender de novo muito mais tarde, mediante a protecção eficaz de António de Araujo, o célebre Conde da Barca. E não conseguiu ele concluí-la nunca, nem teve, mesmo, o prazer de ver impressa uma parte do 2.º tomo, que só veio a acabar-se apoz a morte de tão douto como abandonado autor. Convem esclarecer que Brotero, recomeçando a impressão da sua PHYTOGRAPHIA, refundiu completamente o fascículo primitivo, substituindo-lhe algumas das plantas descritas, alterando-lhe a ordem e modificando-lhe, por vezes, as respectivas diagnoses. Desta forma, o referido fascículo da estampagem inicial pouco ou quasi nada tem com a primeira parte do volume 1.º da obra a que ele mais tarde deu titulo semelhante.

Estes factos são demasiadamente sabidos; se me ocupo deles é, simplesmente, porque me parece útil recordá-los antes de tratar um pormenor que, sendo talvez insignificante em si mesmo, tem no entanto uma elevada importância pelas suas consequências sobre questões de recta nomenclatura botânica, a que por toda a parte se liga hoje uma consideração de maior. Quero referir-me a um erro na data adscrita ao primitivo fascículo 1.º da PHYTOGRAPHIA SELECTIOR por todos os livros estrangeiros que se occupam do assunto.

Brotero, quando no começo da FLORA LUSITANICA menciona os autores citados na obra, aponta esse fascículo com a data de publicação de 1801. Trata-se, sem dúvida alguma, de um erro tipográfico cuja revisão escapou, porque o referido fascículo, que tenho presente, traz marcado o ano de M.DCCC, como se pode ver na reprodução do seu frontispício aqui estampada, segundo redução fotográfica do próprio original. Este ano de 1800 é, tambem, o indicado por Inocência Francisco da Silva, no seu "Diccionario Bibliographico Portuguez".

No entanto, a falsa indicação de Brotero fez carreira lá fóra, porque Aug. De Candolle, no excelente trabalho bibliográfico inserto nos princípios do seu "Regni vegetabilis systema naturale", reproduz o erro, que se encontra repetido em outros autores modernos e contemporâneos.

Ora o resultado desta inexactidão tem sido o praticar-se alguns erros consideráveis de nomenclatura científica, embora sob o intuito, aliás irrepreensível, de se proceder correctamente, em respeito absoluto pelo princípio de prioridade, que hoje domina como lei.

E' assim que os nomes de algumas espécies botânicas descritas no mencionado fascículo, como novas, se acham hoje substituídos por outros, que menos acertadamente se julgam mais antigos. Tais são: *Viola lusitânica* Brot., mudado em *V. lactea* Sm.; *Centáurea tagana* Brot., preterido às vezes por *C. simplex* Cav. (1801); *Pimpinella bubonoides* Brot. substituído por *P. villosa* Schousb.; *Lotus conimbricensis* Brot., mudado em *L. coimbrensis* Willd.

Ora a verdade é que não há razão para se dar preferência aos binomes adoptados hoje pelos rigoristas, visto que os do nosso eminente botânico ou são mais antigos que aqueles, ou foram creados no mesmo ano, mas com a vantagem, que os torna particularmente válidos, de virem a lume acompanhados de boas estampas e de diagnoses latinas extensas. Cumpre restabelece-los, pois, como é de justiça, em todas as obras que se referirem ás plantas por elles designadas.

O fascículo em questão é coisa extremamente rara e, por isso mesmo, preciosa. O único exemplar que conheço pertence ao gabinete de botânica da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, onde existe há muitos anos, por oferecimento do sábio professor da cadeira de botânica Barão de Castelo de Paiva. O valor scientifico de tal infolio não se pode deixar de considerar como capital.

PHYTOGRAPHIA  
LUSITANIAE SELECTIOR.

\*\*\*

NOVARUM ET ALIARUM MINUS COGNITARUM STIRPIUM,

QUAE IN LUSITANIA SPONTE VENIUNT,

DESCRIPTIOES.

FASCIC. I.<sup>us</sup>

AUCTORE

FELICE AVELLAR BROTERO.

D. M. AC. PH., BOTAN. ET AGRICOL. IN ACAD. COMIT. PROF. MORTI REG.  
GASIMIL. PRAEY. SOCIET. LENS. LISBOANENSIS, ETC. SOCIALI.

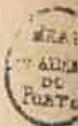


OLISSIPONE,

TYPOGRAPHIA DOMUS CHALCOGRAPHICAE, TYPOPLASTICAE, AC LITTERARIAE  
AD ARCAM CASCI.

MDCCL.

Cum facultate S. B. Cels.



porque Brotero, entre outras plantas mal conhecidas que representa e descreve minuciosamente, aí insere as dignoses de muitas especies novas, das quais conservam ainda a seu nome o *Anthoxanthrum amarum* Brot., a *Stipa arenária* Brot., a *Campánula primulafolia* Brot., a *Campánula Læflingii* Brot., a *Anthemsi fuscata* Brot., o *Linum setáceum* Brot., a *Brassica sabulária* Brot., a *Genista falcata* Brot., a *Genista triacanthos* Brot., o *Astrágalus cymbæcarpos* Brot. e a *Arenária conimbricensis* Brot.

Vem a propósito lembrar aos nossos bibliógrafos o enorme benefício que prestariam à sciência com a investigação das datas precisas de impressão das diferentes folhas da PHYTOGRAPHIA de Brotero. E' possível que nos arquivos da Imprensa Nacional se encontrem documentos séguros para se levar a cabo essa investigação, o que, a obter-se, desfaria talvez alguns outros erros de nomenclatura e restabeleceria para a sciência os direitos de prioridade de alguns binomes creados pelo nosso grande e venerando mestre.

Pôrto, 31 de julho de 1912.

Gonçalo Sampaio



## O Ensino Secundário da Matemática



**C**aminho seguido pelos matemáticos foi da intuição pura para uma racionalização que atingiu o seu mais alto grau com as geometrias antieucledianas e com os números antiarquimedianos etc. Este caminho é bem vizível através da história.

A Pedagogia foi aproveitando sempre as últimas conseqüências lógicas e, apresentando-as logo, como se as necessidades dos novos estudantes fossem as mesmas que as dos sábios, caiu num erro que todos conhecem e se revela na repugnância que a maior parte dos estudantes teem por estes estudos. Pretendendo evitar este defeito caiu-se noutro não menos grave que foi o de tornar a matemática uma ciência prática no significado menos científico que por ventura tenha este termo. Assim começou-se a ensinar a álgebra, a alunos cuja preparação não era a daqueles para quem os livros (e mesmo os professores) tinham sido preparados.

Todo o professor que tenha leccionado estudantes do curso complementar de ciências, tem visto a repugnância com que os alunos recebem as demonstrações daquilo que elles já *sabiam praticamente*. As mais das vezes caem (se o professor é exigente) <sup>(1)</sup> num estudo sem sentido para elles e abandonam-se completamente ao que elles passam a chamar "exquisitezes dos matemáticos".

Podé alguém querer concluir do que fica escrito que eu julgo indispensável uma racionalização constante desde os primeiros anos. E assim é. Mas não se julgue que a exposição deve ser feita pelas exigências lógicas do professor. Não. Deve admitir-se muita coisa nos primeiros anos e seguir-se sempre o método matemático, o que é possível como o demonstra C. Laisant na "Imitation Mathématique".

O aluno habituado a regras a propósito de tudo, muitas das quais são a repetição de propriedades simples das operações, nunca pode atingir o valôr do método e portanto do rigor matemático.

Eu desejaría, pois, que num futuro programa para o ensino secundário da matemática se atendesse em especial ao espirito desta ciência antes que acumular na cabeça do aluno um sem número de regras que, para elle, apenas serve para fazer exame. Queria que a geometria fosse exposta, não segundo os postulados clássicos, mas segundo um maior número de postulados que apenas a intuição garantiria e que, com o desenvolvimento intelectual do aluno, se fossem eliminando. Queria que as operações aritméticas fossem, desde o princípio dadas racionalmente, garantidas, não pelas pro-

priedades do número inteiro, mas ainda pela intuição, vinda de mil exemplos conhecidos dos alunos.

Incluiria logo nos primeiros anos o estudo e prática dos logaritmos, cuja garantia estava na rapidez e comodidade das operações. Todos sabem que, do modo como elles vão sendo dados, apenas servem para satisfazer os professores no exame; e a maneira teórica como são apresentados, não dão ao estudante garantia alguma da sua utilidade. A prova é que nós vemos o estudante evitar tanto quanto possível a sua prática. As tábuas não são um instrumento útil para aproveitar o tempo, mas uma massada cuja *teoria* é muito difficil.

Ora se elas fossem aproveitadas desde os primeiros anos, nem a sua teoria seria, para o aluno, arbitraria, mas requerida, visto já conhecer a sua utilidade.

E' o que se dá com as operações da arimética. A extracção da raiz quadrada, por exemplo, oferece grandes difficuldades teóricas e no entretanto ninguem pensou, julgo eu, em abolir esta parte do programa da primeira classe. E a extracção de lagaritmos é duma larga applicação e de mais cômoda prática.

Fórmulas simples que fazem parte já do programa da segunda classe podiam ser dadas já adaptadas ao cálculo logaritmico e pres-tavam-se a um sem número de exercicios de utilidade immediata para se não continuar com exercicios de pura abstracção sempre desagradáveis para espiritos que ainda estão muito perto da realidade.

Eu creio que ao professor compete nestas classes um papel importantíssimo que consiste principalmente em não perverter as tendências naturais do aluno, apresentando a todos, como se faz geralmente, a mesma solução e em geral aquella que menos convêm, quero dizer a fornecida pela análise.

Nestas classes a regra deve ser feita por cada aluno e para cada aluno, porque só desta maneira se consegue que ela tenha sentido.

A geometria, sendo de mais fácil intuição deve illustrar, sempre que seja possível, as operações e raciocínios tanto da arimética como da álgebra. E note-se que isso não é só útil para a compreensão destas partes da matemática, visto que deste modo nós completamos as noções geométricas muitas vezes, e até nos poderá servir para mais tarde fazermos a redução dos postulados.

*Augusto Martins*



ÁRVORES DE PORTUGAL  
Pé de carvalho

(De Cervantes de Haro)

## OS COVAS



**Q**uasi toda a santa alma se torce sob uma inveja coruscante ao ver os Covas, o casal Covas, que arribou á minha ingenua villota ha cerca de quatro annos: elle, Ricardo, uma columna virente, de cara sempre alegre como um sol d'estio,—um titan no seu officio de ferreiro; ella, Violante, uma suavidade turbadora de linhas e curvas, que a argucia do seu antigo viver de perdida bafejou prodigamente com uma galanteria artistica.

Mas, porque será esta inveja? Por serem felizes, como parece demonstrarem pela forte floração de risos que brota sempre de ambos, por aquellas jovialidades que só as bocas dos bem acolhidos do Senhor sabem exprimir?

A falar a verdade, não o sabemos, e cuidamos que, indefectivamente, só o saberá a snr.<sup>a</sup> Thereza da Porta.

A snr.<sup>a</sup> Thereza da Porta, os senhores sabem, é um thesouro para os cavadores d'esmerilhções, de chronicas, das lindas cousas do passar de cada um. Oh! ou não tivesse ella tido aqui, depois em Guimarães, a aclarante lida de alcaiota.

E, nem d'encomenda, ali a temos, recolhida e benta, a cochichar no seu rosario. Ora falemos-lhe.

—Bôas tardes snr.<sup>a</sup> Thereza. Uma palavrinha, faz favor.

—Diga, diga, que eu vou com muita pressa prá novena!— grita brandindo os punhos e sem desandar para cá o resplendor que fórma o lenço de bretanha na sua fronte amarfanhada e florida de chagas.

—Era sobre os Covas... Mas, deste geito, não poderá ser. Tenha paciencia, que a vida não é para arrelias.

—Elle sempre ha massadores!...—faz, encolhendo as iras.

E depois, rebolando os olhos e com a ronha de respeitar arcanos:

—Ai, sobre esses dous anjos sempre ha cousas a contar!... Mas de mim, sabe? não as saberá.

—Ora! Diga. E principie por essa historia de toda a gente os invejar, lhes ter como que um odio abafado.

Ella, então, começa:

—Pois não conhece a razão disso?

E' simples. E' por serem ambos umas perfeições de creaturas, gastarem do bom e do melhor, não terem nunca cara de tristes. Veja que arrecua d'invejosos!

—Oh!... É que cousas são aquellas?

—Muitas, muitas... Comtudo, como estou com a pressa que sabe, só lhe direi por agora—e por signal que é a primeira vez que o faço—que elles não são mais os felizes de outros tempos, apesar de se amostrarem sempre alegrinhos: Principalmente o Ricardo. Coitado, sofre os seus espinhos bem agudos, soffre, e ha bastante tempo. Mas soffre-os como um valente, sim senhor! encobrinho a dor com o seu ar d'eterno satisfeito. Succede-lhe isso quando olha pr'ó caminho que Violante percorreu até ao dia de ser sua inteiramente. E veja como são as cousas. Esse caminho foi bem macio p'ra mim: pena foi, ai, que aquella linda não demorasse mais tempo nelle... Mas, até logo. Vou-me prá igreja, que são horas.

Para que havia de dar a esta alma piedosa: esconder por tam longo tempo, como cremos, essa nota soffredora do ferreiro Ricardo!

Deixámo-la, entretanto, ir com a Virgem; e dias depois, antes de procurar ouvi-la de novo, viemos a saber melhor das afflicções do Ricardo. Passamos a conhecer outros pontos da sua vida. E ficamos firmes em, daqui em deante, lhe espreitar o resto dos passos que der.

O caminho que Violante pisou antes de ser sua?... Como se lhe abria amplamente ao esbarrar com o vulto negregado de Thereza da Porta! Oh! e que grande castigo, esse, de vir encontrar aqui tal abantasma. Vir encontra-la assim longe de Guimarães, da sua antiga Subura, do sujo alcoice em que teve jungida a um mercadejo rendoso a carne primaveral de Violante!

Era o corvo—bem o presentira ao começo, melhor o via no momento—a rondar a presa que lhe havia fugido, a aguçar as garras para, na primeira queda de dignidade matrimonial, lh'as cravar mais uma vez. E afinal essa Thereza da Porta fazia-lhe tal perseguição unicamente por vingança. Não explorava mais o conventillo! Mas vingava-se, por elle lhe haver arrancado Violante, por haver feito baixar o lucro do seu proxenitismo.

Ricardo tinha agora isso a ferroa-lo, a vasar-lhe amargor.

Entretanto, d'antes sentira-se tam feliz! D'antes, quando se juntaram e, por fim, sob um esbrazamento d'inebriados, se enlaçaram no altar,—elle não tivera nenhuma agonia, o menor sobresalto, nunca se lembrara do que havia sido Violante. Ella era, ao tempo, uma immaculada, de regaço de açucenas e seio de rosa; era aquella imagem que lhe dava o illusionismo de, possuindo-a, se julgar o uno dos mortaes, ou o vulcano triunfador que acabava de fundir, ao perpassar das centelhas da paixão, uma vida para todo o sempre ditosa. Queria lá saber do mais!...

Só depois é que chegaram os contratempos.

Começaram a verruma-lo, lá em Guimarães, os epigrammas vis de alguns vagos. A seguir, ajujavam-no, estuantes como metaes em ebulição, os sarcasmos dos fulanos que o viam a passear com ella, a sua amada, dos que haviam fruido do amor daquella tanagra de alto coroplasta.

Que fazer para se livrar desses anavalladores da sua felicidade? Fugiria de lá.

Mas tinha um emprego tam bom, tam bellamente pago... E os amigos? Tinha-os tam sinceros... E o apêgo á terra onde estava desde garotito, desde a manhan em que o pae, tambem ferreiro, o trouxe da sua alcantilada terrejola, para o officio?... Privar-se de tudo isso seria torturante, para, no entanto, a sua retirada não passar da de um sandeu!

Porém, a vergonha invade-o de subito inquisitorialmente, já se considera com o nome enodado. Oh! e assim conspurcado, não tinha nem o direito d'encarar-a luz do dia. Demais, a torpeza de Thereza da Porta passara a urdir, afim de, com muito ouro, arrepanhar de novo Violante.

Era a ruína a trepar ao seu apice, uma arma a tenta-lo... Logo, não havia outro remedio, retirava-se.

Arranjara antes, facilmente, uma collocação (tambem melhor official não havia, a sua fama rebaoava até outras provincias) e veio depois para aqui. Fugiu para esta terra onde, pensava, nunca chegaria a lobrigar, nem delle nem de Violante, uma unica cara conhecida lá de Guimarães; uma terra que lhes exhibiria a ambos, eternamente, arcarias de céu de turqueza e de rosetas d'ouro por sobre a sua nova casa simples, de em volta, como um lago de legenda, com a mais subtil paz terrena.

Senão quando, chegara aquella miseravel da Thereza. Eis a desmanchar-se-lhe, em um relampago, essa miragem.

Queria dizer que, fugindo para um paraiso, fugindo para que o não trespassassem mais as picuinhas e a vergonha, a sua agonia passava a ser maior. Todos viriam a saber logo o passado de sua mulher. Se a terra era tam pequena e se corria por ella, faticamente, o remigio d'aquella aza negra!... Era maior, portanto, esse martirio, apesar de querer afoga-lo entre os prazeres do seu trabalho alacre, ou confundi-lo com passeiadas sob céos esplendentes e lentejoiadas de sensações immediatas. Era maior do que nunca, porque então, corria a dissecar á sua alma morbida, com tortura de louco e baixaza de degenerado a antiga vida de Violante e a stigmatizar a degradação de certos passos dessa vida.

Aqui está elle nesta nevrose. Pelas alturas de vir a conhece-la, é o barão do Carregal, um pandorga de fazer afugentar, quem a tem de amante. E como se lhe havia ella entregado a ponto de elle chegar ao desvario impudente de a receber, á noute, emquanto a mulher e os filhos dormiam, no seu proprio solar—aquelle solar de tradições impollutas para os seus maiores! Após, está com aquelle caixeiro-viajante, o Redondelia, o maior excêntrico da libertingem, aquelle las-

carino que, precedendo-a descaradamente em um passeio ao Porto, a larga, devido a subitas commodidades financeiras, em uma hospedaria pelintra de lá. Depois, agarra-se-lhe tenazmente ás saias um chichibéo, todo alcachinado das borgas, e que queria te-la á viva força como sua. E antes, então... Eh, que nojo! Nem havia numero para contar os que a conheceram!

E levava o ciclope a denegrir-se sempre nessa lama, até que o vemos transformar-se, surgir, como por encanto, com uma generosidade christian.

Nada de desmudar mais as miserias passadas da peccadora. Nada de preoccupações com cousas que desrespeitam o culto que merece a Magda regenerada. Era deixar tudo isso; e as bocas sagradas, a Thereza da Porta á frente, que bradassem, que falseassem á vontade. E se o vissem em uma quietude arreliante, que se mordessem de raiva.

Era casado com uma mulher...? Que tinha lá isso! Elle devia mostrar, com a clareza das aguas batidas, a sua velha tempera de vulcano inquebrantavel. Não tinha nada com os outros, com a rotina. Tinha a sua vestal a illuminar-lhe bem a consciencia. Só via, por isso, a obrigação de ser constante á mulher que lhe alimentava a flamma do amor e devotado á forja e á bigorna que lhe davam o pedaço de pão.

De resto, Violante, depois de ser esposa, é a companheira ideal. Toda se lhe devota, sem espalhaço, suavemente. Levanta-se todos os dias de madrugada—ella que, outr'ora, só o fazia quando o sol escaldava nos telhados—e lá lhe amanha um caldo encorajador antes de elle ir, pelo frio cortante, para a officina. Trata do tecto com uma deligencia desenvolta—ella que sempre mostrara engonha em todo o serviço—e ali lhe fornece um ambito de delicias, de conforto nunca sonhado. Vesté com uma simpleza de madonna. Quasi não sabe. Não se diverte... Que mais quer elle della?

E Ricardo alberga tudo isso com uma luminosidade carinhosa, porque sente que isso é que representa a verdade, a verdade a desvia-lo do lacanhial em que esteve para se afundar parolamente.

Mas, tam bella irradiação, com tam logico raciocinio, dura apenas o tempo de uns clarões de maravilhas. Oh! e os seus obsessores voltam em um instante.

E voltam de tal fórma que elle decahe logo, abruptamente, em tudo. Até na officina, onde fôra sempre o heroico e o impeccavel, tem esmorecimentos d'inhabil, falhas de aprendiz, parecendo um lapuz descido hontem das serras. No mais, é o mesmo decahir. A sua passagem para casa, ao recolher, fôra sempre uma rota de boas chalaças e agora, de tam esgueirica e triste, parece uma fuga de degradado. No lar nunca mostrara asperezas, era um colosso sem arestas. Hoje?

Oh, o que elle é! Violante, apesar da sua cegueira amorosa, que o explique.

—Todavia, ella não sabe a origem desses contrastes.

—Que tens, Ricardo? Dize-me a tua dor, essa dor que está a levar-te p'ra cova. Serei eu a culpada... Acaso serei a causadora dessa mortificação que te não larga, que te faz ver em tudo vergonhas, escarneos?...

Constantemente o interroga assim, porém sem resultado. Elle limita-se a, como resposta, lhe fixar as brazas dos seus olhos crepitanes, a lh'as applicar até se cobrirem de cinza e até ficar absorto, insensivel, como se de subito o tolhesse uma ankilose radical.

Leva muito tempo, neste desasocego, sempre porém confiante no amor do marido. Até que sabe que elle a desama, que a repelle instinctivamente. Por que será? Por causa de outra mulher... Não! Sempre lhe espreitara as voltas e nunca vira outra a tentar sequer roubar-lh'o. Neste caso, é...

Nunca o sabe. Entretanto continua a ama-lo. Natural. E' o unico homem a quem deve veneração na terra! Que sacrificios não lhe tem elle feito!

Por isso não se poupa para o reerguer, para lhe inocular uma vida inteiramente nova.

Mas nada consegue. Não existe mais o brio no homem.

E dahi, elle cáe na lerdeza dos tunantes e pax vobis d'esquina, na passividade dos imbecis, no desdouro dos beberrões, a ponto de ella se ver como que obrigada a lhe retirar o amor e a se enojar—tambem era de mais—da sua purceria.

Para remate do destroço, elle perde, uma tarde, os braços na officina. Foi pouco antes de despegar o serviço, do serviço a que então, para desfazio ou

quando faltava a brôa, só de longe a longe comparecia. Estava a servir de chegador (como havia descido um primeiro official!), quando o companheiro, com quem tinha o seu teiró, lhe deixa resvallar o martellão sobre os punhos. A pancada não podia ser mais terrível, as mãos ficaram completamente trituradas, para ali em um esfacelo lastimoso.

Esta nova desgraça do marido abalou-a um tanto. Afinal, era bem desgraçado! Era preciso passar a trata-lo o melhor possível. Era mesmo uma obra de caridade.

Elle assim invalido, só ella é quem tem de trabalhar. E trabalha: primeiro, enquanto tem o reflexo casto do lar, na officina da costureira Ermelinda; depois... era muito mais commodo e lucrativo, em casa da Thereza da Porta, que, com'assim, não quiz acabar com os ossos sem tornar a ser ali proxeneta.

Nisto, o aniquilado tem o piéguismo de amar outra vez a esposa. Pois ella trata-o tam attentosamente! Na occasião é que notava o quanto é sua amiga. E desconfiar elle da sua fidelidade... ter medo, como o teve antes de se aviltar, de que ella lhe fugisse, de que lh'a tomasse a Thereza da Porta... A Thereza era uma santa... Oh, como tudo isso fôra baixo!... E fôra certamente devido a essa sua injustiça que tivera o merecido castigo de ficar sem as mãos!

Deixa-se ir nesse andar. Cuida que Violante se sacrifica, que trabalha mais do que lh'o permitem as forças.

E, sob esta idéia de a julgar em trabalho demasiado, de a ver fatigar-se desta fórma para elle viver como um malandro, se revolta, se anathematiza furiosamente. Ella, uma camélia a ter-se como que coagida a sustenta-lo... Podia lá ser! Procuraria qualquer occupação e, se a não arranjasse, se ninguem quizesse o maneta, iria esmolar!

Mas a mulher, sciente de que elle tem o costume de falar só, selecciona a miúdo a occasião de o suprehender nesse monologo afim de, com o seu azebre de corrupta, lh'o fazer dirimir em covardias, e elle ter de se lançar, irremediavelmente, á resignação dos derrotados. Assim lhe conyinha para o não ter á espreita.

— Olha, Ricardo, é escusado; tu não pôdes mais trabalhar. E então isso d'ires pedir esmola... Nunca o consentirei! Não me tens a mim p'ra trabalhar e p'ro ganhar honradamente? Eu tenho esse dever desde o dia em que ficaste sem mãos. O dever, ouves? A mulher, em um caso destes, faz as vezes do homem.

Entretanto, elle não tarda a saber que a esposa não cose mais na officina, que não tem mais a lida honesta, que passou a frequentar a casa de Thereza da Porta... Seria verdadeira, e estaria bem informada, a pessoa que lh'o disse?

Quer falar a respeito á mulher, a esse ora anjo ora demonio, quer saber da realidade, embora essa realidade lhe venha quebrar o ultimo encanto, venha feri-lo lethalmente. Violante, todavia, sempre com desvios estudados, não lh'a revela, desco-se em rodeios embahidores, atira-se ás invejosas, essas linguas putridas que levam só a querer manchar as honras limpas como a sua.

Deante disto hesita muitos dias, monotono como um pendulo: "Estará mesmo culpada... estará?". Finalmente, como o seu amor renascido o céga, convence-se de que Violante, a linda esposa, continua, sem nodoa, a trabalhar na officina. E fica tam enlevado, que ao seu cerebro nem é dado pensar que a honestidade dela claudique á mais violenta rajada de seducção, que aqueles olhos da grandeza de estrelas pequem no minimo fulgor.

De certo. Nunca sahia. Não sabia de novidades, nem mesmo consentia que lh'as levassem...

E' o seu grande sonho aquele de pensar que ella é immaculada, uma poça de virtudes. Sonho que o faz passar os dias, entre as paredes do seu quarto, sem a lembrança do mundo, sem saudades das suas tentações. A única cousa de que tinha saudades, e pela qual derramava a miude, intimamente, lagrimas sufocantes, era a officina. Mas essa era do mundo dos seus affectos...

Ah! aquele telheiro imenso, caudaloso como uma serpente; ah! como fervilhonava, como fremia á semelhança de mar, como entontecia com alegrias sans os que labutavam no seu ventre!...

E' que já o não julga, como nos seus ultimos tempos de trabalho — de trabalho semeiado em tibiezas e nevrose, uma caverna de desterrados, perpetua destruidora d'existencias, sem luz, acachapada e asfixiante. Aquella caverna de guelias d'inferno a vomitarem um fogo perenne, de sugar o sangue e pergantinhar a

pelle; de bigornas a entaiparem em um apice os ouvidos com a sua sonancia insistente; de martellos que fazem vergar os mais erectos bustos; de cargas de ferro que amassam o deltoide dos miserandos *ferrugens* no mesmo dia em que se iniciam no seu transporte incessante.

Nesta hora a officina apresenta-se-lhe como um recanto celestial, com deslumbramentos magicos nas suas labaredas, toadas sonoras nos seus martinets e pilões, com fornos cujos seios rubros, ao serem espicaçados pelo espetão, têm reverberos de fazerem emeninecer os corações murchos de fantasias.

Violante, entanto, como elle não sáe e leva para ali a um canto, feito um estropalho, prosegue a mercadejar o seu amor em casa de Thereza da Porta, andando quando calha, pelas ruas de maior voga da terra.

Até que, já de todo deslavada, passa a faze-lo em sua propria casa, em um quarto pegado áquele em que o pobre está emparedado.

Ricardo descobre-o logo á primeira entrevista. A mulher vem da rua, pelas horas do sol a escaldar: sóbe a escada de mauso e de modo a não baterem as solas dos seus sapatos; atravessa o corredor ainda com maior precaução, em bicos de pés; e, pousando a mão, com a leveza de um diptero, sobre a chave da porta delle, corre, por fóra, a lingueta. Volta á escada, ainda com tenuidade, e, ao topo, chama: "Thiago, ó amor, sóbe!". E um corpo mastodontico faz ranger, sob uma impressão de aluimento, os degrãos da madeira carunchosa. Por fim, ouve um beijo, dous, uma revoadá de beijos.

Como o invalido soffreu. Oh, ser assim ultrajado!...

Mas elle era quem tinha a culpa. Pois era accetivel, decente, viver á custa de uma meretriz, amar uma meretriz, ser casado com uma meretriz?! Esta objecção nem um refinado chulo, desses cuja raçaga de vida é toda lardeada de monstrosidades, seria capaz de praticar! Depois, tivera tempo de sobra para evitar esse ultraje. Porque razão não fugiu ao lhe dizerem que ella não tinha mais a vida honesta de costureira? Não acreditára... deixára-se levar pelas cantigas della, sonhára... e prompto!

E, que palerma, só agora notava que Thereza da Porta nunca deixára de o seguir! E ella, mudamente, feita toupeira, a surripiar-lhe os ultimos ecos de felicidade!... Porque para elle, havia sido essa megéra quem enlanceou mais uma vez Violante. Nem mais nem menos. Eis o milhafre que tanto havia notado em tempo, mas que esquecera em dado momento, a cravar afinal as garras na ave que lhe havia fugido!

E Ricardo, o antigo vulcano, o vulcano que a todes alumbrara com o seu entono de forte, de victorioso, — geme, enovela-se, arpepela o ensilvado cardo dos seus cabellos, semi-cerra os olhos com a intensidade dolorosa de quem abomina toda uma existencia, esfumaça a mascara do maior dos travores.

Comtudo, depois, — pobre diabo! — não se contorce nelle senão o pusillanime, não lhe lateja umá estria que o possa desalojar daquele infortunio ignominioso.

A adúltera nota, no mesmo dia, que o marido havia dado pela entrevista e então, receosa, não dorme lá.

E, todavia, podia te-lo fetio, porque, quando ella lhe disse aquella mentira: "Não me esperes hoje, que tenho serão até tarde", elle estava calmo, sem o minimo vestigio de tentar desforço, sem o desejo sequer, pelo visto, de a acrimoniar com rossas!

"Ai elle é isso... — volta ella então. Elle faz ouvidos moucos? Pois não ha nota, continuarão lá os encontros, a rica vidinha! Que, ao cabo, isso de ter d'ir todos os dias tam longe, a casa da sr.<sup>a</sup> Thereza, é uma arelia bem fina.."

E logo no dia seguinte tem outra entrevista. Quer mostrar que cumpre aquillo sem o menor receio. Oh! e assim o demonstrou, aticando um cambiante denso da sua desfaçatez.

Sóbe á vontade com o homem, — um santarrão casado que a tinha de olho de vespera — encarreira-o pela saleta sem lhe recommendar que annulle o rumor dos passos e, a conversar alto, a derreter-se em uma desenvoltura de ciosa entra mais elle no quarto.

Ricardo, que está no seu buraco, onde aliás, por uma teimosia de lapuz, está quasi sempre, observa tudo, trémulo, perplexo, horrorisado com tanta vileza, succumbido com tamanho opprobrio. Mas, mal ouve os dous fecharem a porta, estoura:

—É de mais! Não posso continuar a aturar-te, ó cabra, ó maior das desavergonhadas!

Torvo assim — os olhos em agudez de punhaes, os dentes cerrados, o masseter a moldar-se sobre o preguendo do mento — corre para a sua porta, desanda a caravelha com os tocos dos seus miseros braços mutilados e, como um acochado d'esconderijo, chega ao tapigo que resguarda a mulher e o outro.

Estes, quando o ouvem, saem de roldão, fogem covardemente. Não obstante, avança, persegue-os naquelle desvairamento, a boca a amassar um odio de morte e a deixa-lhe escorrer, em fios de baba, pelos cantos premidos.

Mas, que poderá fazer-lhes? Elles já desceram a escada... já estão na rua..

Então, retido o seu avanço, grita do patamar:

— Ó canalhas! Se eu vos apanho!...

Os dous atiram-lhe facecias, já de longe, e elle, no sublime da colera:

— Ai, vós rides? Ai, vós ainda escarniçais por cima?... E olhem tambem a rir acolá a Thereza da Porta... Já cá faltavas, abutre! Logo vi que havias de ser implacavel commigo até á ultima!... Mas não ha duvida, esperem todos ali, esperem, mostrengos, que eu vos escacarei os miolos!

E o mutilado, sob a hipnose da vingança, bota os pés na escada a pique e sem corrimão e, precipitado, perde alguns degrãos, rola, rebenta a cabeça em umas pedras do chão, enquanto, que, lá a perder de vista, se amortecem as ultimas gargalhadas dos tres.

*Costa e Silva*

## ARCO-IRIS

Todo o dia choveu — mas escampara  
e o céu ficou de uma belleza rara:  
por sobre a aldeia, azul; sobre a montanha  
nuvens expessas, de apparencia extranha  
toldavam-lhe o cariz, e enovelladas  
algumas, muito brancas; roxeadas,  
escuras e cinzentas, outras; fundas,  
severas e sombrias, iracundas  
tinham todas no bojo colossal  
a ameaça de um rijo temporal.

A crista do Marão, ao longe parecia,  
no esbatido fugaz da altiva serraania,  
a cerviz d'um Titan, espadaúdo e forte,  
pisando sobre a terra e a servir de suporte  
aquella maravilha artistica e divina,

epopeia de luz esculpida em neblina  
pelo genio talvez e pela mão de Oziris.

De repente, no céu, formou-se o Arco-Iris.

E sobre a mancha extensa, avelludada e turva  
das nuvens triumphaes, a colorida curva  
dava a doce impressão de um lucido sorriso  
pondo a ruga gentil de um transparente friso  
na carranca infernal de um monstro gigantesco.

O dorso da Gralheira, asperrimo e dantesco,  
apertado no verde escuro dos pinheiros,  
como em cota de malha o corpo dos guerreiros,  
ao receber o vinco avermelhado e largo  
tinha a rude feição de um gigante em lethargo,  
quando cae com a fronte energica e bizarra  
ferida por um golpe hostile de cimitarra.

As nuvens novellando os nimbos sobre o monte  
tomam a forma audaz do grupo de Lacoonte.  
Parece o arco, então, a terrivel serpente  
apertando os anneis de ferro incandescente  
ao corpo dos heróes que o genio mantuano  
eternizou no verso altivo e soberano.

Ensina a tradicção que o Arco da alliança  
surgiu no azul do céu no dia de bonança  
em que a Arca parou, cheio de vida e fé,  
levando, como um sonho, a alma de Noé  
ao cume do Ararat; lançou-o Deus no espaço  
como um penhor leal, como um divino abraço.

E as nuvens, ao soprar das doces virações  
e aos caprichos sem fim das lentas mutações  
tomavam pouco a pouco a forma de uma barca  
como aquella em que andou o antigo patriarcha.

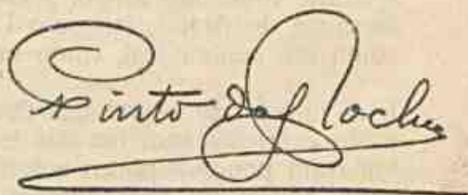
Sobre a montanha adusta e sobre o céu tão torvo  
quedou-se o meu olhar a vêr se o velho corvo  
desprenderia o vôo a rumo do infinito;  
se das azas da pomba o tataral bemdito  
iria pelo espaço, em busca da oliveira;  
se a biblica figura austera e sobranceira  
que as aguas do Diluvio aos céos alevantaram  
desceria a plantar as vinhas que medraram  
e em sagrado licor a Igreja converteu  
quando o primeiro altar á Cruz de Deus ergueu.

Passando sobre a aldeia a linha luminosa  
nas montanhas assenta a curva graciosa  
e aos meus olhos assim parece que se envasa  
num enorme açafate um semi círculo em asa  
coberto de setim em lucidas volutas  
e a trasbordar de luz, de flores e de fructas.

Passa junto de mim um lavrador curvado  
pela néve das cans dos dias do passado;  
e ao vêr ao fim da tarde o anel que o Sol encrusta  
na esphera triumphal da vastidão augusta,  
encantado estacou junto ao muro da quella,  
fitando o olhar sem luz na luz do Arco da Velha,  
feliz de vêr ainda ao termo da existencia  
no fundo da sua alma a mesma transparencia,  
um iris semelhante áquelle que esmaltava  
o cobalto do Céu quando o dia expirava  
na dor crepuscular, nostalgica e convulsa  
que crepita na luz e que nas seivas pulsa.

Depois desfaz-se a curva e esbatendo-se as côres,  
espalham-se tambem os tumidos vapores;  
de novo o azul se tolda e a espessura de um véo  
extenso e negro encobre o azul de todo o céu;  
a chuva recomeça e outra vez a tristeza  
da mesma dôr profunda envolve a natureza.

Canavezes, Novembro, 1911.



## BIBLIOGRAFIA

### *Publicações recebidas:*

- \*Nova Sapho. — Tragédia extranha — Visconde de Vila-Moura.
- \*A Escarpa. — Tragédia moderna — Almáquio Diniz.
- \*Ritmos do Amor e do Silêncio. — Nobre de Melo.
- \*Estrelas que se apagaram. — Jerónimo de Almeida.
- \*Eu. — Augusto dos Anjos — Rio de Janeiro.

## A RENASCENÇA PORTUGUESA

### e o ensino da História Pátria



**3 de** Maio de 1911, na Sorbonne, e sob os auspícios da Sociedade das Excavações Arqueológicas, M.<sup>me</sup> Jane Dieulafoy realizou uma conferência subordinada ao título—*Le Portugal Héroïque*. Essa conferência foi publicada este ano e ainda ha pouco tempo, tendo-me chegado ás mãos um exemplar por obsequiosa cedência do escultôr Teixeira Lopes, que o deve a uma oferta da autôra.

*Le Portugal Héroïque* de M.<sup>me</sup> Dieulafoy não é bem o *Portugal à vol d'oiseau* da princeza Rattazzi. A autôra procura até ser-nos agradável destrelando Portugal com lugares comuns à Tomáz Ribeiro e dissertando longa e encomiasticamente sobre a nossa história. Se abrimos no entanto este artigo falando dessa conferência não é por esse facto, mas sim pelo que vale como documentação dum dos nossos maiores males—o estrangeirismo, desvirtuador da nossa individualidade nacional.

O Poeta Teixeira de Pascoais ainda ha pouco dizia na sua conferência—*O Espirito Lusitano ou o Saudosismo*: "O alto clero sempre fiel a Roma, os altos políticos sempre fieis a Paris, teem sido os obreiros da nossa desnacionalização, os inimigos do nosso espirito e, por isso da nossa independência.

De maneira que, hoje, a *alma pátria* encontra-se verdadeiramente subterrada e adormecida sob as más influências extranhas. Chega a parecer estrangeira na própria terra natal, tão desconhecida é dos portugueses.."

Se aos próprios portugueses ela é desconhecida, se parece estrangeira na própria terra natal, não é de espantar que os franceses vejam *a sua alma na nossa Terra*. E' o que se depreende do *Portugal héroïque* onde M.<sup>me</sup> Dieulafoy tem passagens como esta:

"À mesure que je penetrai plus avant, mon admiration s'acrut d'une juste fierté. Il me semblaît qu'après avoir franchi les Pyrénées et bondi par dessus la Castille, *je me retrouvais dans mon pays d'origine*. (Os itálicos são nossos). J'entendais parler la langue française par des gens de condition modeste; *les personnes avec qui j'entrai en relation émettaient des idées toutes françaises*; je découvrais en elles un gout très vif pour nos arts et un respect sincère pour les

manifestações de nosso genio nacional. Aux étalages des librairies s'offraient nos oeuvres litteraires ou scientifiques; des photographies reproduisaient les tableaux de nos peintres et les statues de nos sculpteurs.

Il n'y était pas jusqu'aux robes entravées, étriquées à l'endroit où l'esthétique exigerait qu'elles eussent de l'ampleur, jusqu'aux chapeaux phénomènes portés par les élégantes portugaises et venus en droite ligne de Paris qui n'éveillassent en moi un illégitime orgueil.

Separé de nous par l'Espagne, n'ayant pas à redouter l'invasion trop directe d'un voisin puissant, *le Portugal ne s'est pas disputé au charme de l'esprit français et, dès longtemps, il s'y est abandonné sans réserve.*»

E o folheto acaba assim:

*En vérité, aimer le Portugal, c'est aimer une émanation du genie de la vieille France, c'est aimer encore quelque chose de notre patrie, toujours triomphante par ses sciences, ses lettres et ses arts.*»

Não concebo que haja um verdadeiro português que ao ler estas palavras se não sinta profundamente degostoso e revoltado. É que, infelizmente, M.<sup>me</sup> Dieulafoy alguma razão tem no que diz, pois os próprios portugueses, principalmente os nossos políticos se tem esforçado bem por fazer de Portugal uma espécie de França de casa de prego.

Até aqui não ha muito a contestar. O mesmo não sucede quanto a esta passagem que martela o mesmo tema do nosso *francesismo*, mas desta vez com uma boa vontade que vai até ao paradoxo: "Aujourd'hui encore une renaissance portugaise en tête de laquelle se signalent un grand peintre Columbano, et le sculpteur Lopes Teixeira, apparait uniquement inspirée par le goût français. Ce sont nos livres que l'on lit, nos poètes que l'on aime, nos pièces de théâtre et nos opéras que l'on joue et que l'on chante."

Ha, sim, uma Renascença Portuguesa que M.<sup>me</sup> Dieulafoy desconhece a julgar por estas palavras, o que não admira, pois a grande maioria dos portugueses, incluindo os letrados, a desconhece também. É bem de ver que não me refiro á sociedade de que esta revista é órgão e que tem por fim tornar-se a consciência activa dessa Renascença. Refiro-me ao fenómeno social, que, independente do nosso esforço e superior a ele, tem uma profunda origem e uma existência muito anterior.

Essa Renascença começa não em Columbano e Teixeira Lopes (e não Lopes Teixeira), mas sim com Soares dos Reis, Junqueiro e António Nobre, e muito longe de se inspirar unicamente no gosto francês, procura antes combatê-lo, inspirando-se unicamente no original Espírito lusitano. É que nem mesmo faz sentido uma Renascença portuguêsá unicamente inspirada no gosto francês. Pômos ponto nas transcrições da conferência de M.<sup>me</sup> Dieulafoy, que procura demonstrar que nós, falhos de alma original, tivemos que adoptar o espirito francês, buscando a cada passo para essa demonstração verdadeiras ou falsas influências do genio francês na nossa história não só política, mas principalmente literária e artística.

Que os erros da tese em que M.<sup>me</sup> Dieulafoy cai são desculpáveis, já o vimos, pois um grande número de portugueses desconhece a própria alma pátria.

A primeira coisa a fazer contra este estado de coisas, isto é, para que nem os nacionais, nem os estrangeiros desconheçam o Espírito Lusitano, já o disse Teixeira de Pascoais na sua conferência:... "é dar ás crianças, nas escolas, o conhecimento da alma da sua Raça para que elas a comunguem e adquiram a perdida energia moral. É preciso que a Escola antes de tudo crie portugueses autênticos. É assim, a reforma da instrução primária deveria ser feita neste sentido." Citamos esta passagem, pois consideramos a conferência de Pascoais como uma Introdução aos trabalhos da Renascença, cuja orientação está seguramente firmada no espírito geral daquele trabalho. Começemos pois.

Para que as escolas deem à mocidade portuguesa o conhecimento mais completo da alma da sua Raça é antes de mais nada necessária uma nova orientação no ensino da História pátria, sob os seus diferentes aspectos, e tanto na escola primária, como na secundária. Devemos desde já declarar que tanto os actuais programas como as recentes reformas são completamente alheios a esse fim e à orientação correspondente. Na Escola primária e consequentemente nos respectivos livros o ensino da história não deve ser feito pelo processo biográfico resumido a figuras politicas, rosários de monarcas, na maior parte dos casos de importância insignificante na história. E ensinar a história pátria segundo *os factos mais notáveis do reinado* de tal ou tal figurão é tudo quanto ha de mais falso, pernicioso e bolorento. Eu mesmo me envergonho de ter ainda que escrever isto. Mas actualmente ainda ha livros de instrução primária e secundária que seguem esse método e em exames do liceu durante este ano eu ouvi professores que perguntavam quais eram *os factos mais notáveis...!*

O primeiro defeito desse método é levar as crianças á suposição de que toda a história deriva dessa série de figurões, como se as instituições, feitos e empresas gloriosas, riquezas e obras de Arte fossem dádiva sua, saíssem das suas pessoas, tal a deusa Minerva da omnipotente cabeça de Jupiter. Daí o desconhecimento ou o conhecimento incompleto da acção que teem certas figuras na história.

Exemplo: o Infante D. Henrique, que emquanto vivo, foi a figura primacial em parte do reinado de D. João, durante o reinado de D. Duarte e no principio do reinado de D. Afonso v e cuja obra, após a sua morte, teve uma influencia decisiva em toda a nossa história.

Outro dos defeitos desse método, e esse mais grave, é que não diz da acção do Povo na história, da influencia da colectividade, do seu poder criadôr, do seu espirito de abnegação, do esforço dos humildes—da parte que lhes cabe na realização das máximas empresas e na glória dos mais legítimos herois.

Exemplo: a acção decisiva do Povo na resolução da crise na-

cional na segunda metade do século XIV; A influência do Povo nalgumas côrtes desde D. Afonso III por diante; a parte devida ao Povo na obra das Descobertas.

O ensino da história na escola primária deve ser narrativo, duma forma viva e artística e semeado de rápidas biografias das individualidades mais representativas do Espírito da Raça, tais como D. Nuno Álvares Pereira, o símbolo do heroísmo e do amor pátrio, altíssima flor de virtude, exalando um perfume de misticismo; o Infante D. Henrique, o génio das Descobertas, duma vontade tão abrasada em amor pátrio, que não hesita em sacrificar a família à Pátria; Camões, a estátua épica da Raça, cantando genialmente e combatendo com heroísmo; Gil Vicente, o genial fundador do teatro nacional, irreverente e audacioso nos seus epigramas; o infante Santo, o infante D. Pedro, o Conde de Avranches, Bartolomeu Dias, Afonso de Albuquerque, Pedro Nunes etc. etc.

Um livro de história nestas condições deve igualmente dar aos alunos rápidas noções de instituições e costumes, trechos literários, reproduções de obras de Arte, que melhor sirvam a educá-los no espírito da Raça e que estejam, é bem de ver, dentro da esfera da compreensão infantil.

O ensino da história na instrução primária deve também revelar aos alunos repetidas vezes a importância que tem o esforço individual ainda o dos mais humildes para o bem da nossa querida Pátria. E para que eles melhor compreendam quanto vale o seu esforço de patriotas, para melhor exaltar neles o amor da Pátria, bom é cultivar a admiração das nossas empresas heroicas, mas não os devemos furtar também ao conhecimento das nossas desgraças, fraquezas e aviltamentos. Deve-se mesmo estabelecer uma comparação entre o Portugal heroico, próspero e glorioso e o Portugal da decadência. Não de ver assim como no período da nossa glória um mesmo pensamento e alto desejo animava todo o Portugal, que na era da decadência perdia de todo a consciência nacional. Tanto mais que para desenvolver essa consciência e abraçá-la em amor pátrio mais que o orgulho e a alegria serão fecundas a vergonha e a Dôr.

Nenhum dos livros de história pátria que conhecemos para ensino da Instrução primária corresponde por completo a este fim. Diremos ainda que dentre os muitos que examinámos só um nos pareceu reunir algumas boas qualidades pedagógicas — a *Historia de Portugal contada aos pequenos portugueses*, de Henrique Lopes de Mendonça.

Como quer que seja, não é um bom livro que torna o ensino fecundo em resultados tal qual o entendemos: a iniciativa, o método, a competência do professor tem aqui como em qualquer grau do ensino uma importância fundamental; e aos professores de instrução primária cabe um enorme papel na Renascença Portuguesa, tornando-se urgente dar a consciência desse movimento áqueles que a não tenham, que afinal serão a grande maioria.

Na instrução secundária já o ensino da história pátria, ainda

que propondo-se desenvolver os mesmos fins que apontámos para a primária, tem de tomar outro aspecto, que o maior desenvolvimento intelectual dos alunos permite.

A ideia de causalidade na história, a forma como certos factos se sucedem, as ideias gerais que presidem á sua formação e encadeamento em séries devem ser dadas o mais possível no ensino secundário. Sendo assim, mais facil se torna ensinar aos alunos quais sejam as qualidades mais lusitanas, os elementos raciais que contribuíram para a realização das nossas maiores empresas e da parte com que entrámos na civilização da humanidade.

Exemplo: O caracter profundamente religioso dos nossos maiores herois. As visões místicas de Nun'Alvares e Afonso de Albuquerque. Projectos místicos de Afonso de Albuquerque e Colombo, que sendo genovês de nascimento devia o seu espirito religioso e profundos conhecimentos náuticos á educação adquirida em Portugal, onde viveu muitos anos.

A propósito deste último exemplo acentuaremos a conveniência em frisar por uma forma que até aqui ainda não vimos realizada em livros de ensino que a obra das Descobertas nos séculos XV e XIV se deve directa ou indirectamente aos Portugueses na sua quasi totalidade. Assim Colombo, o único dos grandes descobridores que pode colocar-se ao lado dos portugueses Fernão de Magalhães, Bartolomeu Dias, Gama, etc. viveu muitos anos em Portugal e precisamente quando os portugueses davam á sciencia da navegação um extraordinário movimento. Até esse tempo a navegação tinha sido toda ao longo da costa. D. João II formou um conselho de sábios para estudarem os meios de se navegar no mar alto. Compunha-se o conselho dos bispos Diogo Ortiz e Caçadilha, dos médicos José e Rodrigo e de Martim Behaim. Foram estes últimos que adaptaram o astrolábio ao uso da navegação que os construíram e fizeram as tábuas de declinação. Esse e outros conhecimentos dos portugueses serviram certamente de muito a Colombo, embora ele diga: "Ya dije que para la escucion de la impresa de las Indias no me aprovecho razon, ni mathematica, ni mapa-mundos: llenamente se complio lo que dijo Isaias". Esse mesmo arrebatamento da fé, essa mesma estranha exaltação que, entre visões místicas, o levava através o Oceano, era a que ele respirou, a que nessa época se respirava em Portugal. Assim pela narrativa, leitura de crónicas, poemas e obras de teatro, estudo de instituições e costumes e seriação de factos por meio de ideias gerais, o aluno chegará a respirar a sugestiva atmosfera moral desses séculos em que as qualidades distintivas da Raça tinham atingido a explosão criadora.

Paralelamente e comparativamente os alunos deverão chegar a conhecer na sua profundissima miséria íntima a época da decadência, aprendendo como nesta e na do esplendor as causas são simplesmente a afirmação ou a negação das mesmas forças.

Exemplo: Na época das Descobertas a exaltação religiosa incendiava as vontades criando herois e santos. Na época da decadência o Jesuitismo destroe as vontades, faz secar a fonte viva das

máximas virtudes lusitanas, aviltando a Raça que só agora começa a desenovelva a espinha. Mostrar a perniciosíssima infiltração do jesuitismo na educação, ainda em nossos dias.

Quanto à história da literatura portuguesa o que por aí corre em livros de ensino é como método e crítica o que ha de mais falso e anti-patriótico.

Exemplo: Incluir numa escola espanhola os historiadores Fernão Lopes e Azurara, o primeiro dos quais é dos nossos mais originaes escritores e o mais original historiador do seu tempo em toda a Europa. Ou incluir na escola italiana dentro da época clássica Camões e Gil Vicente, como se o génio de qualquer deles estivesse subordinado a escolas! Em toda a nossa história literária apenas se fala de escola provençal, espanhola, italiana, francesa... descurando por completo a originalidade do génio português na literatura e deixando assim aos alunos a convicção de que nunca os portugueses souberam caminhar nas letras senão apoiados ao bordão estrangeiro. Muito ao contrário entendemos que o ensino deveria visar a mostrar na nossa literatura o que é propriamente criação do Espírito lusitano e familiarisar o aluno com as obras daqueles escritores que mais profundamente representam esse espirito como: Camões, Gil Vicente, Bernardim, Cristóvão Falcão, etc.

Egualmente é duma absoluta necessidade que se escreva, para uso didáctico, nos liceus especialmente, uma História da Arte em Portugal, abrangendo a arquitectura, a pintura e a escultura. Essa obra convenientemente documentada com boas ilustrações seria um poderoso elemento de educação.

Este ensino da história, que aqui temos tratado adstrito à escola, deveria ser feito também ao Povo em conferências públicas, substituindo assim com óptima vantagem as lições de desvairamento dadas pelos grupos partidários. E quanto mais não fariam os grandes órgãos da imprensa dando conscienciosas lições de história, do que tratando irritantemente de questões pessoais e de baixa política duma esterilidade e corrupção criminosas!

Eis em muito breves palavras o que entendemos deveria ser em Portugal o ensino da história pátria. Observaremos que as nossas considerações visam unicamente um dos fins que se deve propôr o ensino da história e que mesmo sob este ponto de vista estamos muito longe de ter exaurido o assunto.

Aqui falámos de patriotismo. Não vá sem resposta algum reparo de má fé. Aquele que pretendemos desenvolver nos jovens portugueses é o patriotismo humanitário, o que dê à nossa Raça a poderosa actividade criadora capaz de contribuir para a civilização da Humanidade.

Para que cada um de nós possa contribuir para essa obra é indispensável enriquecer, fortalecer, purificar a consciência na fonte

viva da alma pátria. Este patriotismo não diminui: fecunda e dilata o espírito pela interiorisação no que ha de mais profundo em nós. A consciencia nacional é indispensavel essa ensimesmação na história.

Para isso muito contribuirá a "Biblioteca de Estudos Históricos Nacionais," criada pelo escritor Fidelino de Figueiredo e que já conta alguns lúcidos trabalhos seus.

Nós acreditamos que a nossa Raça rejuvenescida contribuirá ainda para a civilização da Humanidade com uma nova civilização luzitana. Em nosso abono temos a opinião do nosso maior historiador, de Oliveira Martins, que ninguém por certo taxará de optimista.

Leiam-se e meditem-se estas suas palavras da "História da Civilização Ibérica," tão preñhes de altas sugestões: "Por muitos lados a nossa [história de hoje repete a antiga; e meditando-a bem, nós, peninsulares, acaso descubramos nela a prova da existência de uma força íntima e permanente que libertando-nos da imitação das formas estrangeiras, poderá dar à obra da reconstituição orgânica da sociedade um cunho próprio, mais sólido por assentar na natureza da raça, mais eficaz porque melhor corresponde às exigências da obra."

.....

"Conclue a nossa tarefa por notar a obscura e indeterminada agitação, que, à maneira do que se viu na Edade Média, prepara, se não realisa já, o genesis de um novo pensamento colectivo, qual outrora foi o catolicismo."

.....

"A história não é profecia; mas o estudo das edades passadas deixa entrever muitas vezes as probabilidades futuras; e, quando, através de todas as crises, no meio dos ambientes mais sistemáticamente adversos, observamos que o heroísmo peninsular soube vencer tudo com a sua indomável energia, somos levados a crer que o papel de apóstolos das futuras ideias está reservado aos que foram os apóstolos da antiga ideia católica."

É certo que Oliveira Martins se refere a um novo ideal colectivo comum às duas nações peninsulares; mas é certo também que noutra parte da sua Obra ele estabelece profundas diferenças entre portugueses e hespanhois, o que garante, mesmo na sua opinião, a nossa originilidade e a nosso vêr a prioridade na criação desse ideal, pois que a Hespanha está por enquanto muito preza a um rígido e estreito catolicismo.

Para nós a ideia da Renascença envolve, sim, uma ideia de ensimesmação no Espírito da Raça, guardado em muitos monumentos do Passado, mas não implica de forma alguma repetição ou reacção

intelectual ou religiosa. Não: a Árvore da Raça para que dê novos e belos frutos escusa de vergar os ramos até ao chão; mas tem de entranhar bem as raízes na Terra Mãe, banhar-se na seiva original e então os ramos subirão a perdêr de vista e as naus da aventura, instrumento do nosso Destino, hão de ir no Céu á Descoberta das certas divinas.

*Jimpozetti.*

## CAMILLO CASTELLO BRANCO

### CARTAS INÉDITAS

X

*Meu caro amigo*

*Ainda agora (30) recebo os seus primorosos folhetos (já me tinham dado um dos que o Cerdeira espalhara) e com elles as poesias, que devem ser como todas as suas, e o discurso do G. C. (tulit alter honores) e um mapa. V. S.<sup>a</sup> falla-me d'um outro discurso sobre o clero, que não vem no masso. O unico vou remettel-o ao Braz Tizana.*

*Fallarei com o S. José Pereira, onde foi impresso o seu folheto, e remetterei a tabella que elle me der.*

*Publique os seus versos, para desmentir estes versos (!) que se publicam desafortadamente em Portugal.*

*O R. G.<sup>o</sup> vai redigir, como sabe, um jornal ministerial. O elemento é elle, e penso que abunda.*

*Eu vou escrever politica!! Opposição descabelada! Guerra de capricho, e verrina inverminavel! A transição é duas vezes horrivel! Mas é forçoso ser Paturót.*

*Adeus, meu bom am.<sup>o</sup>. Disponha do seu infallivel*

*30 de Setembro de 1853.*

*Castello*



VAGABUNDO

(De Cristiano de Carvalho)

# ROMARIAS

## I

Maio taful. Nasce o dia  
Sobre o valle. E' n'uma aldeia,  
Tendo, ao alto, a serrania  
Toda séria e triste e grave;  
Tendo, ao fundo, em viva cheia  
De frescura e de alegria,  
Um largo rio suave,  
Manso como um vôo de ave.

Mesmo á beira do caminho,  
Está sentado um velhinho  
De tão antiga feição,  
Tão nobre, tão altaneiro,  
Venerando, e forte, e só,  
—Que se diria, tal qual,  
Ser elle o filho primeiro,  
Primeiro filho varão  
Das terras de Portugal...

E parece ser o Avô  
De quanto em roda se veja:  
Da fonte que gorgoleja  
Por entre os musgos e a hera,  
E da verdura que brilha  
—Filha de Abril, linda filha!—  
Nos braços da Primavera.

Assoma, agora, na estrada,  
Junto á fonte, uma cachopa:

Como é linda e delicada!

—Carne de rosa, apertada  
Numa camisa de estôpa;  
Sáia de chita enramada  
Em seus desenhos de flôres;  
Colête de veludillo  
De vivas, garridas côres;  
Airosa cabeça envôlta

Num lenço de onde se sôlta  
 Seu cabelo, — como o brilho  
 Do sol que mal se contém  
 Por entre nuvens de junho;  
 Manga afogada no punho;  
 Chale traçado, ao desdem;  
 Grilhão de oiro na garganta  
 (Bem mais agrilhôa e encanta  
 A sua voz, a cantar),  
 Chinelinha domingueira  
 Onde um pé de bailadeira  
 Parece sempre bailar...

— “Salve-o Deus, bom Avôsinho.” —

— “Deus te guie, minha flôr...  
 Onde vaes, tão assodada?!  
 Estrêlla da Madrugada,  
 Trazes contigo a alegria,  
 Como o sol nos traz o dia...” —

— “Onde vou?” — responde. E logo,  
 Num gesto amoroso e lindo,  
 Brilham seus olhos em fogo;  
 Brilha-lhe a bôca, sorrindo;  
 O rôsto se lhe incendeia;  
 Mais o seu peito se alteia  
 De alvoroçado anciar;  
 Mais sua voz se alumia:  
 — “Onde vou?! A' romaria:  
 Resar! bailar! namorar...” —

## II

Ei-la vae por ahí fóra:  
 E o velho fica-se a olhar...

E começa a ouvir, agora,  
 Na capelinha do monte,  
 — Além, ao cimo, defronte —  
 Anúncios da romaria,  
 Borborinhos de alegria:

Os foguetes, estralando;  
 Longinquas vozes, cantando  
 Ao compasso da viola,  
 Dos harmoniuns e tambôres;

E pregões de limonada,  
Dôces finos e licôres;  
E vozes, pedindo esmola,  
Contando tristes horrôres;  
E, como uma trovoada  
De alegres sons, atroando,  
O Estrondo que vem chegando  
Por detraz de uma quebrada...

E vê que já se avizinha,  
A dar volta á capelinha  
Toda luzente de cal,  
A solemne procissão:

Erguido, ao alto, o pendão;  
E o pállio de oiro, em tendal,  
Cobrindo o Senhor Prior;  
E as ópas de vária côr;  
E os anjos; e o principal:  
—A Santa, no seu andor,  
(Ajoelham, no caminho  
Tapetado a rosmaninho)  
Trajando brocado nôvo,  
Toda linda e sériasiinha,  
Como uma bôa rainha  
Que faz visita ao seu pôvo.

E o velho, fica-se a olhar  
Dentro de si, a scsimar...

### III

Passam horas, de este modo;  
Passou o dia de todo.

O Sol, como de costume,  
—Águia de riso e de lume—  
Da terra se alevantou;  
Rompeu no céu, a voar  
Por sôbre o vale, e poisou,  
Ao longé, naquella serra  
Onde finda a nossa terra,  
Começa a nevoa do mar.

Anoitece: a pouco e pouco,  
O céu, que na luz cantava,  
Tanto cantou que, de rouco,

Sua voz se lhe tomava  
 Nas sombras: e o que dizia,  
 Agora mal se entendia...

E como que a Natureza  
 Toda em si se recolhia  
 Numa profunda tristeza,  
 — Saudades da luz do dia.  
 E, como a luz no horizonte,  
 Na capelinha do monte  
 Calava-se a romaria...

## IV

E aquella linda cachopa?

Passou com a madrugada;  
 Mas ei-la, agora, tornada  
 Com a noite...

E vem. E topa  
 O Velho no seu caminho:

— "Boas noites, Avôsinho.—"

— "Venhas com Deus, minha flôr—"  
 Diz elle, olhando em redor  
 Com seu fundo olhar amigo.

De onde vens! que já não arde  
 Teu olhar em riso e amor?  
 Trazes a noite contigo:  
 E's como a Estrêlla da Tarde!—

— "De onde venho?," — lhe responde:  
 E a sua voz não esconde  
 As saudades, a tristeza,  
 Estranha nevoa que peza  
 Na sua alma e seu olhar,  
 Como a luz crepuscular  
 Envolvendo a Natureza.

De onde venho?! repetia:  
 Eu venho da romaria...—

E, como uma sombra andante,  
 Lá se vae, caminho adiante.

## V

E o velho fica-se a olhar,  
Dentro de si, a scismar...

E, curvado para a Terra  
—De onde a vida se descerra  
E onde se torna a encerrar—  
Murmura em vago sorrir:

—“Como é alegre o partir!  
E como é triste o voltar...”—

1909.

*António Lordeão de Oliveira*

## MOCIDADE

Não ter amor, esperança ou fé que alente,  
Não ter sequer um bem que nos sorria,  
Nem consolo, nem paz . . . e não ter guia  
Na Vida que promette e assim nos mente;

Sentir dentro de nós, sempre gemente,  
O coração faminto de alegria,  
Como um cego que pela luz do dia  
Viva a chorar na sua noite ingente;

Bradar, erguendo os braços para a Morte:—  
—“Em ti encontrarei quem me conforte...  
Oh! leva quem não deixa uma saudade!”

E, volver-nos de longe a Morte:—“É cedo;  
“És moço ainda cumpre o teu degredo!”  
Para quantos é isto a Mocidade! . . .

*Candida Ayres de Trópicas*

# A Nova Poesia Portugueza no seu aspecto Psychologico

## I

**Q**ualquér phenomeno literario—corrente, ou grupo, ou individualidade—é susceptivel de ser considerado sob trez aspectos, e sob esses trez aspectos tem de ser considerado para ser completamente comprehendido. Esses trez pontos de vista são o psychologico, o literario, e o sociologico. Isto é, qualquér phenomeno da literatura tem de ser estudado—1.º, em si, directamente, como producto de alma ou de almas; 2.º, nas suas relações e filiação exclusivamente literarias, como producto literario; e 3.º, na sua significação como producto social, como factio que se dá a dentro de, e por, uma sociedade, explicado por ella e explicando-a, lido, pois, como indicador sociologico. No estudo—supponha-se—de uma qualquér corrente literaria, importa pouco sob qual dos trez aspectos primeiro a examinarmos, logo que sob todos os trez aspectos successivamente e completamente o assumpto se raciocine. Como phenomeno literario, como phenonemo psychico, como phenomeno social successivamente analysada, os trez aspectos de uma corrente interexplicam-se e completam-se, fornece cada qual elementos especiaes e essenciaes para a interpretação synthetica e integral da corrente. Nem o estudo total, nem qualquér dos estudos parciaes, fica completo sem estarem completos, e coördenadamente completos, todos trez.

Porisso a nossa analyse da actual corrente literaria portugueza—iniçada e feita sob o ponto de vista sociologico em dois anteriores artigos—só ficará completa, e esses artigos em toda a sua extensão logica comprehensíveis, quando, n'este escripto e em outro, juntarmos á analyse sociologica uma dupla analyse complementar, primeiro psychologica, e literaria depois.

Começámos pela analyse sociologica porquanto, sendo essa a mais involventemente explicativa das trez, de principio ficava, posta ella inicialmente, abrangido em todo o seu valór e superficie o movimento literario estudado. Levou-nos essa analyse sociologica a conclusões que não pareceriam extranhas, talvez, aos habitudos a seguir raciocinios, mas que, ainda assim, eram de desorientar os de intelligencia menos afeita a lêr nas entrelinhas da concisão dialectica. O nosso anterior estudo, partindo de uma analyse dos períodos maximos das literaturas ingleza e franceza—tomados esses para exemplos—e da sua relação com as maximas, e—proyveu-se—homóchronas, épocas sociaes, veiu, por uma approximação, detalhe a detalhe feita, a constatar a semelhança completa do nosso actual periodo, tomada a literatura como indicador sociologico, com aquellas

grandes épocas, chamadas a depôr, do mesmo representativo modo, as literaturas suas. D'ahi as naturaes, referidas, conclusões sobre a vindoura grandeza lusitana. Esses detalhes, esses, por assim dizer, traços phisionomicos por onde a parecença entre os trez periodos se colhia flagrante, eram do numero, completo, de nove; trez diziam respeito á relação entre os periodos literarios maximos e as épocas politicas, ou antecedentes, ou contemporaneas, ou subsequentes; e estes trez pontos eram os exclusivamente sociologicos. Os outros seis—summariamente então tratados por não serem para sociologia puramente—referiam-se á *originalidade*, á *elevação* e á *grandeza dos representantes individuaes* dos periodos, e á *nacionalidade*, *anti-tradicionalidade* e *caracter não-popular* dos mesmos.

Ficou, no artigo citado, esgottada e provada quanto possivel—dáda a juvenilidade da nossa actual corrente literaria—a semelhança sociologica. Eguamente, no quarto capitulo, se provou que, constatadas que fôssem a *originalidade*, a *elevação* e a *grandeza* de uma corrente literaria, a sua *anti-tradicionalidade* ficava provada na sua *originalidade*—como seria *original* se se baseasse em tradições?—, a sua *não-popularidade* provada na sua *elevação*—como ser *popular* sendo espiritualmente e metaphysicamente complexa?—; e, provado isto, de si ficava tambem provada a *nacionalidade*, o *caracter nacional* da corrente, visto que, como alli mais cingentemente provámos, *originalidade absoluta* só da alma de uma raça pode subir á tona da sua literatura. Poesia *absolutamente* original e poesia *absolutamente nacional* são expressões interconvertiveis.

Tudo está agora, portanto, em provar a *originalidade*, a *elevação*, e a *grandeza das figuras individuaes*. Compete isto em parte a uma analyse psychologica, e em parte a um estudo literario. Da analyse psychologica sahirá caracterizada a corrente literaria, e, assim sendo, a sua originalidade ou não-originalidade, a sua elevação ou não-elevação quedarão, *ipso facto*, em relevo—relevo que o estudo propriamente literario accentuará, rebuscando a filiação exclusivamente literaria da corrente e a importancia d'essa filiação—se influencia nitida e constante, como a do estylo francez dos seculos dezessete e dezoito sobre as outras literaturas europeas; se mera occasionação, mero ponto de partida, breve abandonado e excedido, como a da Renascença da Italia perante o estylo da época isabeliana em Inglaterra.—Esse mesmo estudo literario, analizando o grau de constructividade, de intensidade e de individualidade que se revelem nas obras da corrente, dirá da grandeza dos seus poetas.

## II

Sabido que uma corrente literaria é a expressão pela literatura de uma commum noção do mundo, da arte e da vida—posto de parte o que é individual, por individual—precisamente—, o estudo psychologico de qualquér corrente envolve o destrinçar-lhe na alma a sua tripla unidade de attitudes. Que trez aspectos são esses do

seu espirito uno? O primeiro é a sua *metaphysica*—isto, é o conceito do universo e das cousas que subjaz as manifestações d'essa corrente. O segundo é a sua *aesthetica*—curando bem que por isto se não quer dizer as suas theorias de arte (essas pertencem, como parte da sua theoria das cousas, á sua metaphysica), mas o seu modo de ser literario, a sua alma literaria. O terceiro é a sua *sociologia*, e isto significa as theorias sociaes, 1.º que constituem a aspiração da corrente; 2.º, que, determinando-se, se alteram, na fixação directa em estudos já extra-literarios, propriamente sociológicos; e 3.º, que, encontrando-se com realidades sociais, se synthetizam, realizando-se n'uma nova formula *vivida*, perdendo ao realizar-se o que de impraticavel tivessem. Claro está que a parte ultima d'este estudo é puramente sociologica; mas isso é inevitavel, dado que uma corrente literaria é basilaramente, e representativamente, uma corrente social; tanto assim que—como o temos indicado theoricamente já aqui, e praticamente na feição realizada do nosso anterior artigo—um estudo literario completo é, em grande parte—e maximamente e ultimamente mesmo—um estudo sociológico.

Posto isto, encaremos a methodologia d'esta analyse. O methodo analytico a empregar varia ligeiramente conforme qual dos trez aspectos do psychismo de uma corrente se investiga. Assim, no determinar a *aesthetica* da corrente, a analyse incide directa sobre a obra dos poetas, porque estes, representando o maximo de emoção e de requinte revelador de expressão, mais do que os prosadores são representativos do momento-alma da raça e dos processos mentaes que da inconsciencia divina do povo sobem, feitos arte e consciencia, para a interpretação estremecida dos seus versos.—Ao inquirir da *metaphysica*, a analyse divide-se entre as obras de arte—destacando sempre, por sua superior representatividade, os poetas—e as que dão expressão directa-, raciocinada- e intencionalmente philosophica ao conceito-do-universo caracteristico do momento racial. Reportarmo-nos, n'essa analyse, só ás obras metaphysicas, ou apenas ás obras literarias, seria,—não diremos impossibilisar, mas por certo difficultar, a investigação. É que—por estranho que de relance pareça—tanto o poeta como o philosopho, ao interpretarem, cada um de seu modo, as intuições metaphysicas de uma epoca, ao mesmo tempo as revelam e as escondem. Revelam-as porque são poeta e philosopho, e, portanto, desdobradores em consciencia e raciocinio do que a raça e a hora accumulam no fundo das suas almas. Escondem-as—o poeta, porque a emoção, ainda que surgindo directamente do fundo intuitivo, é, de sua natureza, atraçoadora da precisão intellectual; o philosopho, porque a actividade de raciocinio, vantajosa em tornar precisas as intuições fundamentaes que a raça lhe dá, é, de seu character, destruidora dos processos emotivos que, elles só, surgindo directamente do fundo occulto da alma, podem conservar a essas intuições fundamentaes a sua *côr* primitiva, o seu preciso *tom* intuicional. E, mais, tanto poeta como philosopho, sendo individualidades, acrescentam cada qual ao commum fundo de raça o seu especial temperamento, elemento esse

que fatalmente desvirtuará uma interpretação exacta, superpessoal, do metaphysismo da epoca. A alma de uma epoca está em todos os seus poetas e philosophos, e em nenhum; é por isso que é em todos e em nenhum que a nossa analyse se encontra obrigada a procurar-a.—Semelhante methodo tem de ser applicado no estudo da *sociologia* da corrente, mais complexo, porém, aqui, porque a trez fontes, que não a duas, tem o raciocinio de ir beber. Os literatos, os philosophos e sociologos-theoristas, e os acontecimentos finaes e solucionaes do periodo são essas trez fontes. Como na nossa actual corrente não ha, por ser ainda cedo, sociologos-theoristas, e como os acontecimentos de criação social, que caracterizarão a epoca, só virão, como sempre, no fim do periodo, que ora avança apenas para o seu auge literario, releve-se-nos que não entremos em uma analyse inutilmente extensa da fórma como esta investigação deverá ser feita. Só temos um elemento—poetas—para essa deducção: veremos mais adiante o que, só com elle, se pode fazer, firmando-nos desde já na consciencia de que essa deducção fatalmente será incompletissima, uma simples intuição quasi, um mero vislumbre de adivinhar.

Vejamos agora, reportando-nos á nossa já feita divisão dos maximos periodos em estadios, em que hora dos periodos temos de ir procurar esses poetas, esses philosophos que servem á nossa analyse para nos revelar a alma da corrente. Verifica-se, sem difficuldade, que a esthetica de uma corrente fica determinada (é natural) quando, ao entrar no seu segundo estadio, ella atinge a sua capacidade maxima de expressão. É o estadio-Shakespeare no periodo inglez, o estadio-Hugo no da França, logo que fica formado o estylo de Shakespeare e o de Victor Hugo. Attingida e fixada essa maxima capacidade de expressão, succede um alargamento de ideação que pouco depois chega ao auge, coincidentemente, pouco mais ou menos com o meio do segundo estadio e estendendo-se até ao principio do terceiro até que, variando, se prolonga por este dentro. É em coincidencia com este auge ideativo da poesia que geralmente apparecem os philosophos do periodo. Quanto á sociologia da epoca, só nos poetas desde o auge ideativo do segundo, e pelo terceiro estadio, e nos philosophos e tratadistas do mesmo tempo se poderá trahir, posteriores um pouco, porém, os tratadistas e os philosophos. Os poetas do principio do estadio segundo só a um raciocinio muito pacientemente prescritador de obscuras intuições inconscientemente propheticas poderão entresuggerir uma idéa do genero d'essa futura realização social.

Como em anterior artigo mostrámos, a nova poesia portugueza desde a *Oração á Luz* que entrou no segundo estadio. Podemos portanto arrancar-lhe o segredo da sua esthetica, nitidamente; com menos nitidez, e aproximadamente, entrevêr a sua metaphysica; e, para que o estudo se não trunque, procurar dizer a côr dos longes vagos da sua sociologia ainda indécisos no horizonte da historia.

## III

Prescrutemos qual a *esthetica* da nova poesia portugueza.

A primeira constatação *analytica* que o raciocínio faz ante a nossa poesia de hoje é que o seu arcabouço espiritual é composto dos trez elementos—*vago*, *subtileza*, e *complexidade*. São *vagas*, *subtis*, e *complexas* as expressões características do seu verso, e a sua ideação é, portanto, do mesmo triplo caracter. Importa, porém, estabelecer, de modo absolutamente diferencial, a significação d'aquelles termos definidores. Ideação *vaga* é cousa que é escusado definir, de exhaustivamente explicante que é de per si o mero adjectivo; urge, ainda assim, que se observe que ideação *vaga* não implica necessariamente ideação *confusa*, ou *confusamente expressa* (o que aliás redundaria, feita uma funda analyse *psychologica*, precisamente no mesmo). Implica simplesmente uma ideação que tem o que é *vago* ou indefinido por constante objecto e assumpto, ainda que nitidamente o exprima ou definidamente o trate; sendo comtudo evidente que quanto menos nitidamente o trate ou exprima mais classificavel de *vaga* se tornará. Uma ideação obscura é, pelo contrario, apenas uma ideação ou fraca ou doentia. *Vaga* sem ser obscura é a ideação da nossa actual poesia; *vaga* e frequentemente—quasi caracteristicamente—obscura é a do *symbolismo* francez, cujo caracter *pathologico* mais adeante explicaremos.—Por ideação *subtil* entendemos aquella que traduz uma sensação simples por uma expressão que a torna vívida, minuciosa, detalhada—mas detalhada não em elementos exteriores, de contornos ou outros, mas em elementos interiores, sensações—, sem comtudo lhe acrescentar elemento que se não encontre na directa sensação inicial. Assim Albert Samain, quando diz

Je ne dis rien, et tu m'écoutes  
Sous tes immobiles cheveux, (1)

desdobra a sensação directa de um silencio *à deux*, oppressivo e nocturno, na tripla sensação de silencio, de almas que se fallam n'esse silencio, e da immobilidade dos corpos, mas não dá outra impressão do que a, intensa, d'esse silencio. Do mesmo modo, nos versos de Mario Beirão

Charcos onde um torpor, vitreo torpor, se esquece,  
Nuvens roçando a areia, os longes baços...  
Paizagem como alguém que, ermo de amor, se desse,  
Corpo que estagna frio a beijos ou a abraços, (2)

ha simplesmente um desdobrar, como em leque, de uma sensação

(1) *Au Jardin de l'infante (Heures d'été, VI)*.

(2) *Coimbra, ao ritmo da saudade*.

crepuscular, que cada termo maravilhosamente *intensifica*, mas não *alarga*.— Finalmente, entendemos por ideação *complexa* a que traduz uma impressão ou sensação simples por uma expressão que a complica acrescentando-lhe um elemento explicativo, que, extrahido d'ella, lhe dá um novo sentido. A expressão subtil *intensifica*, torna *mais nitido* <sup>(1)</sup>; a expressão complexa *dilata*, torna *maior*. A ideação *subtil* envolve ou uma directa intellectualização de uma idéa, ou uma directa emocionalização de uma emoção: d'ahi o ficarem mais nitidas, a idéa por mais idéa, a emoção por mais emoção. A ideação *complexa* suppõe sempre ou uma intellectualização de uma emoção, ou uma emocionalização de uma idéa: é d'esta heterogeneidade que a complexidade lhe vem. São da ideação complexa, por exemplo, os versos de Mario Beirão

A boca, em morte e marmore esculpida,  
Sonha com as palavras que não diz; <sup>(2)</sup>

de Teixeira de Pascoaes

A folha que tombava  
Era alma que subia; <sup>(3)</sup>

e expressões como *choupos d'alma* <sup>(4)</sup> de Jayme Cortezão ou o *unigido de universo* <sup>(5)</sup> de Guerra Junqueiro.

Feita esta constatação, que nos leva ella a concluir? Subtileza e complexidade ideativas vêm a ser, como da anterior exposição se depreheende, modos analyticos da ideação: desdobrar uma sensação em outras—subtileza—é acto analytico, e acto analytico, ainda mais profundo, o de tomar uma sensação simples complexa por elementos espiritualizantes n'ella propria encontrados. Ora a analyse de sensações e de idéas é o caracteristico principal de uma vida interior. A poesia de que se trata é portanto uma poesia de vida interior, uma poesia de alma, uma poesia subjectiva. Será então uma nova especie de symbolismo? Não é: é muito mais. Tem, de facto, de commum com o symbolismo o ser uma poesia subjectiva; mas, ao passo que o symbolismo é, não só exclusivamente subjectivo, mas incompletamente subjectivo tambem, a nossa poesia nova é completamente subjectiva e mais do que subjectiva. O symbolismo é vago e subtil; complexo, porém, não é. É-o a nossa actual poesia; é, por signal a poesia mais espiritualmente complexa que tem havido, excedendo, e de muito, a unica outra poesia realmente complexa—a da Renascença, e, muito especialmente, do periodo isabeliano inglez. O caracteristico principal da ideação complexa—o *encontrar em tudo um*

(1) Interiormente nitido, não como cousa exterior.

(2) *O Sonho*.

(3) *Elegia (Vida Etherea)*.

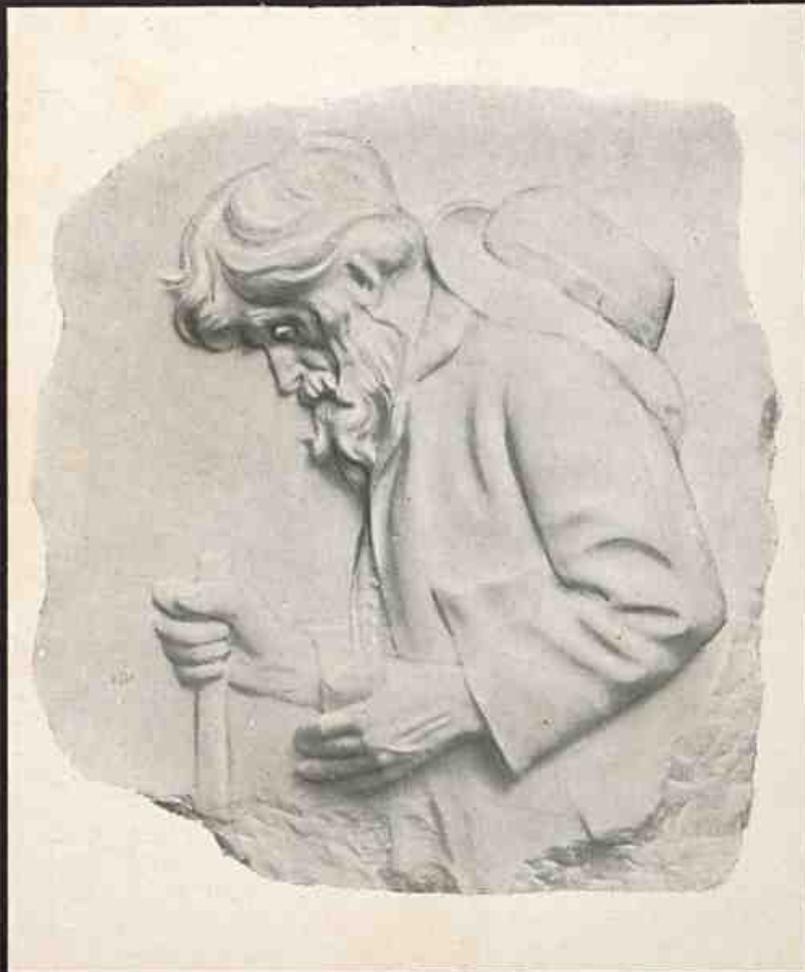
(4) *Choupos na luz do luar*.

(5) *Oração á luz*.

*além*—é justamente a mais notável e original feição da nova poesia portugueza.

Mas a nossa poesia de hoje é, como acima dissémos, mais do que subjectiva. Absolutamente subjectivo é o symbolismo; d'ahi o seu desequilibrio, d'ahi o seu caracter degenerativo, ha muito notado por Nordau. A nova poesia portugueza, porém, apesar de mostrar todos os caracteristicos da poesia de alma, preocupa-se constantemente com a natureza, quasi que exclusivamente, mesmo, na natureza se inspira. Por isso dizemos que ella é tambem uma poesia objectiva. Quaes são os caracteristicos psychicos da poesia objectiva? Facil é apontal-os. São tres, e a sua differença dos caracteristicos da poesia de alma assenta sobre isto—que, ao passo que a observação da alma implica analyse, a da natureza, a do exterior, envolve synthese, visto que qualquér impressão do exterior é sempre uma synthese, e uma synthese complexa, de impressões secundarias, memorias, e obscuras e instantaneas associações de idéas. São tres, diziamos, os caracteristicos da poesia objectiva. O primeiro é a *nitidez*, revelada na forma ideativa do *epigramma*, chamando assim, convenientemente, á phrase synthetica, vincante, concisa: quando, exemplificando, dissermos que o typo da poesia objectiva apenas epigrammatica é a dos seculos dezeseite e dezoito, em França especial- e originantemente, teremos dado idéa clara do que por *nitidez*, e *epigramma*, no caso presente entendemos. O epigramma porém subjaz, como fórmula ideativa, toda a poesia de exterior, assim como o seu contrario, o *vago*, é base de toda a poesia contraria, a de alma. Epigrammatica como nenhuma é a poesia de Victor Hugo, que é muito mais do que epigrammatica. Epigrammatica é—e este ponto é que urge notar—a nossa actual poesia, e por ser, ao mesmo tempo vaga e epigrammatica é que ella é grandemente, magnificamente equilibrada. A phrase *choupos de alma*, por exemplo, sendo—como apontámos—complexa no que de poesia subjectiva, é epigrammatica no que de poesia objectiva; é mesmo tipicamente epigrammatica, com a sua forma synthetica, de contraste. Da sua *complexidade* intima vem a sua belleza espiritual; do seu epigrammatismo de forma nasce o seu perfeito equilibrio e completa e perceptivel belleza. Do mesmo modo são epigrammaticas as phrases citadas de Mario Beirão, o segundo trecho, e de Teixeira de Pascoaes. A actual poesia portugueza possui, portanto, equilibrando-lhe a inegalada intensidade e profundeza espiritual, o epigrammatismo sanificador da poesia objectiva.—Segundo caracteristico da objectividade poetica é aquillo a que podemos chamar a *plasticidade*; (1) e entendemos por plasticidade a fixação expressiva do visto ou ouvido *como exterior*, não como sensação, mas como visão ou audição. Plastica, n'este sentido, foi toda a poesia grega e romana, plastica a poesia dos parnasianos, plastica (além de epigrammatica e

(1) Importa muito notar que este termo é aqui usado com um sentido bastante diverso do usual, sentido que no texto se explica. Isto se nota para que não cause estranheza o lér dada como *plastica* a poesia de Cesario Verde.



**CAMINHEIRO (Mármore)**

(De Fernandes de Sá)

mais) a de Victor Hugo, plastica, de novo modo, a de Cesario Verde. A perfeição da poesia plastica consiste em dar a impressão exacta e nitida (sem ser necessariamente epigrammatica) do exterior como exterior, o que não impede de, ao mesmo tempo, o dar como interior, como emocionado. É o que se dá nos quatro versos, em primeiro logar citados, de Mario Beirão que a uma objectividade (plasticidade) perfeita unem uma perfeita subjectividade (subtileza). Outros exemplos se poderiam citar. Basta porém aquelle, que, por representativo, serve de prova que a nossa actual poesia possui igualmente o segundo elemento característico da poesia objectiva; elemento esse que é mais um a equilibrar-lhe a profunda espiritualidade.—Mais um característico possui, e é o maximo, a poesia objectiva—é o a que poderemos chamar *imaginação*, tomando este termo no proximo sentido de pensar e sentir *por imagens*; e isto dá á poesia objectiva d'este genero, quando intensamente inspirada, uma *rapidez* e um *deslumbramento* que, em alto grau, enthusiasmando, deixam, quando sem elemento de pura espiritualidade, uma inquietante impressão de grandeza ôca. É o caso dos românticos todos e, maximamente, de Victor Hugo—é isto que, dissémos, elle tem além do epigrammatismo e da plasticidade—e d'ahi vem o phenomeno d'esse poeta dar a alguns uma impressão de desmedida grandeza, a outros de uma ôca grandiosidade: *cymbale* lhe chamou, desdenhando, Renan, possuidor do *vago* tão desconhecido de Victor Hugo. A este maximo grau de objectividade não subiu ainda a nova poesia portugueza: prova-o ao ouvido o seu movimento geralmente lento, quando a *imaginação* imprime sempre ao verso uma rapidez inignoravel. A *Oração á luz*, porém, obra maxima da nossa actual poesia, tem já vislumbres d'esse final elemento objectivo. A nossa poesia caminha para o seu auge: o grande Poeta proximamente vindouro, que incarnará esse auge, realizará o maximo equilibrio da subjectividade e da objectividade. Diga da sua grandeza esta suggestão para racionadores. Super-Camões lhe chamámos e lhe chamaremos, ainda que a comparação implicita, por muito que pareça favorecer, anteâmesquinhe o seu genio, que será, não de *grau* superior, mas mesmo de *ordem* superior ao do nosso ainda-primeiro poeta.

Ha mais uma observação a fazer para a completa caracterização psychologica da nossa nova poesia. Deduz-se do que se acha concluído acerca da plena e inegalada subjectividade e da quasi-total objectividade d'essa poesia. Resultam d'este modo de sêr trez cousas. A primeira é o já-citado *equilibrio* seu. A segunda é que, sendo ao mesmo tempo, e com quasi igual intensidade, poesia subjectiva e objectiva, poesia da alma e da natureza, cada um d'estes elementos penetra o outro; de modo que produz essa extranha e nitida originalidade da nossa actual poesia—*a espiritualização da Natureza* e, ao mesmo tempo, *a materialização do Espirito*, a sua comunhão humilde no Todo, comunhão que é, já não puramente pantheista, mas, por essa citada espiritualização da Natureza, superpantheista, dispersão do ser n'um exterior que não é *Natureza*, mas

*Alma.* Decorre de aqui uma terceira cousa. Esta interpretação das duas almas da sua alma una obriga a nova poesia portugueza a ser puramente e absorvidamente metaphysica: ser outra cousa seria para ella descer. Por isso não tem ella poetas de amôr, ou poetas "sociaes", ou outros assim, de genero não-metaphysico. Na nova poesia portugueza todo o amôr é além-amôr, como toda a Natureza é além-Natureza. Pode o amor, cantado por um dos nossos actuaes poetas, ser amor nas duas quadras de um soneto; nos tercetos é já oração. E assim com todo o outro genero de poesia geralmente sub-metaphysica. Quaesquer poemas da corrente podem servir de exemplo. De um canto á luz tira Junqueiro uma das maiores poesias metaphysicas do mundo, poesia a que se pode comparar só a *Ode on the Intimations of Immortality* de Wordsworth. Em um assumpto aparentemente amoroso Teixeira de Pascoaes transcende logo o amor, torna-o degrau para a religiosidade; é da *Elegia* que se trata.

Ora de ser a nossa nova poesia absorventemente metaphysica ha uma conclusão a tirar. Poesia metaphysica implica emoção metaphysica; emoção metaphysica é simplesmente synonymo de religiosidade. A actual poesia portugueza é pois uma poesia religiosa. Prova-o materialmente o seu uso de expressões tiradas do culto religioso — com outra religiosidade usadas, claro está — como *ungir, sagrar*, etc. É de todo religioso o tom geral e immediatamente perceptivel da nossa actual poesia. — Ha mais: a religiosidade da nossa actual poesia é *uma religiosidade nova*, que não se parece com a de nenhuma outra poesia, nem com a de qualquer religião, antiga ou moderna. Contraste-se n'isto com o symbolismo, que não tem religiosidade propria; e não a tem porque a que tem é catholica ou quasi-catholica; vem-lhe do passado, é morte — ponto de capital importancia, porque mostra nitidamente o caracter degenerativo e morbido do symbolismo.

Mas que religião nova é essa que se adivinha na nossa nova poesia? Não de todo, mas approximadamente, vae mostrar-nos a analyse, em que vamos entrar, da *metaphysica* da nova poesia portugueza.

(Continúa).

*Fernando Pessoa.*

## Canto Primavera

a Veiga Simões.

O fim do Inverno chega. As arvores esguias  
Reverdecem de novo enchendo-se de folhas,  
E com Setembro chega a Primavera.

Do frio orvalho as tremulantes bolhas  
São como faces de espelho  
Polidas a luzir nas folhas novas.

É o instante  
Do levante.

O céu vermelho  
Reveste-se de azul e nevoas alvadias  
Como se fosse um vastíssimo lençol  
À espera  
Do nascimento do Sol.

O Campo esplende, e o Sol alça a fronte dourada;  
Rompe as nuvens de ouro e seda,  
E como enorme e longa labareda  
Por todo o campo espalha a luz desenfreada.

Fremencias incontidas de desejos  
Andam n'alma da Terra, erram por todo o espaço,  
E o Sol, o deus da luz, lança um fulgente braço,  
Que enlaça a Terra e queima como beijos.

Zephiros matinaes  
Passam pelo folhame do arvoredado  
Acalentando sonhos sensuaes.

Tudo resurge ao som dos acalantos  
Das brisas, dos regatos e das aves.  
Correm dryades nuas de olhos suaves  
Como se fossem caneforas andantes,  
Trazendo-nos á mente os magicos encantos  
De uma terra de amor onde dormem bachantes.

Erram pelo ar maviosas cantilenas,

—Sons extranhos de guzias e de avenas  
De invisiveis pastores.  
As fulgencias do Sol toucando as flôres  
Parecem teias de ouro  
De uma aranha de ouro.

Pendem dos laranjaes aureas fructas redondas  
E a campina é um joyel das mais raras fragrancias.

O céu é todo azul,  
E ha por tudo o azul  
Cor do céu, cor do mar, cor das grandes distancias.

O vasto mar fremente  
É um verde espelho de ondas  
Que o céu e o Sol miram perpetuamente.

O vento agita o leque das palmeiras  
Que sacodem no ar as verdes cabelleiras.

Paira por todo o campo immenso  
Um cheiro intenso  
De rosas  
Gloriosas,  
Que parecem cahidas do alto  
Quaes plumas de invisivel gerifalto.

Passam pelo azul aves voando  
E cantando,  
Como canções aladas  
Que Pan deixasse, em calma ao longo das estradas.

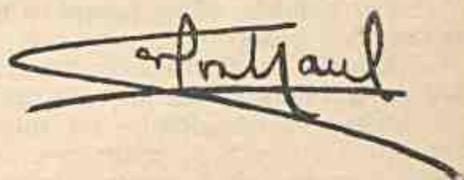
E o prado, e o mar, e o céu maravilhante  
Vibram com fragor um canto extasiante,  
Canto pleno de luz, canto pleno de vida  
Que faz fremir em tudo a volupia suprema,  
Que nasce enternecida  
No flammeo coração de algum raio de Sol  
E vem fulgir como um diadema  
No alto dos calmos ponteagudos montes  
Que são no seu silencio soberano  
Petreos escriptorios das canções das fontes.

A Primavera vem como uma camponeza  
Cantando sorridente umas canções gloriosas  
Que parecem andar occultas na deveza  
No perfumado coração das rosas.  
Bem ao longe na curva do caminho,  
Avulta ainda como aceno breve

A cabelleira alvissima, de neve  
Do Inverno que passou como um velhinho  
Entre os encantos juvenis do mundo,  
Imponderavel, macillento,  
Como a lamentação monotona do vento  
Nas frondes de um salgueiro moribundo.

E a Primavera vem como uma camponeza  
Com a carne rubra de desejos,  
Espalhando, triumphal, a suprema belleza  
N'um punhado de risos e de beijos.

Rio de Janeiro - Barzil.



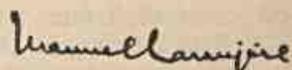
\* "Carta a A. . . .,"

Já nem sei as palavras que te disse...  
Deviam ser injustas e crueis!  
Mas eu, meu pobre amor, tambem soffria,  
embora que, no dizer-t'as, tanto risse...  
E vós, oh almas simples, não sabeis  
— que ha quem soffra... e ria:

A rir, fiz-te chorar perdidamente;  
fui mau, bem sei. Perdôa, meu amor;  
mas eu tambem soffri horrivelmente...  
Soffri: ha quem não possa mordaçar a dor  
e se mascáre, — somente  
para escondel-a e p'ra chorar melhor.

E tu, meu doce amor, não imaginas  
o desejo que eu tinha de beber-te  
a tristeza feliz do teu olhar!  
Ah! quantas, quantas vezes quiz dizer-te,  
beijando o teu corpo nú,  
como quem beija estatuas divinas:  
— "Sou bem mais desgraçado do que tu,  
... porque não posso chorar."

Setembro - 1910.



## Duas páginas do Livro das Saudades.

### I.

#### O ÚLTIMO POETA.



Uma vez, em Viseu, na torturada aprendizagem do Saber que andei fazendo por liceus do Continente, estando eu em casa de Carlos de Lemos, o poeta Eduardo de Carvalho trouxe-me a dita de conhecer A. Paulin Santos.

Isto relembro agora, porque o meu poeta tem como todos os poetas a sua história.

Defronte da minha casa morava um mercieiro de mãos vermelhas, com uma mulher de seios muito fartos. Ali matava o tempo este poeta, em confidencias de sonetos aos excelentes dônos da casa. Ali o conheci eu também; e sobre sacas de generos de primeira, o poeta me leu o seu livro de versos, com paisagens da Arcadia e almas famintas de Gorki... E ali mesmo ele me contou a sua historia,—uma historia confusa, com um tio rico, inflexível com a rima, cruzando com ele na rua sem o encarar; depois, na hora da agonia, junto do quarto do tio moribundo que o olhava num olhar vidrado, o poeta, tonto, expulso da casa por um sujeito que nunca vira, carregando muito num sutáque brasileiro...

O pae era francês, morrêra cedo: devia ter morrido melancolicamente no Cêrco de Paris. A mãe viera esmorecer no doce coração da Beira, daqule luto da guerra; e um dia mais lento esquecêra-se da vida... E o poeta, liberto da esperança enganadôra desse tio de ferro, desceu um dia até Coimbra—a vêr os amigos...

O poeta sentira-se muito só em Viseu. Durante um ano inteiro punha cintas num jornal; o director, sisudo político do Governo, cortára sempre, sêcamente, mesmo da terceira página, os lirismos do poeta e a sua prosa nostálgica. Ainda tentou a vida pratica; e andou pelas feiras de verão vendendo botas, com um fabricante da terra. Uma noite, cioso da liberdade de estro, que o director do periodico bi-semanalmente lhe coartava, demandou Coimbra e o Mondêgo, onde as rimas adejam de choupou a choupou, a vida é facil, e dôce a camaradagem do estudante.

Foi assim que o encontrei uma tarde no Jardim Botânico, quando as folhas caindo fizéram dele o último poeta.

Coimbra andáva então muito falha de poetas; as margens do rio tinham perdido a memória dos poetas garbosos, dos brandos poetas resando baixo com os choupos e os salgueiros a magoa saudosissima dos poentes; e o choupal vendêra a sua virgindade pelos amores baratos de alta noite...

Então o Paulin (o meu poeta quer que o chamem *Poulan* em memoria do môrto melancolico do Cêrco),—então o Paulin

bebeu a largos haustos os sítios nobres da lenda, as lavadeiras e a Torre, o Calisto e Santo António. Conheceu os seios da Marrafa e o sangue de Inês. E dentro em pouco as Rimas em cortejo fizeram-lhe a graça dum livro em que a lenda palpitava como nas coisas antigas. Coimbra dera-lhe um livro: restava à Academia, em louvôr da poesia, dar-lhe dinheiro para êle.

O meu poeta correu *repúblicas* da alta, dando audições aos rapazes, que lhe pediam quadras de improviso. Andou por serenatas cantando o Choupo e as aguas do Mondêgo. Mas, aí, a paisagem não embalava já a Academia: a paisagem apenas interessava a Academia quando o fumo do *Sud-Express*, atravessando a ponte, se ficava um momento sobre o rio... Então o meu poeta começou a escrever, para os rapazes, sonetos sobre o olhar de todas as meninas da cidade; e tinha hiperboles magnificas aligeirando-lhes o andar na graça de sete sílabas. Um momento os corações femininos da *alta* sentiram a ilusão de que Coimbra voltava a ser um perpétuo Parnaso, e dentro de cada capa ardia a chama sagrada, misteriosamente... E eras tu, Paulin, era a lenda acendendo em ti o derradeiro facho!

Mas um dia o poeta desceu do sereno Olimpo para a crueza da vida. Os tempos iam mal para o lirismo;—e o Paulin sobraçou a sátira, no seu risinho maluco, como tinha desferido a lira com a lagrima oscilante.

Então, o poeta frequentou os droguistas e tendeiros, casas de lentes e amanuenses de notario. Abria a porta dos gabinetes no Julião e no Magrinho; e entrou a vender o estro por generos alimenticios e por tantos reis a linha. Dentro em pouco o Paulin era intimo de Coimbra inteira, empenhava no Fonseca sonetos e cobertôres, e vendia ao França Amado kilos de humôr ás quintilhas.

Para mercadejar o amôr, teve comoções na musa ante prostitutas velhas, que o chamavam, p'ra o ouvir. Para calar o hospedeiro, que exigia o pagamento, graça até arrebrantar. Para os lentes, citações; para os rapazes, mulheres; e para a lenda, cantigas.

Mais que o Barnabé e o Hermínio, foi até hoje o maior embaixador junto das casas de prêgo e das mães de filhas faceis. Nas situações complicadas, impetrava da rima o seu auxílio. Com a rima se fez moço de casas de estudantes, com a rima se fez intimo do comercio da terra. Apontou rimas ao rei em casas de batota, despejou sobre a cabeça de Minerva a cornucópia das rimas, abundantíssimamente...

Fez versos ás tricanas, para depois negociar com a sua intimidade; fez versos aos viajantes da casa Cook, indicando-lhes os sítios com mais lenda. Para bem conhecer a linguagem dos mestres, copiava *processos*, no quarto ano, aos rapazes, a doze vintens a folha; e até parece que por pouco não tomou grau de doutor, com teses a defender em versos de pé quebrado.

Fez versos a lentes, odes ao seu talento, a meio tostão o adjetivo, para depois se rir dele; e aqui me está ele dizendo que inda nunca ninguem pagou melhor. Pudéra! Se foste tu, Paulin, o único

que até hoje lhes encontrou o talento! E cantas o talento dos meus mestres de Direito no mesmo metro e rima (os mestres devem ser dignos da oitava rima de Camões) com que elogias a vetusta fidalguia dum imundo merceeiro a quem namoraste as botas.

Tu até foste descobrir que para os lentes te lerem terias de escrever-lhes na linguagem dos Textos, com citações e artigos! Que tremenda tarefa a tua, para que os lentes te entendam,—de pôres o Código em verso! Se ainda houvesse reis em Portugal, eu pediria ao rei que te fizesse Cronista-Mór dos Lentes, só para vêr-te nos Actos Grandes ao lado do Reitor, o olhinho pisco, de golinha e espadim, cantá-los em verso heroico.

Que diferença ha entre ti e o famôso José Antonio, orador cómico, e padre, e gôrdo, falando em prosa rimada só para os outros se rirem! Tu és maior que Gyl e que o bôbo do Rei Luiz XI, porque te ris dos que pagam e fazes disso a tua vida. De quem nascêste tu? Do Côrvo de Edgar Poe e Lady Macbeth? Ou de alguma concubina do gôrdo Pantagruel?

E foste afinal perder-te em Coimbra, cantando as prostitutas decrépitas e os lentes de Direito,—tu que devias andar no mundo de Shakespeare... Fizeram de ti o ultimo poeta, e aí ficáste, acoitado na capa do estudante, dizendo os ultimos lirismos à boémia, de butes rôtos e estomago vasio.

Parte: procura como a Lenda o teu exilio. Faze-te poeta aventureiro, e vai pelo mundo, em teus ritmos bôbos, cantar a agonia da lenda, e os dias finaes da velha Atenas, como os deuses de Henri Heine, tambem errantes e trôpegos, batendo de noite à porta dos casebres nas praias do Mar do Norte.

E ainda talvez sejas burguez e considerado.

Com teus versos malucos e teu risinho doido, és bem menos grotesco e bem mais interessante que centenas de parvos que eu admiro.

Ó meu côxo, e emotivo, e derradeiro poeta de Coimbra, da Lenda, e da Saudade!

## II.

### O BAILE DOS CÁBULAS.

Uma vez (e passou-se isto nos meus tempos de Coimbra!) os estudantes sentiram-se, como nos tempos antigos, senhores de graça ruidosa e môça.

Era isto no dia em que o Reitor reunia em torno a si, em obdiencia ás velhas leis de Minerva, os estudantes laureados—aqueles sobre quem descêra a benção dos deuses protectôres e a pomba branca da Sabedoria—dando-lhes bôlos e valsas. Então, nesse grave momento, quando sôbre a cabeça dos *ursos* descia o louro, na alma dos estudantes que pagavam os favores de Minerva com dobrada ingratição, nasceu a ideia de ordenarem junto à porta

dos paços do Reitor um tremendo cortejo que excedesse em glória épica esse outro de Mantegna do *Triunfo de Cesar*. Os meus estudantes burocratas, a carícias do luar de Coimbra, sentiram-se agitados dum bárbaro espirito de troça, vindo dos tempos distantes; e à porta do Senhor, com muito grande aparato, fizeram o *Baile dos cábulas* com a fôrma e as figuras que agora vos vou dizer.

Vinde ver, vinde ver a estranha cavalgada!

Formou-se este cortejo na Portagem, à luz evocadôra dos archotes, como outrora se formavam as grandes festas dos doges, na Veneza das festas. Onde está ele, o mago ordenador deste cortejo noturno? Em cada um reacendeu a chama antiga da troça, que até parece serem todos diabos de farça, abrindo a peça numa vertigem insaciada de grotesco e de prazer. Vozes e risos incitadores saíam de cada corpo; e uma figura se adianta, erguendo o archote, como um coriféu, levando atraz de si a turba impetuosa, que a segue a uma chama doida que um vento sem tregua alimentasse.

Vinde ver, vinde ver a estranha festa!

Chegam mulheres às janelas, como nas festas antigas; e ha gestos de aclamações, gritos de côr pelas janelas, desvairos acendendo a multidão, que engrossa sempre o cortejo.

Levam à frente o pendão dos grandes triunfadores; e segue-o a distancia a charamela, órgão do júbilo dos mestres, que nos actos grandes da Sala dos Capêlos, após renhida luta de argumentos e uma indomavel guerra de palavras, e citações, e artigos, reconcilia o mestre e o defendente na graça alada da polka e do trombone.

Ouvem-se os brados dos archeiros, de farda rica e alabardas tinindo, afastando a multidão; e o Guarda-Mór impõe silencio, que um lente novo quer falar, ninguem o ouve...

Lá veem eles todos, lá veem eles todos, os lentes,—todos de capêlo e bórla, muito graves, muito hirtos, que até parecem de pau, e que ali vão num cortejo, de dentro das insignias do Saber, assistir ao enterro das Edades...

Vinde ver, vinde ver a estranha procissão!

Vai um à frente, destacado de toda a companhia, a cavalo, que parece o mais garboso batalhador nas titanicas lutas do Direito. Tem na cabeça, à banda, o bicorne de Napoleão; o largo peito arqueado pequeno nos parece para as medalhas de guerra; e as esporas, ofuscando o clarão vasto dos archotes, são tão grandes, tão largas são, que ocultam o dôrso do cavalo, e resôam com estrupido na calçada. E leva atraz um pagem ostentando, em troféu, o lapis das grandes ocasiões com que na aula domina o germen occulto da Retórica.

Outro lhe segue, chouteando com vagar o burro das citações. Olha em receios a multidão, não lhe vão pizar o burro ou estragar as citações. Todas elas levam guisos, e fitas de várias côres... Deixem passar o gerico,—que o mestre leva ali o seu tesoiro...

Lá vai outro. Meteu-se dentro dum caixote, espreitando cá para fóra com os óculos e a cabeça. Parece que vai estranho no meio da grande festa. Um colega perguntou-lhe agora mesmo se

ia bem; e o mestre teve uma voz, voz cavernosa que vinha de muito longe:

—Veja o artigo 40.

Olhem aquele como vai bonito... Leva luvas amarelas, e no capêlo tem a cauda dum pavão, que ele abre toda em redor. Irra! até o outro do lado, pequenino, que sustem na mão a arquinha — a arquinha das subtilezas —, lhe atirou, todo agastado:

—Ó colega: encólha o rabo...

O mestre cresceu todo de importancia, espalhou por toda a rua o leque da sua cauda, que até tem brilho mais vivo o resplendor que leva na cabeça, em vez da bórta...

Venham vêr, venham vêr o lindo par... Olha: é *ête* e parece *ela*... Todo vestido de Venus, tem sorrisos langorosos p'ra outro que vai ao lado, num estaleiro, já de casaco cintado, prêso como um papagaio. Ajunta-se gente à roda, a yerem o papagaio falar mansinho à donzela.

—Então: sempre quer-me deferir-me o requerimento?...

Venus rebolou-se num sorriso. Volta então o papagaio:

—E do papá não terêmos o consento?

Há gargalhadas na rua, meninas rindo muito nas janelas; e ninguém ouve já o papagaio, em frases muito sonoras, a pedir:

—Diga-me *cóisas*...

Parai, triunfadores da Roma antiga! Vinde cá, vinde cá, crepusculos de Veneza, envolver o carro de ouro!

As grandes azas pretas de Minerva abriam-se no ar, no mais alto do carro, como se o môcho imenso do Saber, debaixo das suas azas, ali fosse envolver, para eterna memória, o triunfo do Heroi, legando à eternidade, em origem e escultura, sua estirpe antiquissima de eleitos. E todos os olhos envolveram o carro; e um frêscio sopra, ondeando por sobre a multidão, ali deixou extáticos e quêdos todos quantos eram ha pouco rumor e aclamação.

Um momento o carro parou; e sob as asas do grande Môcho, a Torre apareceu, tão realmente como todos a tinham visto até aí ao fundo do Pateo. Mas era agora transparente, que dentro dela, em alcool, vivia o Heroi, o Pedro das Antigas Edades, desde que um poeta que por lá passára ali o tinha enfrascado, para espanto dos vindouros.

Imoveis eram seus membros, o seu rosto, o seu olhar; e apenas saía da sua imobilidade de coisa eterna, dobrando o braço sôbre a cabeça, para coçar a orelha, da outra banda...

Aos Arcos do Jardim a farça toma tintas de lugubre ronda diabólica. O fogaréu dos archotes mascarra de vermelho as faces das figuras — estranhas faces de painel e mistério cristão com judeus e sacerdotes —, untando-as de sombra em cortes grotesquíssimos. Ha gentes decapitadas, outras perdidas na sombra, só mergulhando as orelhas nesse rubro dantesco dos clarões ondeantes... Aquele além mais parece atacado de lepra — que a sombra devorou-lhe pedaços do nariz, ameça-lhe já perto as maxilas enormes.

Na pressa da subida, curvados para o chão, são fantoches de negro, penitentes do inferno, imensa côrte de bôbos dum sultão oriental com domínios de luz estranhos e perturbantes. E o silêncio que lhes põe na alma o cançasso da ladeira torna mais lugubre e fantastico este cortejo arquidoído.

Vão agora a chegar à Porta Ferrea; e a um escuro gesto que a um tempo os tocasse a todos, paráram um momento, num rumor novo que se embebia dum ritmo alegre, quasi infantil. Depois, todas as cordas vocaes erguêram um silvo selvagem, crescendo e arqueando, como um clamor de moribundos feito gritos de trombetas. E então rompêram todos no mais ébrio batuque que jamais algum maluco pintor do norte pudêra conceber.

À frente, marcando a contradança, Gonçalves Cunha, *mestre de dança e de boas maneiras*, conforme êle usa nos cartões. E ha agora mais gente a ver,—a sombra gera um oceano de cabeças, é Coimbra inteira pasmada daquêle batuque noturno. Olha o *Espan-toso*, de unha comprida, como elle ri, escangalhado!

O presidente da Tuna arenga um discurso longo, que ninguem ouve, enquanto a Tuna executa o Hino. Já vão atraz garôtos a apitar:

—Ó da tuna, toca o hino...

E ha vozes de papagaio no seio da multidão:

—Papagaio real, quem passa? É a Tuna que vai p'ra caça...

Até o Coimbra barbeiro chegou á porta, de navalha e assentadôr, a clamar coisas eruditas em que ha palavras distintas:

—Inda ontem me disse o Reis... Qual... Pois êle não sabia nada... Ele nem sabe distinguir a hipoteca do penhor... Não conhecer bem o Cimbalí... É uma vergonha p'ra nós... Defender teses assim...

E tinha gestos de vasta indignação, erguendo os braços ao ar.

Já todo o largo é um corpo enorme de voz, e luz perdida, e fumarada mole envolvendo o rumor denso. Já as figuras se sentem possuídas de diabolica furia que as anima, e faz pular no desvaio da dança, como bonecos de feira. A chama louca contaminou a população inteira: tudo são corpos bailando, bailando, cêgos, endemoninhados cörpos, na fulva alegria bestial em que o espírito de troça, morto ao incendio do sangue, já não consegue aparecer, perdido na furia insana.

Aquêle bailado infernal era agora o fantasma de uma festa magnífica.

À luz dos ultimos archotes, esmorecendo nos alvôres da madrugada, ainda os sons repetiam os derradeiros ecos do triunfo.

Dum livro a sair do prelo:  
«Elegia da Lenda, Livro das Saudades, escrito por Veiga Simões estudante que foi na Cidade de Coimbra.»

*Veiga Simões*

## Nota sôbre os vocábulos *treinar*, *deporte* e *despôrto*

**I**sto é somente para os que ainda o não sabem, e que tenham paciência para ler tais vèlharias. Poucos serão.

Em que época foram estes vocábulos introduzidos em o nosso idioma? Qual a sua origem?

Em primeiro lugar, é incorrecta a pronúncia *trènar* e *tréno*, em vez de *treinar* e *treino*.

Supuseram alguns que o francês *trainer* fôsse o étimo; e nesse caso, aportuguesando-o, pronunciam *trènar* e *tréno*. Mas a origem parece-me diferente, como veremos.

O primeiro vocabulista que o registou foi Bluteau, autorizando-o com um exemplo colhido na *Arte da caça*, de Diogo Fernández Ferreira (1616); exemplo a que depois (1789) Moraes também se socorreu com igual fim.

Na *Advertencia dos vocabulos d'esta arte...* diz aquele autor: "*Treinar* significa ensinar as aves que apeguem naquellas ralés, nas quais os falcões nem açores não haviam de apegar nunca senão por industria do homem... A este ensino e acção chamam *treinar*, e ao que lhe lançam chamam *treina*, donde dizem os caçadores; já *treinei* o meu falcão em tal ralé."

Parece, pois, ter sido Diogo Fernández o primeiro que empregou este vocábulo. Em sentido próprio, seria o primeiro; mas 50 anos antes d'êle já, pelo menos em sentido figurado, Jorge Ferreira de Vasconcelos, no *Memorial das proesas da segunda Tavola Redonda* (cap. xxx) escrevera: "Antrevindo também Florisbel, que elle trazia *treynado* na verdade." Esta obra foi publicada a primeira vez em 1567.

Este mesmo autor, na *Eufrosina* (acto v, scena 1.<sup>a</sup>), também empregou figuradamente o vocábulo *treina*.

Alguns autores não lhe indicam a origem; outros (C. Aulete, S. Constâncio e Lacerda) dizem que *treinar* provém do tema *treina*, o que é possível, e que *treina* procede do lat. *trahere*, o que foneticamente é impossível.

C. de Figueiredo também segue na mesma esteira, dizendo que *treina* provém do fr. *traine*, de *trainer*.

Ora A. Brachet (*Diction. étymolog.*) deriva *trainer* de *train*, e este de \**tragimen* (do lat. *tragere*, por *trahere*). Semelhantemente G. Körting (*Lat.-roman. Wörterbuch*) admite um étimo \**tratinum* (do lat. *tragere*), no qual se originaram o ital. *trains* e *trainar*, e o esp. *trajín* e *trajinar*, e, segundo todas as probabilidades, também o nosso *treinar*, do qual o vocábulo *treino* representa um substantivo verbal.



UMA DAS *MAQUETTES* PARA A ESTÁTUA DE CAMÕES

(De Fernandes de Sá)

Passemos ao *despôrto* e *deporte*.

O primeiro dicionarista que os registou foi Moraes (1789), segundo creio, abonando *deporte* com dois exemplos, um respigado nas *Côrtes de Lisboa pelo Sr. D. Manuel*, outro em Sá de Miranda (Carta VI, 28 — nalgumas edições); e *despôrto* com outros dois exemplos, um de D. de Gois (*Crónica de D. Manuel*), outro de Rui de Pina (*Crónica de D. Afonso V*, cap. 203). Portanto não vão além do primeiro quartel ou meados do século 16.<sup>o</sup>; e, das duas grafias, *despôrto* parece ser a mais antiga.

Pela minha parte encontrei exemplo mais antigo, do séc. XV. Em Fr. João Álvarez (*Crónica do Infante Santo D. Fernando*) tres vezes *desporto* e uma vez *deporto* (se não é erro tipográfico):

"E o tempo em que despndia tomar *desporto*, era de mandar fazer manhas e jogos..... e mais por *desporto* e gasalhado dos seus, que por sua propria deleitaçom." (Cap. VIII).

"... vos notifico que o moor *desporto*, que ora de presente poderya auer..." (Cap. XXXV).

"Nom tijna outro *deporto* nem consolaçom, senon estar com eles..." (Cap. XXVII.)

Donde, pois, sou levado a presumir que *desporto* é a grafia primitiva ou, quando menos, a mais antiga até hoje conhecida.

Quanto à origem do vocábulo todos (os que nisso falam) lhe atribuem o italiano *diporto*. Será porém verdade?

Além do ital. *diporto*, ha em esp. *deporte*, em fr. *déport* e no provençal *deport* (Dicion. enciclop. hispano-americano); formas estas que revelam uma origem comum, a qual, segundo Brachet, foi o lat. *deportare*, que deu em fr. *deporter* e *déport*. E aí temos o étimo de *deporte*, que Sá de Miranda empregou, ou *depôrto* que se encontra em Fr. João Álvarez.

Mas a grafia primitiva — *despôrto*, como explicá-la? Haveria para esta forma influência do inglês *sport*, ou seriam as duas uma adaptação da forma antiquada *desport*, que o snr. Dr. C. de Figueiredo afirma (*Os Estrangeirismos*, vol. 1) ter existido? *Dicant Paduani*.....

## O MAL E O ÊRRO



**optimismo** é a filosofia implícita das vidas correndo em fácil felicidade, como o pessimismo é a filosofia implícita das vidas oprimidas sob permanentes hostilidades.

Neste momento, é a filosofia a própria côr fisiológica, apenas o sentimento vital.

Quando o pensamento se desinteressa e em curiosidade busca, surge o problema do mal em sua trágica nudez.

O mal ocupa um imenso território da acção fenomenal e é determinado em sua essência como fonte dessa actividade.

O pessimismo é, então, um momento filosófico superior ao optimismo das almas de felizes digestões. Mas é ainda, apenas, o *cousismo* dum pensamento incompleto. O mal tem de demonstrar a sua realidade e só será irremediável, quando seja a realidade última.

Só uma metafísica justificará o mal, como só uma metafísica justificará o bem.

Ora, dado que nem bem, nem mal existem em si, é impossível um cálculo, que o problema resolva.

Um único caminho seguro poderá, então, haver para demonstrar o pessimismo — o ilusionismo e um ilusionismo, que se demonstre.

Mas não será contraditório o ilusionismo, que se afirme demonstrado e demonstrativo?

É-o, evidentemente.

Quando Schopenhauer apreende, *além* da aparência, uma essencial Vontade, quebra o ilusionismo pois que essa essencial Vontade, não *cousada* em cegueira, será a vontade racional, livre e amante. É certo que essa Vontade cega é bem real e essa a parcela verdadeira das explicações darwinistas; mas é também certo que ela se excede e, excedendo-se, passa o pessimismo.

Aqui o mal apareceu no *cousismo* dialéctico, isto é, no erro.

Erro e mal aparecem juntos no pessimismo profundo do sático Schopenhauer.

O mal e o erro serão noções reciprocamente condicionadas?

A serenidade socrática será a verdadeira sabedoria?

E, sendo o erro e o mal duas faces da mesma realidade, não haverá união entre os juízos de existência e os juízos de valôr?

Sendo assim, o optimismo será mais no âmago da metafísica.

Eis como responde o criacionismo:

O Universo é uma sociedade de mónadas. Umas limitam-se a ser em sociedade, em perfeito e absoluto equilíbrio. Outras excedem a reacção de ser e, nesse excesso, reside a virtualidade do querer.

O mal é no encontro de actividades que se ignoram e prejudicam, ou na acção dum querer *cousado* em interesses exclusivistas, a dentro do estreito horizonte dum pensamento incompleto.

O erro é o *cousismo* dum pensamento imperfeitamente racionalizado por falta daquele excesso atento e fraternal.

O erro é o egoísmo duma mónada adormecida em seu ritmo mínimo.

A verdade é o máximo racional do sensível extranho, é o esforço da mónada em servir a sociedade universal.

Não há inteligência que pense, sentimento que ame e querer que actue; mas mónada, que, pensando, sente e quer.

A teoria do conhecimento e a metafísica são, no criacionismo, duas faces da mesma realidade—as mónadas livres, na sua reciprocidade de acção.

Para crer é preciso querer, e o valor da crença mede o alcance do querer. O egoísta quer o socego e o gôzo sem dúvidas inquietantes, crê, por isso, num Deus cujos mandamentos lhe legitimem o egoísmo, ou na realidade única do prazer.

A pessoa religiosa quer a vida espiritual de amôr e compreensão, crê na eficácia das forças espirituais, e Deus é essa mesma realidade moral continua e, por isso, ilimitada. O erro e o mal são a sombra da actividade moral, que é o bem e a verdade.

Só por si bastam a mostrar a liberdade, porque num mundo de epifenómenos espirituais, estes seriam sempre a exacta reprodução dos conditionalismos actuais.

O papel da vontade no conhecimento tem sido afirmado muitas vezes, sem que, no entanto, as respectivas situações tenham sido bem determinadas.

Ora o conhecimento é dado em função da vontade como na filosofia Schopenhauer e esporadicamente em Nietzsche, ora é a vontade traduzida em conhecimento e então a liberdade desfaz-se em ídolos *cousistas*, como em todas as filosofias de recursos epifenomenistas.

Outras vezes tenta-se uma filosofia da liberdade e então o conhecimento é um probabilismo, cujo dinamismo vem da vontade; ou coloca-se, na base do conhecimento, uma escolha, como em Renouvier.

Deste modo nem a vontade nem o conhecimento se garantem, e é insolúvel o problema do mal. No criacionismo, a liberdade existe, e erro e mal são a sombra que a menor liberdade projecta sob a luz da maior liberdade. A serena austeridade socrática, que, num longínquo dia, iluminou um tribunal ateniense, é a nova serenidade melancólica do virtuoso esforço das almas de infinito e eternidade.

Leonardo Coimbra

## A Capella do Castro da Senhora da Alegria (Almalaguez).



**C**onhecido é sufficientemente na Arqueologia o facto da continuidade dos santuarios atravez dos tempos, pela lenta substituição de cultos ante-romanos aos romanos e pela destes aos cristãos, nos mesmos lugares.

É assim que as nossas capelinhas, perdidas nos altos, destacando-se muito brancas no vêrde-escuro das cômas dos pinheiros ou no cinzento-violeta das penedias, representam na sua mais pura essencia aqueles remotos santuarios que os pré-romanos instituiam no cimo das montanhas no meio das suas habitações redondas, dentro do cercado dos seus muros de aparelho poligonal.

Mas um dia as povoações encontrando-se em condições diferentes de vida, de trabalho e de commercio, começaram a descer das serras, a desbravar os vales, a estabelecer-se á beira dos regatos, ao abrigo das encostas, olhando o alto donde haviam baixado saudosamente, piedosamente, porque lá ficavam o seu deus tutelar e as sepulturas dos seus antepassados. Assim por uma mutação natural as *Brigas* tornáram-se em *Ribeiras*, e o que fôra campo de cultura nos planaltos em soutos e pinhaes que pouco a pouco fizeram desaparecer sob o mató curto e o humus novo, os traços das antigas moradas e dos antigos trabalhos agricolas.

Muitos são em Portugal os Castros e as litánias em que as capelas assentam sobre os restos de habitações preistoricas ou protoistoricas. A capela da Senhora da Alegria, um kilometro ao sul de Almalaguez (concelho de Coimbra), encontra-se nestas condições.

Situada no *plateau* elevado do Castro (Crasto, como lá dizem), á sua volta, na Ouressa e na Cidade dos Mouros, para o Nascente e no Alto do Olheiro para o Sul, encontram-se alicerces, *lagares de mouros*, sepulturas rupestres e de pedra solta, e inumeras cousas ainda, que terão de ser descritas em revista arqueologica que não em artigo como este.

A capela tem o aspecto exterior das suas congêneres do seculo XVII. Um largo portal de frontão triangular sob uma janela gradeada entre dois postiguitos retangulares, serve-lhe de entrada. O interior é vasto bastante, desguarnecido, com duas cômas a segurar um pequeno côro, e meio enterrado na parede esquerda um pulpito redondo, de peanha, onde se lê numa só linha sobre umas cabecitas de anjo que o ornamentam na base o seguinte latim: *Hoc opus expensis publicis Theodosius Abreu construxit Templi limina sacra rēgens 1634.*

O altar-mór é um banal altar da epoca, coberto com um tecto de vinte caixotões com pinturas de ha trinta anos. As paredes da

capela-mór são guarnecidas de azulejos iguaes aos que forram a capela-mór do convento de Semide e neles se veem representados varios passos da infancia do menino Jesus.

Pendurados ao longo das paredes, sobre o azulejo, muitos quadros votivos. A fama milagreira de qualquer santuario afere-se pelo numero destas *tabulae votivae*. Usados de tempos imemoriaes (Egito, Grecia, Roma) tiveram a sua maior expansão em Portugal nos ultimos tres ou quatro seculos, indo contudo o seu uso desaparecendo gradualmente. Tem-nos bem recentes, d'ontem pôde dizer-se, aquella igreja nova de aguda torre que alem se avista na serra fronteira, sobranceira aos pinhaes: o Senhor da Serra de Semide, de turbulenta memoria. Aqui enchem todo o friso superior do azulejo, enegrecido do tempo e do pó, a desfazerem-se quasi, alguns, da velhice de dois seculos; é a eles que principalmente me quero referir. Datam os mais antigos dos meados do seculo XVIII.

Na simplicidade das suas rudes pinturas, devidas as mais das vezes a pintores de rudimentares conhecimentos, esses quadrinhos votivos, documentam valiosamente a sua epoca. Todos os assuntos se misturam, desde o navio que a Senhora conduz a porto de salvamento até á perna esmagada sob o pinheiro que cahe, ou á doença desenganada da medicina miraculosamente terminada. Pelo espaço acanhado, as figuras, com os trages da epoca entre a indumentaria da epoca, dão-nos uma impressão vivida, cheia de movimento apezar das poses petrificadas em que o boçal pintor as colocou.

O mais antigo que lá encontrei, datado de 1757, acha-se dividido ao meio, horisontalmente, e tem na parte superior, á esquerda, uma menina deitada em leito de amplos cortinados, e á direita uma aparição da Senhora da Alegria; na parte inferior, o pae, a mãe e as duas irmãs da donzela, rezam ajoelhadas, em fila. Do pulso de cada uma das figuras de mulher, pendem umas fitinhas vermelhas que não posso compreender sejam simples adôrnos, levando-me a uniformidade delas a julgar que antes serão um signal supersticioso nada de extranhar em lugares onde bruxedo e religião caminham sem se incomodarem, bem ao par. Por baixo ha a seguinte inscrição: "Milagre q̄ Fez Nosa Sr.<sup>a</sup> da Alegria a Luiza Joanna, F.<sup>a</sup> de Luiz Moreira da Fon.<sup>ca</sup> e de Rosa Maria da Encarnação do lugar de Monforte que estando gravemente enFerma se apegaram elles seu pay e sua may com a mesma Sr.<sup>a</sup> e suas irmans (da donzela, não da santissima virgem, a quem até hoje se não conheceu tal parentesco) e a Sr.<sup>a</sup> lhe deu saude—era 1757 annos.."

A este segue-se um de 1764 que se conhece logo não pertencer á escola de pintura dos ex-votos restantes; foi decerto encomendado na cidade a qualquer pintôr de taboetas de mais fama, porque as figuras são expressivas, bem tocadas de luz, guardando a perspectiva; mandado fazer pelo P.<sup>e</sup> Brardo Tex.<sup>ra</sup> vigario, a quem a Senhora misericordiosamente restituiu a saude. Numa cama com os cortinados repuxados o vigario agonisa; dois clérigos sentados aos pés da cama, entreolham-se; a luz é indecisa, propria do quarto de um moribundo; pela porta entreaberta, no fundo, duas cabeças

curiosas e inquietas, meio embuçadas, espreitam enquanto a Senhora, num resplendôr, aparece no alto.

Ha ainda no santuario mais ex-votos do seculo XVIII, mas muito damnificados. Em toda a collecção ha tambem algumas pinturas dignas de nota já do seculo passado, como uma oferecida por José Rodrigues Fachada, o qual vindo do Maranhão na nau Princesa, pelas alturas de Cabo Verde desabou tal temporal sobre o navio, que só o auxilio da Senhora da Alegria conseguiu trazê-lo a salvamento. Este ex-voto fornece-nos uma indicação curiosa. A gente desta região emigra extraordinariamente para o Brazil, e de longa data como o prova tambem o quadrinho votivo.

Um velho camponez percorrendo comigo os montes proximos, fez-me notar que a vida dos seus conterraneos se tornára difficil pelo acrescimo constante da população, que se via forçada a emigrar para não morrer de fome nas aldeias. "Pois o senhor não vê tanta creança e as terras tão poucas para pão". Tinha razão o bom do velho, porque aqui, onde os montes se seguem aprumados e continuos dando lugar a magrissimas varzielas, a cultura dos cereaes não abastece as populações.

Chamou a minha atenção uma cadeia de ferro ligada a uma meia argola do tipo das algemas, que cahia ao longo da parede esquerda do arco da capela-mór, sob um ex-voto isolado. Estava ali o testemunho do maior milagre da Senhora!

Comecei a lêr a inscrição do quadrito: "Milagre que fez N. S.<sup>a</sup> da Alegria a uma sua devota Q tendo de lhe fazer huma novena de hum ano, estando no ultimo dia da sua promessa em oração, sentindo entrar gente na Capela, olhou p.<sup>a</sup> tras vio o seu Filho e mais o Argelino presos com grilhoins aos pés como lá os trazia e num estante ali se acharão naquelle lugar. Este cazo consta por pessoas q virão e os grilhois estiveram expostos na Capella até era 1693 esendo Irmitão Manuel Fz de Almalagues, em cujo pozerão os ditos grilhois, ficando só o cadeado q ainda se conserva nesta Santa Casa. Anno 1827."

Está dividido o painel ao meio, horisontalmente. Na parte superior a mãe de braços erguidos junto ao altar da Senhora da Alegria; em baixo, duas figuras; o argelino de tunica e turbante medonhamente emplumado, espalma-se ao lado de um vacão novo e forte que mesmo no duro cativeiro conservou a jaqueta curta, azul, o calção apertado, as altas botas de canos e o seu chapéu redondo de largas abas, uma corrente grossa peia os dois personagens.

Como appareceram em Almalaguez os dois, ainda ferropcados, o que lhes devia dificultar um pouco os movimentos, e qual o posterior destino do Argelino, não o explica o ex-voto; este facto podem faz-me lembrar um semelhante de Alvaiazere. Na *Corografia* falando-se das Capelas do termo de Alvaiazere cita-se do seguinte modo a imagem da S.<sup>a</sup> dos Covões. "He tradição apparecer em hũa lapinha pegada cõ a casa da dita Ermida, e nella se vê hum grilhão de que ha tradição trazê-lo ali hũ devoto da S.<sup>a</sup> em testemunho da mercê que por sua intercessão alcançára estando cativo

em terra de Mouros e preso com elle e que balendo-se da intercessão da S.<sup>a</sup> naquella afflicção, amanhecêra hum dia milagrosamente em terra com o dito grillão». Do confronto das duas inscrições pôde inferir-se que o grillão dos cativos teve a sua aura de popularidade devota. A identidade dos casos é completa: nem a maravilha do aparecimento instantaneo e matinal em terras cristãs falta em nenhum.

Deixando os curiosos quadrinhos, e já quando me preparava para sair, reparei que mesmo no pedestal da imagem da Senhora da Alegria havia penduradas muitas trancinhas de cabelo, louras, castanhas, negras, —oferenda fervorosa de moças, que mais preciosa cousa não poderiam oferecer, espigas de milho, troncos de feijões resequidos, etc.

“Costuma o povo vir aqui trazer estas coisas para que a senhora favoreça as colheitas», informou-me o guarda da capela... A tradição perpetua-se. Naquele mesmo lugar talvez, ha milhares de anos, os incolas vinham ritualmente, religiosamente depôr ante o seu nume, Ataegina ou Baudiarbariacus, as primicias das colheitas...

Coimbra — 1909.

*Frederico Corneio*

# BIBLIOGRAFIA

**Nova Safo** por *Vila-Moura*. Foi para mim a "Nova Safo", a revelação d'um grande e verdadeiro artista.

Sinceramente digo que os livros anteriores de Vila-Moura não deixavam adivinhar a sua ultima obra. O talento d'este escritor appareceu, de subito, sem aurora. Triunfou sem lutar.

A "Nova Safo", é, na verdade, uma admiravel obra de arte. Em todas as suas paginas animadas, se descobre o poder de expressão original, a força de simpatia, a faculdade de surpreender as transcendencias das cousas e dos sentimentos e o dom de estremecer e vibrar ao seu contacto e de cristalisar esses profundos estremecimentos em purissimas formas verbaes.

Vila-Moura é, portanto, um raro talento de escritor; e nada mais teria a dizer, se eu amasse a arte só pela arte. Mas vou mais longe; interessa-me infinitamente a *atitude* do escritor perante a Vida.

Vejamos a de Vila-Moura.

O seu espirito não é superficial ou exclusivamente plastico e tende para o interior das cousas—esse verdadeiro scenario do Drama. Está sujeito á gravidade porque tem vida e corpo; não é sombra illusoria.

Ele desceu, sondou, investigou. E que viu em ultima e transcendente analyse?

Viu a *Sensualidade* na sua expressão monstruosa e esteril. Maria Peregrina, a principal personagem do livro, é a sacerdotisa d'essa nova Deusa, cujo altar se alevanta cheio de rosas e de luzes, não *além* da vida, mas *fora* da vida.

Descendente da nobreza lusitana e castellhana, ela sente o seu sangue doentio e transviado, evaporar-se em tórvo nevoeiro de sensualidade, tocado, de quando em quando, de alvôres de lua que o transfiguram em claridades espirituaes. É, n'estes seus momentos de super-delicadeza de alma, porque é uma mulher de genio, julga ver a *presença divina* n'essa voluptuosidade desorientada que a penetra e desluz, como a agua da chuva já velho tronco de arvore sem abrigo.

Sim: ela tem fome de Deus; mas o seu manjar é cinza morta. D'ahi o canto extraordinario que a nova Safo entôa em louvor da Morte, nas ultimas paginas da sua vida.

E não foi, afinal, a Morte o seu amor, a morte mascarada de Belêsa?

A "Nova Safo", é um livro pessimista e nihilista.

Não veremos, um dia, Vila-Moura ao lado e a favor da Vida e da Esperança?

Assim seja!

Estê meu desejo não traduz, de forma alguma, ridiculo conselho, nem estas linhas são de critica. Elas dizem insufficientemente, como em conversa, a funda impressão que me causou tão notavel Obra de Belêsa e Morte, que eu desejaria fôsse de Belêsa e Vida.

*Teixeira Duarte*

## OUTRAS PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

"O Criacionismo",—Leonardo Coimbra—Edição da *Renascença Portuguesa*.

"Portugal Literari",—Ribera e Rovira—Biblioteca Popular de "Avenç",

"Principio",—Mario de Sá Carneiro—Edição da Livraria Ferreira.

"Avós Illustres",—João de Andrade.

"Terras da Beira",—José Monteiro—Edição de França Amado.

"A sombra dos cedros",—Edição de França Amado.

"Evolução e Determinismo",—Silvestre de Moraes—Edição de França Amado.

Revista de História.

ERRATA—No n.º 7, na separata "Flores", deve ler-se—(De António Costa).

## O Saudosismo e a Renascença

A Raul Proença

**N**'estes ultimos meses, a cidade do Porto, que representa o norte do paiz, tem manifestado verdadeira simpatia pela nossa sociedade devida ao entusiasmo de algumas almas que sonham estimular e orientar, n'um sentido superior e definido, as acordadas energias da Raça.

E este movimento de simpatia a favor da "Renascença," revela as qualidades organisadoras do norte. Será o norte, portanto, que edificará, sobre as ruinas da monarchia que o sul gloriosamente derruiu, a Democracia Lusitana.

Por isso, o Porto é o berço da "Renascença," o logar carinhoso e natal onde ella desabrochou para crear raizes em toda a terra portuguesa.

As manifestações da Camara municipal e do Centro comercial mostram bem o que acabamos de affirmar: a plena identificação do Porto com a Renascença e o seu programa.

Os homens que fazem parte d'esta sociedade encontram assim o necessario alento para a continuação da sua obra redentora. E bom é que o encontrem, precisamente na hora em que pseudo-portugueses, mais ou menos envernizados de literatura, os guerreiam com todas as armas, desde a facada traiçoeira á calunia vil. Todavia, estes *pseudos* representam o *estrangeirismo* defendendo-se; são os microbios da nossa doença social lutando pela vida.

Vejo que as minhas palavras se vão tornando violentas... Mas é amargo ser ofendido, sobre tudo na sinceridade e desinteresse da nossa crença. É amargo porque é brutal. Nada mais insuportavel que um acto mau da estupidez, principalmente da estupidez illustre, da estupidez graduada em letras ou em sciencias.

Que fiquem em paz os caluniadores. Regosigêmo-nos com a simpatia publica que hoje alenta e revigora a "Renascença Portuguesa."

Deixemos tambem em paz os homens de outros tempos, encarcerados nos seus preconceitos e imutaveis principios ferrugentos, —homens a quem os pêlos da alma embranqueceram primeiro que os da cabeça e do rosto.

O meu desejo é referir-me a alguns novos dotados das mais belas faculdades de intelligencia e coração, que discordam sinceramente com a luz orientadora da "Renascença," como Raul Proença, Antonio Sergio e outros.

Estes dois homens ilustres pertencem ao numero dos fundadores da "Renascença", que muitissimo lhes deve, e da qual se separaram depois por um mal entendido, creio eu.

Sim: entre Raul Proença, por exemplo, e o "Saudosismo", parece-me haver um mal entendido apenas.

Assim seja. Vejamos.

A verdade é que o Saudosismo representa o culto da alma portuguesa no que ela encerra de novo credo religioso e, de nova emoção poetica, em virtude da sua ascendencia étnica. Sendo ela a perfeita resultante espiritual da fusão dos sangues semita e romano creadores do christianismo e paganismo, contem fatalmente uma nova concepção da vida, o que é para nós, portugueses, inexgotavel fonte de belêsa divina, de religiosa arte puramente lusitana, tão precisa á independencia moral da nossa Patria. A *alma lusitana*, que se revela como síntese do principio sensual e do principio espiritual pela sua criação da "Saudade", que é a *velha Lembrança gerando o novo Desejo*, torna-se assim a propria alma da nova "Renascença", respondendo, em linguagem portuguesa, a *este despertar da alma* que se nota nos mais adeantados povos europeus, e é o grande signal dos tempos...

Ahi está o que é o "Saudosismo", nada incompativel com o moderno espírito europeu, mas antes acompanhando-o, embora sem poder o seu perfil inconfundivel.

Todos os povos devem caminhar para a frente todavia; é de grande utilidade á civilização do mundo, que cada povo concorra para ela com o seu quinhão original, a fim de se evitar a terrivel monotonia da uniformidade. E' preciso que o mundo não diminua em belêsa e não perca o seu pitoresco.

A felicidade economica, só por si, não satisfaz o homem. Para que a vida seja alegre necessita de ser interessante.

Repetirei que a orientação saudosista da "Renascença", não é inimiga dos progressos realizados lá fóra.

A sua intransigencia não vae alem do campo religioso e artistico, e o seu lusitanismo não é tão feroz como o snr. Raul Proença imagina, embora o contrario se compreendesse bem como reacção contra tantos anos de nocivas influencias estrangeiras, que têm diminuido imenso o nosso caracter e, portanto, a nossa independencia.

O programa do snr. Raul Proença não é incompativel com a orientação da "Renascença Portuguesa". Sendo um trabalho de grande valor, tem sómente o defeito de haver pôsto de parte a alma lusitana, essencialissima á criação do novo Portugal que nós sonhamos. Eis porque o programa do sr. Raul Proença e o da "Renascença", não são inimigos: completam-se. Basta que o ilustre escritor faça as pazes com a alma do seu Povo, essa fonte mal explorada ainda, escondendo ainda no seu seio as mais ineditas belêsas.

E porque não?

Para grande utilidade da "Renascença", não posso deixar de

acalentar a grata ideia de ver desfeito esse mal entendido, e vêr os nossos antigos companheiros de novo ao nosso lado, trabalhando para o mesmo fim redentor, animados da mesma fé.

*T. de P.*

P. S. Alguns jornaes consideram-me o chefe da "Renascença". Devo declarar que não ha chefes na "Renascença". A sua organização é perfeitamente democratica. O meu logar é ao lado dos meus companheiros.

T. de P.

## AUSENTE

Estou longe de mim. Tudo o que eu fui  
Erra no Tempo. Amei e fecundei.  
Certo jardim, á tarde, onde passei,  
Em côr e olôr minha alma restitue.

Eis-me no ocaso. A luz evôca e afluê  
P'ra alem de mim. E, príncipe, reinei...  
Doido, hoje sirvo o imaginario rei.  
Sou a saudade,—a onda que reflue.

Cúrvo o olhar sobre mim e não me avisto.  
Falo d'alem: voz de echo e longe; ausente,  
Crucifiquei-me em sombra, vivo em Christo.

E' noite é sangro, o sangue em mim se exalta;  
Resurjo... luar... eu-proprio, frente a frente,  
Tocou-me Deus: a Ausencia é a cruz mais alta!

*Mário Bairo*

## MEDALHAS

A Mario Beirão.

CAMILLO:—Um cego de genio, perdido nos labirintos de sombra da sua alma divina de miserias.

FIALHO D'ALMEIDA:—Obra de Deus e de Satan em Carrara e barro.

ANTONIO NOBRE:—Criança e genio. É o menino dos velhos contos portuguezes, que as fadas encontraram nas encruzilhadas do Destino e a quem fadaram Poeta.

E elle partiu a cumprir o bom recado, rico de innocencia e emoção.

Ei-lo agora *Só* no bosque, menino e marechal de bastão florido, cobrindo d'oiro e fatalidade—o céu, as arvores, a gente de Portugal!...

OLIVEIRA MARTINS:—Uma sombra de heroes, escrevendo memorias.

ANTHERO DO QUENTAL:—Subiu sempre. De perfeição em perfeição foi dar á Morte!

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO:—Um Inferno de riso com entranhas de dôr, matando alegrias a rir...

EÇA DE QUEIRÓZ:—Um monumento aos realistas francezes no pateo da *Illustre casa de Ramires*.

SOARES DOS REIS:—*Maquette* extraordinaria de melancholia. O genio grego, plastico d'amargura peninsular.

Eterno de grandeza, quando exgottou a expressão da pedra, realizou de si proprio a mais extraordinaria das suas obras—*O Suicida*.

E quando a Raça ajoelhava deante do *Desterrado*, surgia elle, tragico, moldado de Morte, provando que o barro humano excede o marmore quando a Arte ascende e se faz Alma.

Vejo-o, lá em cima, divino d'Arte e Humanidade—plasmado das miserias intimas da Raça, liberto já de si e de Deus—enorme das nossas melancholias...

EUGENIO DE CASTRO:—Artista e principe. Vive pela Arte o reino da sua imaginação,—fausta de pedrarias, talento, e etiqueta.

Padece a sorrir o bem da sua prisão em torre de menagem,  
 onde o encerraram por servir a memoria dos senhores Reis...  
 D'ahi edita a frio, o mundo intimo da sua alma bizarra.  
 E vive aspectos enormes!  
 É, ao mesmo tempo, uma Nova India d'Arte, e um Plutarcho  
 das grandes sombras...

TEIXEIRA LOPES:—Extranha figura de sombrío!  
 Notavel fatalidade a do seu genio!  
 E' ainda a alma portugueza a plasmar a Dôr.  
 Um milagre de sentido:—a Raça a estatuar-se em agonia, a  
 commover o bronze, a pedra!...

Figueira da Fós, Set. 20—1912.

*Villa-Moura*

## O CALVÁRIO DA TARDE

Numa tarde morrente e abençoada  
 De lágrimas de luz cristã, beijando...  
 A natureza inteira ajoelhada  
 Do pão de Deus comunga, suspirando!..

É a hora do crepúsculo—o calvário  
 Que o trágico perfil cala nos céus...  
 E o Sol—cáliz de sangue e santuário  
 Da agonia da tarde ergue-se a Deus!

A luz dilui-se em lágrimas de dor...  
 Vem do campo florido o cavador,  
 Ao ombro leva a enxada que trabalha...

Sobe a uma encosta e mal que se aproxima  
 Do drama da paixão, grita de cima:  
 —"Olha o calvário! Santo Deus me valha!"

Santa Marta, 2—VII—912.

*Carlos de Oliveira*

## Da “Renascença Portuguesa,, e seus intuitos



**A** volta da Renascença Portuguesa, tem-se feito ultimamente um grande movimento de interesse, já revestindo a forma do aplauso, já a da discussão serena, mas escondendo-se também sob a máscara do desdem, da violenta diatribe e até do ataque pessoal àquelles dos seus membros que mais esforço lhe dedicam. Não vem para aqui essa discussão. São cegas as paixões e, ainda quando lutam desinteressadamente pelos mais nobres ideais, podem acordar no animo as fundalhas da inferioridade animal, trazendo à superfície o egoismo, a irritação, a vaidade, que tão humanas são. Esta revista é para nós um templo: a nossa esperança, esforço, fervôr patriótico, lutas de ideias ou realizações de Belesa, unge-os a nossa fé de profunda religiosidade. Ao entrar-lhe o ádito façamos a ablução dos ritos: e basta ganhar a consciência dos nossos desejos e do nosso esforço, a realizar esse banho lustral.

Eis, porque serenamente continuaremos a falar dos nossos intuitos e, para demonstrar a sua oportunidade, justeza, valôr intrínseco e necessidade real, procuraremos falar numa linguagem simples, clara, sincera, tal qual o desejo que nos anima.

Ninguém põe em dúvida que um dos primeiros males do português seja a fraquesa, a hesitação da vontade, impulsiva e brusca, resolvendo-se em fogachos de pouca duração. Sem o alicerce da vontade não ha character, e o que se afirma do indivíduo, pode igualmente afirmar-se da colectividade, que, sem os nobres e persistentes caracteres, não realizará obra de fôlego, qual seja a do resurgimento da nacionalidade. Isto chega a ser um logar comum, de repetido em sermonatas políticas e artigos de fundo. Quanto ás causas do mal, dessa pantanosa inércia do povo português, são para as classes letradas a educação jesuítica, que desde o meado do século xvi até hoje inda nos não abandonou; e para estes e para os demais—a grande maioria—é a falta de consciência nacional, que o nosso povo perdeu ao findar daquele século e que só agora entra palidamente a afirmar-se.

O nosso grande mal é, pois, uma doença da vontade, cujos sintomas se chamam o desalento, o pessimismo, o abandôno fatalista, uma inerte cobardia e a falta de confiança no esforço próprio—mal a que já Camões chamou *uma apagada e vil tristesa*.

Qual o meio de a combater? Eis o problema. Se fôrmos, no emtanto, a estuda-lo bem, veremos que o grande, o único, o infalível meio de despertar uma vontade adormecida são os impulsos affectivos. Acordai no mais abatido dos abúlicos um desses sentimentos que, como que fazem parte da estrutura da nossa Alma, e vereis que immediatamente toma resoluções enérgicas, é capaz de impetos e indignações e chegar até ao sacrificio da propria vida. Não é

esta uma afirmação ligeira e insubsistente, constitui antes o enunciado duma lei empírica, duma das primeiras aquisições da psicologia experimental. Está hoje copiosamente demonstrada em Ribot e largamente aplicada pelo filósofo Payot à educação da vontade. É essa afirmação tão verdadeira que já Spencer declara que são os sentimentos que governam o mundo, e Michelet dizia: "O advento duma ideia não é tanto a primeira aparição da sua fórmula, como a sua definitiva incubação, quando, depois de ter sido aquecida pelo amor, desabrocha, fecundada pela força do coração." (1)

Mas o que é a cegueira e a má vontade dos homens... É sabido que o nosso Povo sofre duma terrível doença da vontade; averiguado está que só os poderosos impulsos afectivos podem neles acordar as fortes volições; e quando alguém tenta ministrar ao doente o único remédio possível, acordar para uma clara consciência os seus mais genuínos sentimentos, as virtudes que lhe são próprias, logo ha quem acuse, desdenhe, emende ou castigue e tudo pelo terrôr que lhes inspira o que não podem compreender ou sentir e ainda pelo hábito de ver nas palavras unicamente o seu esqueleto verbal, sem se darem ao trabalho de procurar a riqueza íntima que as anima.

O que para aí se tem dito da saúde e do saudosismo, do misticismo dos poetas novos, do sebastianismo, etc, etc...

Ora vejamos demoradamente a quantidade de justiça que cabe a essas diatribes e se esse saudosismo ou misticismo não é legítimo, proprio, original e fecundo à luz dum critério histórico e filosófico.

Quem sabe se aqueles mesmo que tanto teimam em nos aconselhar a panaceia da civilização europeia, desconhecem por absoluto a historia da sua patria e as conclusões a que chegaram os mais altos espiritos da sua Terra?

Aqui repetirei o que já algures disse e é que são bem felizes os povos a quem os séculos deram um doloroso sabêr de experiências feitas, uma alma original e uma clara consciência do seu valôr, para num dado momento da sua história, perante uma nova missão a cumprir, realisarem a coerencia das suas maximas virtudes. Para a história os povos são outras tantas criaturas, e essa divina artista apenas funde no seu bronze eterno as figuras, cujo perfil possua o vigôr, a nobresa a energia sóbria e original que bastem a distinguí-lo entre todos num rápido olhar.

Fita de bem alto por um olhar soberano, que tenha o poder de fundir os mais complexos agregados numa unidade rígida, a História é uma galeria de estátuas. Um poder imenso de síntese revelatória eternisou-lhes na gozosa paz do mármore o fogo da sua atitude eleita. A mão desse divino Praxiteles também ergueu na pureza dum ambiente espiritual, num bloco do seu mármore, em harmonia perfeita, em tranquilidade soberana, a alma, o espirito original do nosso Povo.

É um infante D. Henrique, a quem a audácia e a fé, o misti-

(1) Les femmes de la Revolution, pag. 321.

cismo e o amor da Natureza marmorisaram o braço em tão grande esforço criador que, ele—o pequeno Povo—ergue o Mundo na mão como um Deus-menino, dele fazendo a sua dádiva à ância indagadora, à infinita sede da Humanidade. Sim, são felizes os povos, que nas horas de dúvida ou de angústia podem olhar demoradamente a sua própria estátua e nessa contemplação, nesse profundo ensimesmamento, recordar as energias íntimas para abraçar a vontade numa nova fé. Assim o valôr da tradição, o significado de todas as tentativas de renascimento consiste no desejo e no esforço consciente de fundir a atitude fria da estátua na torrente das expressões duma vida gêmea, ou mais ainda no desejo de retocar a escultura, dilatando-lhe as feições em mais intrínseca nobreza, acendendo-lhe no olhar uma chama mais viva de audácia criadora.

É isso o que tenta a *Renascença Portuguesa*, procurando tornar-se a consciência activa dum fenómeno social de resurgimento que, de ha alguns anos para cá, se vem realisando, ainda que parcialmente, na nossa terra e que só os cegos ou os descrentes e pessimistas por officio podem negar.

Não será digna de aplauso, incitamento e respeitosa atenção uma iniciativa animada de semelhantes intuitos?

Não é certo tambem que a obra, que se propõe realisar semelhante agremiação, não poderá ser julgada, volvidos apenas alguns meses de iniciar os seus esforços?

Vejam os agora até que ponto é lógico e será perduravel esse esforço. Averiguado ficou qual seja o nosso maior mal—a tibiesa da vontade, que equivale á falta absoluta de caracter, e, sabido como nós tivemos noutros séculos uma ardente e voluntariosa individualidade, conchiuremos que o nosso Povo está desnacionalizado, que tem perdida a consciência do seu espirito original, que envolve em si audácia e vontade heroica. E igualmente se observou que para despertar a vontade no individuo ou na colectividade são necessários os impulsos affectivos, o que equivale a dizer, applicando a lei ao nosso caso, que é necessário acordar no espirito do nosso Povo os sentimentos que lhe sejam próprios, que formem a característica affectiva da sua individualidade, a sua inconfundivel fisionomia espiritual.

Quais são esses sentimentos? Será possível isola-los e defenir dalgum modo essa original fisionomia?

Se existe, como é fora de dúvidas, um renascimento do original espirito português, pelo menos na nossa poesia, licito é defini-lo por essa corrente poética dominante, e a ser exacta, essa definição deverá coincidir, semelhar-se ou reproduzir em novas formas a que dê esse mesmo espirito apenas *nascido*, isto é, na sua primeira affirmação original dos tempos aureos da nossa história.

Disso iremos indagar. Teixeira de Pascoais definiu o *Espirito Lusitano* pela concepção religiosa do Saudosismo, revelado nessa corrente poética afirmada exuberantemente em várias individualidades (<sup>1</sup>) A Saudade assim revelada na nossa moderna Poesia e ainda

(<sup>1</sup>) Veja-se a sua conferência—*O Espirito Lusitano ou o Saudosismo*.



ENGENHO DE MOER CASCA DE CARVALHO—FAFE

(De Cervantes de Haro)

na obra de outros artistas e na do filósofo Leonardo Coimbra, perde o seu significado banal e atinge a altura duma síntese psicológica e religiosa como produto do casamento do cristianismo com o pagamismo, do caracter ariano com o semita, dos diversos espíritos das duas religiões, realizando a fusão das qualidades-contrastes desses dois ramos étnicos. A Saudade, assim, bem longe de ser um sentimento mórbido e regressivo, passa a ser o espírito lusitano criador levando a Raça às suas maiores realizações de heroísmo e beleza. É o que claríssimamente se depreende destas palavras de Pascoais: "Foi a Saudade transfigurada em Acção e Vitória no corpo de Afonso Henriques, que riscou na Ibéria as fronteiras de Portugal. Foi a Saudade o Zéfiro do Remoto que enfiou as velas das nossas naus descobridoras. Foi ela que venceu em Aljubarrota, foi ela que cantou nas estrofes dos Lusíadas. Foi ela que nos seus dias de luto criou a misteriosa figura do Encoberto. Foi ela que despedaçou as nossas grilhetas em 1640, e, com um relampago dos seus olhos, fulminou o leão castelhano. Foi ainda ela que animou a alma popular no dia 5 de Outubro... essa última esperança que nós não devemos deixar morrer!" (1)

Acrescentaremos ainda que nem só Pascoais viu na moderna poesia portugueza esse espírito-síntese do pagamismo e do cristianismo.

Já Leonardo Coimbra num artigo de jornal, referindo-se a um poema moderno dizia: "Tambem era para mim o mais importante justificar o poema e a poesia que se chama panteista e que eu prefiro classificar de pagamismo transcendente. O poema é nessa corrente de *pagamismo espiritualista*, que constitue hoje a mais alta manifestação da nossa poesia e que é representada..." (2).

Como vêem as duas expressões equivalem-se.

Unicamente Leonardo Coimbra nessa altura não erigia o *pagamismo espiritualista*, a espirito original da própria Raça.

Será então que esse estranho religiosismo dos nossos poetas, o misticismo de uns, o saudosismo e o pagamismo espiritualista de outros, não seja bem característico do fundo psiquico da Raça e não tivesse já noutros periodos da nossa história os seus representantes e justamente nas suas figuras supremas?

É inegavel que um misticismo compativel com uma libérrima afirmação de individualidade, abrazando a vontade em heroísmo, anima e fecunda a vida das figuras mais altas da Raça e entre essas para exemplificar escolheremos tres das maiores — Nun'Alvares, o infante D. Henrique e Afonso de Albuquerque. Um resgata a Pátria da tremenda crise do século XIV, consolidando-lhe a independência; o outro alarga-lhe os horisontes preparando a sua expansão por todo o globo; e o último, um dos maiores génios guerreiros da Humanidade, funda, a poder de heroísmro, o nosso imenso império do Oriente. Nun'Alvares criava visões misticas à sua volta e,

(1) Idem.

(2) Veja-se o jornal *A Patria* do Porto, de 25 de Setembro de 1910.

já no principio da batalha de Valverde, caía em extase, orando; o infante de Sagres, intuicionando genialmente os destinos da Pátria, cria sêr um enviado de Deus e exclamava em Tanger aos que ajusadamente temiam pela empresa: "Bem sei que a gente é pouca, mas Deus ordena!"; e o Albuquerque ao dirigir-se à conquista de Aden via aparecer-lhe no Ceu, prenuncio divino, uma grande cruz vermelha, precisamente quando ele pretendia dirigir-se a Meca, roubar o corpo do Profeta para depois resgatar o Santo Sepulcro.

Mas que analogia poderá ter esse misticismo, que incendiava a mente dos heróis com o espirito religioso da poesia moderna?

Não é difficil encontrá-las, por extranho que isso pareça aos animos timoratos; mas, como as minhas afirmações poderiam ser suspeitas, eu mais uma vez invocarei o nome de Oliveira Martins, o historiador de génio, que não é sócio da *Renascença Portuguesa* (saibam-no todos!) e do qual ninguém pode afirmar que não houvesse vivido bem de perto nos seus heroísmos, nas suas fortunas e e desgraças a alma pátria.

Pois bem, é ele, para os que lhe reconhecerem autoridade, que irá decidir a questão. É assim que se refere ao nosso misticismo: "Os místicos não formam uma escola: nascem do solo, individual o espontaneamento, conforme observou um crítico moderno. São a manifestação do quer que é de constitucional na psicologia da nação, e debalde se lhe buscaria uma filiação erudita, ou de escola." Mais adiante declara que a origem espontanea e o caracter moral desse misticismo "são a razão da feição nova e eminentemente distinta na Europa, que apresenta este fenómeno mental—o primeiro sem dúbida em importancia para a determinação da fisionomia colectiva, e a fonte indiscutivel da extraordinária energia nacional do XVI século."

Como é então que o misticismo tão oposto ao heroismo e ao sentimento de independencia pessoal, traço característico da nação, não abafou as energias individuais? É Oliveira Martins que nos vai responder. É que esse "*misticismo* tem este caracter próprio, único e verdadeiramente novo: é a afirmação da vontade humana, é *naturalista*. Combinar num equilibrio mais ou menos estavel a liberdade e a predestinação, a razão e a graça, era empresa em que toda a escolástica se empenhara em vão. (1)." Segundo o grande historiador foi o génio peninsular que realiso esse equilibrio, essa *fusão de contrastes*, como diria Pascoais. Vejam agora como *saudosismo*, *paganismo espiritualista* e *misticismo naturalista* se equivalem para designar o mesmo espirito em aceções mais ou menos semelhantes e mais ou menos amplas. É certo que Oliveira Martins se refere ao génio peninsular, mas é certo igualmente pelo que diz respeito propriamente à Hespanha que o genio de Loyola destruiu o equilibrio a esse misticismo, amputando-lhe com o jesuitismo o lado naturalista, abafando a liberdade individual no dever duma submissa obediencia. Por seu lado o génio popular português, lançada a

(1) Hist. da Civilização Ibérica, pag. 243 e seg.

Pátria na extrema desgraça, de si dava uma criação religiosa, em que pela Saudade fundia os elementos contrastes—o sebastianismo, divinizando o último representante do seu ciclo heroico e refugiando-se nessa esperança messianica, como num baluarte, contra todas as tentativas de desnacionalisação, tentada por Loyola e pelos Filipês.

Quebrou-se o encantamento de sonho em que o Povo viveu durante séculos, ei-lo que principia a crêr na realisação das suas esperanças e correspondendo a esse renascimento aparece nos artistas portuguezes uma nova afirmação daquelle *misticismo naturalista*, que vem novamente florir no extremo da Península.

Que essa poesia seja religiosa não é de admirar para aqueles que souberem que hoje é a Arte o equivalente das religiões. Assim a definem grandes filósofos e, a acreditar o que diz o grande Schuré, é a poesia portugueza que realisa a síntese a que aspira o religiosismo moderno. Eis o que ele diz e que nós traduzimos para que ninguém deixe de lêr as suas palavras:

"Duas grandes correntes se desenham à superfície da história ha dois mil anos para cá.

Distinguem-se em toda a parte sobre esse mar agitado que forma a humanidade em movimento... É a luta entre o mundo religioso e mundo laico, entre a Fé e a Sciência, entre o *Paganismo e o Cristianismo*, entre o Eterno e o Presente. Luta insistente, imperiosa, encarnçada a que ninguém escapa. É a desgraça e a grandeza, o flagelo e a honra do nosso tempo; porque toda a história af vai dar como a uma crise inevitavel.

Considerando-as sinteticamente na sua causa inicial e nos seus efeitos em tempo indeterminado, ser-nos-ha permitido chamar a essas duas correntes: *a corrente de Cristo e a corrente de Lucifer*." Mais adiante continua: "Por outro lado, a Religião, a Sciência e a Arte futuras necessitam de novos agrupamentos, que apenas se podem obter por uma cristalisação sob a impulsão dum novo principio. Ressalta de todo o movimento intelectual de ha dois mil anos para cá, a que eu acabo de traçar as grandes linhas, que essa cristalisação só é possível por *uma síntese do principio cristão e do principio luciferino*." E acaba por dizer que "o apóstolo principal e o propagador de essas novas formas da consciencia será *a Arte iniciadôra e salvadôra*. (1)."

Na opinião, pois, de Schuré, a Arte portugueza, saudosista, pagamista transcendente, mística-naturalista, ou como lhe quiserem chamar, realisa uma aspiração da Humanidade e está à frente dum grande movimento moderno. Num artigo anteriôr vimos como Oliveira Martins nos vaticinava a missão de pregoeiros dum novo ideal colectivo e religioso. Propositadamente fizemos estas citações para que ninguém possa pôr em dúvida o que afirmamos.

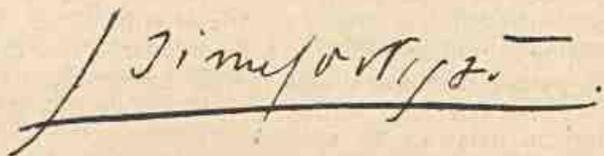
Como se acaba de vêr a Renascença Portugueza não é incom-

(1) L'Evolution divine du Sphinx au Christ. Edouard Schuré, pag. 418 e seg.

Patível com as aspirações modernas e de forma alguma também afasta, e, antes, promoverá no Povo português a parte da boa cultura que a Europa lhe possa trazer.

Pertence esse esforço de renascimento quasi exclusivamente a Poetas? Não é bem certo, ainda que eles predominem na *Renascença Portuguesa*.

Mas que fazer? Esperaremos que venham auxiliar-nos livremente os demais Artistas, os sábios e os obreiros de toda a ordem; e até lá procuraremos cumprir o nosso dever segundo as nossas forças e obedecendo à lei das nossas individualidades.



## CAMILLO CASTELLO BRANCO

### CARTAS INÉDITAS

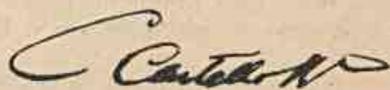
#### XI

*Meu caro Guilhermino*

*Disse-me o Lemos que o Padre Antonio Cardoso deixára uma boa traducção do Childe-Harold em prosa. Lembro-me de aproveitá-la n'um jornal litterario, que vai ser aqui fundado, e para o qual me pedem contribua. De mim, não tenho tempo; mas não lhe faria pequeno serviço brindando os redactores com esse manuscripto, que de certo os herdeiros não terão em grande valia. Se o meu amigo podesse havel-o, augmentaria os direitos, que tem ao meu reconhecimento. Seja qual fôr o periodo de silencio entre nós, confio na sua estima, e julgo-o crente nos verdadeiros sentimentos com que sou*

*seu amigo,*

*Porto, 28 de Junho de 1854.*



## A PRIMEIRA NAU

Num desafio, á beira do Oceano,  
Sobre o cabo que avança a quilha dura  
E o mar assalta numa eterna ameaça,  
O Infante scisma...

E ao longe, ao longe passa  
Como um fantasma de epopeia e bruma,  
Uma nau, velas feitas á ventura...

—E' a primeira que parte,—  
Curiosa a sulcar um caminho de espuma,  
Noiva do Mar rojando o veu de nivea alvura,

—Mar tenebroso para desvendar-te,  
—Edade nova, a dilatar o Mundo,  
Curiosa do Alem, sonhadora insaciável,  
A dar-se ao Mar, a dar-se á treva do Mar fundo...

Na prôa, a flamejar, coração vagabundo,  
Um braço avança num arranque indominável,  
Numa ânsia infinita, e ardente, a apontar!...  
E as ondas abrem o regaço espumante,  
E a nau avança pelo Mar adeante,  
—Vitória alada percorrendo todo o Mar!...

Terra de Portugal, cimo onde pairam,  
Numa Vidência, os ávidos condôres,  
Almas sedentas que a sonhar desvairam  
Numa sêde natal de horizontes maiores,  
Terra de Portugal!... Lá fica á pôpa, ao longe,  
Lá se perdeu no ceu ou se vai a afundar...  
Junto á imagem da prôa reza um monge,  
E os marinheiros choram, a rezar...

Asas de águia real, sêdes da Lenda antiga,  
Que belas asas p'ra voar por sobre as ondas!...  
"Mais alem, para o Alem!..." Não importa a fadiga,  
Nada pode impedir que a vossa Nau te siga,  
Ó miragem idéal,—onde quer que te escondas!...

Terra de Portugal!... Vá de subir ao alto  
 Dos mastros para a ver a esfumar, a descer...  
 Nos topes bate o Sol, brilha num sobresalto,  
 E, ensanguentado, põe-se aos poucos a morrer...

A noite cai no mar, desce por sobre as almas...  
 Sobre a névoa do Mar tomba a noite do ceu...  
 E a nau agora sulca as aguas calmas,

— O coração do Mar adormeceu...

Lá vai a Nau, alado berço de esperanças,  
 Embalado, a boiar, pandas as largas velas...  
 Cantam, ao derredor, as ondas mansas,  
 Poisam nos altos mastros as estrelas...

Monge da prôa a orar, de mãos cruzadas,  
 Junto á imagem duma impávida ousadia...  
 Ergue as mãos a abençoar as ondas sossegadas,  
 Ergue os olhos ao ceu, canta com alegria...

Monge da prôa, canta as velhas epopeias,—  
 —O livro de orações deita-o ao Mar...  
 E tu, gageiro, escuta as vozes das sereias  
 Que dos longes nos andam a chamar!...

—Mar de sonho, mar-ceu, branco de nebulosa,  
 Ondas a resplender, seios láteos, repletos...  
 —Marinheiros:—dormi, sobre a nau silenciosa,  
 —Vá, dormi e sonhai a história gloriosa  
 Que ha de Camões cantar um dia aos vossos netos!

Quilha ferindo o Mar, funda violadora  
 Das ondas virgens, a sangrar lírios alventes...  
 Ondas a ameaçar, dominadas agora,  
 Como canteiros ao luar, fosforecentes...

O ELOGIO  
 DAS QUILHAS

Ondas altas quais amantes orgulhosas!

Mal a Nau as possuiu logo as deixou...  
 Esteiras brancas, a acenar todas chorosas  
 E saúdosas do momento que passou...

Ofegantes líriais, tristes, as ondas olham  
 O amante audaz que as encantou e violou...  
 E, desmaiadas, já os lírios se desfolham  
 A pouco e pouco, lá se afundam sobre o Mar...

Quilha insaciável, quilha ardente e delirante,  
 Incendiada, a ofegar, e que nada detém!  
 Á prôa um braço a arder avança flamejante  
 A apontar, a tremer,—“para o além, mais além!...”

Lá vai a nau galgando as ondas uma a uma...  
 —Ondas do Mar, que maravilha vos rendeu?  
 Amantes vá, lançaí á nau lírios de espuma,  
 Erguei as asas líriais que o Amor vos deu...

É a espuma quer cingir os flancos ofegantes,  
 Sobre no ar, treme, palpita nuns instantes,  
 Cai no mar, segue a nau, chama por ela em vão...

Quási não pulsa o Mar, calmo e abandonado, A EVOCAÇÃO  
DA SAUDADE  
 No silêncio da noite a murmurar...

—Coração infantil, como um leão domado,  
 O coração do mar...

Vêm ondas bater, mansas, nos rudes flancos...  
 As belas mãos! que doces mãos a acarinhar!  
 Brandas mãos que parecem lírios brancos  
 E afagos de luar...

Na beleza amorosa e enternecida  
 Daquela noite religiosa e mansa,  
 Sobre a equipagem, sobre a nau adormecida,  
 Ergueu-se a voz religiosa e comovida  
 Da Saúde, —e a voz ansiosa da Esperança...

Voz de creança, voz da Alma, — um vôo a erguer-se...  
 Lágrimas a subir, prece de mágua  
 É alegria de sofrer, que p'ra dizer-se  
 É necessário ter os olhos rasos de água...

Voz da Saúde, voz do esforço evocadôra,  
 De alma que parte audaz chorando o Amor que deixa...  
 Voz para combater, clara e triunfadôra,  
 Voz triste, a recordar, numa suáve queixa...

Voz de silêncio e solidão, voz de orfandade...

Voz da Alma a dizer divinos heroismos...  
 —Um herói semi-deus inventou a Saúde,  
 Era lufada... E lembrando a divindade  
 Foi em busca do ceu através dos abismos...

"Alma do Leme, ó dona dos destinos  
 "Da minha raça,—ó Mãe,—  
 "Virgem pagã dos olhos cristalinos,  
 "Anda connosco pelo mar além...

VOZES NO MAR  
 ALVENTE

"Alma do leme... Vamos em teus braços...  
 "Nós viemos ao Mar pela Aventura!...  
 "As águias amam, livres, os espaços,  
 "A luz do Sol não ama a noite escura...

"Pátria, perdôa,—Patria, se embarcámos  
 "É na praia ficaram a chorar...  
 "Foi pelo sonho que te abandonámos,  
 "Pátria,—e o nosso futuro está no mar...

"Alma do leme, ó Pátria, tu perdôa...  
 "Á beira-mar o mar tentou-nos... Vamos  
 "Para o mistério, para o Além, á tóa...  
 "Pátria, perdôa, se te abandonamos...

"Alma do leme,—véla em nossas almas,  
 "É, na tormenta, ampara-nos,—ó flôr,  
 "Que a tua graça torne as ondas calmas  
 "É lile serene o furor...

"Pátria!... Ó nossa companhia,  
 "Pão espiritual da nossa comunhão...  
 "—Ó saúde da Pátria, ó alegria,  
 "—Ó amargura, ó devoção!...

"Pátria!... Tu vais connosco a consolar-nos,  
 "—Como a Saúde se ergue em nós!...—  
 "Saúdares tuas e outras a chamar-nos  
 "Do Além do Mar, numa outra voz...

"Seja connosco a tua companhia,  
 "Desejo de regresso e de chorar...  
 "—Ó saúde da Pátria, ó melodia,  
 "—Ó saúde do Além, do Além do mar...

E a Nau lá vai por sobre o Mar fosforecente...  
 Á pópa, bate em cheio no castelo  
 Como um luar... E anda a lua ausente...  
 Brilha no ceu, muito alto, o sete—estrela...

Aguas alventes como a luz coalhada  
 Do Sol que se afogou... Sobre a amurada

Uma cabeça espreita vigiando  
 A hora em que os Tritões e o alvente bando  
 Das Nereidas, virão, cingindo rondas,  
 Em volta do navio, sobre as ondas,  
 Como um luar,  
 Cantar...

Lá no alto das gáveas o gageiro  
 Voga num ceu de assombros!  
 —Paira por sobre o mundo, o aventureiro,  
 —Roçam-lhe estrelas, mundos pelos ombros...

E uma divina luz envolve, cinje  
 De pôpa á prôa a Nau que mal balança...

E aquela sombra que o mistério tece  
 Ao fim da prôa, sobre o mar, parece  
 Uma divina esfinge,

—Sobre a Nau como um berço de creança...

O olhar vagueia, aflora, etéreo afago,  
 O oceano macio, num consôlo...  
 Oceano branco, lácteo, como um lago,  
 Adormecendo a Nau, brandinho ao côlo...

Adormeceu o Mestre, de encantado...  
 A Beleza da noite, brandamente,  
 Todos cingiu nos braços de veludo...

Só um marujo véla, ao alto, alçado  
 Na erguida gávea, sobre o mar alvente,  
 Perto dos astros, dominando tudo!...

Eh! Gageiro! não durmas, tem cautela!...  
 Anda o sono a espreitar-te, toma tento!...  
 É a raça lusitana que em ti véla,—  
 Eh! Gageiro, cautela!

Não te deixes tomar de encantamento...  
 Dos horizontes de água ao longe, ecoando,  
 As sereias do Alem, saúdosas, cantam...  
 —E do alem de ti proprio, ó marinheiro,  
 Outras divinas vozes se levantam...  
 Alérta! marinheiro' alérta, véla!...  
 Ó do alto!—ó Gageiro!...

Mas que visão ao longe se concerta,  
 Ao longe, sobre o Mar, tocando o céu?  
 E da prisão do tempo se liberta  
 Como um sonho de herói que alvoreceu?...

A VISÃO  
 DA PROFECIA

Velas, pendões, azas tremendo ao vento,  
 Vultos de heróis, frotas do mar, — os mastros  
 Aureolados, num deslumbramento,  
 De altivos topes a tocar nos astros?...

Ei! Gageiro! — Acima, acima  
 Deita os olhos em redor...

"Vejo o mar cheio de vélas  
 "E as ondas brancas em flôr...

"E as vélas levam no bôjo  
 "A cruz de Cristo a brilhar...

"São mil naus... Atrás, de rojo  
 "Seguem os monstros do Mar...

Acima, gageiro, acima!  
 Conta o que vês ao redor...

"É entre os monstros o mais alto  
 "Chora e soluça de Amor...

"Vejo um herói batalhando  
 "Rijo e firme, alevantando  
 "Ao alto o nosso pendão...

Gageiro, acima! que avistas?  
 É a terra da Promissão?

("Ah! Portugal, que conquistas  
 "Os campos da Perdição...)

"É o filho dele espirando,  
 "Despedaçado e sangrento,  
 "A espada firme na mão...

"Foi como um desabamento  
 "Quando tombou no porão!...

"Vejo Antonio da Silveira  
 "Luctando como um leão.  
 "Acossa-o a Ásia inteira!...  
 " — Morrer, sim, — render-me não!...

"Pacheco, Paulo de Lima  
"Sangue aos jorros, um vulcão!...  
"É vai a glória ao de cima  
"Na sangrenta inundação...

"Eh! Portugal, não te afogues,  
"Baluarte, que vais ao chão!

Dá azas largas á vista  
Gageiro, na imensidão...

"Campos de guerra e conquista,  
"Ai, campos de perdição!"

"E o Mar ulula, raivoso  
"Coberto de cerração,  
"Rouco, sombrio, a meus pés...

"Renasce o Mar-tenebroso  
"Mais as trágicas marés!...

"Olha uma nau carregada  
"De pecados a afundar...

"A minha raça esforçada  
"Paga tributos ao Mar!

"Vejo ondas de sangue ardente  
"Em ardentes areais!...

— Gageiro, a tua voz mente  
Sobe ao alto, conta mais!...

"Já não vejo uma só vela  
"Em toda a volta do mar...  
"É noite. Nem uma estrela...  
"Só oiço as ondas cantar...

— Gageiro:— que cantam elas,  
Na erma noite sem estrelas,  
As ondas verdes do Mar?...

"Cantam épicas façanhas,  
"Estrofes de alto poema,  
"Eternas strofes estranhas  
"Dominando as solidões...

"E por sobre a nossa terra  
 "Cai do ceu, tomba da serra  
 "Até ás praias do Mar,  
 "Uma tristeza tam triste

"Que outra ao certo não existe  
 "Nem se pode imaginar...

"E a voz do mar não sossega  
 "Dominando as solidões...

"— Ó Mar, ninguem te navega  
 "Ó Mar saúdoso e profundo,  
 "Clama os teus versos ao Mundo!...

—E o mundo escutou Camões!...

A que altura estás, gageiro!...  
 Perdeste a fronte nos ceus!...  
 Lança um ollhar derradeiro,  
 Rouba os segredos a Deus...

"Vejo, vejo, — que alegria!...  
 "Uma outra aurora rompendo  
 "E Portugal renascendo  
 "Ao clarão de um novo dia...  
 "Vejo, — da maior altura  
 "Das minhas serras, largar  
 "Uma águia, em direitura  
 "Ao ceu, ao alto a voar...

"Alma lusa, águia da altura,  
 "Gente lusa, alma do mar!...

"Vinde vêr, gentes inquietas!

"Naus ao mar... Povo ao Restelo!  
 "Os pilotos são Poetas...  
 "Eh! embarcar, navegar!...

(Camões vive no Restelo,  
 De lá nos anda a chamar...)

"Jerónimos, alma erguida,  
 "Catedral erguida ao Mar,  
 "— Assiste á nova partida!...

"— Eh! — embarcar, navegar!...



**ESTUDO**

(De Domingos Sequeira)

"Que as tuas pedras sagradas  
"Acordem em todos nós  
"As ousadias passadas,  
"O heroísmo dos avós!...

"Olhai-as, gentes ousadas.  
"Com olhos bons, a chorar!...

"Jerónimos, nau tecida  
"Em pedra, aonde ficou

"A alma lusa adormecida  
"E onde, por fim, despertou.

"Poema aberto em rocha viva  
"Que a raça eterna foi ler!...

"Não rocha muda, cativa,  
"—Rocha a cantar e a vivêr!...

"Torre de Belem, ai Torre!...

"Campa ou cárcere do Mar?!...

(Não! que a alma nunca morre,  
"Nem se pode aprisionar!...)

"Mastro de gávea rezado  
"Por cinzéis na rocha dura!...  
"—Portugal!—que bem guardado  
"Te guardam, daquela altura!...

Augusto Casimiro

Do poemeto "A Primeira Nau", a sair breve em edição da "Renascença Portuguesa".

# Cartas de Pinheiro Chagas

1

Meu caro Guilhermino

*E' a decima vez que tenho de lhe pedir desculpa pelas tolices que se fazem no jornal e que são provenientes do incrível acanhamento e falta de desembaraço do Gervasio Lobato. Hontem recebi do jornal o seu artigo Mens furia, uma correspondencia que o seu auctôr deseja publicar rogando a sua inserção, uns artigos da agencia Correspondencia Portuguesa... quer dizer o Lobato entendeu que eu devia dirigir o jornal no Espinho, como se estivesse na rua de S. Joaquim. Mandava mais perguntar-me o que havia de fazer a um romance, que o meu amigo lhe enviava, declarando que remeteria a continuação. Respondi descompondo este sistema e prohibindo expressamente que me tornassem a massar com coisas do jornal, que os artigos que o meu amigo mandasse se publicassem sempre e que o romance se fosse pequeno, se publicasse juntamente com a Herança, e, sendo grande, que se lhe dissesse da minha parte que o grosso público matava-nos se lhe interrompessemos agora o romance de Chavette, quando elle está ancioso de saber os segredos da carteira do cavaleiro de Saint-Dutasse. Por carta recebida hoje sei que o meu amigo se zangou com a demora da publicação. Proveio, como lhe digo, do excesso de subordinação do meu substituto, que não parece capaz de dar um passo sem autorisação minha. Com a ordem positiva que tem agora para publicar o que vier do meu amigo, sem o enviar para aqui primeiro, estarão sanadas todas as dificuldades. O Franco escreve-me explicando a palavra Descontente. Não tem segura a eleição da mesa, e por conseguinte, se proceder de acordo com ella na questão do altar, pode achar-se face a face com a mesa reeleita. Dei-lhe a entender em resposta que se a mesa que elle dissolveu fôr reeleita, ainda que não houvesse nem a minima portaria do Avila, a sua posição seria igualmente desastrosa. Mas olhe que é uma boa tolice dar um passo como o da dissolução da mesa sem ter grandes probabilidades de ganhar a eleição.*

*Não recebi ainda resposta do Manuel Vaz a duas cartas que lhe escrevi; não sei o que elle pensa a respeito d'estes acontecimentos. Eu, meu caro Guilhermino, é que estou cada vez mais desgostoso da politica, sobretudo da politica indefenida que fazemos, de que não sei como havemos de sahir.*

*Contam-me aqui que um outro juiz da relação do Porto pedira a aposentação e que por conseguinte se transferiria para o continente outro juiz da relação dos Açores. Approxima-se portanto a hora de cumprir o Avila a sua promessa.*

Espinho, 1/9/77

*Pinheiro Chagas*

## AMORES



**A** velha dama de companhia fazia, na sua voz cançada e monótona, a quotidiana leitura do periódico. A baroneza ouvia, desinteressada, êsse ecos da vida, enquanto no fogão, a temperar o ambiente, ardia uma bela chama de topázios e uma chuva nervosa, sacudida, trauteava nas vidraças a ária melancólica do inverno. De súbito a baroneza prestou toda a atenção á leitura.

— A' inexgotavel caridade dos nossos leitores, continuou a amiga, recomendamos hoje o velho e esquécido actor Ricardo Meira, impossibilitado de trabalhar pela doença e pelos anos, que actualmente reside numa miseravel mansarda, sita na rua...

Irene de Castro, a baroneza do Rosmaninhal, ficou por momentos como que aniquilada e impedida pela comoção de coordenar idéas.

Ricardo Meira... (como êste nome, pronunciado ao acaso, repercutia nas profundezas da sua entranha affectiva! Que momentos de anciedade, de esperança e de louco desespero êle não despertava, de súbito, na animatografia perturbante da saudade! Ricardo Meira, o único homem que amára, o único que soubêra fecundar na sua alma o sonho que perpetua as almas e depôr no seu coração uma imagem para a vida inteira!

Êsse amor, em que empenhára todas as energias do sentimento, subsistia ainda, comquanto sem poder dinâmico, nêsse estado de saturação contínua em que a tristeza se substitue á exaltação e a recordação á esperança.

A dama de companhia, que conhecia um pouco a historia dêsses amores, interrompeu a leitura ao notar a comoção da baroneza.

A pobre titular permaneceu largo tempo silenciosa.

Revia-se, quarenta anos antes, simples burguezinha ingénua, aspirando a dar a sua mão de esposa, todo o seu carinho de mulher, ao homem que pelo affecto distinguia entre todos. E êsse homem, que a sua visuação recortava ainda, deslumbrante e magnífico, na penumbra dos sóes pretéritos, era êle, êsse infeliz Ricardo Meira, que ela imaginava digno de todos os triunfos e os jornais diziam indigente e desgraçado!

— E' preciso, pensava a baroneza, que o meu auxilio se não faça esperar. Eu própria irei reparar um pouco a injustiça da sorte. Mais um nome acrescentar na relação dos meus pobres... Quem sabe se não seria eu a causa indirecta da sua ruína?...

Por um acaso notavel, nunca mais a baroneza ouvira falar de Ricardo, depois da partida dêste em *tournee* artistica por terras do Brazil. Sofreu em silêncio todas as angústias duma alma estilhaçada

pelo desespero, sem lhe ocorrer que tivesse sido abandonada. Aos pais, que se opunham a tais relações, atribuía a culpa de não receber notícias.

Mezes depois aparecia um novo pretendente á sua mão; o barão do Rosmaninhal, grande amigo de seu pai, e seu bem-feitor, na tradição agradecida da família. Irene simpatisou com êle; mas, fazendo um escrupuloso exame de consciência, reconheceu que o não poderia amar. Descobriu os seus sentimentos e a convicção de não poder jámais apagar no seu intimo a imagem do homem que lh'os inspirára. Atribuiu-se a obstinação a creancisse, desculpou-se-lhe a franqueza e impoz-se-lhe o casamento, com poderosas razões de ordem sentimental.

O barão, creatura generosa, depressa se arrependeu de ter sacrificado á sua afeição uma existência que reconhecia não poder tornar feliz. O que julgava infantilidade era, afinal, um amor absorvente, radicado por uma gestação lenta e dolorosa,—um dêsse affectos que resistem a toda a influência de tempo e de lugar.

Por isso a sua existência matrimonial decorreu insípida, vagamente opressiva, nêsse ambiente de melancolia difusa em que se escoá a vida dos enfermos desenganados. Comtudo a baroneza conseguira crear-lhe, numa reciprocidade de delicadezas, a ilusão de que esquecêra. Não teve porem forças para mais—o barão encontrou sempre sob o ardor dos seus beijos um coração calmo e resignado de amiga, nunca os lábios enamorados da esposa.

Enviuvando muito nova ainda, Irene declinou todas as propostas de casamento que lhe foram feitas, na certeza de que por êle não arrancaria ao destino a mínima parcela de felicidade.

Vivia exclusivamente para as suas recordações e para os seus pobres, que visitava frequentemente com a sua dama da companhia, de quem por um privilégio da bondade, fizera uma dedicada amiga.

Nêsse mesmo dia, ao escurecer, foram elas visitar o velho actor. Uma pobre mulher, que servia de guarda-portão do prédio em que êle residia, acompanhou ao seu aposento as duas senhoras. Pelo caminho contou que era ela que lh'o alugava e que já lhe devia uns três meses de renda; que muitas vezes lhe matava a fome. E rematou:

—Que hade a gente fazer, minhas senhoras? É um bom homem; quando tem alguma coisa, não ha pobreza ao pé dêle. Esta gente de teatro é toda assim, não dão valor ao dinheiro; quanto teem, quanto gastam... Que o senhor Meira, pouco ganha... faz recados nos teatros, ensina a representar nas sociedades... Coitado, que mais hade êle fazer, tão velho e tão doente?...

A baroneza estava comovida e receava trair-se, quando penetrou no miseravel quarto, aonde já ardia a luz indecisa e amarelenta dum candieiro fumacento. A miséria que reflectia todo o ambiente despertou nela um sentimento de piedade tão violento, que as lagrimas lhe sangraram dos olhos. Meira, levantou-se dum desconjuntado canapé em que repousava e esboçou um cumprimento.

Irene reconheceu-o imediatamente; contudo nada lembrava naquêlê velho alquebrado e cadavérico o esbelto Ricardo de outróra.

A visita foi rápida. As duas senhoras, receiando humilha-lo, pediram-lhe humildemente que aceitasse um pequeno auxílio; mas no dia seguinte vários amigos lhe enviavam importantes quantias, ocultando os nomes como bons cristãos.

A baroneza estava satisfeita pelo que fizêra. Sonhava agora edificar nos escombros daquêlê amor estéril o monumento da amizade perfeita. Dias depois voltavam as duas amigas á residência do actor. Tudo ali havia mudado: as paredes ostentavam fotografias de actores e autores em voga, pequenos bustos de artistas célebres, figurinhas simbólicas do teatro e sôbre uma meza dois ou trez volumes luxuosos. O próprio Meira, escanhoado de fresco e lusindo um fato de bom corte, parecia mais novo alguns anos. A baroneza não poudê deixar de sorrir, intimamente. Ricardo inventou uma história incrível para explicar a transformação. Irene escutava-o, admirada de se sentir tão indiferente e procurando em vão surpreender o passado na expressão dum olhar, no entono duma frase na fisiologia dum gesto. Meira tagarelava, satisfeito.

A titular interrompeu-o:

— Que idade tem, sr. Meira?

— Sessenta e dois anos. — Tenho aparência de mais velho, não é verdade, minhas senhoras? — e acrescentou, enfático: — é que nós, os artistas, temos uma vida espiritual muito intensa e não é sem um grande desperdício de vitalidade própria que conseguimos encarnar individualidades de temperamento e sentimentos, por vezes tão diversos. Quantas vezes eu não recolhi a minha casa, coberto de glória, é certo, mas doente, gravemente doente, por ter vivido demasiadamente o meu papel!...

— E em que teatros trabalhou?

— Em quasi todos os do paiz e quasi sempre nos melhores da capital. Antonio Pedro e o Taborda, foram meus íntimos... iveelhos companheiros de triunfo! — Vocessências viram-me alguma vês em cena?

— Nunca, — respondeu a baroneza. — E, olhe, duma vês estivémos para ir vê-lo de propósito. Os anos que já lá vão! trabalhava então o sr. Meira no antigo Príncipe Rial... e namorava, por sinal, uma menina das minhas relações, uma Irene...

— Irene? não me lembro. — E acrescentou num sorriso: — era rapaz e confesso que paguei com usura o meu tributo á mocidade. Nunca pensei no futuro, aliáz teria realizado invejáveis casamentos, mas...

— — Mas de Irene, Irene de Castro, não se recorda? — insistiu a baroneza.

Meira fôra sempre um volúvel menos por actividade de espírito do que por ausência de faculdades affectivas. Estéril e improgressivo como o de todos os vaidosos o seu cérebro, incapaz da nobreza á uma idéa, aliou-se a um coração frio e duro aonde não explodiu nunca a energia dum sentimento.

Imaginára, porém, uma individualidade incoèrente e amorosa,

em harmonia com a vacuidade do seu intellecto, que nem por isso conseguiu realizar; atravez as deficiencias de plasticidade transparecia sempre o cabotino pretencioso, que não conseguindo viver no palco vai repisando pela vida o seu papel.

Impunha-se comtudo á imaginação romanesca das jóvens inexperientes, pelo prestígio duma figura apolínea e da *sua* arte, com a sua frase alambicada e os seus enternecimentos postiços.

Por essa forma suscitára muitas paixões e amára muitas mulheres; nenhuma, porem, com êsse amor violento e absoluto que ou modera pela satisfação e pela saciedade ou deixa nos corações a amargura eterna do desconforto. Foi um amor inerte e insancionado o seu, quasi sempre artificial; puro amor de comediante, sem emoções próprias, com gestos estudados e reminiscências de papéis que tivera de desempenhar. Era uma suprefecção do affecto que resumia, afinal, um aspecto da sua egolatria: em consciencia nada encontrára na mulher que o cativasse mais do que a idéa de se sentir amado, mas sem por sua parte experimentar a necessidade de se dar, de se afeiçoar tambem; e ainda naquêle momento, no crepúsculo terrível da sua existência, não era a saudade que o ligava ao passado, mas o pezar egoista de não ter sabido prevenir, por um casamento vantajoso, o trágico abandono da velhice.

¿Como poderia êle, pois, borboleta inconstante e fútil, determinar quem fosse essa Irene de Castro, obscura florita duma primavera distante, que tão generosamente lhe dêra o seu átomo de doçura, se aquella afeição não passou dum episódio insignificante no movimentado entrecho da sua novela passional? E foi assim que êle poudé confirmar num tom persuasivo e sincero, depois de ter novo removido as suas recordações, emquanto a baroneza enternecida esperava ansiosa a revelação divina:

— Com efeito, não me recordo!

A baroneza viu num relance a verdade absoluta,— a esmagadora ironia dum amor sem razão nem finalidade, a felicidade destruída, o destino falhado... Sentiu que se agitavam gotas de fel na sua entranha humana... Teve medo de romper num desespero ridículo e ergueu-se para sair. A amiga estendeu-lhe as mãos encarquilhadas e frias. Irene apertou-lh'as comovidamente; não estava só!

Ricardo, acompanhando as duas senhoras ao vestibulo, pediu licença para lhes oferecer uma publicação com o seu retrato.

Era o último número do *Correio dos Bastidores*, aonde um plumitivo, sem pudor nem intelligência, traçava o panegírico do cabotino.

*Grum Purad*

## SANTELMO

(INVESTIGAÇÃO HISTÓRICO-ETIMOLÓGICA)



Com a denominação de *Santelmo* (a que os espanhóis chamam *Fuego de San Telmo* e os franceses *Feu Saint Elme* ou *Feu Saint Nicolas*) é conhecido entre nós um fenómeno, a que os antigos navegadores e marinheiros chamavam *Castor e Pollux*.

Este meteoro luminoso que, como os leitores sabem, é devido à electricidade atmosférica, manifesta-se principalmente, em noites escuras e tempestuosas, nas extremidades das vergas e mastros dos navios, correndo rapidamente ou volitando algumas vezes através do cordame, sob a forma de línguetas de fogo, até parar por instantes, para logo se dividir e desaparecer.

Quando uma nuvem, fortemente electrizada, passa muito próxima dum navio, aparece nos pontos mais elevados dos mastros uma espécie de chama ou resplendor luminoso; fenómeno que pode igualmente manifestar-se nas pontas dos pára-raios e nas extremidades de corpos elevados, que sejam bons conductores de electricidade.

Vejamos a este respeito a lenda, a superstição dos antigos marinheiros, e por ventura ainda dos modernos.

No princípio de 1557 despachou D. João III cinco naus para a Índia, dando a capitania mor a D. Luis Fernández de Vasconcelos, filho do arcebispo de Lisboa D. Fernando de Meneses.

Prestes a darem à vela a nau capitaina abriu água "tam grossa que se ia ao fundo, e chegou a ter em si quatorze palmos della."

Sem embargo dos esforços empregados foi impossível estancar a água, nem descobrir o rombo; pelo que "vendo elrei que se ia gastando o tempo, mandou fazer as outras naus á vela, e que aquella se descarregasse, o que elles fizeram já em abril."

Ouçamos agora o cronista Diogo do Couto: (1)

"A nao foi reuoluida & buscada de popa a proa, sem lhe poderem dar com a agoa, & andaua hua grande borboriga ante os pescadores d'Alfama, sobre aquelle negocio, que affirmauão, publicamente, que Deos nosso Senhor permitira aquillo, porque aquelle anno lhe tirara o Arcebispo aquellas suas tão antigas cerimoniaes com que venerauão & festejauão são Pero Gonçalvez leuando ás hortas de Enxobregas com muitas folias, cargos de fogaças, & outras interiores de alegria, & de lá o trazião enramado de coentros frescos,

(1) Década VII, L.<sup>o</sup> V, Cap. 2.<sup>o</sup>

& elles todos com capellas ao redor delle, dançando e bailando... Tem todos os homês do mar tamanha deução, & veneração ao bemaventurado são frei Pero Gonçalvez, & o tem por tão seu auo-gado nas tormentas do mar, que crem de todo seu coração, que aquellas exalações, que nos tempos fortuitos, & tormentosos apparecem sobre os mastros, ou em outras partes das naos, que he o santo que os vem visitar, & consolar. E tanto que acertam de ver aquella exalação, acodem todos ao convez ao saluar, com grãdes gritos, & alaridos, dizendo salua salua ò corpó santo. E affirmão que quando aparece nas partes altas, & duas & tres ou mais daquellas exalações, que he sinal que lhes dá de bonança; mas se aparece húa só, & pellas partes baixas, que denuncia naufragio. E tão crentes & firmes estão nisto, que quando aquellas exalações apparecem sobre os mastareos, sobem os marinheiros acima, & affirmão que achão pingos de cera verde; mas elles nem os trazem, nem os mostram...

Esta pequena luz que estes mareantes portuguezes venerão, em nome de são frei Pero Gonçalvez, & os estrangeiros no de santo Anselmo, he tão antiga sua veneração, que já em tempo dos Gregos se celebrava; porque segundo muitos autores seus contão, quando aquelles famosos Argonautas yão na demanda do Velloso de ouro, em húa grande tormenta que tuerão no mar, appareceo aquella luz sobre a cabeça do Castor & Pollux, & que logo lhe cessara a tormenta... (1)

O mesmo fenómeno se pode observar às vezes em terra. Assim Plínio afirma que fôra visto muitas vezes nas pontas das lanças dos soldados nos exércitos, e lhe chamavam *Stella Castoris*.

Não deixa, por isso, de ser interessante o que o nosso insigne cronista Fernam López refere sôbre um caso de manifestação dêste fenómeno.

Na crónica de D. João I (parte 1.<sup>a</sup>, cap. 164), quando trata de "Como o Mestre foi por cobrar Sintra e não pôde chegar por azo da muita chuva," diz êle, descrevendo magistralmente essa espantosa tempestade, entre outras coisas: "As trevas eram em tal quantidade que nenhum lume de relampagos leixavam de dar ousia de vista que prestasse, mas assim como aos mareantes era postrimeira desesperação de gran tormenta parecer nas arcas e cordas das naus lumes e candeias, que é chamado o Corpo Santo, assim em esta danosa noite apareciam taes candeias nas pontas das lanças d'alguns de que eram acerca do Mestre."

Na crónica do mesmo rei (cap. XI), attribuida a Duarte Núñez Leão, apparece confirmado, mais dum século depois, o mesmo acontecimento atrás relatado, do seguinte modo:

"Finalmente foi a tempestade tal, que nas pontas das lanças

(1) Todas estas considerações, aqui transcritas, se encontram *ipsis verbis*, noutra obra do mesmo A. — *Vida de D. Paulo de Lima*, cap. 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup>, e mais resumidamente na *História tragico-marítima*. (Relação do naufragio da nau Santa Maria da Barca, no anno de 1559).

de muytos se viram daquellas candeas, que os antigos chamauão Castor & Polux, e os mareantes agora chamam Corpo Santo.»

Camões, nos *Lusíadas* (C. v, 18), quando diz:

“Vi claramente visto o lume vivo  
Que a marítima gente tem por santo  
Em tempo de tormenta e vento esquivo,  
De tempestade escura e triste pranto.»

refere-se evidentemente ao mesmo fenómeno meteorológico, no que são concordes todos os seus comentadores.

Na mesma época, pouco mais ou menos, J. Ferreira de Vasconcelos (1) também escreveu: “Sam Pero Gonçalves bento nos appareceo no masto em candeinhas...»

Oliveira Martins, esclarecendo a designação do fenómeno, diz: (2)

“O Sant’elmo (sic) venerava-se em Xabregas, onde annualmente iam as mulheres em romaria com capelas de flores conquistar as boas graças do beato bispo de Napoles, martirizado por Diocleciano. É o mesmo que no Mediterrâneo se chama S. Pedro Gonçalves, bispo de Sicilia e patrono da ilha; e no mar do Norte se denomina Luz de S. Nicolau, ou de Sant’Auna, ou Corpusant, ou Comasant, corrupção do esp. *Cuerpo santo*».

Na grande Enciclopédia hispano-americana, s. v. *Erasmus* (San), lê-se: “Afirmam os agiógrafos que... a San Erasmo, sob as designações de San Elmo, Sant Elmo (donde San Telmo), San Ermo ou San Erasmo invocam os marinheiros do Mediterrâneo contra as tempestades e perigos do mar.»

Pela sua parte Bluteau, (3) em 1712, regista *Corpo Santo*, *S. Telmo*, *S. Pedro* ou *S. Nicolau*, e também *S. Hermo*; e em 1720 regista (pela primeira vez) *Santelmo*, dizendo que lhe parece mais provavel a derivação “que lhe dá Cobarrubias no seu Thesouro, dizendo que Santelmo val o mesmo que Santo Erasmo, abreviando *Erasmus* em *Ermo*, e corrompendo *Ermo* em *Elmo* (4). Tal era a compreensão da fonética naquele tempo!

Mas, antes de Bluteau, o licenciado Manuel Correia (1613), referindo-se também ao mesmo fenómeno, disse:

“O primeiro (caso) he o lume santo, como lhe chamão os marinheiros, e commumente os Portugueses S. Pedro Gonçalves, e os Castelhanos Sanctelmo, que tudo he hum, porque o Bemaventurado Santo se chamava Pedro Gonçalves Telmo, como se pode ver na sua vida, que escreveo Frey Vicente Justiniano, da Ordem dos Pregadores». (5)

E certamente foi daqui, ou de Bluteau, que Fr. Luis do Monte

(1) *Eufrosina*, Acto II, scena 5.

(2) *Camões e os Lusíadas*, p. 222.

(3) *Vocabulário*, no art. *Castor e Pollux*.

(4) *Vocabulário*, s. v. *Santelmo*.

(5) *Os Lusíadas... commentados*, apud Manuel Severim de Faria.

Carmelo <sup>(1)</sup>, em 1767, pela primeira vez, na lista dos nomes próprios, incluiu *Telmo*. Mas não menciona *Elmo*.

Do que fica exposto se vê a variedade de designações do dito fenómeno eléctrico; designações naturalmente ligadas à particular devoção de cada povo ou de cada região, claro está, depois da designação ligada à ideia mitológica; sendo bastante curioso o culto tributado ao Santo pelos nossos antepassados, em Xabregas. E seria ainda mais curioso averiguar a origem do emprêgo dos coentros como ornato do dito santo. Tarefa destinada aos competentes.

Quanto à origem dos voc. *Telmo* e *Santelmo*:

*Telmo*, evidentemente segundo creio, provém de *Santelmo* por desmembramento, assim como de *Sant'Iago* = *Santiago* = *San Tiago*.

Mas *Santelmo*? Vir-nos-ia do fr. *Saint Elme*, ou do esp. *San Elmo* ou *Sant Elmo*? Em qual d'estes países se principiou a invocar um santo chamado *Elmo*?

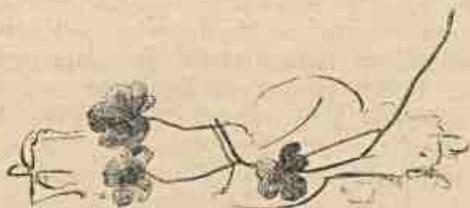
Problema, cuja solução fica pendente de novas investigações, se é que já não foi resolvido, o que desconheço.

O que, porém, me parece ficar assente é que foi no princípio do séc. XVII, o licenciado Manuel Correia o primeiro que entre nós empregou a designação *Santelmo*, e Bluteau o primeiro vocabulista que o registou.

Anteriormente a estes dois autores nada encontrei sobre os dois vocábulos; e nas minhas pacientes e aturadas investigações sobre o onomástico medieval português nada se me deparou que, de longe ou perto, se assemelhasse a *Elmo*, *Telmo* ou *Santelmo*. O que não quer dizer que não exista.

S. João do Campo, 23-IX-912.

A. A. Cortesão



(1) *Compêndio de ortografia*, p. 41.

# O AEROPLANO PERANTE A SCIENCIA

## RESISTENCIA DO AR



Como se sabe o ar oppõe uma resistencia ao movimento dos corpos, e é precisamente essa resistencia que permite aos aeroplanos voar: importa pois ser fixada com a mais perfeita exactidão o seu valor.

Sabe-se que a resistencia do ar, sobre uma superficie em movimento, depende da velocidade d'essa superficie, da sua inclinação, e tambem da sua forma e dimensões. Se o calculo permite avaliar a resistencia do ar sobre um plano de que se conhece a velocidade e inclinação, é contudo impotente ainda para uma superficie mais complexa: a experiência e a pratica são ainda quem ditam as suas leis aos constructores aviadores, porque só directamente e por tentativas, se pode chegar ainda a uma approximada solução, porem estas tentativas são deveras perigosas pois que para serem approximadas, se devem fazer no proprio elemento isto é, no ar.

Alguns dos apparatus, construidos por casas, que dispõem de pouco tempo para as series de experiências que seria necessario fazer para cada apparatus, limitam-se a fazer essas experiencias em Laboratorio, fazendo passar uma corrente de ar de velocidade determinada, sobre as azas duma futura machina voadora, mantida fixa. Ora isto é precisamente o inverso do que se passa, na realidade, onde o aeroplano se guarda bem de estar immovel. Podê-se pois, prevêr pela experiencia dos laboratorios, o que será esse apparatus em liberdade?

Até aqui tem sido bastante audacioso o ter-se affirmado categoricamente, porem apoz as ultimas experiencias do distincto engenheiro Eiffel o caso muda de figura.

No seu laboratorio do *Champs de Mars* ha oito annos que elle trabalha, com um cuidado esculpologico, e as suas tentativas tem sido, felizmente coroadas de exito. Da Torre Eiffel fez o complemento do seu laboratorio, e é ahí que nós vamos assistir ás primeiras experiencias, no anno de 1907, sobre os corpos de todas as formas e animadas de diversas velocidades.

Deixar cahir de uma certa altura o corpo a estudar, e determinar em cada momento da sua queda, a resistencia opposta pelo ar ao seu movimento.

As velocidades que se tem conseguido obter estão comprehendidas entre 15 a 20 metros por segundo.

O apparatus imaginado para estas experiencias é muito simples e bastante engenhoso!

Consiste n'uma massa muito pesada, oferecendo ao ar uma resistencia pequena e impulsando na sua queda, a superficie sobre a qual nós queremos determinar a acção da resistencia do ar.

Esta superficie, é collocada á frente da massa e ligada a ella por molas d'aço.

Se o ar não exerce nenhuma resistencia sobre a superficie determinada, estas molas não sofrem durante a queda nenhum deforme. Mas, sob o esforço da resistencia do ar, fazem tensão, e essa tensão permite precisamente, calcular o valor d'essa resistencia. imaginemos pois, que o apparatus está munido d'um dispositivo registador, escrevendo a cada momento de queda, o espaço percorrido e a tensão das molas: sufficiente é depois da experiencia ler o diagramma traçado pelo estylete do registador, para encontrar ahí todos os elementos necessarios ao calculo da resistencia do ar, sobre o superficie estudada.

O aparelho, abandonado do segundo andarda torre, desliza ao longo do cabo vertical (fig. 1)  $Ca$  e cahe perto do chão como em queda livre. Para evitar essa queda e se não quebrar o aparelho, a uma altura de 21 metros acima da terra, o cabo augmenta de diametro  $T$ ; por intermedio das poderosas molas (fig. 2)  $R$  a agindo sobre a tumescencia da corda, o aparelho afrouxa de velocidade até que pára.

Vê-se pois no mesmo croquis abaixo, em  $S$  a superficie experimentada e em  $r$  as molas taradas que a ligam ao corpo da massa pesante que provoca a queda. Estas molas estão fixadas pela parte inferior, e á parte superior liga-se a superficie

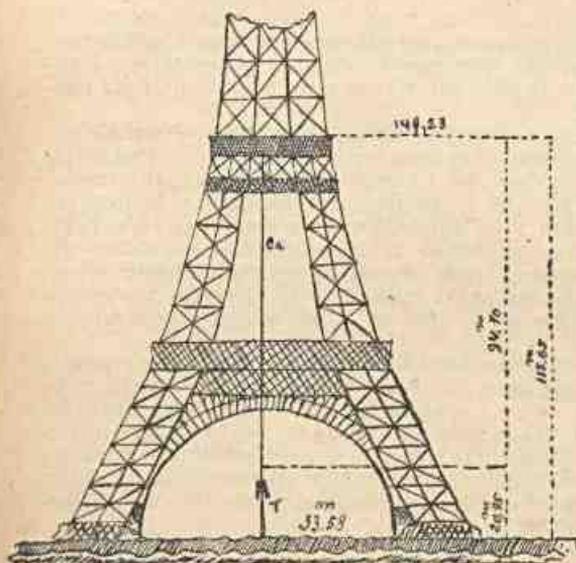


Fig. 1. A torre Eiffel e o cabo destinado a guiar a queda.

$S$  que é movel e se desloca no sentido da vertical, seguindo, conforme a resistencia do ar.

Este deslocamento permite pois avaliar a resistencia, de uma forma concreta, por quanto um diapásão  $d$  fazendo 100 vibrações por segundo, põe em movimento ao começar a queda a parte movel da mola, que, munida de um estyete que se pode deslocar ao longo d'um cylindro vertical  $C$ , levado pela linha do aparelho, inscreve no cylindro com uma velocidade proporcional á velocidade da queda. Um braço munido de finos dentes, rola ao longo do cabo, contra o qual é premido fortemente. O movimento, necessariamente proporcional á velocidade da queda, transmite-se por sua vez a um parafuso sem fim ligado ao registador.

Por outro lado, as vibrações do diapásão, inscrevem o tempo gasto desde o inicio da queda e a tensão das molas.

A curva do diagramma é formada de uma especie de rendilhada sinuosidade em volta do cylindro. Cada ponto d'esta curva, corresponde a uma posição determinada do aparelho de queda ao longo do cabo. O momento onde o

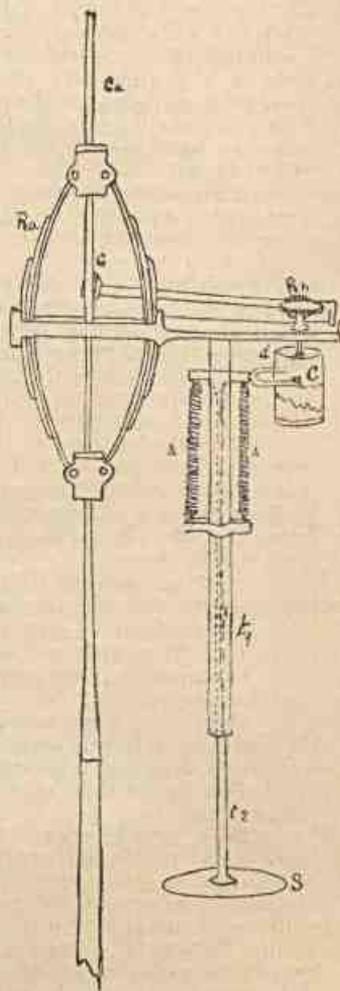


Fig. 2.



O TANGO

(De Armando Basto)

aparelho occupou esta posição é dado pelo numero de sinuosidades que o separam da origem da curva: a tensão das molas n'este momento, é dada pela ordenada da linha mediana de sinuosidade: as abscissas da curva são proporcionaes aos espaços percorridos na queda, e pode-se deduzir a velocidade n'um instante considerado, pois que sobre a folha de papel enegrecido todos os elementos necessarios estão precisamente calculados.

As experiencias não tem lugar senão quando o tempo está calmo e sem vento: A tranquillidade do ar é comprovada por uma série de 5 fios de seda de 1 a 2 metros de comprimento, presos a diversos pontos da torre. Se os fios estão inertes, o tempo é seguro e propicio á experiencia.

As experiencias tem tido logar sob diversas formas e aspectos, quer com superficies planas, quer ainda com rectangulares, quadradas, circulares, cônicas, truncadas e irregulares.

Experimentaram-se tambem grupos de superficies planas sobrepostas, hemisphericas, concavas, convexas, e de planos inclinados no sentido do movimento.

Os resultados principaes são os seguintes; nos limites das experiencias, isto é, para as velocidades comprehendidas entre 15 a 40 metros por segundo, a resistencia do ar é muito sensivelmente proporcional ao quadrado da velocidade; no caso de superficies planas, caindo, ou normaes á direcção da queda, o coefficiente de proporcionalidade está comprehendido entre 0,07 e 0,08 á temperatura de 12° e á pressão de 760 milimetros de mercurio: em realidade, o expoente da velocidade não é exactamente 2; para as placas parece julgar d'uma forma continua passando por 2 para a velocidade de 33 metros por segundo; mas, nunca lá chega apesar de ficar muito proximo.

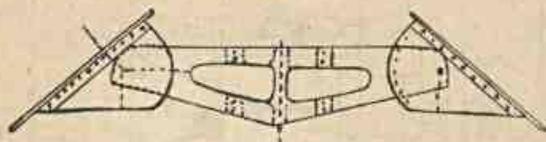


Fig. 3. Dispositivo para medir a resistencia do ar sobre planos inclinados.

seu conjunto é inferior áquella que se exerce sobre uma d'estas placas, isolada.

A resistencia do ar, por unidade de superficie, é muito reduzida para as superficies terminadas em ponta e muito maior para as superficies concavas.

O caso dos planos inclinados sobre a direcção da queda é particularmente interessante, pelas suas applicações possiveis aos aeroplanos.

Mas, o estudo experimental apresenta difficuldades muito serias.

Diversos observadores, que antes de Eiffel, tinham estudado esta questão, obtiveram resultados extremamente diferentes, uns dos outros: esta falta de concordancia deixa portanto um largo campo, aberto, a duvidas bastante serias sobre a sua conclusão.

Eiffel, então, empregou um dispositivo especial para este caso particular.

Os planos inclinados, sobre os quaes se mede a resistencia do ar (fig. 3), são fixados symetricamente ás duas extremidades de uma barra metálica, que tomará no aparelho de experiencia o lugar da superficie S (fig. 2).

Graças a esta disposição symetrica, Eiffel pode eliminar as principaes causas d'erro, susceptiveis de viciar as experiencias, e chegar a uma conclusão que nos fornece a seguinte formula, de uma extrema simplicidade.

*Se o plano é inclinado sobre a horisontal, n'um angulo comprehendido entre 30°, a pressão que supporta é proporcional a esse angulo; para alem de 30°, a pressão é a mesma qualquer que seja a inclinação desse plano.*

Eiffel observou que a pressão do ar por unidade de superficie sobre placas augmenta com a sua superficie e perimetro.

Notou, porem, que duas placas sobrepostas tem uma sobre a outra uma influencia muito consideravel, e que a resistencia total do ar sobre o

Vamos agora acompanhar em 1910, a continuação das experiências, que cada vez se tornam mais interessantes. Estas experiências, muito scientificas, muito precisas, constituem por assim dizer um verdadeiro *modelo*.

Por comparação, permitem ajuizar da precisão de todo e qualquer methodo, mais pratico, ou mais expedito.

Eiffel retomou, pondo-se escrupulosamente ao abrigo das causas de erro, o processo de experimentação empregado pelos constructores d'apparelhos de aviação: uma corrente de ar uniforme, em revessa, de velocidade conhecida é dirigida sobre a superficie immovel: a pressão sofrida por ella é transmittida a uma balança de construção especial: pesada por esta forma a acção do ar, Eiffel imaginou uma balança, que por trez leituras lhe faz conhecer as componentes horizontal e vertical da pressão, e seu ponto de applicação, e o tal *centro de pressão* que tem feito correr ondas de tinta ás pennas dos áviadores theoricos.

Digamos portanto que se pode constatar que os resultados obtidos pela superficie fixa coincidem perfeitamente com aparelhos encontrados em queda livre.

Por este meio se pode estender ás machinas voadoras em liberdade, o beneficio das suas soluções em laboratorio.

O curioso laboratorio que vamos examinar (fig. 4) é deveras interessante: a entrada effectua-se, como n'uma caixa de ar comprimido, por meio de um systema de comportas, pois que é preciso não turvar a corrente de ar que sopra no interior do laboratorio: todas as disposições estão tomadas, para a manter rigorosamente uniforme durante a duração de uma experiencia. Esta corrente de ar é aspirada por um poderoso ventilador de 50 kilowatts (68 H. P. vapor) n'um vasto conducto de 1 metro e cincoenta de diametro.

Pode-se collocar no tubo a placa a experimentar: é o methodo dito do *tunnel*; tem porem graves inconvenientes porque se torna impossivel verificar se a presença da placa não deforma os filetes extremos do cylindro d'ar. Eiffel interrompeu tambem as paredes do tubo (Butio) para as substituir por uma grande Camara *E* hermeticamente fechada. E' ahí que se colloca a superficie a ensaiar, suportada pela balança aerodynamica: esta transmitta as suas alterações para uma peça superior onde são notadas pelo observador, cuja presença não deforma d'esta maneira, a corrente d'ar.

A disposição do conjunto é portanto a seguinte: o ar aspirado do hangar por uma adaptação á inflexão regular, chega á Camara de experiencias: ahí penetra pelo diaphragama cellular *T*, em forma de ninho de abelhas para melhor assegurar o parallelismo da corrente, e sahe pelo butio que se nota em B, da secção A da fig. (4).

Devido ás precauções tomadas, a velocidade da corrente de ar é perfeitamente uniforme em toda a secção e muito constante durante a experiencia. Os processos empregados para a medir, tubo de *Pilot* e anemometros bem tarados, deram resultados concordantes.

A balança aerodynamica está disposta de forma a poder ser posta

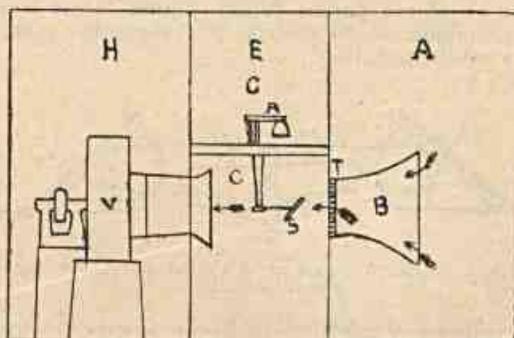


Fig. 4. Schema do dispositivo geral do hangar: C camara fechada de medição; S superficie em ensaio; V ventilador B Butio de aspiração do hangar.

em equilíbrio por trez formas diferentes: cada uma das posições fornece uma equação. O conjunto permite calcular a resultante da pressão d'ar em grandesa e direcção e de determinar o seu ponto de applicação.

A titulo de verificação, fez-se a experiencia seguinte: furou-se a superficie já estudada n'um grande numero de buracos: em cada um d'elles

foi atarrachada uma porca tambem furada ao centro por uma abertura de meio milimetro de diametro. A face opposta da porca, ao vento, está munida de um manometro de pressão. Todas as partes da placa foram por este meio experimentadas, e a somma d'estas pressões tomadas isoladamente deram o mesmo resultado que a balança. As resultantes obtidas pelos dois processos tão diferentes registam-se pois de uma forma tão notavel que são de natureza a inspirar confiança absoluta.

O estudo dos centros de pressão (fig. 5) sobre uma placa de  $90 \times 15$  cm. curva no seu comprimento como a aza d'aeroplano, flecha de 1/13,5, submettida, seguindo os angulos de incidencia variavel a um vento d'10 metros por segundo, deu os seguintes resultados: As 7 curvas regularmente espaçadas representam cada uma a secção mediana da placa e sobre cada uma d'ellas se transportam as posições

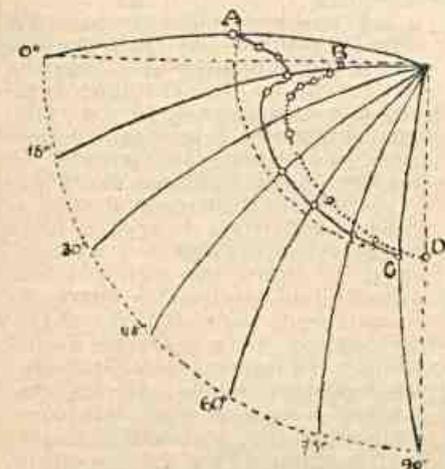


Fig. 5. Posição comparada dos centros de pressão sobre uma superficie curva e uma superficie plana. A placa curva; B placa plana.

do centro de pressão correspondente respectivamente aos angulos de  $10^\circ, 15^\circ, 30^\circ \dots 90^\circ$ . Estas posições são reunidas pela linha continua A C.

Vê-se, pois, que quando a superficie é horizontal, o centro de pressão

occupa o meio: aproxima-se sensivelmente da parte anterior para um angulo de  $15^\circ$ , pois a partir de este ponto afasta-se para tornar para o centro da superficie, quando esta superficie se apresenta normal ao vento. Na superficie plana que no croquis representamos ponteadado, o centro de pressão é pelo contrario bastante approximado da parte de ataque quando a superficie está horizontal. A linha B D dos centros de pressão tende em seguida a approximar-se do centro da superficie que se encontra attingida pelo angulo de  $90^\circ$ . N'uma superficie curva, a indução é pois maxima, quando a corda faz um angulo de  $15^\circ$ , com o horizonte, isto é *quando o angulo de incidencia é nullo*. N'este caso, o ar investe mais sobre o plano, que por baixo, e mais por aspiração do que por compressão. Comprehende-se com effeito, que quasi toda a superficie superior do plano, seja pedida pela depressão creada

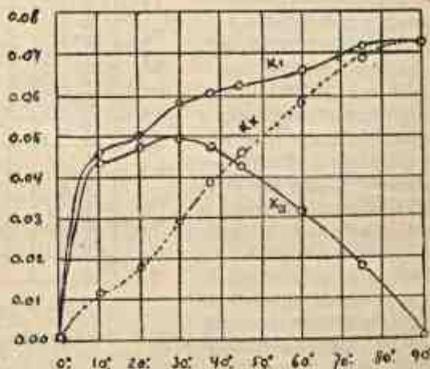


Fig. 6. Resultantes e componentes obtidos sobre uma placa curva de  $90+15$  cm.  $K_i$ , Pressão total unitaria;  $K_x$ , pressão horizontal unitaria;  $K_y$ , pressão vertical unitaria.

pelas correntes de ar superiores, tocando a placa curva tangencialmente. Assim se encontra estabelecido um facto muito importante e que os avia-

dores tiveram já occasião de constatar sem se explicar muito nitidamente.

Outros factos interessantes são postos em evidencia nos graphicos seguintes.

O croquis (fig. 6) representa uma placa curva de  $90 \times 15$   $^{\circ}/m$  submettida a um vento de 10 metros por segundo, assim como na (fig. 7) o croquis representa uma placa de  $85 \times 15$  tambem submettida á mesma experiencia. Nas abscissas são marcados os angulos d'inclinação; nas ordenadas os coefficients K correspondem á formula da resistencia do ar  $W = KSV^2$  (sendo S, a superficie e V a velocidade). A curva  $K_i$ , corresponde á pressão total unitaria; a curva  $K_x$  á componente horizontal ou resistencia de impulsão, a curva  $K_y$  á componente vertical em sustentação. Vê-se portanto que o valor da componente horizontal aumenta constantemente com a inclinação da superficie, enquanto que da componente vertical passa por um maximo de

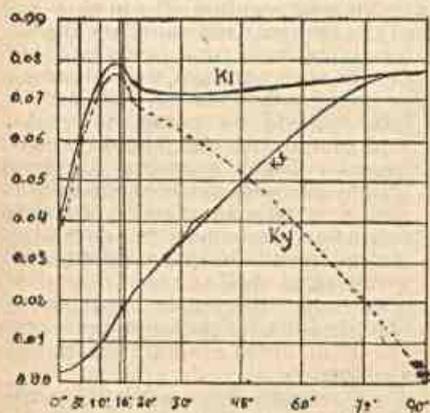


Fig. 7. O mesmo grafico obtido com uma superficie plana; placa de  $85 \times 15$  cm.  $K_i$  Pressão total unitaria;  $K_x$  pressão horizontal unitaria;  $K_y$ , Pressão vertical unitaria.

15° decrescendo rapidamente até ficar nulla em 90°.

Estes resultados são suficientes para attestar a importancia nas investigações de Eiffel; entretanto seguiremos ainda na mesma ordem de ideias aproveitando as experiencias realisadas no primeiro semestre de 1911, sobre o estudo das superficies normaes ao vento.

O coefficiente K, varia segundo a forma e a grandeza das superficies; a causa está muito provavelmente da acção dos bordos das superficies sobre as correntes d'ar. Em todo o caso, para os planos quadrados normaes ao vento, o coefficiente K julga-se de 0,065 com as placas de 10  $^{\circ}/m$  de lado, até 0,08 com as placas de 1  $m^2$ . Este ultimo valor é naturalmente um limite para as grandes superficies. O coefficiente d'um rectangulo normal ao vento, augmenta com o comprimento. Para os rectangulos de

225  $^{\circ}/m^2$  o valor do coefficiente augmenta de 10 para 100, quando se passa do quadrado ao comprimento 50.

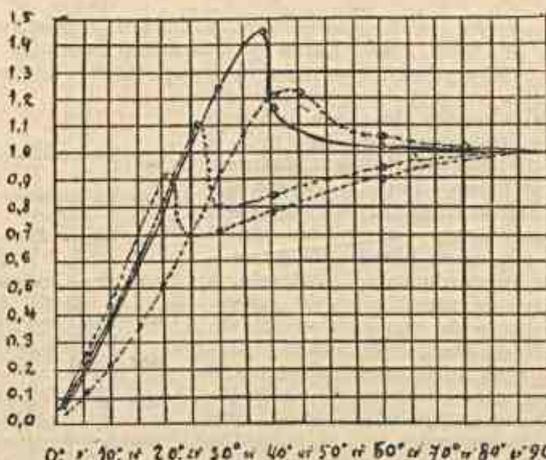


Fig. 8. Planos obliquos: Variações da resistencia do ar segundo o angulo de inclinação; As 4 curvas representam resumidamente, os resultados obtidos para 4 rectangulos do comprimento: 1 (quadrado); 1,5; 2; e 3; em abscissas os angulos de inclinação; em ordenadas o producto  $\frac{R_f}{R_0}$ .

*Planos oblíquos:* Um plano normal ao vento, sofre uma pressão  $R$ ; inclinamolo progressivamente até que o tornemos paralelo.

N'esta ultima posição não sofre nenhuma pressão. No primeiro caso está-se tentado a julgar que a pressão  $R$ , decresce progressivamente ao mesmo tempo que a inclinação, e diminue regularmente até zero.

Na fig. 8, temos uma placa quadrada de  $25 \times 25$  c/m. Seja  $R_{90}$  a sua resistencia, quando perpendicular ao vento; se a inclinamos, começa a resistencia por augmentar até passar por um maximo de  $37\%$  então começa a diminuir de seguida até se annular por completo, quando a incidencia se torna nulla.

O graphico põe em evidencia nitidamente este facto.

Sobre o eixo  $Ox$  são transportados os angulos de incidencia; sobre o eixo  $Oy$  o producto  $\frac{R_i}{R_{90}}$ ;  $R_i$  é a resistencia correspondente ao angulo de  $i^\circ$ .

Este fenomeno paradoxal de maximo, depende evidentemente da

forma da sua superficie. Encontra-se, mas n'um grau menor, sobre os planos rectangulares; vê-se no graphico as variações do producto  $\frac{R_i}{R_{90}}$  para as placas de comprimento 15,2 (grandes lados perpendiculares ao vento) e 1/3 (pequenos lados perpendiculares ao vento) Para os pequenos angulos de inclinação de 0 a  $12^\circ$ , o producto  $\frac{R_i}{R_{90}}$  varia sensivelmente proporcional ao angulo de inclinação.

*Placas Curvas:* estas dependem essencialmente da forma da superficie. Eiffel condensou-as para cada placa n'um graphico a que deu o nome de diagramma polar e que permite muito commodamente comparar entre

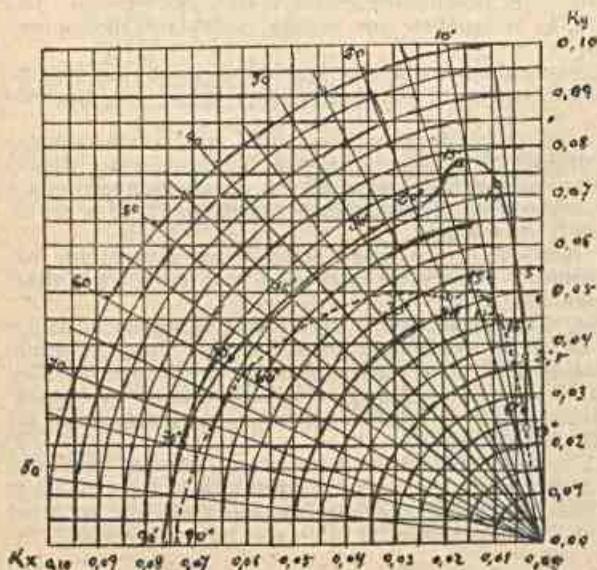


Fig. 9. Placas curvas: Diagrammas polares; em traço cheio, o duma placa curva de  $90 \times 15$  cm. tendo uma flecha de  $\frac{1}{13,5}$ ; em ponteados o diagramma polar de uma placa de  $90 \times 15$  cm.

tre ellas as diferentes superficies. A figura 9, representa alguns d'esses diagrammas. Para um angulo de inclinação  $i$ , resistencia unitaria  $K_i$  da superficie, tem uma componente horizontal  $K_x$ , uma componente vertical  $K_y$ . transporta-se segundo  $Ox$ , a segunda conforme  $Oy$ , o ponto correspondente descreve o diagramma.

Tomemos para exemplo, sobre uma das curvas, o ponto marcado  $10^\circ$ ; a sua abscissa, indica para inclinação de  $10^\circ$ , a resistencia unitaria horizontal, da placa, sua ordenada. A resistencia vertical supponhamola em 0; a recta, obtida representa a resultante, em grandeza e direcção.

Sobrepondo diagrammas semelhantes obtidos para diversas superficies, pode-se comparar immediatamente a forma como se comportam no ar.

Outra contestação interessante: para as superfícies planas, o centro de pressão, aproxima-se constantemente da linha de incidência, á medida que o angulo de inclinação diminue. Nas superfícies curvas e conforme o graphico apresentado por Eiffel, prova o contrario, pois que ás fracas incidencias, o centro de pressão diminue para a linha de sahida, quando o angulo diminue.

#### Superfícies parallelas.

As superfícies parallelas gozam de um papel importante na aviação, sem fallar das superfícies de apoio dos biplanos, supportes, etc. ... que nos oferecem numerosos exemplos.

Quando os rectangulos parallelos planos ou curvos, estão dispostos como nos biplanos, pouco inclinados ao vento, as duas superfícies se comprimem reciprocamente e conforme a distancia é de  $\frac{2}{3}$ ,  $\frac{3}{4}$  ou de  $\frac{1}{2}$  da profundidade dos planos; as pressões são reduzidas a 0,65; 0,70; 0,75; d'aquellas que seriam, sobre um monoplano da mesma superficie total.

A notar tambem os resultados obtidos sobre dois discos de 0,80 m. de diametro de afastamento variavel, parallellos entre elles e normaes ao vento.

A pressão sobre o conjunto decresce á medida que o afastamento augmenta, até que este ultimo atinja 45 °/m; isto é, 3 vezes o raio; depois a pressão augmenta progressivamente: para 90 °/m de afastamento ella é de 9,5 kilog; a pressão sobre dois discos isolados seria de 13<sup>k</sup>,5 a redução do esforço é pois ainda de 4 kilog.

Pode-se constatar tambem que o disco átraz, é constantemente impulsionado para o da frente. O esforço de attração é maximo para o affastamento de 0<sup>m</sup>,45 e attinge 1,6.

Curiosa experiencia, a seguinte: sobre uma haste parallela ao vento dispoem-se dois discos de 0<sup>m</sup>,30 dos quaes um é fixo, e o outro colocado átraz do primeiro e sustido por uma ligeira armadura, é movel ao comprimento da haste. Se o afastamento é superior a 0<sup>m</sup>,68 este disco é impedido pelo vento. Se o afastamento é inferior, caminha contra o vento até que vem tocar o primeiro disco (fig. 10).

No outomno, nas grandes estradas podemos examinar um fenomeno semelhante, quando os automoveis em carreiras vertiginosas levam átraz de si um cortejo de folhas seccas. E' o effeito da depressão do ar, átraz d'uma placa submettida a uma corrente d'ar d'uma certa velocidade.

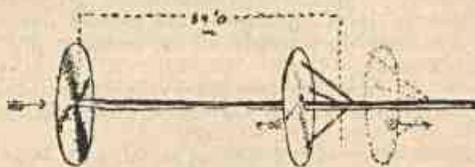


Fig. 10. Deslocamento de um disco protegido contra o vento.

Apoz um estudo especial dos corpos redondos, cylindricos, tendo seus eixos parallelos ou perpendiculares ao vento, conicos, esphericos, semi-esphericos, concavos e convexos, cylindros com base hemispherica, corpos esphero-conicos, chegamos até á parte da obra que apresenta interesse pratico mais immediato. O estudo das azas de aeroplano e dos modelos reduzidos de aeroplanos.

Dezoito typos d'azas foram estudadas, sete são defenidas geometricamente; as outras são reduções d'azas existentes: Bleriot, Breguet, Fer- man, Voisin, Wright.

Para resumir, basta dizer que cada aza submettida ao estudo de que já tratamos deu logar a uma serie de 6 diagrammas.

Sobre o primeiro, são transportados os valores dos esforços unitarios, totaes, verticaes e horisontaes, para os angulos de inclinação (angulo entre a corda e o vento) variavel de 0 a 16°. Estes valores multiplicados pela superficie da aza e o quadrado da velocidade dão o esforço total, a sustentação e a resistencia horisontal. O segundo diagramma representa o

producto da resistencia horizontal á sustentação e inclinação do esforço total. O terceiro é o diagramma polar de que já tratamos.

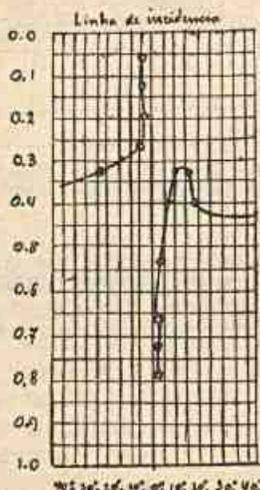


Fig. 11. Distancia do centro de pressão á linha de incidência em % da largura da asa (nas abscissas, os angulos é da corda e do vento).

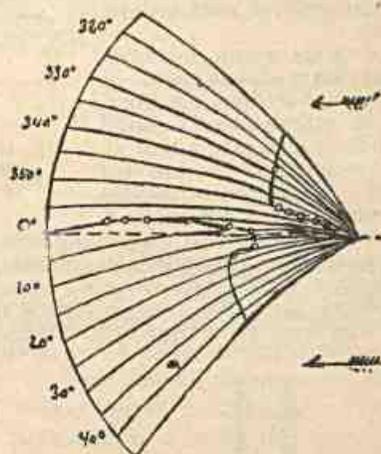


Fig. 12. Diagramma indicando as posições sucessivas da linha média da asa e sob cada uma d'ellas a posição correspondente ao centro de pressão.

Permite comparar rapidamente e claramente as qualidades dos diversos tipos. A posição do centro de pressão é dada por dois diagrammas: um indica as posições sucessivas de este centro sobre a linha mediana da asa, quando aquella dá a volta e torno da linha de incidência; o outro indica a distancia do centro de pressão á linha de incidência conforme os croquis 11 e 12.

O sexto diagramma representa a repartição das pressões na secção mediana para a inclinação de 6°. (fig. 13).

Pode-se provar assim, que proximo da linha de incidência, a pressão attinge valores enormes; chegando a alcançar cifras de 120 Kg. por metro quadrado. Nunca sem duvida, os constructores de aeroplanos imaginaram que semelhantes esforços se podessem desenvolver sobre as membranas dos seus apparatus. As nervuras e as *tendons* deverão de ora avante, serem calculadas por conseguinte, e as azas estudadas de forma a melhor repartir as pressões sobre toda a extensão da superficie. Em geral faz notar Eiffel, a depressão media do dorso da asa é approximadamente, o duplo da pressão media sobre a face inferior. Pode-se pois dizer que a asa é duas vezes mais arqueada sobre a face dorsal, pois que não é premida sobre a face inferior.

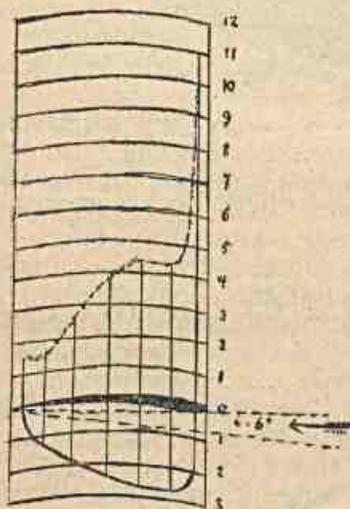


Fig. 13. Repartição das pressões sobre a linha mediana da asa inclinada a 6°: a curva, a traço cheio, indica para cada ponto, o valor da pressão sobre a face côncava da asa. A curva pontuada, indica os valores da pressão sobre a face convexa.

Assignalemos ainda as interessantes experiencias sobre os modelos reduzidos a  $\frac{1}{10}$  dos monoplanos Esvault-Pellerie e Nieuport.

Todas estas observações teem sido feitas em laboratorio, conforme se nota no croquis 15.

As cifras assim encontradas serão validas para os grandes apparatus, em liberdade na athmosphera? Eiffel tem feito sobre este ponto alguns ensaios que lhe demonstraram o seguinte: os calculos praticos relativos aos aeroplanos de grandeza real basta augmentar dez vezes as cifras encontradas nos apparatus reduzidos, em ensaio no laboratorio. N'estas condições os calculos effectuados sobre os apparatus existentes demonstram uma coincidência perfeita, com os factos observados pelos constructores e pilotos, donde se pode tirar esta conclusão final:



Fig. 14. Corte do modelo reduzido d'aza Wright, experimentada por Eiffel. Este modelo tinha 900 m de envergadura.

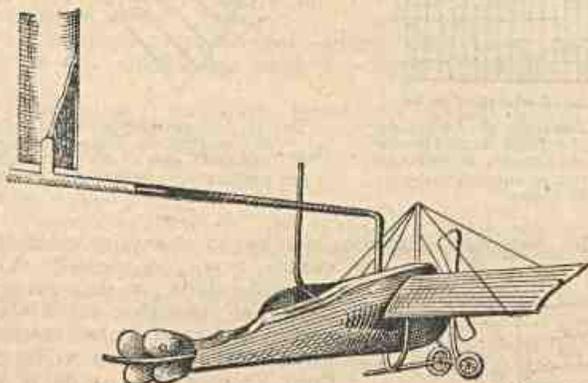


Fig. 15. Ensaio d'um modelo reduzido de monoplane Nieuport

O ensaio do modelo de um aeroplano onde a rigor se experimenta o modelo das suas azas permite prever as condições do voo normal.

Carlos Correia Parais



## A Nova Poesia Portugueza no seu aspecto Psychologico

(Continuado de pag. 94)

### IV

**S**eguindo o methodo estabelecido na segunda secção d'este artigo, o nosso raciocinio, incidindo directamente sobre a obra dos nossos novos poetas, devia poder deduzir, com qualquér cousa como facilidade, as idéas metaphysicas organicas no seu espirito. Acontece porém que a intima complexidade e novidade da nossa actual poesia torna essa analyse directa extremamente difficil. A primeira constatação que o raciocinio faz na analyse de que se trata é de que a nossa poesia novissima é completamente e absorventemente metaphysica e religiosa; a segunda constatação é, porém, a da fluidez, incerteza e caracter indefinido d'essa religiosidade e d'esse metaphysismo. E' perto de impossivel encontrar os nossos novos poetas fixos sobre um ponto metaphysico qualquér: nem a idéa que fazem de Deus ou da Natureza se apresenta de principio nitida, nem sequér é deduzivel das suas obras se teem ou não idéas de algum modo definidas sobre, supponha-se, a immortalidade da alma ou a autodeterminação da vontade. A unica immediata constatação que a analyse póde sem custo fazer é que a poesia dos nossos novos poetas é (1) pantheista, (2) não-materialista, (3) diversa de qualquér poesia propriamente espirituallista, mas contendo elementos característicos do espiritualismo. Para além d'esta quasi que visual constatação, o problema toma uma complexidade que desconcerta e perturba.

Sendo isto assim, vemo'-nos forçados, para elucidação do assumpto, a orientar de outro modo a nossa analyse. A difficuldade de a fazer de modo directo leva-nos a concluir que, com mais probabilidade de segurança, só a poderemos fazer differencialmente. Mas differencialmente como? seguindo a linha evolutiva da poesia europêa no que metaphysica, destacando os periodos culminantes d'essa poesia, fixando a direcção metaphysica d'essa evolução e os característicos metaphysicos do ultimo grande periodo, e depois, comparando a nossa nova poesia a essa, perante a qual ella se deve mostrar fatalmente ou uma decadencia, ou uma reacção, ou uma continuação superior, um novo estadio evolutivo. Autoriza-nos a esta analyse d'este modo differencial, em primeiro logar o facto de, estando Portugal integrado na civilização europêa, a sua poesia o estar tambem inevitavelmente, e por isso a significação d'essa poesia só se poder obter, na sua essencia ultima sociologica ou

metaphysica, por uma comparação com o periodo literario importante que europeamente a procedeu — obtida preliminarmente a significação evolutiva d'esse periodo e, d'alii, deduzindo, os provaveis caracteristicos do periodo literario que se lhe seguirá; para que, da coincidência ou incoincidência dos patentes caracteristicos metaphysicos da nossa nova poesia com a d'esse deduzido periodo, aptamente se avalie se esta poesia representa o estadio poetico europeu seguinte, ou se tem de ser relegada para o logar secundario e restricto de mera poesia ou de decadencia ou de reacção. — Esta analyse differencial é-nos, em segundo logar, autorizada e imposta pelo facto de, sendo uma corrente literaria, em sua essencia, a expressão de um novo conceito do universo, e um conceito do universo sendo simplesmente uma metaphysica, a analyse dos periodos literarios sob o ponto de vista metaphysico ser a analyse do que n'elles é realmente typico e fundamental; de onde se conclue que esta, a analyse metaphysica e differencial da nossa nova poesia, mais do que outra qualquer analyse, que anteriormente fizessemos, porá em nudez e evidencia o que de fundamentalmente grande e novo a nossa nova poesia literariamente contenha e sociologicamente represente.

Para ampla segurança d'esta analyse e natural preparação para a synthese ulterior, temos que (1) estabelecer quaes sejam os periodos capitaes e evolutivamente marcantes da literatura europeia, (2) fixar, digressando, para podermos proceder com segura clareza, quantos e quaes sejam os systemas metaphysicos definitivamente fundamentaes, (3) determinar, applicando esta constatação áquella, quaes os systemas metaphysicos intimamente e caracteristicamente almas de aquellas culminantes épocas de evolução, (4) concluir, comparando as metaphysicas d'essas épocas, de que systema para que systema, ou de que especie de systemas para que especie de systemas, evolue a metaphysica da poesia europeia, e, portanto, a alma da civilização da Europa, (5) deduzir — determinada essa linha de intima evolução espirital, e fixado qual o ultimo grande periodo literario europeu e qual a sua metaphysica — qual deva ser a metaphysica do grande periodo que se lhe deve seguir, (6) comparar a metaphysica da nossa actual poesia, tornada-nitida e classificada por um confrorto definidor com os systemas metaphysicos preliminarmente descobertos, com a metaphysica deduzível como devendo ser a d'esse novo grande periodo da literatura da Europa. D'essa comparação sahirá determinada, não só definitivamente qual a metaphysica da nossa nova poesia (o que immediatamente pretendemos saber), mas tambem qual a significação sociologica que haja em ter essa poesia a metaphysica que se descobrir que tem (o que é o fim mediato e ultimo de todos estes nossos artigos). Isto é, se se constatar que a Alma Portugueza está creando, atravez da sua actual Poesia, um novo conceito emocional — e portanto collectivo e nacional — do Universo e da Vida e que esse conceito é aquelle que na linha evolutiva da alma europeia representa um novo estadio creador, ter-se-ha estabelecido uma analogia irrefutavel entre o actual periodo literario

e os que, nos periodos maximos das nações maximamente creadoras de civilização, precedem um grande periodo de vida nacional socialmente creadora, e, de resto, *já são* esse grande periodo na sua expressão poetica, isto é, na sua mais alta e permanente expressão. Por outras palavras—se aquillo se verificar, terá já começado a dilatação da alma europêa que representará uma Nova Renascença, ainda que essa dilatação exista, por emquanto, apenas na alma do paiz de onde essa Nova Renascença raiará para o que na Europa estiver acordado para a receber.

## V

Precisamos, pois, antes de tudo fixármo-nos sobre quaes sejam os periodos capitaes da literatura da Europa. Não é difficil conhecê-los. N'um periodo literario tudo está ligado, e á grandeza do periodo—entendendo por grandeza o seu valôr creator de novos elementos espirituaes de civilização—corresponde infallivelmente a grandeza individual dos seus representantes. Escusamos, mesmo, de nos detêr no exame do *numero* d'esses grandes representantes de cada periodo. Basta tomar conta intellectual do representante *maximo* de cada periodo, e comparal-o aos representantes maximos dos outros periodos. É uma questão de altitude espiritual. A grandeza de um periodo literario mede-se pela grandeza individual do seu maximo representante. Mas porquê? Por uma razão muito simples. Se a grandeza literaria de um periodo consiste no valôr do que elle é capaz de crear de espiritual, é evidente que uma das maneiras—a mais flagrante—de medir esse valôr é vêr o valôr do que elle é capaz de crear de espiritual *dentro de si proprio*; isto é, a altura espiritual e creadora a que elle é capaz de elevar os seus proprios elementos espirituaes, isto é as individualidades que em si contém. Ora a altura e poder creator a que foi capaz de se elevar nas almas mede-se evidentemente pela altura e poder creator da alma que mais alto se elevar. Não temos portanto que medir o valôr creator de um periodo literario com outra cousa que não seja o valôr do seu maximo literato—isto é, geralmente, porque a poesia é a mais alta manifestação do espirito, do seu maximo poeta. Homero e Shakespeare, as duas culminancias da literatura, provam dos periodos a que pertencem que são—como todos admitem que são—os dois maiores e mais creadores na vida da humanidade.

Guardemos, pois, d'esta analyse uma tripla constatação: (1) que um periodo literario é sociologicamente importante quando n'elle se notam figuras importantes de literatos, e, especialmente, de poetas; (2) que a importancia sociologica de um periodo literario se mede pela sua *maxima* figura; e (3) que, portanto, a humanidade só mostra em certo periodo, um *verdadeiro* avanço espiritual—isto é, um augmento de poder creator—quando o maior poeta d'esse periodo é superior aos maximos poetas de *todos* os periodos anteriores. Esta ultima, corollaria, constatação é illuminadora da historia. Assim na superioridade de Homero a quantos poetas anteriores se

dividem lê-se claramente o augmento de poder creador que a humanidade no seu período grego trahe sobre anteriores periodos; e assim como Homero é o primeiro maximo poeta de pleno e integral equilibrio, a Grecia Antiga é o primeiro povo plena-lucida e integralmente creador que na historia nos apparece. A inferioridade de Vergilio a Homero mostra que da Grecia para Roma a humanidade não avançou, que nenhum novo elemento espiritual lhe nasceu—o que nos indica nitidamente que Roma constituiu, não uma civilização, mas o prolongamento inferior e decadente da civilização grega. Só na Renascença nos apparece uma figura culminante, Shakespeare, que accusa sobre Homero alguma—não importa quanta superioridade.—Isto indica que a Renascença marca uma evolução real do espirito humano, o attingir de um grau já super-grego de poder creador. Como, desde a Renascença, ninguém ainda appareceu de quem se possa pretender que é superior, ou mesmo igual, a Shakespeare, forçoso é que se conclúa que a humanidade, se eutrou já em periodo de verdadeiro avanço espirital sobre a Renascença, não chegou ainda á culminancia d'esse periodo.

Posto isto, ponhamos a nossa attenção no desenvolvimento da nossa analyse. Na literatura da Europa ha só dois periodos a que se pode chamar grandes sem escrupulos de adjéctivador. O primeiro é a Renascença, o movimento—para o nosso caso, apenas literario—que começou em Dante, culminou em Shakespeare e acabou com Milton.—O segundo é o Romantismo, entendendo por Romantismo o movimento literario principiado na Allemanha, com a sua culminancia em Goethe, continuado na Inglaterra, com Shelley por figura maxima, e acabado em França, com Victor Hugo por poeta principal. O "romantismo," dos outros paizes é cousa, além de inferior e dependente d'estes, em alguns casos com outra significação. Isso não importa agora. Cinjamo'-nos á corrente representativa e central.

Estabeleçamos agora o valôr relativo da Renascença e do Romantismo. Pela nossa constatação de ha pouco, quanto ao modo de avaliar a grandeza dos periodos literarios, notamos sem hesitação que a Renascença é superior ao Romantismo. N'esse caso que valôr tem, ante a Renascença e como vindo após ella, o movimento romantico? Visto que o seu valôr é inferior, elle só pode ser uma de trez cousas: ou uma decadencia da Renascença, ou uma reacção contra a Renascença, ou o principio de uma Nova Renascença, que em sua culminancia será superior, mas que pode não o ser em seu inicio, como Dante, o maior poeta do inicio da Renascença, é inferior a Homero.—Vejamos. Partindo da constatação, que adeante se fará—e que é, de resto, tão evidente que quasi se pode dar como feita—que o *espiritualismo* é a metaphysica da Renascença, torna-se evidente que, se o Romantismo é uma decadencia da Renascença, não pode a sua metaphysica ser senão uma decadencia do espiritalismo, e não poderá conter, portanto, elementos outros do que espiritualistas. Ora o Romantismo contém caracteristicamente um elemento pantheista—pouca importa por emquanto se puro ou não.

Se tem um elemento *a mais*, não pode ser uma decadência da Renascença.—Tampouco pode ser uma reacção contra a Renascença. Se o fosse, a sua metaphysica seria *inteiramente opposta* á da Renascença, isto é, seria *de todo* anti-espiritualista. Ora, como veremos, o elemento espiritualista encontra-se presente—com mais ou menos, e por vezes com grande, nitidez—na poesia representativa dos românticos. Não é pois o Romantismo uma reacção contra a Renascença: envolve, sim, uma reacção, mas é contra outra poesia, claramente anti-espiritualista essa—a poesia do seculo dezoito.—Por exclusão de partes temos, portanto, infallivelmente que concluir que o Romantismo é, não já uma *epoca*, mas o principio de uma *epoca*; não é a Nova Renascença, mas o movimento precursor d'essa Renascença Nova. Constatada a inferioridade do Romantismo á Renascença, não ha outra hypothese a admitir.

(Conclúe).

*Fernando Pessoa.*

## BÊNÇÃO DE DEUS

Olho prós céus! A luz, sulcando o mar,  
—O mar da asa, o grande mar aéreo,—  
Estende as velas brancas a cantar  
A epopeia das ondas do mistério!

E a minha carne vai amanhecendo  
Em estrofes de luz da branca aurora...  
E os meus braços, fugindo, vão vencendo  
—Qual asas brancas—pelo espaço fora!

Alvorada de luz! Semeia a Vida!  
Esparge a água-benta d'esses céus!  
—Nuvem que vai sorrindo, diluída...

E as coisas marmorizam-se um instante  
Em carne de silêncio! Olhai distante:  
—Um chuveiro de luz! Benção de Deus!

Santa Marta, 4-VII-912

*Carlos de Oliveira*

## UMA CARTA DE FIALHO (1)

Villa de Frades (Alemtejo) 2 de Dezembro de 1909.

Ex.<sup>mo</sup> Snr.

*Uma vida afadigosa e dispersa por afazeres inadiáveis não me permite ter ordem na minha correspondencia especialisadamente artistica e literaria.*

*A culpa não foi minha. Quando eu me occupava exclusivamente de lettras, mil e um factores hostis me compeliram alfim a abandonar-as.*

*Agora, visto as exigencias da vida material, e a voz prudente dos cabellos brancos, literatura e arte são para mim apenas impressões de segundo plano, e ha que alijal-as um pouco ao papel inofensivo de passatempo.*

*Por estes motivos não poderei aceitar o convite amabilissimo e de todo o ponto honroso para mim, que V. Ex.<sup>a</sup> me faz de colaborar na sua Revista, visto como, não sendo o trabalho literario para mim preocupação quotidiana, longos e longos mezes correm sem eu d'esse trabalho me lembrar; e por outro lado afazeres cazeiros a cada instante me obrigam a andar, como se diz, de Herodes para Pilatos, sem mais tempo ou atenção que dar aos linguados.*

*Poderão os precedentes arrazoados explicar tambem o descuido de tão tarde notificar a V. Ex.<sup>a</sup> o recebimento do seu belo livro "Nitockris" que li com sumo prazer, como quem assiste ao clarear d'um espirito com preocupações algo mais vastas, que as em geral reveladas por escriptores ingenuos e primeiricos. Algumas composições do livro são verdadeiros baixos-relevos, e prenunciam um escriptor sério e de raça. Oxalá que a carreira de V. Ex.<sup>a</sup> nas lettras seja mais seductora do que a minha, e que eu ainda possa aplaudil-o em muitas e seguidas produções.*

*Mande V. Ex.<sup>a</sup> para o que deseje, o Servo e confrade em lettras*

(1) Dirigida a Veiga Simões sobre um pedido de colaboração na *Farça*.

# CINTRA

A Teixeira de Pascoaes

Oh Pena, altar de nuvens sobre a Serra,  
Paço de sombras reaes, feito em granito  
E seculos de Azul, — olhando a Terra  
Das janelas que ogivam o Infinito!

Oh vôo das florestas que se esfólham,  
Tontas de ceus, fragancia!  
Oh tardas sombras rôxas da Distancia!  
Ruinas — noite donde as aguias ólham!

Oh cedros esmanchando as ramarias,  
Afofando penumbras!  
Crepusculos longinquos de arcarias!  
Agua que, ao pôr-do-sol, és múrmura e deslumbra,  
Que deslumbra meus olhos, meus ouvidos,  
E, incerta de gemidos,  
Vaes esculpindo a diafanos lavôres  
As pedras onde o sol desmaia e verte côres!

Oh paizagem do Ceu! Cintra! Visão suprema!  
Architectura dos accordes dum poëma!  
Em ti as mãos do Vento em furia batalharam!  
O Genio e a Lenda para alem te perpetuaram!

Oh Graça que desceste á Terra por encanto,  
Granitos que ao luar sois brancos alabastros,  
Ramos verdes, á noite, onde estremecem astros,  
Meu canto vem de vós, é para vós meu canto!

Fraguedos, serrania,  
Do alto de vós olhando!  
Tollidos de invernia,  
Alados de neblinas,  
Nos longes acenaes, noctivagos, em bando,  
Franjas, espuma vaga de cortinas,  
Aereas e nevadas,  
Farrapos onde a Noite esconde as madrugadas...

Oh figuras dum drama subterraneo,  
Gelidas do pavor das sombras que repassam!  
Fragas, espectros vãos, que a um rasgo momentaneo,  
O vento esculpe e os raios despedaçam!  
E ao longe o mar é um canto de epopeia  
Memorando naufragios...  
Profundo ferve, anceia,  
Livido estagna, e sonha, e para no caminho!

Eis que numa revolta, amargo de preságios,  
Lavra de espuma e som visões em desalinho,  
Rasga o pano da Noite e, monstro de águas, uiva,  
E tomba doido a rir, sobre os areaes, exausto...

A areia escalda ao sol... Ignea de sede ruiva,  
Mina-se de água e Azul, absorve o mar num hausto!

Oh Cintra, rente ao Ceu, o mar te afaga,  
Floresces em murmúrio, em halitos de vaga...

De ti eu dominei, vareei os horizontes,  
Estou cansado já, fui Jupiter na Terra!  
Nas tuas fontes,  
Onde um crepusculo erra  
E o ar é de abandono,  
Que eu fosse o musgo em sombra verdecendo,  
A voz de longe e Outomno,  
Baixinho fenecendo...

Fosse a humildade,  
Os húmidos recantos  
Onde a sombra se esquece, incerta de saudade  
E a chuva cae em prantos...

Fosse o tronco musgoso, enverrugado,  
Onde—lembrança eterna,  
Um coração se vê de setas trespassado.

Fosse a Elegia do Ar quando o Ar inverna,  
Rumôres de água, queixas!...  
Mansa, como rezando,  
“—Porque me deixas!—”  
Como que a Sombra diz no seu silêncio frio  
A' fonte de esquecida memorando,  
Lucilante de lágrimas a fio...

Ah, pudesse eu viver pela espessura  
Dos bosques rumorosos,  
A's horas em que a Sombra as coisas transfigura!  
Ser o Outomno, o crepusculo, a harmonia  
Das aves cuja voz é um halito de luz  
De poentes que morrem de saudosos!  
Vestir os troncos nus,  
Chorar melancholia...

A' tarde quando a luz penumbras vem rezando  
A Fôrma é Apparição,  
Ha lágrimas de Azul as almas orvalhando,  
A Côr é emanação...



ESTUDO PARA O DESENHO

Traziam-na os horribicos algozes  
Ante o rei, já movido a piedade;  
LUSIADAS - Canto III - Est. 124

(De Soares dos Reis)

Tudo se transfigura:  
Ha paizagens, scenarios pela Altura.

Eu deixo de existir  
Para mais dentro em mim viver, sentir...

E' a hora transcendente  
Em que o Passado surge evocador do escuro,  
E, soffrego, o Presente  
Dissolve a nevoa do Futuro.

Oh Pena ao alto erguida,  
Recortada na sombra—aza de aguia perdida,  
Nas rochas esfarpando-se!  
Nuvem numa outra nuvem evolando-se...

Oh Cintra, ao poente, a fumos de viuvez,  
Subindo num adeus,  
Chymerica de longe a Terra já não vês:  
E' uma ancia de Infinito a que te abraza,  
Oh verde forma de aza  
Com fremitos de ceus!

Oh Cintra és já distancia  
Na communhão dos astros!  
Teus granitos transformam-se: alabastros,  
De brancos a rezar... Ideal sonancia!

E, eu que vivi em ti, rezo contigo,  
Eu, o incerto, miserrimo mendigo,  
Trago nos olhos tristes pedrarias,  
Astros radiando pallidos fulgores,  
Desmaios de harmonias,  
No concerto mais intimo das côres.

E a Noite escuta, empallidece,  
Um murmurio de voz esvoaça numa prece:

Flébil, o ar magoando,  
Idillios suspirando,  
Duma estrella que nasce ao por-do-sol  
O canto chóra... lagrimas sem fim!

A alma dum rouxinol  
Sonha com Bernardim.

E desfez-se, apagou-se  
Em ondas de saudade—o olor mais doce...

Subito, heroico de saudades,  
Um canto accorda, funde o bronze das Edades!

Oh canto pela noite, em prantos marulhado,  
 Memoria em cujo olor ha mortas primaveras,  
 Pelos astros, o Espaço cadenciado,  
 Ungido pela benção das Esferas,  
 Falas da minha raça, dos profetas  
 Investivando o Mar,  
 De moiros pela areia, cujas setas  
 Eram menos mortíferas que o olhar!

Oh ritmo das oitavas  
 Nas veias do meu sangue a tumultuar!  
 Oh lyra de Camões, accordes de ondas bravas!

E, bronzea a voz sucumbe: os ceus ficam arfando,  
 Reboando, echoando...

Mas a candura, a graça do sorriso,  
 De quem vive a morrer,  
 E tem no olhar de magoa o Paraíso,  
 E Deus no coração sem o saber,  
 Desfólham-se num halito de outomno  
 Pelos ceus, pelas almas de abandono...

Oh moreno cantor a ouvir de bruços,  
 Das gothicas ogivas merencoreas,  
 Musgosas de saudade,  
 Echos duma outra idade,  
 Vozes de viola zoando moribundas,  
 Morrendo gemebundas;  
 Crepusculo de som, penumbra de memorias...

Oh Lusiada absorto  
 Na chymera do Alem! Infante é tudo morto,  
 De que serve esperar!

Falas de longe: a Morte diz á Vida  
 A sua grande, eterna despedida...  
 Em ti, meu pallido Anto,  
 Há mortos a falar!

Oh moribunda voz em lagrimas de canto...

E eis-me perdido e só, como um ceguinho,  
 Tacteo ceus de extactica harmonia,  
 E vejo Deus em mim a ungir-me de carinho,  
 E sou onda de luz em melodia...

Morri para viver alem da Morte:  
 Meu negro olhar agora é azul-celeste,

Oiço na minha lyra o meu transporte,  
Senhor! Bemdita a morte que me deste!

Oh floresta! Oh granitos revestidos  
De auroras e crepusculos e Lenda:  
Que o som da minha lyra a vós ascenda!  
Vossa esculptura de intima harmonia  
Seja accordes em echos desferidos,  
Eternidade, Azul, melancholia...

Quero inclinar a fronte,  
Quero dormir ouvindo de Alem-Mundo  
Meu carne gemebundo  
Rasgando nuvens, ceus, aladamente,  
E, baixinho, humanissimo, contente,  
Humedecendo resequida fonte...

E eis-me esculpindo formas de florestas,  
Eis-me gravando a som um tronco esqualido,  
Abrindo nas prisões esguias frestas,  
Por onde o luar se escôa muito pallido...  
Eis-me esculpido a som, eis-me esculpindo  
Oh Cintra o teu perfume pelo Outomno...  
Eis-me sagrado e lindo,  
Rasgando a luz a noite do meu somno...  
E vivo a Eternidade no meu cantô!  
Attonito de mim, revolvo mundos,  
Sou magico de encanto,  
Érro pelos abysmos mais profundos,  
E trago auroras rutilas nos olhos  
E harmoniso de paz os horisontes!

Sou melodia humida do mar  
Rezada nos escolhos...

E, ao vir do Outomno, incerto de distancia,  
Saudoso olôr memôra a minha infancia,  
Vou ausente de mim por mim a andar...

Tudo o que eu fui acôrda! É agua viva...

Cintra, vagueio em ti! Nas tuas fontes  
Minha saudade em lagrimas deriva,  
E o Outomno é o meu fantasma a recordar!...

# Cartas de Pinheiro Chagas

## II

*Meu caro Guilhermino*

*Lisboa, 24 de Junho de 1873*

*Escrevendo hoje ao Manoel Vaz, não posso deixar de lhe escrever também, meu bom amigo, para lhe testemunhar mais uma vez a sincera estima que lhe votei, e as sympathias que as suas nobilissimas qualidades de espirito e coração me inspiraram. Entre as coisas que me hão de sempre tornar agradável a lembrança da minha digressão á Beira, figura como uma das que mais apreciei, o ter travado conhecimento com o meu bom amigo, e ter podido apreciar o seu belo talento e a sua excelente alma.*

*Na carta que escrevo ao Manoel Vaz conto-lhe a recepção que me fizeram os pequenos. O Guilhermino, que é tanto de familia, pode avaliar bem as impressões que eu tive, quando, ao aprear-me do wagon, encontrei minha mulher e meus filhos que me saudavam com alegria. Foi um bom momento, creia.*

*Isso não impede que eu me lembre com muita saudade dos nossos passeios e das nossas leituras. Lembro-lhe que o Castello de Monsanto já tem agora quem zele os seus interesses, e que eu não consentirei que o seu auctor conserve mais tempo na obscuridade dos inéditos esse brilhante romance.*

*Cumprindo a minha promessa, tenho desde já á sua disposição e á do asilo de Castelo Branco 20 exemplares da 2.<sup>a</sup> edição dos Portuguezes Illustres, edição approvada pela Junta Consultiva de Instrucção Publica. Diga-me o meu amigo a quem os hei-de dirigir e qual o modo mais facil de os enviar.*

*Pedindo-lhe que apresente os meus cumprimentos á sua Ex.<sup>ma</sup> esposa e que beije muito por mim o meu amiguinho Jija, cujo retrato espero, e o Mino, rogo-lhe também que creia na amizade verdadeira e na gratidão de quem é*

*De V. Ex.<sup>a</sup>*

*A.<sup>o</sup> sincero e obg.<sup>mo</sup>*

*Pinheiro Chagas*

# VERSOS PARA MEU FILHO

## I

Como os tivesse, a ambos, no regaço,  
A chorar de ventura escrevo agora...  
É o meu Amor é um piedoso abraço,  
Um dilúvio de luz pelos ceus fora!

Canta em meu coração o imenso espaço,  
Nasceu em mim uma divina aurora!...  
É este infinito Amor que eu não abraço  
E não cinjo—este Amor—soluça, chora!...

O meu filho, meu Deus!... Ah! que tortura  
Sentir a Alma anciosa de infinito,  
A transbordar, opressa de Ventura!...

Ó minha Arte inútil, incompleta!...

—Quanto mais diz um desvairado grito,  
E o Amor,—o Amor—ah! que maior poeta!...

## II

O meu orgulho louco,—esta cegueira  
Que me deslumbra se não sei dizê-lo,—  
É um incendio de Amor!...  
A terra inteira  
É pequena decerto p'ra contê-lo...

A luz de Deus cinjiu a minha fronte,  
Floriu meu coração como um jardim!  
—Minha Alma é um ceu sem horizonte,  
E eu trago um mar sem praias dentro em mim!

Quazi perdi a voz para cantar-te,  
O esforço, ó Vitoria!... A minha Arte  
Poz as mãos e resou fitando o ceu...

Resa no meu Amor todo o Universo...  
É extasiado eu sonho ao pé do berço  
Em que, a sorrir, meu filho adormeceu...

1912.

*Augusto Pasmore*

## O DUELO DO LOUCO

À Ex.<sup>ma</sup> S<sup>ra</sup>. D. Palmira Pinto Machado



**Antonio** Joaquim entrára de scismar na morte do pequeno.

Aquilo tinha de sêr; não nascera ele senão para desgraças.

Alma de desmedidos sonhos, crescera para dentro e, por isso, bem parcas eram as suas ambições terrenas. Uma casa pequena; toda branca de luz, ao de fóra, e de amôr, ao de dentro.

Encerrar a vida no circulo alargado dos seus beijos domesticos, prolongando a harmonia do seu lar em toda a vizinhança, dando aos outros o seu comovido amôr e recebendo-o devolvido em pão para a boca da familia.

Fundir o real e o ideal, jorrar, em quotidiano trabalho de espirito, aquele manancial de sonho, que espontaneamente dentro de si corria.

Como conseguir tão íntima e directa vida de virtude?

Como não ter de distinguir entre o util, o necessario e a verdade do fundo d'alma, o sonho, aquele superfluo do corpo, que é afinal o seu motivo e valôr?

Ensinando o pensamento, o amôr e o trabalho.

Enviando a cada lar, pelas almas brancas das creanças, a alegria, a confiança e a virtude. Fazendo comungar, a todas as almas, a verdade e o amôr, pelas mãos angelicas dos innocentes.

Havia, demais, na sua alma de simples, uma timidez que o incompatibilisava com a cidade.

Fizera aquella casa tam pequenina e candida, toda envolyda e quente. Ao pé, uma fonte em monotono murmurió contava-lhe os elos, que, dia a dia, iam formando aquele largo abraço, que era a sua vida.

Para aí transplantára a sua esposa, que, viuda dos braços maternos, lá se viera admirar de haver no mundo carinhos sempre novos, castas alegrias sem fim.

A fonte corria sem tibiasas, torrentosa e espadanante. Na encosta seixosa, os pinheiras evocavam recordações marinhas. Em baixo, ao longo do vale negro-verde, a agua corria subterraneamente, dando á terra uma fisionomia maternal, a sorrir na alacre policromia das folhas e das flôres.

E nas suas almas corria o enternecimento, floria a esperança...

Mais um fructo, de espiritualisada carne, nascera no populoso vale, de aguas e arvores.

Antonio Joaquim, no seu vago panteísmo, adorava Deus no templo do seu lar, e, d'aí, espalhava a alma incensada, pelos seus alunos, pela natureza e pelo silencioso misterio da noite.

Nas suas meditações, sentia Antonio Joaquim bater o seu coração em acordo com um imenso coração oculto.

Se ele ia na directriz do divino amor!

Mas um dia aquele imenso coração oculto apartou-se em misteriosa indiferença e o humilde Antonio Joaquim ficou a palpitar em frio silencio e gelada solidão. A mulher morrera-lhe, dobrando-se-lhe sobre o peito num beijo fremente e *bem estranho*. A pouco andar do tempo viu morrer o filho...

... E Antonio Joaquim anoiteceu.

O mundo que até aí lhe tentara os olhos e lhe parecera vivo, era-lhe agora insupportavel.

A natureza era-lhe dantes, familiar e grata! Olhava o mundo, e em tudo conhecia uma intimidade viva, um profundo coração oculto; os olhos mergulhavam nas cousas e nos seres e anunciavam à alma, abismos inexgotaveis, onde o invisivel mora.

Agora o olhar atravessava tudo, rectilíneamente; o mundo era sem entranhas, nú e visivel, trespassavel e transparente.

Tudo era sêco e morto, e o evoluir da vida—o círculo vicioso das aspirações humanas, a inutilidade de vibrações sem laço.

Onde e como viveriam aqueles corações desaparecidos?

E no amplo, raso espaço—nem uma concavidade de abrigo, nada que o olhar não atravessasse em continua inutilidade! Vazio, abandono, desespero...

Era uma visão de uniforme transparencia.

Subia ao alto do monte donde tantas vezes sentira crescer o pensamento em meditações consoladoras e o olhar, recusando-se a parar nos contornos da paisagem, nas paredes das habitações, seguia atravez os contornos, e as moradias, e as arvores, e os homens, a mesma trajectoria de visão nula e desvariante.

O Universo transparente á sua visão indagadora resolvera-lhe o Todo no Nada.

Em toda a parte se sentia despido; e, quando procurava a sombra e a vida, encontrava uma insupportavel côr livida, tudo envolvendo.

Tinha por vezes a bisarra impressão de que fôra voltado como o dedo de uma luva, e que o interior e o exterior se fundiam na lividez daquela alucinante coloração.

Assim decorreram dias lividos e eguaes em que Antonio Joaquim se arrastava, de monte em monte, sem alimento e sem palavras. Procurado por visinhos piedosos, foi obrigado a alimentar-se e rodeado de carinhoso conforto.

Então, entrou de sentir uma vaga opressão visceral a que se habitou, e as suas lividas alucinações foram-se espessando. Eram agora fantasmas de treva que surgiam no campo da imaginação entanguida.

Passava os dias esmagado sob uma força, que, partindo do interior das visceras, e sobretudo do coração, como que as queria esmagar contra as paredes do organismo. Dobrava o corpo como a querer reagir, e aí ficava enovelado numa scisma inconsciente.

Outras vezes erguia-se e ia percorrer os logares conhecidos. Aqui falava a uma arvore, onde subira o pequeno para cortar uma

vara; além, de braços sobre a água, procurava a recordação da sua imagem ali tantas vezes refletida; mais além, ia beijar os vestígios dos seus mimosos passos, na relva obediente...

Então pensava e unia os fantasmas scismaticos á injustiça e brutalidade do golpe.

Fôra de repente, como um instantaneo trovão em ceu sem nuvens...

Uma doença epidemica e isolada, sem precedentes nem conseqüentes!

Nestes momentos a consciencia absorvia-se na injustiça e o fantasma da scisma vagueava insistentemente ao lado do seu pensar.

Discutia, por vezes, consigo mesmo, e voltava irritado ao pensamento obsediante da injustiça, que o ferira.

Fechou-se um ciclo de consciencia que, começando pela opressão visceral, acabava pela revolta contra a injustiça, fantasmada com as alucinações da scisma.

Pouco a pouco odiou esse fantasma negro, sombra daquela injustiça obsediante. Esse odio gesticulava, e talhava, assim, as feições do abominavel fantasma.

Entrou em delirante cogitar, a consciencia limitou-se alucinatoriamente e o pobre Antonio Joaquim, odiando e temendo o seu fantasma já bem real e permanente, endoidou.

O pobre disia agora que o seu filho fôra roubado por uma velha. Corria em vertigens de odio sobre essa velha que, em convulsões, disia ter agarrado e, passada a crise, soluçava porque a velha lhe escorregara por entre as enclavinhadas mãos.

Uma noite desceu do monte em vertiginosa corrida.

Lá em cima ouvira a velha a correr numa lufada de vento. Ela casquinara uma gargalhada de gula e dos seus dentes amarelos, esquirolados, recurvos, pendiam farrapos de carne gotejante. E corria veloz, ululante, deixando uma treva humida e fetida...

O pobre louco ouve a voz do filho chama-lo e corre na direção da aldeia. Encontra uma creança do tamanho do seu pequeno e agarrando-o de encontro ao peito, foge, foge sempre.

A creança olha-o aterrada e chora. Antonio Joaquim vê-lhe os olhos de terrôr voltados para traz.

\*Então aperta-a mais ao peito, e corre, murmurando:

"Meu querido menino. É ela, a maldita velha, que tu vês. Não chores, meu menino, encosta-te a mim, dorme nos meus braços, que ela não nos agarra. Eu vou esconder-te numa linda caminha, que te arranji.

Virei buscar-te de comer, e depois eu heide embalar-te, aquecer-te no meu seio e dormirás tão quentinho que hade ser um regalo. Dorme meu filhinho..."

O louco beijava sofregamente a creança, e fugia numa correria sem cansaço.

Ela gelada de terror acabava por adormecer naquele peito de ternura, naquêle berço que os braços do louco faziam tam bom.

Este, correndo sempre, passara já a crista do monte e galgava



SILÊNCIO

(De António Carneiro)

A Agulha - II (2.º século)

o declive. Dobrou ondulações sucessivas, e, lá ao longe, na maternal concavidade que separava os dous montes, o louco encontrou uma mina tapada de verdura e flores.

Despiu-se de quasi toda a roupa, aconchegou o pequeno, e, sob uma restea de luar, ficou-o olhando...

"É ele, o meu filhinho. A velha não nos pode encontrar.

Pouco barulho, não me acordem o menino.

Está tam lindo, meu Deus!

Olhem estes olhos, assim fechados, como são meigos! Como ele sorri! É de alegria, não admira, se ele tinha muitas saudades minhas!

Tem os pesinhos quentes, que eu aqueci-lhos com beijos...

E as mãosinhas? Ah! Estão muito bem embrulhadas, assim, na minha camisola.

Dorme, dorme..."

E o pobre louco chorava e limpava febrilmente as lagrimas para poder beijar a creança sem a molhar.

Assim esteve até manhã. Então, foi num salto á povoação proxima a pedir pão, e voltou a correr em rubra alegria.

Perto da mina, estendia-se a sombra dum pinheiro.

De longe, o louco sentiu a velha, e ofegante, a tombar, atira-se para a frente.

Chega; e o delirio lança-o, num ataque enraivado, contra o fantasma da velha.

Começa um tragico duelo, e o desgraçado, ao cair contra um penedo, murmura "Não tenhas medo filhinho..."

Na aldeia a familia do pequeno levado pelo louco procurava-o, aflitivamente.

Na povoação onde o misero louco fôra pedir alimento para o seu filhinho, informam do caminho seguido.

São batidos todos os logares, e vão encontrar o cadaver do pobre Antonio Joaquim á porta da mina.

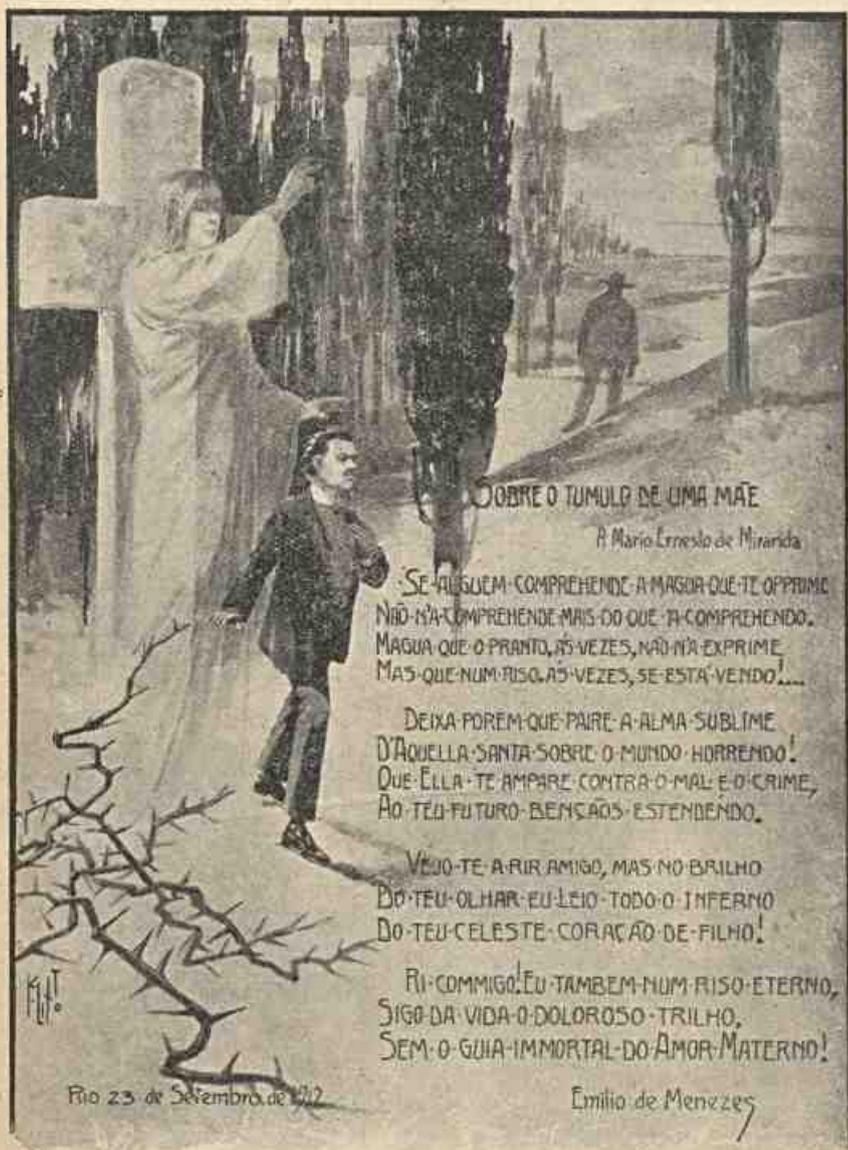
Em torno é um poceirão de sangue, os miolos empastam as pedras, farrapos de carne tapetam o chão.

Um grito de horror se ergue dentre os que buscam a creança a que responde uma voz, entre chorosa e meiga, que chama "Mãe-sinha, mãezinha!". E de entre a verdura sai a cabeça angelica da creança.

Eestes veridicos acontecimentos fazem comparar este louco, que morre de amôr paternal, com certos homens de juizo, que engeitam os filhos e sabem que a certeza da morte deve servir apenas para viver mais regaladamente a parca vida, que lhes é dada.

Vilarinho de Tanha.

*Leonardo Coimbra*



SOBRE O TUMULO DE UMA MÃE

A Mario Ernesto de Miranda

SE ALGUÉM COMPREHENDE A MAGUA QUE TE OPPRIME  
NÃO N'A COMPREENDE MAIS DO QUE N'A COMPREENDO.  
MAGUA QUE O PRANTO, AS VEZES, NÃO N'A EXPRIME  
MAS QUE NUM RISO, AS VEZES, SE ESTÁ VENDO!...

DEIXA PORÉM QUE PAIRE A ALMA SUBLIME  
D'AQUELLA SANTA SOBRE O MUNDO HORRENDO!  
QUE ELLA TE AMPARE CONTRA O MAL E O CRIME,  
AO TEU FUTURO BENÇAOS ESTENDENDO.

VEJO-TE A RIR AMIGO, MAS NO BRILHO  
DO TEU OLHAR EU LEIO TODO O INFERNO  
DO TEU CELESTE CORAÇÃO DE FILHO!

RI COMIGO! EU TAMBEM NUM RISO ETERNO,  
SIGO DA VIDA O DOLOROSO TRILHO,  
SEM O GUIA IMMORTAL DO AMOR MATERNO!

Fluor  
Rio 23 de Setembro de 1912

Emílio de Meneses

# O PEDREIRO CANTADÔR

A Mário Beirão



**O**s homens, filhos dos Deuses, sabem criar, segundo a própria imagem e à semelhança de seus divinos pais. Os deuses criaram os homens e as montanhas; e a uns e outras, para sua firmeza, deram um rijo esqueleto de ossos ou rochas.

Mal da obra humana que não tiver a ergue-la e segura-la contra o vento das montanhas e a insanía dos homens um suporte rocaz e ósseo.

Que as vossas imagens revelem sempre a divina maneira de criar e sejam todas brasonadas pelo mesmo ar nobilíssimo que ilumina a fronte aos descendentes da divindade.

Eu amo os criadôres em cuja obra colaboram as montanhas, os rios, as rochas, o vento e o fogo.

¡Por mim quizera criar com todas as energias da Terra e todo o lume do Céu!

¿Já foram aos estaleiros quando o arcaboço das grandes náus mostra o duro esqueleto?

Assim aqui na minha frente se constrói uma casa, que por enquanto está toda em osso — paredes nuas e erectas nos fundos caboucos, travejamentos, guindastes, andaimes e cantarias à tóa.

Começa a casa a fenestrar-se e já, dum lado a caveira da pedra abre as vazias órbitas das janelas.

Aqui aprendo em que diferem as construções dos homens das construções divinas: as náus e as casas começam por onde o homem acaba.

Os pedreiros trabalham e um deles a acompanhar o trabalho então um canto de monossilabos bárbaros, em que a harmonia tem a frescura da água na boca da fonte, tam livre, bem nascida e bem casada é à vida que interpreta.

*Ou! eia! Ó pa lí ó ei peia a ouú...*

São ais e gritos, brados de celeuma, os primeiros sons que a boca articula, duma morfologia primitiva, porque a harmonia tudo lhes dá — ímpeto, dolência, saúde, bravura heroica.

E eu que tenho uma alma sedenta de harmonia virgem, da harmonia que nenhuns lábios repetiram, môça de puberdade, reçumante de graça ingénua, mal o bárbaro canto desabrocha na boca do pedreiro, por sua evocadôra virtude, regresso ao tempo dos mitos, das intonsas florestas, das tóscas naves, moldando ventres na água; e tenho exigências homéricas de Verbo simples, claro, directo: ah! que eu bem sei! era roubar às coisas a inviolada máscara e alimentar a minha Arte do sangue das suas Vidas.

Quem déra como os broncos pedreiros, erguer o meu canto em gritos, arranques guturais, monossílabos selvagens; que na bôca se me desfibrasse a vida com a única melodia, em que se embebe a sua essência única.

Pelo poder da melodia descubro e vivo a origem dos mitos; volto à idade em que os homens não distinguem entre o coração e o cérebro, concebiam com todo o ser e eram juntamente poetas, legisladores, filósofos e criadores religiosos.

Todos os dias os pedreiros erguem blocos enormes para o alto das paredes; e, consoante os levam de arrasto por uma inclinada ponte de traves, ou os alevantam presos dos cadernais, ou com as longas unhas de ferro os vão rumando pela crista da parede fóra, assim o canto se arrasta de plangências, depois ala-se, heroico, às upas—*eipa, eipa, oupa, eh! homens!* e cai, acurva-se, alteia-se, afunda-se em nostalgia a lembrar calvários, lutas com deuses, épicos fastos sepultos.

Vi-os há pouco ainda carreando pelas táboas uma brutíssima pedra e reconcebi a válida figura de Sisifo, que por entre as sombras plutónicas arrasta o seu rochedo para o cume do monte e, numa contínua e infernal alternativa, o bloco rola até baixo e o homem o leva para o alto.

Os pedreiros são fortes, hercúleos, terrulentos; teem a cara e as mãos tismadas de solheira; os músculos obdurados pelo esforço e pelas guerras do ar; a grenha crespa como as plantas do mato; vestem camisa e calças chapadas de remendos; trazem tamancos, e escancaram a boca em risadas duma alegria contudente e brava,

Cá em baixo está um grupo deles. Aparentam o granito dando, de vez em vez, grandes pancadas com o marrão e batendo de continuo as marretas nos cinzeis, enchendo o ar à volta da ferritoada aguda e dum acre cheiro embriagante a carne e sangue de pedra rasgada.

O moço pedreiro cantador é belo como um Antinous. Quando se lhe movem as ondas das faces nelas aflora ainda uma doçura profunda e nas calejadas manápolas distingue-se a graça debil e patricia das mãos do artista.

Os canteiros, trabalham e, dominando o crebro retintim dos ferros e o bruto som das marroadas, o canto do pedreiro ala o esforço e quasi o arranca à Dôr pelo enebreamento musical.

!Embarco, embarco, deixo-me ir a aventura na torrente da harmonia até chegar às origens, navegando as cataractas desse Nilo sagrado e evocador!

E longe, a perder de vista, sobre uma face que a Terra já não tem, multidões de escravos erguem muralhas, pirâmides, colossos e esfinges, cavam canais e lagos, levantam os coliseus e os arcos triunfais. Sou na Campania agora. O canto revoou em grita épica, clama extermínio e vindicta e passa por mim o Spártacus, arrancando aos ergástulos os milhares de irmãos, assolando a Terra como um rápido tufão, que o Tempo ainda não amadurara para as grandes catástrofes.

Que bem canta o moço pedreiro! *i pulaei ó pedra ó.*

É carne de palavras aos pedaços, que a harmonia unificou em vida é onde de quando em quando apenas aparece nítida num ri-torneo amoroso—a pedra: *eia pedra ou oua pedra ei.*

O canto comunica o ritmo ao esforço, une todos os braços, como se fôra só um—braço de Hércules a impelir a roca enorme.

E fraternizando humildade, resgatando o Mal com o Amôr, os pedreiros a aligeirar a bruteza das pedras, a emover-lhe, vaporizar-lhe a inércia e a espessura, dizem-lhe nomes carinhosos: *Oupa pedra linda Oupa pedra santa...!*

O pedreiro lusíada ama também as pedras; por isso elas, comovidas e gratas lhe obedecem! A santa harmonia realisa o milagre da Ascensão da Pedra a tal ponto que os braços quási se levantam apenas no gesto de a remir da sua escura inércia.

Foi assim à certa que teve origem o mito de Orfeu, que ao som da lira arrastava as pedras e as levantava para o alto das muralhas em construção. Bem vejo que os pedreiros sorriem de encantados, pois a pedra parece levitada pelo mágico poder desse pedreiro Orfeu.

Cheguei ao momento divino: vejo o pedreiro cantadôr nos seus claros atributos—a fôrça invicta, a harmonia que arrasta, a perfeição da carne e o novo poder de amar—e no ouvido sussurram-me as palavras de Ovídio: "Meu gênio leva-me a cantar as novas formas que a vida revestiu."

Hércules, Orfeu e Antínoús caldeam-se no meu sangue e a minha Alma ébria de fôrça, ritmo, beleza e Amôr concebe o novo Deus, que use a clava e a lira, se amostre em toda a nudez e ame também as pedras—pobres dum novo Cristo.

Homens eu vos entrego um Deus lusíada. Para além das suas virtudes pagãs, um super-cristianíssimo, amôr resgata as pedras do pecado original da gravidade.

Compositôres musicais, criadôres de melodias vinde escutar este Deus, porque na sua voz claramente se revela a alma lusitana em pura fôrma harmoniosa.

E se o quizerdes ouvir, fide por essas terras do Norte, onde é mais puro o Portugal antigo e parai junto dos pedreiros á hora da faina e escutai, porque todos assim cantam, sabe-se lá há quanto tempo, á espera que alguém com misteriosos sentidos lhe aperceba a Alma para a deificar na Arte mítica.

Músicos, poetas e escultôres lusitanos, eu vos anuncio este novo deus. A mim se revelou numa hora de amorosa e enternecida atenção: ajudai-o a criar assim.

Que os homens, filhos dos Deuses, sabem criar segundo a própria imagem e á semelhança de seus divinos pais.

Do livro "Daquem e dalem Morte, a sair,  
e titado pela "Renascença Portuguesa".

*João de Deus*

# DIANTE DO MAR

A Teixeira de Pascoaes

Cresce a onda verde-azul, ao longe se avoluma,  
Vem colleante em curvas voluptuosas,  
Enlanguescida deita-se, espumeja e guaia,  
E vem lançar na praia  
Como um punhado colossal de rosas  
O alvissimo cairel da farfalhante espuma.

O Oceano é o Titan de alma que brame e canta  
A universal canção da Força omnipresente;  
E' o espelho da luz do Sol fremente  
Que da concha azul do alto se desata,  
E ao Sol, em pleno dia,  
O mar em calmaria  
Parece um novo céu com estrellas de prata.

Sereno, murmurando estrophes tentadoras,  
Despedindo do seio espelhantes scentelhas,  
Semelha ter no dorso um enxame de abelhas,  
Argentinas abelhas zumbidoras.

Aves marinhas passam cantando  
Passam gemendo  
Czardas iguaes ás que os zingaros cantam,  
Mergulham n'agua as azas e as levantam  
E vão para longe voando  
Sempre cantando, sempre cantando.

—O' mar de verdes aguas harmoniosas,  
O' Tantaló immortal que as praias lambes  
N'uma sede insaciavel de bebel-as,  
Quando te fito ao vir das luas cheias  
As tuas ondas parecem-me sereias  
De cabelleiras brancas desnastradas  
E coroadas  
De lyrios brancos e de brancas rosas.

E's então o irrequieto espelho das estrellas  
Que avidas como quem busca um thesouro  
Chafurdam na tua agua os braços de ouro.

Tremúla sobre ti como serpente accesa  
 A luz versicolor dos olhos dos pharoes;  
 Traz no fim de um raio presa  
 A alma assassina de um rubi sangrento,  
 E depois de um fulgor amarelento  
 Olha tranquilla sobre ti tranquillo  
 Com olhos de beryllo  
 Glaucos e bons cor da esperança.

Passaiam sobre ti cantos de pescadores  
 Suavissimos e bons como o aroma das flores,

Os barcos vão correndo as aguas recortando  
 E lacteas florações atraz de si deixando.

—O' mar incontentado,  
 Voluvel como a alma das mulheres,  
 Que queres  
 Com teu rugir de leão encarcerado?

Nada. Tudo. E como Ashaverus, errabundo,  
 Esperas algum dia na tua furia  
 Enlaçar o mundo  
 Com teus extensos braços de luxuria...

Rio de Janeiro — Brasil, 912.

*Antônio*



# DESTINO

(CONTO)

A Jayme Cortezão



**Adolpho** era um dos alumnos mais novos da minha classe. Tinha treze annos. Lembrava um homenzito vergado ao peso de uma responsabilidade que não communicava e mal podia ler-se no seu olhar de treva.

O director do Collegio, o velho von-Hafe, um allemão espa-daúdo e alto, anecdótico e sabio, bem humorado e curioso por dever da indole dos alumnos, —inquiria a miudo da saude e desgostos de Adolpho, que o encarava contrafeito, mascarando-se de risos sem côr, alegrias falsas.

— Que se sentia bem, informava.

Professores e alumnos tratavam-n'o excepcionalmente, milagre da sua distincção e porte.

Mas mal acquiescia aos carinhos que lhe prodigalizavam, vivendo á parte, mal accordado com a idade e enthusiasmos dos demais rapazes.

Estudava pouco. Entretanto, mercê da sua acuidade, porventura doentia, ia vencendo as aulas que, a bem dizer, cursava de ouvido.

Recordo a sua figura estranha, aprumada e fatal, por entre os gárrulos rapazes que eramos, barulhando futilidades embravecidas pela idade e gritadas numa ancia de expansão innocente...

Parece que a mocidade, o genio das edades, encontrára n'elle um motivo superior de tristeza — e d'ahi adolece-lo n'aquella expressão rara de tortura precoce.

Singular figura!

Por que capricho intravasaria o Deus-Destino n'aquelle ephebo-branco uma alma de velhito? — era a pergunta que nos faziamos, quando ao deixar os jogos e de partida para as aulas reparavamos que elle tinha uma só expressão — a tristeza gelada que lhe vestia a physionomia, nas aulas como nos recreios.

Exquisito rapaz! Urdil-o-ia assim a Natureza que neva por capricho qualquer manhã de junho? Seria um sombrio nato? Ou que acontecimento lhe seccaria a alegria n'uma idade em que o riso é *só por si* a Vida?

Isto pensava annos depois quando, fóra do collegio, reconstituía a figura estranha de Adolpho — aquella sombra animada que o meu espirito ainda hoje memóra como photographia preciosa, positivo de fatalidade, belleza adolescente, fados precoces...



MÁRMORE

(De Teixeira Lopes)

A Águia - 11. (2.ª série)

Separamo-nos depois de dois annos de pequena camaradagem de collegio.

E durante largo tempo deixei de encontra-lo. Passaram annos. Soube depois que vivia num recanto do Minho, em Ancora, pois que d'ahi datava pequenos escriptos, casos de philosophia bizarra e intima, impressões que appareciam em Revista, ás temporadas.

Eu lia-o com interesse. As suas notas eram fragmentos d'aquella alma que errara pelo Collegio quando todos amanheciamos para a vida, e que intrigara o allemão, professores e alumnos.

O seu talento era um caso notavel de emoção.

A idade resolvera a esphinge a fallar. Adolpho editava aquella melancholia que crescera com elle, que era elle permeando uma raça desfalcada e infeliz.

Intravasara todo o odio. Na sua philosophia, casada de exotismo e orgulho, sobresaia o fino perfil do collegial, agora em saldo de contas com os que teimavam em desce-lo do velho isolamento.

Pobre rapaz! se fosse possivel restituir-lhe os velhos dominios, prosapia, o poderio dos maiores, por tempo limitado, por poucas horas, havia de faze-lo só para lhe vestir de sol a physionomia, habitualmente de treva. Impossivel! Como estava longe do tempo! E fossem lá dizer-lhe que a felicidade está em andarmos com os tempos!

Não acreditava. Ou, se o tinha como certo, relegava a felicidade pelo preço. A sua vida era o conflicto com o tempo...

Um dia, foi ha poucos annos, deixava eu a extrema de Carreiros com destino ao segundo Castelló que fortalece a costa, entre Fóz e Leça. A estrada segue perto do mar.

Entrei no areal.

O mar, que na Fóz se recorta de encontro á penedia, segue depois sereno até ao Forte, espraçando-se branco pela areia fina. Entre o mar e a estrada ha uma tira de areal que segue da Praia dos Ingleses ao Castello.

E' o campo eleito das creanças que ahi buscam jogas e conchas polychromas, meio-ocultas como thesouros de belleza sob a areia d'oiro humido.

Eu ia recordar alli retalhos de creancice que lá tinha deixado, havia muitos annos.

Subito vi destacar um pequeno, figurinha rica de Sévres, cara fresca de fructa, seis annos, marrafa escura sobre a testa branca, olhos de velludo negro, a correr e a gritar:—Um beijo, achei um beijo.

Segui a direcção do pequeno. Quedou junto d'um rapaz, macilento, que podia ter vinte-e-oito annos, amaneirado, porte distincto e grave, que recebeu a concha exigua que lhe mostrava a creança, sempre a gritar:—um beijo. E' do mar—guarda-m'ó!

E o homem, côr de pergaminho, recolhendo no segredo d'um anel muito lavrado o pedacito de calcario:—dá cá.

— E agora vá um beijo a valer!

Sim, disse a creança, dando-lhe a face de imagem, innocente e bella como um fructo.

Beijaram-se, e o pequeno desapareceu, azougado e nervoso, viciendo de mais achados.

Attentei melhor na figura extranha que o pequeno involuntariamente me apontára, e que desde logo se distrahiu no movimento nevrotico da maré.

Era o antigo condiscipulo — o Adolpho, que, por sua vez, deu por mim, cumprimentando-me delicado, mas friamente.

— Extranho-te por aqui, disse eu para discorrer conversa. Suppunha-te em Ancora. Grande capricho deixar o verão do Minho...

— É verdade, vivo na casa esguia, que vês alem. Passo as tardes na areia com meu filho, um dos pequenos que anda por ahi em excavações e me interessa nos achados. Ainda agora me trouxe uma concha...

— Não sabia que tinhas familia.

— Tenho o Jorge, o meu filho.

É a razão da minha vida, quem me faz arrastar a cruz de cypreste que eu sou, que fui sempre...

— Sim, sempre te deste com pouca gente, arrisquei. Lembro-me de que no Collegio vivias exclusivamente contigo.

— E' certo, assentiu. E no emtanto, mais do que alguém sei os horrores do isolamento.

E transfigurando-se:

— Olha que peor do que o isolamento só conheço a popularidade e a vida intima com pessoas que não saibam de sensibilidade. Emfim, tenho de viver ao menos até que o Jorge seja homem. Hade saber de mim quem é o semelhante.

Eu quero muito ao pequeno, porque é meu...

Na vida só ha um sentimento verdadeiro!

Nem tu sabes qual seja...

E' o *amor-proprío*. A Vida é este amor!

Quero cultivar-lh'o, intensifica-lo na consciencia d'elle.

Se chegar a odiar-me, a mim que heide incutir-lhe, com a mestria d'um pratico, a Philosophia do Odio, e o desprezo pelo semelhante, — não tenho mais razão de ser junto d'elle, quero dizer n'este mundo...

— Se não fosse a confiança das tuas explicações, diria que peoraste em questões de trato, observei.

Cada vez mais azedo com o proximo, porventura mais inimizado contigo.

Lembra-te de que deves ao teu filho o sacrificio da tua indole triste. E não ha razão que te absolva de tentares fomentar-lhe desconfianças, quanto mais crear-lhe suspeitas, industria-lo nas maldades provaveis d'aquelles com quem tem de viver!

— Não se trata de maldades provaveis, mas de prejuizos certos a derivar da tal confiança em que falas.

— Imaginei, disse ainda, que o mesmo facto de constituires

familia te salvaria de ti proprio, desassombrando-te duas partes do temperamento—a que tinhas de occupar com o teu filho, e a outra—a que naturalmente deste á mulher que elegeste, á mãe do teu filho.

—Enganas-te, não elegi mulher alguma. Eleger é trapacear. Creio no absoluto de forças que nos impoem sentimentos, servi-dões de vontade. Dei-me á creatura que o Destino me distribuiu. Sabes quem foi essa mulher?

E á minha negativa:

Talvez te recordes de que todos os domingos, quando collegial, ia ver uma internada das Salesias.

Era uma educanda, minha parenta.

A principio, as visitas que lhe fazia eram de mero dever. Mas pouco e pouco me fui sentindo possuido d'aquella rapariga travessa que, dentro de grades, era mais livre do que eu.

Ella vinha o mais das vezes acompanhada d'uma freira muito secca, não sei se mumificada pela reza, que ia discreta para a extrema do locutorio ler orações n'um livro vestido de merino negro.

Para que nos entendamos, pensava, basta o nosso parentesco. Eu, que ainda não puzera de lado a razão—via nas nossas relações um motivo de sangue, afinidades de criação—um culto natural, que me era agradável considerar reciproco.

Maria via de leve as meticulosidade do meu pobre temperamento. Ria das minhas amarguras.

Parecia que a alma lhe trasbordava de felicidade, exasperando-se de alegria ao roçar das delicadas miserias que lhe contava...

E entretanto eu, que era, como sabes intratavel para quasi toda a gente, perdoava-lhe tudo—o que é mais agradecia-lhe tudo, pois que sentia um travo agradável em ver cauterizada pelo seu riso a minha desgraça de tarado.

Quando me perguntava a razão da extranha tolerancia—logo me socegava, perdido no milagre da sua belleza loira, immanente de poderio e suggestão, pensando que me não humilhava ao rir dos meus desvarios pois que era do meu sangue!

Quero abreviar o conto... Doe-me a situação de victima-heroe. Demais presumo que te aborreça.

Se eu não ouviria uma só das tuas desgraças, com que direito estou a falar-te das minhas!

E aos meus protestos:

Bem sei:—Conheço demais as qualidades dos defeitos que tornam facil a vida social.

Sei quando a benevolencia passa delicadamente as extremas da mentira...

E a um novo signal meu:—Não te agastes; vou concluir o folhetim de que leste as primeiras columnas no Collegio.

Não tenho hoje segredos. De que serve retardarmos a noticia das nossas miserias! Afinal o Bem ainda se occulta, errando breve para a treva que tarja de sócego a vida! O Mal corre com a velocidade da luz!...

Mas não imagines que se trata d'uma historia que te acredite

como contista. Historias d'essas vende-as a phantasia aos editores. A minha é simples, pois que é verdadeira—humana.

Vaes ouvi-la.

Maria sahiu para casa dos tios, os Condes de Lucena, quando tinha dezoito annos. Eu que arribei a Lisboa ao Curso Superior de Lettras, vim d'ahi diplomado em bugigangas pelo mesmo tempo, com vinte annos.

O espaço que intervalla a nossa camaradagem de collegio e esta data—venci-o enredando-me cada vez mais nos encantos de minha prima.

Assentei em que ella fôra até então a creatura unica a quem me confiára. Senti necessidade de a tornar bem minha, e pedi a sua mão aos Lucenas que de bom grado m'a confiaram, inferindo do enlace o melhor lustre para a sua e nossa prosapia, as vantagens da successão, etc.—coisas que tu chamas preconceitos e que afinal são factos para quem os sente.

Casamos. E d'esse casamento proveio o Jorge, o pequeno que alem anda.

Nunca fomos felizes. Percebi, a breve trecho, que se não entendiam—o meu genio sombrio e o seu enthusiasmo pela Vida.

Mas, como eu adorava o seu geito e galantaria de alveloa azougada—suppuz que pudesse tambem estimar-me pelos contrastes que o meu espirito lhe offerecia.

Nada disso. Vejo hoje que se horrorisava menos do gradil do locutorio nas Salesias do que da rede dos meus nervos.

Tenho na alma expressões de odio do seu olhar de verdete. Tonteava-a a meu aborrecimento de homem sombrio.

Demais, nem a distrahia nem a deixava distrahir...

A nossa casa era aferrollhada para toda a gente á excepção dos parentes, poucos, que nos visitavam, e d'um padre—o director espiritual das Salesias que apparecia ás vezes—o p.<sup>e</sup> João Sande.

Em pouco tempo vi o meu engano e o seu inutil sacrificio...

Entretanto o Jorge ia crescendo. E eu cada vez mais d'elle, ia-me tornando indifferente ás impertinencias de Maria de Lucena.

Ora, esta indifferença duplicou o seu odio.

Era creatura inferior, apezar da sua belleza loira, illuminada pelo olhar verde mais expressivo e forte que me tem fitado.

Era inferior ao mais da gente, que, ao menos, vê a rir os caprichos das minhas taras de sombrio, lançando-os á conta d'uma raça escangalhada.

Emfim um dia desapareceu de casa.

Ainda bem que estava perto o Jorge, quando o soube. Se m'ó levasse já tu sabias a sua historia, a nossa historia, que teria acabado ha muito. Assim, só me abalou o orgulho o caso da sua deshonra, pela quota de deshonra que me deu... Agora adivinho a tua pergunta intima. Mas com quem fugiu?

Ahi está uma pergunta legitima, e unico ponto interessante para a tua curiosidade de novellista.

Não adivinhas! Fugiu com o padre, o director espiritual das Salesias...

Desconheço as passagens do Evangelho de que se soccorreu para meditar e levar a cabo a proeza.

Sei unicamente que este discípulo de Christo refinou o contracto de Judas. Vendeu o Mestre por bem mais de trinta dinheiros!

Ah! o padre ganhou bem o Inferno. Maria de Lucena valia um Inferno...

Emfim, ahí tens a historia, disse Adolpho, fitando-me a sorrir n'uma expressão branca d'odio delido.

Apezar de tudo, creio em Deus! Deus entra na minha genealogia...

Foi grande a tensão de relações em que estive com elle. Compreende-se: o que me succedeu foi a minha e a sua deshonra!

Mas já quasi esqueci o que permittiu contra mim. Sinto-me ligado outra vez a Elle pelo Jorge!

Não encontrei palavras que pudessem attenuar a dôr accente de Adolpho. Elle travou-me do braço e dirigimo-nos a procurar o Jorge.

—Vamos para casa, disse ao pequeno.

—Pois sim, concordou elle, vasando-lhe nos bolsos conchas e pedras de côr.

Acompanhei-os até casa na extrema de Carreiros.

Adeus, disse Adolpho. Perdôa as confidencias e esquece a historia...

Abraçamo-nos pela primeira e ultima vez.

(Continua).

Ancêde — Janeiro de 1911.

Villa-Mouraz



NOTA SOBRE

o

**Juncus echinuloides Brot.**

**P**ouco depois de ter regressado à Allemanha, o professor Link publicou no 2.º volume do *JOURNAL FÜR DIE BOTANIK* de Schrader, no ano de 1799, uma pequena notícia da sua viagem ao nosso paiz, realizada em companhia do conde de Hoffmanssegg. Nesta notícia, que tenho presente, descreve o illustre naturalista um grande número de plantas que eram ou julgava serem novas para a sciência, entre as quaes se encontrava uma espécie de *Juncus* que, a pagina 316, define textualmente assim: *Juncus valvatus*. Culmus foliosus. Folia compresso-teratia, valvata (nodoso-articulata vulgo). Flores capitati, capitulo laterali et terminali bractea suffulto. Wuchs in den sumpfigen Feldern von Montachique mit *Oenanthe globulosa* und einer neuen *Silene*.

Como se vê, esta diagnose da nova espécie *J. valvatus* tem o grave defeito de ser deficientissima e de se poder aplicar a diversas espécies de *Juncus* do nosso paiz, que apresentem as folhas nodosas. E, portanto, completamente impossivel por ela descreminar com rigor qual seja a forma a que realmente se refere.

Todavia em diversas obras modernas e autorizadas, como a excelente monografia *JUNCACEAS DE PORTUGAL* do sábio professor sr. Pereira Coutinho, é considerado o junco em questão como sendo o que mais tarde foi magistralmente descrito na *FLORA LUSITANICA* do nosso Brotero, em 1804, com o nome muito bem escolhido de *Juncus echinuloides*, nome nessas obras preterido, portanto, pelo de *J. valvatus*, incontestavelmente mais antigo.

Eu não sei as razões decisivas e claras em que se fundam os que estabeleceram ou admitem uma tal identificação, que só poderia ser feita, com certeza, pelo exame do herbário de Link, caso nelle se encontrassem exemplares do seu *J. valvatus* que a justificassem. O que sei é que há motivos poderosissimos para, no meu critério, a invalidarem completamente, salvo prova maior em contrário, que por ventura venha de futuro a produzir-se.

Em primeiro lugar, devo dizer, mais uma vez, que a diagnose linkeana é insufficiente para precisar a planta a que se reporta e que pode, pelo contrário, ajustar-se a espécies diversas do nosso paiz, não se devendo só por ela admitir a referida identificação; em segundo lugar, tenho a acrescentar que Kunth, no seu *ENUMERATIO PLANTARUM*, tomo 3.º, pag. 341, não dá como seguro que as plantas de Link e de Brotero sejam a mesma, pois antes manifesta

a sua dúvida sobre isso, com um ponto de interrogação, que coloca ao indicar o binome broteriano como sinónimo do de Link; noto, em terceiro lugar, que não encontro citações de provas convincentes, por parte dos autores modernos, para tornar como certo o que para uma autoridade do valor de Kunth era apenas duvidoso; por último, trago a campo as próprias indicações de Link, que depõem exactamente, como vamos ver, em sentido oposto.

Observe-se desde já que Link, ao apreciar em 1806 o primeiro volume da Flora do nosso eminente Brotero, no NEUES JOURNAL FÜR DIE BOTANIK, 2.º volume, não menciona o *J. echinuloides* como igual ao seu *J. valvatus*, sendo certo, no entanto, que nunca se esquece de fazer cuidadosamente as identificações das espécies broterianas com as suas anteriormente descritas, reivindicando os direitos de prioridade dos seus respectivos binomes. É isto parece-me um pouco de molde a pôr em dúvida que as duas referidas plantas sejam, na realidade, uma só e mesma espécie.

Mas há mais, que reputo definitivo e além de suficiente para inutilizar a objecção de que Link poderia não saber a que planta Brotero se referia com a designação de *J. echinuloides* e encontrar-se, por este motivo, na impossibilidade de reconhecer nela o seu *J. valvatus*. É que na mencionada apreciação da FLORA LUSITANICA, quando fala no *Juncus stoechadanthos* Brot., diz o que segue: "encontramos esta bonita espécie nas regiões agrestes do rio Homem e oferecemo-la ao autor (1) com o nome de *J. lacteus*, por ser parecido com o *J. niveus*; em seguida comunicamo-la a Villdenow, que a deu ao sr. Rostkow. Este último descreveu-a como *J. brevifolius* e disse que tinha petala tria alterna duplo majora, para se diferenciar pelas petala subaequalia do *J. niveus*. Se Rostkow se nos tivesse dirigido poderíamos ter-lhe enviado exemplares bons deste género, por exemplo o *J. echinuloides* Brot. uma magnífica espécie."

Vê-se, pois, que Link conhecia perfeitamente o *J. echinuloides* de Brotero, de que possuía exemplares, como afirma, considerando a planta como magnífica espécie nova para a ciência e, consequentemente, não idêntica ao sr. *J. valvatus*, que anos antes havia descrito. Isto é incontroverso, creio eu, e torna inválida a identificação feita e admitida pelos autores modernos — fundados não sei em que de positivo, das duas formas de juncos. Cumpre, portanto, restabelecer o binome **Juncus echinuloides** Brot. como designando uma espécie muito distinta pelo aspecto e bem notável pelos seus caracteres, não descrita nem denominada anteriormente ao aparecimento da diagnose e denominação broterianas.

Quanto os que seja o verdadeiro *J. valvatus*, que bem pode ser o *J. striatus* ou o *J. Fontanesii*, cumpre investigar devidamente, parecendo-me que só o exame de herbários, onde existam exemplares autênticos das mãos de Link, o poderia mostrar com segurança. Pesquisas feitas em Montachique, onde o professor alemão descobriu a sua espécie, também poderiam auxiliar a resolução

(1) Refere-se a Brotero.

do problema; no entanto não seriam em si só suficientes, por diversos motivos—entre os quais avulta o facto comprovadíssimo de Link indicar frequentemente localidades falsas para espécies que colheu em Portugal, talvez por confusão produzida com troca de etiquetas incompletas e colocadas provisoriamente, em viagem, junto dos respectivos exemplares.

Em suma: no meu entender deve-se 1.º considerar como errónea, ou improvável, a identificação actualmente admitida dos dois juncos em questão, restaurando o excelente binome broteriano *J. echinuloides* para designar uma das espécies endémicas mais interessantes da flora portuguesa; 2.º rebaixar o binome linkeano *J. valvatus* (Link sed non auct. mult.) para o rol das espécies críticas, até que investigações definitivas demonstrem por uma maneira segura, a que planta ou forma de planta verdadeiramente se refere.

Porto, 3-11-1912.

Gonçalo Sampaio

## BIBLIOGRAFIA

### PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

- "Tres Conferencias"—Oscar Lopes—Edição da Livraria Chardron—Pôrto.
- "Onomástico Medieval Português"—A. A. Cortesão.
- "Árias. Rezas. Canções e Cantáres"—1.ª série—Versos de Augusto de Santa Rita, músicas de La-Cruz-Quesada.
- "O Escravo"—Braz Meleno.
- "Janellas Abertas"—Afonso Schmidt.
- "Irmânia"—Angelo Jorge.
- "Violão sem mestre"—J. F. Bittencourt—Baía.
- "Auto do Meio-dia"—Alexandre Francisco Ferreira.

## Ainda o Saudosismo e a «Renascença»

A Antonio Sergio



**artigo** que publiquei no penultimo n.º da "Águia", dedicado a dois socios dissidentes da "Renascença Portuguesa," (Antonio Sergio e Raul Proença) deu origem a uma carta do primeiro, que me foi enviada de Londres, na qual o illustre escritôr contesta, em generosos e delicadissimos têrmos, o *Saudosismo* que, obscura mas sinceramente, tenho apregoado.

O valor da carta e do seu autôr, que eu muito admiro e estimo, levam-me a responder-lhe nas paginas da "Águia".

Antonio Sergio é um amigo inteligente que discorda, e não creatura indelicada e raivosa estupidamente agredindo.

Para estes o meu silencio de absoluto desprêso, que eu devêra sempre ter guardado, mas para homens como Antonio Sergio, tão raros entre nós infelizmente, vae toda a minha admiração e respeito, e com eles as minhas palavras defendendo o que penso e o que sinto.

A dissidencia de Antonio Sergio tem duas causas. A primeira resulta de ele imaginar que o *Saudosismo* é uma ideia minha por mim imposta á "Renascença"; a segunda resulta da sua não concordancia com a interpretação que dei á *Saudade*.

Tratemos já d'esta causa.

No meu ligeiro estudo ácerca da *Saudade*, alma da alma portugueza, servi-me dos seguintes processos para atingir a sua plena revelação:

1.º Analise psicologica do vocabulo e de outros que lhe são proximos parentes;

2.º Analise de algumas definições de Saudade, sobretudo a de Duarte Nunes de Leão;

3.º Estudo do temperamento dos escritores mais representativos da Raça, como Camões, Camillo e Nobre, e da poesia popular;

4.º Estudo do character religioso do povo portuguez e da actual geração poetica.

Depois d'este ligeiro trabalho que apresentei a publico, sob o titulo "O Espirito Lusitano ou o Saudosismo,"—trabalho que ando a desenvolver, *conclui que a Saudade, como sintese do espiritualismo christão e do naturalismo pagão, por isso que ela contem em si o Desejo e a Dôr, a Esperança e a Lembrança,—esperança incidindo sobre o passado, lembrança incidindo sobre o futuro,—é o proprio espirito lusitano na sua expressão mais intima, profunda e original.*

E conclui tambem que o nosso Povo, nascido do casamento do sangue semita com o aria, creando a *Saudade viva*, tornou-se espiritualmente autonomo, e concebeu a *ideia-sentimento*, fonte da nova e verdadeira Renascença, pois a renascença italiana, de que Goethe, Wagner e Nietzehe são descendentes, é obra individual de

alguns artistas de genio; e não realisou a fusão perfeita e viva do Paganismo com o Cristianismo, dado o character exclusivamente pagão dos italianos.

Em Portugal essa fusão, isto é, a ideia-mãe da Nova Renascença, fez-se na alma da Raça, é a propria alma do Povo, e, por isso, eternamente viva e creadora.

É certo que só a moderna geração poetica revelou plenamente esta verdade, porque o espirito lusitano tem sido guerreado desde seculos por todos os meios — religiosos, literarios, artisticos e politicos, e porque chegou, enfim, o momento da sua completa revelação, como signal da nova obra que Portugal terá de realizar...

As cousas de Portugal (e todas têm grande valor, como dizia Gil Vicente) apenas encontraram até ha poucos annos, a mais absoluta indiferença por parte dos portuguezes, ingenuamente espantados com o que se passa em Paris de França, e na crença infantil de que o gramofone concorreu mais para a luz do mundo do que as estrofes de Camões, e que a luz eléctrica tem mais poder illuminante do que a lanterna de Diogenes...

Eis a razão porque a *Saudade* tem vivido ignorada ou apenas superficialmente conhecida. Quem ler com olhos de vêr as cantigas populares, as obras dos nossos maiores escritores, e entre elas as de Duarte Nunes de Leão e do rei D. Duarte; quem estudar a paisagem portuguesa, os costumes, a linguagem e as lendas do Povo, — verá que a *Saudade*, como a mais alta e larga expressão da nossa alma, é conforme eu a interpretei na minha conferencia sobre o "Espirito Lusitano ou o Saudosismo".

O *Saudosismo* não é creação: é revelação.

E quem o revelou foi D. N. de Leão nos tempos antigos. Eu não fiz mais do que explicá-lo, e os poetas modernos vão-lhe esculpindo todas as formas, até agora apenas esboçadas ou delidas pelo esquecimento.

Por isso, eu tenho affirmado e continuarei sempre a afirmar que o movimento da Renascença portuguesa, se faz e fará dentro da *Saudade revelada*, a qual se ergue á altura d'uma Religião, d'uma Filosofia e d'uma Política, portanto. Dentro d'ela, Portugal, sem deixar de ser Portugal, poderá realizar os maiores progressos de qualquer naturêsa. Eis o que nós pretendemos. Fóra do seu character, o nosso Povo nada fará de belo e duradouro. Ai, dos povos que negam a sua alma e a sua tradição, e as desprezam e não querem procurar n'elas as novas energias creadoras! São povos condenados irremediavelmente á morte.

A ideia de Patria não é contraria á justiça social ou á Fraternidade. Se assim fôsse, tambem a ideia de Individuo prejudicaria a ancia de perfeição moral que anima as almas modernas.

Uma Patria é uma Individualidade. O que se quer é a Harmonia ligando os individuos, ou sejam homens ou nações.

Vejamos agora a segunda causa, já em parte explicada.

O *Saudosismo* não é uma creação do meu espirito, sem realidade fóra de mim. Nem é tão pouco imposto por mim á "*Renascença*"

*cença Portuguesa*», composta de individuos de caracter autonomo e inconfundivel, embora muitos d'elles concordem comigo, pela razão exposta de que o Saudosismo não é a minha pessoa, mas a alma da Raça Portuguesa.

A' nossa Sociedade serão bem vindos todos os homens de boa fé e boa vontade. A "Águia" receberá todas as opiniões, porque tudo o que fôr pensamento sincero e sentimento vivo servirá a causa que nós servimos.

De resto, a "Águia" nunca publicou artigos da "Renascença"; mas somente artigos individuaes e assinados.

A ideia que encerrar alguma verdade, viverá, e as ideias inanimadas desaparecerão, por fim.

Já vê o meu illustre camarada que nada o pode separar da "Renascença", a qual espera ainda o seu vigoroso esforço e a sua bela intelligencia.

Lastimo faltar-me o espaço, e não me referir mais demoradamente á sua carta que tanto me penhorou pela nobreza de caracter que revela—nobreza que eu admiro quasi religiosamente emquanto os odios, as injurias e as calunias batem á minha porta.

*Teixeira de Vasquez*

## CAMILLO CASTELLO BRANCO

CARTAS INÉDITAS

XII

*Meu presado amigo (!)*

*Estou de posse do estimavel livro. Agradeço-o a V. Ex.<sup>a</sup> e á delicadeza do Ex.<sup>mo</sup> Figanier.*

*No genero antigalhas estou concluindo um volume intitulado Cavar em ruinas. Vou-me deixando dominar do valor das velharias. Receio muito que a final me converta no primeiro estafador destes reinos, e que a minha imaginação se reduza a engenhar um romance á volta d'um fuste ou cipo, sujado pelas analyses do Soromenho, javardo que tem vindo ao Minho afocinhar lapides pela mesma razão que os porcos as não respeitam. Veja V. Ex.<sup>a</sup> que paiz! Um sabio, encarregado de levar ao repêzo os perzuntos sonegados ao fisco, levantado a galarim de Antiquario!*

*Engulhado destes e que taes nojos, sumi-me nestes matagaes e d'aquí lhe envio um abraço e o sincero protesto da minha estima, amizade e admiração.*

Agosto. 28, 1866

*Castello*

(!) Pertence o original a Luiz Derouet. Ignora-se o destinatario.

# A Nova Poesia Portugueza no seu aspecto Psychologico

(Conclusão)

VI



**N**a classificação dos systemas philosophicos temos a considerar duas cousas: a constituição do espirito e os fins a que tende na sua actividade metaphysica.

O espirito humano, por sua propria natureza de duplamente — interiormente e exteriormente — percipiente, nunca pode pensar senão em termos de um dualismo qualquér; mesmo que se esforce por chegar, e até certo ponto chegue, a uma concepção altamente monistica, dentro d'essa concepção monistica ha um dualismo. Mesmo que dos dois elementos constitutivos da Experiencia — materia e espirito — se negue a realidade a um, não se lhe nega a existencia *como irrealidade, como apparencia* — o que transforma o dualismo espirito-materia em dualismo realidade-apparencia; mas realidade-apparencia é, para o espirito, um dualismo.

O genero de dualismo, porém, depende de, é condicionado por, o que se considera a Realidade Absoluta, a realidade realmente real; e é a procura d'essa realidade que é o fim da especulação metaphysica. O espirito não pode admitir *duas* realidades: a idéa de realidade absoluta envolve a idéa de unidade. Mesmo, portanto, que o espirito admitta, como em alguns systemas — e flagrantemente no espiritualismo classico — acontece, dois principios com equal objectividade reaes, é forçado a admitir que o genero de realidade de um d'esses principios é superior ao da do outro.

Temos, pois, que todo o systema philosophico envolve um dualismo e um monismo. A constituição do espirito impõe-lhe, por mais que elle lhe queira fugir, que pense dualisticamente; a noção de realidade obriga-o a pensar monisticamente. O espirito não pode construir um systema pura- e integralmente monistico; e um systema puramente dualistico não seria um systema philosophico.

Todo o systema philosophico sendo, portanto, a tentativa para reduzir a um monismo o dualismo essencial do nosso espirito, é de subentender que represente uma systematisação de elementos da Experiencia em torno áquella parte da Experiencia — materia ou espirito — que o philosopho, por causas que, em sua essencia, são de temperamento, considera a Realidade. Temos, pois, que, consoante para o philosopho o espirito ou a materia se apresenta como a realidade essencial, um de dois systemas pode directamente surgir — o espiritualismo ou o materialismo. — Para o materialista a fórma essencial de realidade, seja ella especialisadamente qual fór no seu especial systema, é sempre uma realidade de que forma parte inalienavelmente um elemento ou *espacial*, ou, pelo menos, de *inconsciencia*. Para o espiritualista, atravez das varias formas que pode tomar o espiritualismo, ha sempre de central e essencial um elemento, o elemento *consciencia*, que é o que o espirito immediatamente concebe como sua base propria. D'aqui partem todas as theorias caracteristicas do espiritualismo — a immortalidade da alma (concebida impossibilidade de annular a consciencia), o livre-arbitrio (concebida superioridade do consciente sobre o inconsciente) e a existencia de um Deus clara- ou obscuramente tido como pessoal, isto é, como *consciente*.

A ideação metaphysica pode, porém, tentar monismo de outro modo mais queridamente absoluto. Não ha, é certo, outros elementos da Experiencia que não a materia e o espirito; o pensamento, porém, de certo modo tenta supprimir este

dualismo. E de trez modos o pode fazer: 1.º Negando *toda* a realidade objectiva a um dos elementos da Experiencia, isto é (consoante já *passim* vimos), reduzindo o dualismo ao minimamente dualistico (ainda que impossivelmente de todo monistico) dualismo de realidade-apparencia. Conforme é o espirito ou a materia o elemento *eliminada*, temos o materialismo absoluto ou o espiritualismo absoluto. — 2.º Admittendo a realidade *igual de ambos* os elementos da Experiencia; ora como isto resulta n'um absurdo de systema—dado que a existencia de *duas, eguaes*, realidades é impensavel—, fatalmente essa dupla realidade tira o seu caracter de realidade de ser, basilarmente, a dupla manifestação de qualquer cousa em sua essencia tida por nem materia nem espirito, ainda que sómente existente e real n'aquellas suas manifestações. Se essa substancia as transcendesse, isto é, fosse outra cousa, existisse substancialmente áparte da sua manifestação atravez de materia e espirito, estaríamos então peorados para trez realidades. — 3.º Negando a realidade a ambos elementos da Experiencia, considerando-os apenas como a manifestação, não *real* mas *illusoria*, de uma transcendente e verdadeira e só realidade. — Temos assim, além dos citados materialismo e espiritualismo absolutos, no segundo systema citado o pantheismo, e no terceiro o transcendentalismo.

O leitor reparou que no primeiro genero de systemas acima expostos ha duas fórmãs—uma materialista, outra espiritualista. O mesmo acontece ao pantheismo e ao transcendentalismo. E que, por mais que abstractamente idémos, realmente não temos outros modelos por onde idear senão espirito e materia. Mesmo portanto que concebíamos um Transcendente, inconscientemente é involuntariamente o teremos de conceber como feito á imagem da matéria ou á semelhança do espirito. Assim temos um pantheismo materialista e um pantheismo espiritualista. O primeiro—o de Spinoza—é o que enterra o que Spinoza, não se sabe porquê, chama Deus, nos seus attributos. Estes são como que o corpo de Deus; mas para além d'esse corpo Deus não é nada. É só o corpo de si proprio. *Vê-se* que o modelo é materialista; tanto quanto um pantheismo pode ser materialista, é-o o systema de Spinoza. — O pantheismo espiritualista admittie Deus substancia de tudo, mas permanecendo Deus e diverso atravez da sua manifestação por seus attributos. Faça-se uma distincção subtil, que tem de ser subtilmente comprehendida: para o pantheista materialista tudo é Deus; para o pantheista espiritualista Deus é tudo. Se houvesse sido pensado coherentemente, e despidamente de influencias de estreita theologia, teria sido este o systema de Malebranche.

Com o transcendentalismo acontece o mesmo. Importa fixar bem a differença entre o pantheismo e o transcendentalismo, tanto mais que estabelecemos nós estes termos independentemente de como tenham sido usados antes, assim como, de resto, fazemos esta classificação de modo absolutamente original. — Para o pantheista de qualquer das duas especies, materia e espirito são manifestações *reaes* de Deus, exista elle (pantheismo espiritualista) ou não (pantheismo materialista) como Deus além das suas duas manifestações. Para o transcendentalista, materia e espirito são manifestações *irreaes* de Deus, ou, antes, para não errarmos, do Transcendente, o Transcendente manifestando-se como a illusão, o sonho de si proprio. — Dos transcendentalistas, para o transcendentalista materialista (Schopenhauer), a essencia real, de que as cousas são a illusão, é qualquer cousa vaga cujo caracter essencial é ser *inconsciente*; ora, como a consciencia é a base dos systemas espiritualistas, temos aqui um systema que, apesar de transcendentalista, o é anti-espiritualista—, isto é, materialisticamente. — É excusado definir o transcendentalismo espiritualista, que representa a hypothese contraria.

Um outro systema pode, porém, surgir, limite e cúpula da metaphysica. Supponha-se que a um transcendentalista qualquer esta objecção se faz: O Apparente (materia e espirito) é para vós *irreal*, é uma manifestação irreal do Real. Como, porém, pode o Real manifestar-se irrealmente? Para que o irreal seja irreal é preciso que seja real: potranto o Apparente é uma *realidade irreal*, ou uma *irrealidade real*—uma contradicção realizada. O Transcendente pois é e não é ao mesmo tempo, existe áparte e não-áparte da sua manifestação, é real e não-real n'essa manifestação. — *Vê-se* que este systema é, não o materialismo nem o espiritualismo, mas sim o pantheismo, transcendentalizado; chamemos-lhe pois o *transcendentalismo pantheista*. Ha d'elle um exemplo unico e eterno. É essa cathedral do pensamento — a philosophia de Hegel.

O transcendentalismo pantheista envolve e transcende todos os systemas:

materia e espirito são para elle reaes e irreaes ao mesmo tempo, Deus e não-Deus essencialmente. Tão verdade é dizer que a materia e o espirito existem como que não existem, porque existem e não existem ao mesmo tempo. A suprema verdade que se pode dizer de uma cousa é que ella é e não é ao mesmo tempo. Por isso, pois, que a essencia do universo é a contradicção — a irrealisação do Real, que é a mesma cousa que a realisação do Irreal —, uma affirmação é tanto mais verdadeira quanto maior contradicção involve. Dizer que a materia é material e o espirito espiritual não é falso; mas é mais verdade dizer que a materia é espiritual e o espirito material. E assim, complexa- e indefinidamente...

Se um pouco nos alongámos na exposição do transcendentalismo pantheista, breve se verá que tínhamos razões para isso. De resto, o leitor que tenha bem em mente a orientação do nosso raciocínio e os característicos, ainda que superficialmente lembrados, da nossa nova poesia, deve já suspeitar a que vem esta menos breve exposição no meio de umas breves considerações.

## VII

Ao passar á analyse da philosophia dos dois grandes periodos literarios da Europa e prescrutação de qual a linha evolutiva d'essa philosophia, importa, antes de tudo, distinguir entre a "philosophia, pensamento individual e a "philosophia, sentimento poetico.— Tanto a philosophia do philosopho como a do poeta são questões de temperamento, mas ao passo que o temperamento do philosopho é intellectual, o do poeta é emocional; ora o que é intellectual é essencialmente *individual*, e o que é emocional é essencialmente *collectivo* e, portanto, quando se dá n'um individuo, representativo da collectividade a que elle pertence. É portanto a philosophia do poeta, e não a do philosopho, que representa a alma da raça a que elle pertence. Encarada a questão sob outro ponto de vista, isto ainda mais nitidamente se percebe. Na obra de philosophia a forma nada vale: a idéa é tudo. Na obra de poesia a idéa e a forma estão ligadas n'uma dupla unidade, unidade *imaginativa*, isto é, unidade que vem da fusão da emoção e da idéa que em sua essencia é o acto de *imaginar*. Ora a imaginação depende da organização dos sentidos do individuo; um visual imagina de modo inteiramente diverso que um auditivo, um individuo de intensa vida interior e pouca attenção ao mundo externo, de modo differente de ambos. De que depende a organização dos sentidos? Sem duvida alguma, da hereditariedade. E a hereditariedade o que é que mais transmite e grava? Os característicos de raça. O acto de imaginar é o que, pois, em linha directa descende da alma da raça. E como o mais alto grau de imaginar é o do poeta, é na poesia que vamos buscar a alma da raça, e na philosophia d'essa poesia aquillo a que se pode chamar a philosophia da raça.— O espaço não permite que nitidamente, ou mais argumentadamente, se exponha este problema. Para o nosso limitado caso, o pouco que aqui se expoz deve bastar.

Consideremos pois qual a philosophia do primeiro grande periodo poetico da Europa — a Renascença. Constata-se sem difficuldade qual ella seja. É o espiritualismo puro e simples, em uma ou outra das suas duas formas. Occorrerá perguntar: mas não foi a Renascença inimiga do espiritualismo? Do da idade-media foi, mas esse era um espiritualismo inferior. Da forma catholica e aristotelica foi inimiga a Renascença; mas foi para ser mais e mais puramente espiritualista, foi para se lançar no maior espiritualismo da Reforma e de Platão. Platonista foi, de resto, toda a poesia lyrica de algum valor da Renascença. É uma das provas, a mais flagrante.

Como vimos, o espiritualismo é o systema que tem seu centro de realidade na *consciencia*: logicamente, em seu temperamento, um espiritualista é um homem que dá attenção superiormente á vida interior e inferiormente á vida exterior. Toda a poesia da Renascença é de suppôr portanto que gire sobre assumptos *humanos* e não da Natureza. Assim é: o que de supremo tem a poesia da Renascença é a poesia épica — isto é, de acção humana —, e a poesia dramatica (Renascença ingleza, culminando em Shakespeare), de acção humana mais essencialmente ainda. Com isto, fica tirada a prova real.

No Romantismo surge-nos immediatamente o contrario. Cessa, a não ser em

arremêdo debil de influencias da Renascença, a poesia épica e dramatica; nasce a verdadeira poesia da Natureza, e apparece um novo genero de poesia amorosa. É commum a ambas um característico basilar: perante a Natureza ou perante o amor, o individuo commove-se até perder a individualidade, *entrega-se*. Mas não se entrega como (no caso da poesia religiosa e amorosa, não da da Natureza) por vezes o poeta na Renascença fazia, por humildade: aqui, no Romantismo, *entrega-se para viver uma vida mais ampla*. Ora o individuo não se entrega — e menos entlo se entrega *para viver* — a qualquer cousa exterior que não considere como *real*. Temos pois, em ultima analyse, que o romantico representativo se sente parte de uma Natureza real, ainda que espiritualmente real. Estamos em pleno sentimento pantheista. Com effeito, desde o pantheismo materialista de Goethe ao pantheismo espiritualista de Shelley, o romantismo nada é senão pantheismo.

Posto isto, ficamos sabendo quaes as "philosophias" da Renascença e do Romantismo, e vendo qual a linha evolutiva da philosophia da poesia europêa, qual, portanto, a evolução da alma da civilisação da Europa. Evolve — o que de resto se podia ter concluido à priori, mas foi melhor que d'outro modo se concluísse — do mais simples para o mais complexo; parte do espiritualismo e avança até ao pantheismo, e d'ahi, inevitavelmente, subirá para a complexidade maxima do transcendentalismo, até chegar ao limite, o transcendentalismo pantheista.

Por que característicos, por assim dizer, exteriores se pode conhecer o sentimento transcendentalista? Nas duas fórmãs menos complexas do transcendentalismo, o materialista e o espiritualista, o individuo sente-se, como o pantheista, parte de um Todo, mas com a differença que, para elle, esse Todo é sentido como irreal, como illusorio. Decorre d'aqui que o poeta transcendentalista (materialista ou espiritualista) fatalmente será um poeta pessimista. Mesmo que, transcendentalista espiritualista, conceba como vagamente espiritual o Transcendente, esse Transcendente, por sua propria, concebida, natureza, é sentido como *Mysterio*, e mesmo onde levanta abate. — Percorrendo todo o Romantismo não encontramos este sentimento; apenas, em Alfred de Vigny, e nos seus descendentes, já post-romanticos, ha um vago arremêdo d'elle. Mas, ao attentar bem nos característicos que deduzimos como devendo ser os da poesia transcendentalista, revela-se-nos immediatamente que estamos em Portugal e em plena descripção da poesia de Anthero. Concluimos, pois, que especies condições de raça fazem do sentimento transcendentalista apanagio de Portugal. Se o transcendentalismo, sob forma de emoção, começou entre nós, entre nós deve continuar. Vejamos pois se a sua forma mais alta e complexa, o transcendentalismo pantheista, foi, acaso, attingida já.

Não é preciso mais do que attentar na mera *expressão* da nossa nova poesia para nos encontrarmos em pleno transcendentalismo pantheista. Logo no vestibulo da investigação nos apparece a característica *contradição* d'este systema. "Materiação do espirito" e "espiritualisação da materia", "choupos d'alma", quedas que são ascensões, folhas que tombam que são almas que sobem — não é preciso mais, repetimos. Eis, em seu pleno estado emotivo, o transcendentalismo pantheista. Quanto mais se analysa, mais claramente isto se revela. Para os nossos novos poetas, uma pedra é, ao mesmo tempo, realmente uma pedra, e realmente um espirito, isto é, irrealmente uma pedra... Mas para que continuar? A evidencia de certas provas, quando o fica provado traz consigo tudo em que puzemos a nossa esperança e a nossa fé, embriaga de alegria para além de se poder ficar com a lucidez intacta e o poder-de-exprimir em equilibrio.

E quaes são, enfim, as conclusões ultimas de quanto n'este artigo expuzemos? São aquellas em que atravez de todos os nossos artigos temos insistido. Se a alma portugueza, representada pelos seus poetas, encarna n'este momento a alma recém-nada da futura civilisação europêa, é que essa futura civilizaçã europêa será uma civilizaçã lusitana. Primeiro, porém, consoante todas as analogias nol-o impõem, a alma portugueza attingirá em poesia o grau corespondente á altura a que em philosophia já está erguida. Deve estar para muito breve portanto o apparecimento do poeta supremo da nossa raça, e, ousando tirar a verdadeira conclusão que se nos impõe, pelos argumentos que já o leitor viu, o poeta supremo da Europa, de todos os tempos. É um arrojô dizer isto? Mas o raciocinio assim o quer.

## VIII

Feito assim o esboço psychologico da nossa actual poesia no que respeita á sua esthetica e á sua metaphysica, resta concluir approximadamente qual deva ser a resultante *social* das forças da Raça cujo primeiro assomo á tona da realidade ora e apenas se está fazendo, n'essa, citada, poesia. Melhor dizendo, qual será a criação social a que vae chegar a alma da Raça, por enquanto no seu inicio de despertar e revelada apenas, por isso, na fórma directamente espiritual, a literatura?

Só muito informemente, por razões que já expusémos, essa criação social, em seu genero e especialidade, é antevisivel. Mas se é antevisivel de algum modo e até certo ponto, de que modo e até que ponto o é?—Determinada a metaphysica da nova corrente, queda revelado definitivamente, em sua essencia ultima e central, o que essa corrente espiritualmente é e representa. Vimos que essa corrente se traduz por um metaphysismo claramente definivel como transcendentalismo pantheista: resta saber o que dá o transcendentalismo pantheista *posto em tendencia social*. D'aqui não resultará claramente definida qual essa criação social—como ficar definida ao raciocinio se ainda se não definiu nas almas?—mas resultará ficar attingida na sua physionomia longinqua.

Sendo o transcendentalismo pantheista um systema essencialmente envolvedor de uma fusão de elementos absolutamente oppostos, segue-se que a criação resultante da nova alma lusitana deverá envolver, em seu resultado definitivo e ultimo, o estabelecimento de qualq̃er nova formula social onde uma fusão d'essas se dê. Uma rapida analyse, aqui eliminada, determina facilmente que o raciocinio permite prophetisar que a futura criação social da Raça portugueza será qualq̃er cousa que seja ao mesmo tempo religiosa e politica, ao mesmo tempo democratica e aristocratica, ao mesmo tempo ligada á actual formula da civilisação e a outra cousa nova. Inutil será apontar quão flagrantemente esta deducção vaga e precisa decorre da constatação já feita sobre o caracter fundamental, metaphysicamente patente, de alma lusitana. Egualmente inutil deve ser notar quanto essa futura formula deve distar do christianismo, e especialmente do catholicismo, em materia religiosa; da democracia moderna, em todas as suas formas, em materia politica; do commercialismo e materialismo radicaes na vida moderna, em materia civilizational geral. E, finalmente, é da mesma inutilidade acrescentar, accentuando e especializando a sua divergência da democracia, que as formas extremas ou perturbadas d'esta—anarchismo, socialismo, etc.—serão varridas para fóra da realidade, mesmo do sonho nacional; os humanitarismos morrerão ante essa nova formula social, de portugueza origem, mais alta, provavelmente, em sentimento religioso do que outra qualq̃er que tenha havido, mais rude e cruel talvez em pratica social do que o mais rude militarismo commercialista. Console-nos isto desde já, no meio de vêr, de leste a oeste de Portugal, a nossa subhumanidade politica e a nossa proletariagem humanitariante. Tudo isso, que afinal é estrangeiro, morrerá de per sí, ou á bocca dos canhões do nosso Cromwell futuro.

E a nossa grande Raça partirá em busca de uma India nova, que não existe no espaço, em naus que são construidas "d'aquillo de que os sonhos são feitos.. E o seu verdadeiro e supremo destino, de que a obra dos navegadores foi o obscuro e carnal ante-arremêdo, realisar-se-ha divinamente (!).

*Fernando Pessoa.*

(!) Por inutil para as conclusões sociologicas que unicamente buscamos n'esta serie de artigos, abandonamos a intenção de fazer o estudo exclusivamente literario da nova corrente poetica portugueza, estando esse prometido no principio d'este artigo. Ninguém perde com isso.



*MAQUETTE DA ESTÁTUA A CAMILO*

(De Teixeira Lopes)

## A PROSA DE CAMILO



**A** principio, seu estilo, já rico, tem a sincera ênfase dos afectos que serve e o precipitado andamento da paixão que não escolhe palavras. Na fase do romance histórico, a mão que folheia, com vagar, os velhos documentos, folheia também os duros livros de prosa antiga e os intumescidos léxicos portugueses — guardiões da língua na tradição da estrutura e dos termos; e tal é o assombro ante a abundância aí encontrada, que o escritor, aturdido, enterra nêla as mãos e, ás braçadas, atira para os livros essa fartura de vocabulário, não sem que, nos impetos do entusiasmo, consiga esconder a preocupação de passar para os seus romances êsse erário de palavras e de sinonímias empilhadas nas altas colunas dos arcaicos glossários. Mas vem, finalmente, um periodo em que, desaparecendo todos os excessos e guardados todos os equilíbrios, a prosa dô mestre atinge na maxima força a maxima variedade e elegância.

Aí, nêsse retiro de S. Miguel de Seide, entram-lhe pelas janelas da sua sala de trabalho, na onda de vozes várias — no pregão das peixeiras, na gríria dos almoceves, na bulha de palavras e peguilhos de frases entre mulhero desbocado — entram-lhe pela janela os plebeismos grosseiros e caem-lhe nas páginas de prosa clássica em que o escritôr gasta seus olhos esmiolando, por entre periodos seguidos de leal insipidez, perdidos vocábulos de preciosa evidência, ou polido dizer de frade artista. Ficam-lhe nos ouvidos os plebeismos e nos olhos os arcaísmos; e a vivacidade de uns e o culteranismo de outros casa-os seu bom-gosto servindo sua prosa; e com tal arte que éla nem fica bafienta das expressões obsoletas que enchem êsses in-folios, nem charra do calão ouvido aos desordeiros das feiras minhotas, que, á luz apurpurada dos alevantes impulsivos, cospem nas mãos surradas e arrancam contra magotes inimigos, florendo no ar o lodam varredor! Pelo contrário, tem sabor vernáculo sua prosa enastrada de plebeismos e de neologismos adrede compostos, e sacudidos requebros ultra-modernos certos periodos tauxiados de palavras em desuso. A's vezes, para marcar irrequietos aspectos da vida de hoje, serve-se das palavras mortas dos livros traçados; outras, é com termos e tregeitos de linguagem falada, ouvido á última recoveira, que êle movimenta e ergue deante dos nossos olhos, em pé e vivas, essas góticas figuras da lenda antiga, antes emaranhadas nos elzevires dos nobiliários e das crônicas fastientas. E, répito, de nenhuma maneira sua prosa fica ronqueira ou presumida, mas sempre poderosamente expressiva e marcadamente individual.

Nas suas mãos, os termos enfáticos, tratados com urbanidade, parecem naturaes; os asperos amaciam-se na tonalidade bem achada dos que os cercam; os obsoletos perdem rigidez; os vulgares ga-

nham respeito; e foliam entre si, amáveis e tolerantes, as sisudas palavras eruditas com o gaiato tagarelar do povo folgazão. Averbá substantivos; latiniza plebeísmos; luzitaniza provincialismos; e na áncia de agitar expressões marasmadas, de tornar rútilas as esmaecidas e ducteis as agrestes, desarticula prefixos, muda desinências, divorcia particulas verbalmente casadas, inventa onomatopeias reflectidoras do som das vozes significadas, e reforça e acelera com prepositivas verbos que lhe parecem retardados de movimento; emfim, cria e compõe vocábulos e estructuras sempre que precisa de realizar enérgicas expressões de vida, repuxadas pelo seu convulso temperamento de artista exuberante. E em todo este massiço de palavras—artisticamente equilibrado nos seus matizes metálicos, nos largos ritmos em que as frases se ageitam, nas flexuosidades da sintaxe livre—em todo este massiço de palavras não ha um desvio de simpatia por termo exótico ou construcção bastarda, mas, pelo contrário, mantém-se integro o génio de língua portuguesa.

*Author de Figueiredo*

## DIALOGO

**B**ulio atirou o corpo para uma cadeira perdida na sala, mortificamente. Puxou um cigarro, acendeu-o de vagar, e pôs-se a seguir com a vista os novelos de fumo, na penumbra daquele dia melancolico e doloroso.

A janela fechada, com os vidros salpicados de conchas dagua, Maria deixava ir o olhar atraz dos raros que passavam, cingindo mais o guarda-chuva, impelidos pelo aguaceiro incessante e impertinente.

—Tinha de ser, que diabo! Juntámo-nos: alguma vez nos havíamos de separar. Isto não era para toda a vida...

Da janela, Maria tornou simplesmente, sem se voltar:

—Como quizeres.

Ergueu-se de novo, arrancado ao descanso aparente em que se mergulhára ha instantes.

—Como quizeres?!... Mas decidamente tu jurástes picar-me todo o dia com as tuas respostas. Respostas... tôlas, sabes?... Como quizeres?!... —Afirmo-te que tens outro amante, Maria, que outro homem novo como eu, forte como eu, dormiu aqui noites

inteiras, enquanto andava por longe. E a estas acusações, a que toda a mulher responde pelo menos com indignação, tu nada mais achas para dizer do que esse "*Como quizeres*", com que ha uma hora me bates nos ouvidos! Não queres que me irrite, que te fale como nunca te falei?! E' que tu não sabes o que é a paciencia, Maria; não sabes, não.

Cruzou os braços no meio do quarto, como a esperar uma resposta clara—desculpa simples ou gesto decidido.

—Estranho-te, Maria. Eu não hei-de crêr que desceste tão baixo que te entregasses ao primeiro que se lembrasse de te olhar, de bater á porta, de entrar, de te tomar.

Ia-se chegando para ela, moderando o tom; justou-lhe os braços à cinta, quase sem dar por isso, e implorava quase:

—Maria... Maria... Porque me não falas claro?...

Voltou-se muito correcta, olhando-o devagar num olhar distante.

—Ouve, Julio. É melhor entendermo-nos—e falar claro.

—Tens razão. É um disparate insultarmo-nos; eu com as minhas palavras, tu com o teu silencio irritante.

—Já te não lembras quando nos viamos a occultas no vão duma escada?

—Lembro.

—Tinhas sempre pressa. Nunca pude perceber se era receio de meus pais ou de faltares a alguma hora combinada.

—Maria...

—Às vezes preguntava-te se ias ver namoradas: rias-te. Falavas-me nas amantes dos outros, espicaçavas-me a curiosidade, o desejo... Preguntava-te pelas tuas amantes, Julio: tu nunca tinhas amantes...

—Mas eu afirmo-te...

—Não afirmes, peço-te. Em amor nunca se afirma.—Mais que tudo eu sentia o calôr dos teus beijos... As tuas carícias seduziam-me, os teus beijos entonteciam-me: tinha de ser tua!

Ele ergueu-se, atirando o cigarro.

—Mas não te preveniram a ti que eu tinha amantes—que as tinha como toda a gente?... amantes de dias, de algumas horas, de momentos... Não me dizias que tua mãe te mortificava a falar-te *nas outras*? Quizeste-me mesmo assim...

—Preveniram. Mas sempre julguei que fosse suficientemente forte para te tomar toda, eu só. Enganei-me, que queres... Trouxeste-me para aqui, encheste-me de carinhos, roubaste-me aos meus para me fazeres só tua. Eu acreditei, sabes? acreditei.

—Queres dizer...

—Ao principio tudo ia bem. Tu eras para mim o mesmo que

tinhas sido durante os dias em que me perseguiste, sem cessar. Depois as desculpas começaram; começavas a vir tarde, recolhias fóra de horas...

—Mas eu já te disse...

—Bem sei, disseste. Mentiras. Desculpas.—As visinhas já falavam de ti, de mim. Tinhas-me conquistado, nada mais querias. Quando vinhas ver-me, quando dormias comigo, redobravas de carinhos. E eu desconfiava: mas que queres—era tua... eramos ambos a pensá-lo assim...

—Maria, ouve: desculpas. Desculpas, sim... Porque me não falavas, porque me não prevenias, porque foste reservada, porque foste—mulher?

—Sei lá... A gente nesta vida, quando se entrega a um homem, nunca sabe porque faz ou deixa de fazer muitas coisas... Tu és homem, entendes?... és livre, fazes o que te parece.—Olha o Julio, tem dez mulheres, tem vinte... Que tem o mundo com isso? és homem...—Comecei a ver-te mais frio.

—Porque não fizeste o mesmo que o mundo, não me dirás? Ai das mulheres se fossem a pedir contas aos homens dos seus desvarios todos...

—Mas eu pedi-te contas, a ti? Não, Julio; eu nunca te pedi contas. Tu é que mas pediste, que mas exigiste.—Porque não fechei os olhos? porque te amava, e porque eu para ti não era mais que a mulher que seduziste, que prendeste e enredaste, e que ha-de ser tua, sempre, emquanto o quizeres—porque a perdeste.

—Maria: repára que não tens o direito de me falar assim.

—Começas... Um dia um rapaz, um amigo teu, vindo-me abandonada, começou a lisonjear-me, a querer tomar o teu lugar. Ao principio odiei-o, ofendi-o; chegou a parecer-me impossivel como ainda tinha cara para me encarar.

—Bem sei...

—Mas ele era o mesmo que tu eras, Julio; dois gêmeos não seriam mais parecidos em tudo. Teve para comigo os mesmos processos que tu! Incomodei-me. Não dormia, a pensar no que tu estarias fazendo áquela hora, e naquele rapaz que me perseguia. Eu continuava só, só naquela cama onde tínhamos estados juntos, dias, noites...

—Maria, espera: eu expliquei-te tudo. A minha familia, a minha vida... Não expliquei!?

—Sim, Julio; os homens explicam sempre tudo e hão-de por força ser acreditados. As mulheres não; uma desculpa que tentem buscar, e é logo o mundo a falar delas, a pôr-lhe a vida de rastros...

—Emfim: como armáste em sentimental...

Começou a passear nervosamente pelo quarto, ansioso pelo fim. Acendeu outro cigarro, e ora se sentava, ora se levantava, incerto, indeciso entre aquela mulher e o seu amor proprio.

—Pensei muito, muito. Mal tu imaginas... Pela primeira vez eu compreendia o ciume, eu sentia-o em mim, tomando-me toda,

enchendo-me toda, irritando-me a pele, o cabelo, o corpo, a vida, torturando-me sem cessar!

—O ciúme...

—Afinal, decidi: que direito tem um homem a possuir muitas mulheres, enquanto cada uma é obrigada a ser-lhe fiel! Porque é homem?... O teu amigo—odeio-o, sabes? entreguei-me, e odei-o, vês...—dizia-me isto mesmo.—“Fidelidade? porventura tu eras-me fiel?” Caí, Julio, que queres... A culpa não foi minha... foi tua.

—Mas que dirá o mundo de mim, não responderás? Sim: que dirá o mundo, sabendo que eu tinha uma amante que me trocou por outro, sem mais nada, unicamente—por ciúme?...

—Aí tens o que é para ti o amor... Por ciúme, sim. É que tu não sabes o que é o ciúme para nós, pobres mulheres que nos entregamos a um homem! Para ti, Julio, o ciúme é o receio do mundo, do que dirá o mundo, é a quebra da tua altivez de homem a quem uma mulher fez dobrar, amando-o, enquanto odeia o outro a quem se entregou num momento de loucura, num momento de ciúme.

—Odeia-lo?!...

—Odeio, sim, Julio, odeio! Tanto quanto te amo a ti. Pois não compreendeste, desgraçado, que o que me levou a essa traição —a que tu me habituaste—foi o meu amor, que tu feriste, que tu ferias a toda a hora?...

Assentaram-se.

Ouve um largo silencio em que ambos se entrecolharam dolorosamente.

—Maria: queres-me dizer afinal o que tens, o que tens comigo?  
—Não poderás entendê-lo, porque és homem.

Novo silencio. No quarto começavam a descer as primeiras sombras do crepusculo.

—Pela ultima vez, Maria: tens-me algum amor?

—Tenho-to estado sempre a dizer, Julio. Se não te amasse, se não fosse este imenso amor, não estaria ha uma hora nesta conversa que nos martiriza.

—Mas então...

Baixou a voz inconscientemente:

—Queres continuar comigo, comigo só, sem que outro beije a tua carne, abrace os teus braços?...

—Como quizeres...

Junho de 908.

*Beiga Simoes*

## A CASA ANTIGA

Eis-nos pois n'essa aldeia primitiva,  
pelos visos da serra,  
onde ainda ninguem desnaturou  
a extractura e belleza d'essa terra  
fecunda, alegre e viva,  
e onde a mão de Deus se assignalou.

Mas d'entre a singelleza  
d'esse grupo risonho e branqueado  
de tanta casa humilde e pequenina,  
— que lembra vagamente  
um rebanho nevado  
por alli a descer manso e contente—,  
duas casas avultam na colina.

Uma, vista de toda a redondeza,  
é secular, e nobre e magestosa;  
seu inclito brazão  
está a dizer a vida grandiosa  
de antigos moradores... Em outras eras,  
foram o grande amparo, a protecção,  
a gloria d'essa aldeia, os seus *senhores*;  
mas tudo, fugitivo, foi passando,  
tal como passam sonhos e chymeras..  
No decorrer de tempos destruidores,  
ao sopro duro e hostil da sorte avara,  
desviou-se a Fortuna abandonando  
o vetusto solar que frequentara...  
Entrou lá, pouco a pouco ou de investida,  
a morte, a sina varia, o soffrimento;  
dos nobres moradores,  
os que inda restam, tral'os longe a vida  
que desune e dispersa como o vento...

E na antiga morada,  
hoje deserta e quasi arruinada,  
quando, ás vezes, lá pelo anoitecer,  
a velhinha caseira faz ranger  
a chave enegrecida e ferrujenta  
que dá accesso aquella solidão,  
sente a voz d'um silencio que a affugenta,

silencio triste e fundo que ficou  
sendo o echo, a saudade, a evocação  
de tanta e tanta voz que lá passou...

Porem na Primavera  
um casal de andorinhas, vem, ligeiro,  
— por um vidro partido que as espera —  
ao lar que sempre foi hospitaleiro...  
E vae direito ao ninho construido  
no cimo d'um profundo corredor  
de lageas gastas pelos idos passos,  
— tristes, alegres, apressados, lassos —,  
mas onde é sempre doce e recolhido  
esse ninho de amor...

E o ninho de anno em anno tem ficado  
pela velha caseira respeitado:

E' que o povo bem sabe (elle adivinha)  
que "*nunca mais tem sorte*,"  
quem destruir o ninho à andorinha,  
ou quem lhe der a morte...  
E quando volta o par enamorado,  
no seu tão lindo vôo, docemente,  
acorda e alegre a solidão dormente...

Nos extensos jardins, lá onde tudo,  
abandonado e mudo,  
regressou lentamente á natureza,  
— onde as alegres tulipas e os nardos  
deram lugar aos espinhosos cardos,  
e as roseiras são silvas na braveza —,  
chega tambem a hora em que os invade,  
n'um ar de Primavera indefenida,  
a ineffavel Bondade,  
alma d'essa estação doce e florida,  
que primeiro, inda occulta, inda latente,  
cinge n'um fluido tudo quanto existe,  
em tudo se presente;  
mas depois toma corpo; e, na doçura  
das suas formas tudo que era triste  
se consola, se alinda e transfigura.

Aqui recobre as pedras desoladas  
de musgo aveludado e luminoso;  
e mais alem errompe em grupo airoso  
de tanta flor agreste  
de que a terra maninha se reveste;  
e até nas tristes fendas, tão lascadas,

de azulejos de cores sem viveza,  
 toma vulto em avencas delicadas,  
 em florinhas de timida belleza,  
 que parecem sorrisos de piedade  
 (ai! que o são com certeza!)  
 a consolar aquella soledade...

Mas dos antigos tempos resta ainda,  
 junto a nativa fonte que murmura,  
 uma velha roseira augusta e linda.  
 Ella propria se vae dessedentar  
 ao seio d'essa fonte que tem sido  
 a fonte mais segura  
 da belleza sem par  
 com que em milhões de rosas tem florido.

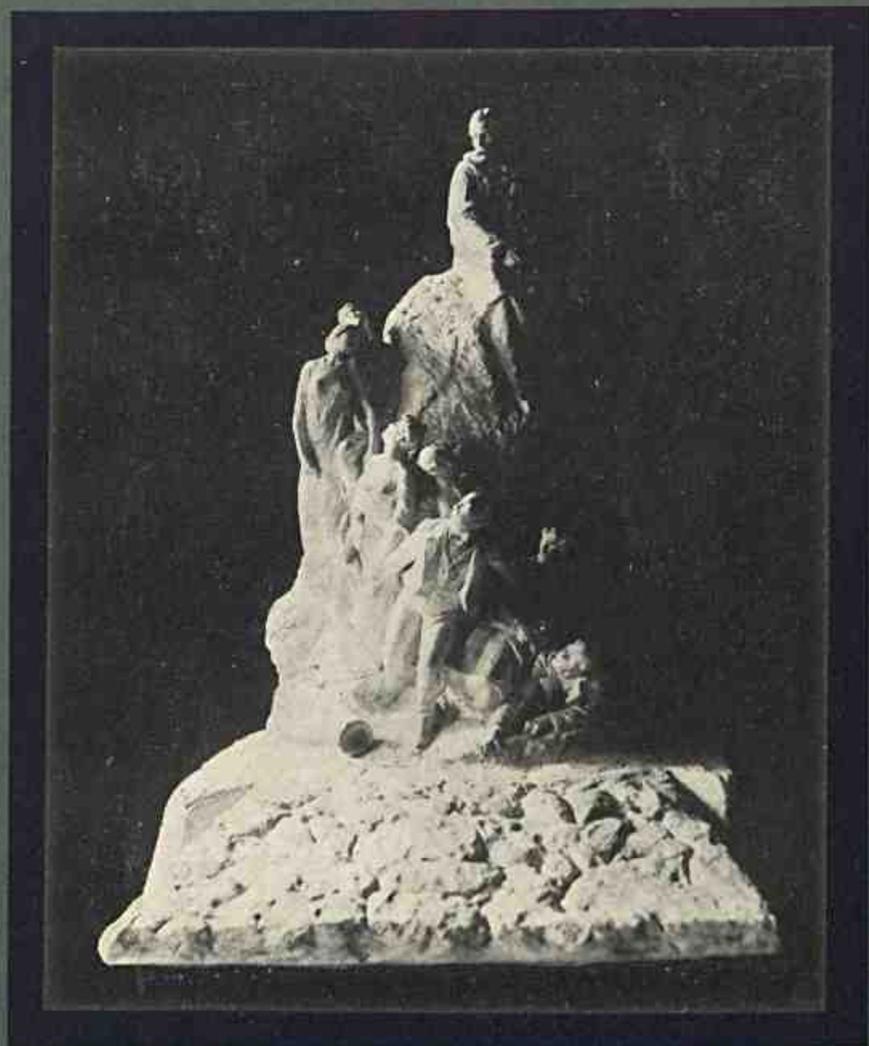
Até morrer irá symbolizando  
 essas *almas antigas* que florescem  
 em uma longa vida de virtude,  
 e até já mesmo quando  
 na morte desfalecem,  
 é n'um sorrir de paz e beatitude...

Pelas mysticas noites de luar,  
 quando a triste da casa abandonada,  
 lá pelas altas horas, vela e scisma,  
 pondo na aldeia um trecho de Balada...  
 a roseira de graças peregrinas,  
 que a florescer um longo muro enrama,  
 desfolha rosas brancas e divinas...  
 O seu doce perfume enebriante  
 se exalta e se derrama,  
 e vae ligar-se ao fluido penetrante  
 d'esse extactico sonho em que se abysma  
 a ruína quando vela e quando scisma...

Sonho que tambem é doce perfume,  
 em cuja maga essencia se resume,  
 a sublima e condensa,  
 a seducção immensa  
 d'esse mysterio sempre impenetrado,  
 d'essa poesia intensa  
 que se evola das ruínas do Passado.

1907

*Candida Ayres de Magalhães*



*MAQUETTE DA ESTÁTUA A CAMILO*

(De Teixeira Lopes)

## DESTINO

(Continuação da pag. 181)



**M**eses depois recebia carta do Adolpho. Era uma carta breve, a informar que o filho passava mal, muito anêmico, e a pedir indicação de casa de campo onde pudesse tentar a saúde d'elle.

Lembrei uma quinta proxima de Ancêde.

Ancêde é uma das ultimas freguezias da antiga provincia de Entre Douro e Minho; beira com o Douro pelo sul, fronteira a terras da Beira Alta; e sóbe até ao velho Mosteiro dos frades dominicanos, que em tempo a governaram. Parallelo ao Convento, na freguezia de Santa Leocadia, ficam os antigos dominios do velho senhorio de Bayão, que ainda hoje conservam o nome de Paço.

É da Historia e principalmente da Lenda o grande poderio de D. Arnaldo, onde vão enxertar-se os ramos mais lolludos da boa linhagem da Península.

Do velho solar existem ruinas. São os restos do palacio comido pelas chammas á ordem de João II, o inimigo temivel da nobreza.

A quinta é uma estrada encosta, que segue do Rio á matriz da Freguezia.

Quebra a meio por um largo patamar, onde foi levantada uma casa em rectangulo, que domina o Douro e a curva da linha ferrea que em baixo, desenha um S deitado, formado de pontes altas nas partes recurvas.

Emínente ao Douro sóbe a encosta do Loureiro, vestida de pinheiros bravos e oliveiras. D'esta encosta, como do planalto do Paço, avista-se um tracto curto do Rio e o valle religioso do Bastança.

A paizagem, que no Alto Douro, é depressiva e trágica melancholiza-se perto de Ancêde, sombria da velha alma dos Mosteiros de S. Domingos e Ermêlo, ainda alli errante!...

O Alto Douro, região de saibros e escarpas, é uma especie de Villa de Inferno, onde o sol se aborrece a queimar vinhedos, que, no outomno, vestem de labareda as encostas. Por entre galerias diabolicas discorre mysterioso e abysmatico o Rio, ora cobrindo e trabalhando as longas filas da penedia, ora seguindo, inferior aos granitos, a regougar nos recolhos contra as margens lividas, onde borbullham caldas, cachões de agua fervente, fontes de enxofre e ferro.

A penedia, estatuada do genio confuso da agua, reparte-se em fileiras phantasticas! Encenam o Douro granitos macabros: — pedras negras e roxas, algumas luarentas, nuas de côr, — altos labores de renda, ossadas — monstros, despojos carcomidos de velhas victorias d'agua!

No Valle, ainda recurvo de Ancêde o Rio alarga, espraiando a physionomia nova das suas aguas cansadas de Baixo Douro...

Fronteiras ao Paço, ficam as primeiras terras da Beira Alta, um systema de encostas caprichosamente quebradas que contrafortalecem as serras asperas de Montemuro e Gralheira.

Tal a paizagem que se insinua ou descobre do velho senhoria do Paço.

Adolpho, que acceitou a lendaria quinta, appareceu n'um dia cinzento do outomno, apeando no Loureiro com o filho, dois creados e uma senhora de idade, com geitos de ama velha, discreta e muito zelosa dos caprichos do Jorge.

Impressionaram-me tristemente os recémchegados. Logo supuz perdido o pequeno! Da creança que vira em Carreiros, e me parecera um fructo animado e perfeito, pouco havia já. Era uma figura extranha, indifferente, sumida em pelle de seda desmaiada...

O pae, muito lívido, vinha tambem doente. Padecia do mal-do-filho.

—Aqui me tens com o Jorge, disse cumprimentando-me. O pequeno muito mal, como vês...

—Pode melhorar, disse eu mentindo-me. Deve melhorar! Era tão forte...

—Sei lá! Vês alem aquella arvore? perguntou, apontando para um sobreiro moreno. É das arvores mais valentes que conheço. Pois abate-a um sopro do tempo. É de pequena raiz. Questão de raça!...

Tambem as arvores têm genealogia, raça. E são as de melhor linhagem as que peor se entendem com a terra...

Não sei que disse.

Confessou-me que era a primeira vez que calcava os velhos dominios do D. Arnaldo. E, reparando na linda vista que o Valle offerece—elogiou a paizagem.

Disse-lhe que este trêcho era um ponto de Belleza que constava do mappa do inglez Forrester, como dos mais interessantes do Valle do Douro.

—Mau agoiro, disse elle sombreando as palavras. Sabes, que estou agoirento como um turco! Jamais a Belleza deixou de perseguir-me. Oxalá a tua terra me entrave os prejuizos.

Obtemperarei não sei o que, inquirindo miudamente da doença do Jorge. E, já no carro fui apresentado á senhora alta que nos acompanhava.

—É a velha freira das Salezias, disse Adolpho em surdina, aquella em que te falei, em tempo, uma que ia á grade com Maria Lucena—uma santa!

Fui procura-la, quando soube que o regimen a expulsava do convento.

Veio depois que lhe contei a minha vida, e a necessidade que tinha d'ella para amparar as minhas miserias, em que culmina a doença do Jorge.

Olha, lá vae ella a rezar. Continua as velhas contas com o

Céo. Se, ao menos, aproveitasse ao Jorge o saldo de preces que lá deve ter!...

Chegamos breve ao Paço, onde os recém-chegados se installaram. Percebi os cuidados que rodeavam o doente. Em tudo governava o seu capricho e vontade, lassa de mimos e doença.

Retirei quasi logo. Sentia-me de mais n'aquella casa. Doia-me falar do Jorge; presentia-o irremediavelmente perdido e temia trahir-me na fraqueza com que mentia, fabulando esperanças. Despedi-me de Adolpho, certo da sua proxima e irremissivel desgraça!...

Passados dias recebi carta d'elle. Trazia no alto a nota extranha—*Posthuma!*

Li surpreso as seguintes linhas:

Amigo!

"O Jorge morreu; vou com elle. Manda tomar no teu jazigo um gavetão. Chega para os dois. Adeus! Mudo de casa sem te offerecer os meus serviços porque creio que serei no outro mundo, de certo inconsciente, a mesma creatura que fui n'este:—um nefasto para mim, um inutil para os outros...

Do velho condiscipulo e teu amigo:

Adolpho..

Parti para o Paço. Queria saber miudamente o que tinha havido.

Encontrei, na primeira sala, soror Clara muito serena, dando ordens.

Cheguei a suppor que tinha lido mal a carta minutos antes recebida. Breve duvida! Infelizmente tudo o que pensára de mau se confirmáva. Informou a freira que Jorge morrera de madrugada, suicidando-se Adolpho quasi logo.

—Eu contava, dizia a santa mulher, com a morte proxima da creança. Ha dois dias que mal se alimentava. Veio hontem o medico do Porto, chamado por telegramma, e logo o disse perdido.

Antes d'elle, ajuntou piedosa e segura, já Deus o tinha julgado. O que não esperava era o suicidio do Paé. Não imagina, parecia conformado com a vontade de Deus. Nem uma lagrima o vi chorar. Esteve a afaga-lo, muito sereno, logo que elle acabou.

Depois compo-lo com todo o vagar e carinho; retirou ao quarto, e passados minutos desfechou sobre o peito a arma que alem está...

Deus lhe perdoe. Elle era bom e temente da Igreja!

Allucionou-o a perda do filho.

Já mandei chamar o snr. abbade, accrescentou. Informaram-me de que está um encommendado. O antigo abbade fugiu. Persegue-o a auctoridade por questões religiosas. Parece que já assaltaram duas vezes a residencia á procura d'elle. Temo que o encommendado não saiba os caminhos. Admiro que não tivesse vindo!

Soceguei a pobre senhora:

—Que viria o abbade de Ancêde, se faltasse o de Santa Leocadia. Depois pedi-lhe que me indicasse o lugar onde descansavam os mortos. Queria ve-los.

—Estão alem, disse ella. Acabei ha pouco de amortalha-los.

Cortamos em diagonal a sala, seguindo para um aposento do nascente.

Era um quarto amplo de tres janellas largas das quaes só uma, meia aberta, dava luz aos mortos.

Rente á parede estava uma cama alta de pau santo, cabeceiras de talha grossa e columnas esguias pouco trabalhadas, suspendendo um docel côr de gemma. Sobre a cama, coberta de damasco verde-limo, pousavam os mortos.

Adolpho tinha o aspecto de quem descansava, sereno, a labuta de velhas lidas. Nem uma feição descomposta!... Só a côr lhe inculcava insensibilidade, o drama de horas antes.

Vestia simplesmente,—um fato leve de viagem.

Devia ser uma viagem religiosa a que ia tentar, pois que tinha as mãos erguidas em prece.

Unia-as um rosario de contas grossas de azeviche. Presumo que Deus não attentasse na camandulas, uma lembrança que soror Clara mandava ao Eterno com o pedido de salvação para o Suicida. O que não podia deixar de rever eram as mãos, finamente desenhadas, de Adolpho—agora d'uma belleza nua de vida. Eram ao mesmo tempo um indice de raça, e a prova suprema da arte sobrenatural de Divino Oleiro!

Rente ao Suicida descansava Jorge, desfigurado pelo arrepanhamento da sua doença longa. Era um ex-voto de cera, meio gasto e abandonado, tão exigua e pobre era a sua figura, outrora travessa e leve, tumida de vida!

Contemplava-os ha momentos quando me distrahiu a entrada de uma mulher nova, vestida de negro, muito loira e branca, que entrou no quarto dos mortos e quedou marasmada a encara-los.

Era Maria de Lucena, que chegara no ultimo comboio. Vinha ver o filho, que suppunha doente. Encontrou-o morto com o Pae.

Foi serena beijar o filho; e depois a mão branca de Adolpho, ficando a fita-lo por largo tempo.

A face d'elle tinha agora tonalidades esparsas dum verde delido—que se casavam ás expressões do olhar de Maria de Lucena a reviver amores mysteriosos na expressão suave e funda dos seus olhos verde-liquidados.

Retirei para o salão. Era-me penoso espreitar a dor d'aquella mulher extranha soffrendo os baldões do desespero intimo.

Talvez pensasse que lhe negava o direito de soffrer alto a culpa.

Acompanhou-me soror Clara, scismando na falta do Encomendado. Ia escrever para Ancêde, deferindo os melindres da religiosa, quando foi annunciado. Surprehendeu-me o seu cartão que li alto:—*Padre João Sande.*

A Freira curvou-se sobre a tira mal lithographada, como que a ver se me tinha enganado. E, vendo que não:—louvado seja Deus! Como juntou n'esta casa os culpados d'um só delicto! Que Elle lhes perdoe e os tenha em sua santa Graça...

Entrou o Padre e cortejou perturbado encarando soror Clara, que o viu serena.

Disse-lhe para que o mandára chamar—o que se tinha passado.

—Já sabia. Mas infelizmente, informava o padre a mêdo, não podia intervir.

Que lamentava tudo, dizia, demais tratando-se de pessoas com quem tivera relações. Mas a Religião era inflexivel, só servia aos fortes! Seria tibieza da sua parte transigir com pedidos ou imposições de sentimento. A Egreja tem, dizia em surdina, obrigações que não pode pôr de lado. Os suicidas estão fóra da Egreja. Não podem beneficiar da liturgia catholica. Estou ha dias a pastorear Santa Leocadia. Heide cumprir os meus deveres. As Constituições do Bispado...

Não acabou o arrasoado.

Poz-lhe termo Maria de Lucena, surdindo, senhoril e tragica, do quarto dos mortos e intimando-o a sahir.

—Já! dizia segura da obediência á sua ordem. As Constituições do Bispado foram previdentes, impedindo que viesse entrar com os mortos a sua velha farça de padre-palhaço. Vá! e apontava-lhe a porta, envolvendo-o no olhar de verdete, agora acceso de nojos. O padre sahiu.

O enterro foi no dia seguinte.

O acompanhamento sahiu tarde, sem sol. Levava pouca gente:—os creados, alguns caseiros da Quinta Maria de Lucena e eu. Cortejo simples, seguindo lento a estrada, e atravessando S.<sup>ta</sup> Leocadia desacompanhado de symbolos religiosos.

Na linha divisoria da Freguezia esperava o Abbade de Ancêde, um velhito curvado, simples e bondoso, que, sereno, resou o primeiro descanso dos mortos.

Ao seu gesto de rudeza boa, alçou a Cruz de prata um camponio de opa escarlata e capello branco.

Era a cruz rica da Freguezia, velha dadiua do antigo senhor de Bayão—ascendente illustre dos mortos.

O caixotim do Jorge ia aberto e era conduzido por quatro creanças fortes, que me lembraram o lindo pequeno que eu vira no Castello da Foz a batalhar alegrias, agora mortas.

Eles levavam-n'ó com cautella, como quem leva uma arca de joias.

Entramos no cemiterio quando o sino do velho Convento de Ancêde rezava as Trindades.

Foi aberto o caixão de Adolpho, que o velho padre refrescou de agua e palavras santas. Attentei pela derradeira vez na sua figura, agora branca de morte.

Era o mesmo perfil tragico e fatal que, ha muitos annos, atra-

vessava o Estudo e os recreios com uma só expressão — a expressão resignada de mysterio e dôr accete.

Os creados desceram os mortos ao primeiro prateleiro baixo do carneiro. E terminou a cerimonia com o liturgico latim do velho. Maria de Lucena não deixava de o fitar, agradecida.

— Alli estão oitenta annos de bondade, informei.

— Presente-se ao ve-lo, confirmou ella. Reconciliou-me com Deus.

O velho orou ainda, ajoelhado sobre a pedra que fechava o armario raso, de granito.

Maria de Lucena beijou a mão do sacerdote, despediu-se de nós e partiu com soror Clara, que a esperava em carruagem na estrada...

Fiquei a interrogar-me sobre as ultimas figuras do drama a que assistira:— Soror Clara, Maria de Lucena, o padre Sande...

Tudo desaparecera como á ordem do Mysterio!

Desceu a Treva, genio-phantasma do Tempo e apagou subito os ultimos desenhos daquellas figuras de tragedia...

Só Adolpho se me revelava na camara escura da Noite, transformando-se, vivendo no Novo Mundo outras formas, e imprimindo sempre a cada forma aquelle geito livido e fatal que expectrava para alem de si a Alma do Destino!...

Ancêde 1911 — Janeiro.

*Villa-Moura*



# Á ESPERANÇA

A João de Barros

Esperança gentil, carinhosa e bemdita,  
Deliciosa ilusão fascinadôra,  
Tu que sempre fizeste os heroes e os poetas,  
Acolhe-me em teu seio.

O teu anseio  
De perfeição e maravilhamento  
Sóbe do prado com o aroma das violetas  
Ao pincaro espontado das montanhas  
Onde se agita ao vento  
O teu grande estandarte verdejante.

Filha da Luz fecundadôra,  
Mãe do meu sonho radiante  
Que todos os meus passos acompanhas:  
Nascedoiro da minha aspiração,  
Como te sinto no meu coração  
Vejo-te reflectida  
Na magestade olympica das aguias  
E no leve rumor da aza das borboletas.

Esperança!... Esperança,  
Veio verde voando  
As nossas incertezas;  
Inimiga maior de todas as tristezas,  
Razão de ser de todos os felizes,  
Tu que és uma existencia promissôra  
No riso imperceptivel da criança,  
Torna-me teu captivo,  
Faze um homem feliz, de mim, que vivo  
Entre infelizes...  
E os desalentados, abandonados,  
Esperam ainda os beijos da Ventura  
Que para elles vem na tétrica figura  
Da Morte...

Sê bemdita, Esperança!... Sê bemdita!...  
Tu que sabes reunir em ti toda a infinita  
Grandeza de ser bom e de ser forte,  
Estende sobre mim teu estandarte

Que está em toda a parte,  
E segue-me com teu olhar de toda a parte  
Cariciosamente,  
Eternecidamente.

Mão generosa, mão consoladôra,  
Mão reverdecete,  
Que és na coma de uma arvore folhuda  
Um gesto de esperança, uma caricia muda.

Verde é o teu olhar  
Que de esperança a todos incendeia.  
Verde é tudo o que te rodeia,  
Verde é o campo, verde é o mar.  
Todos os lutos têm o teu consolo  
Na tua doce caricia enternecida  
Que para tudo  
Tem a maciês discreta do veludo.

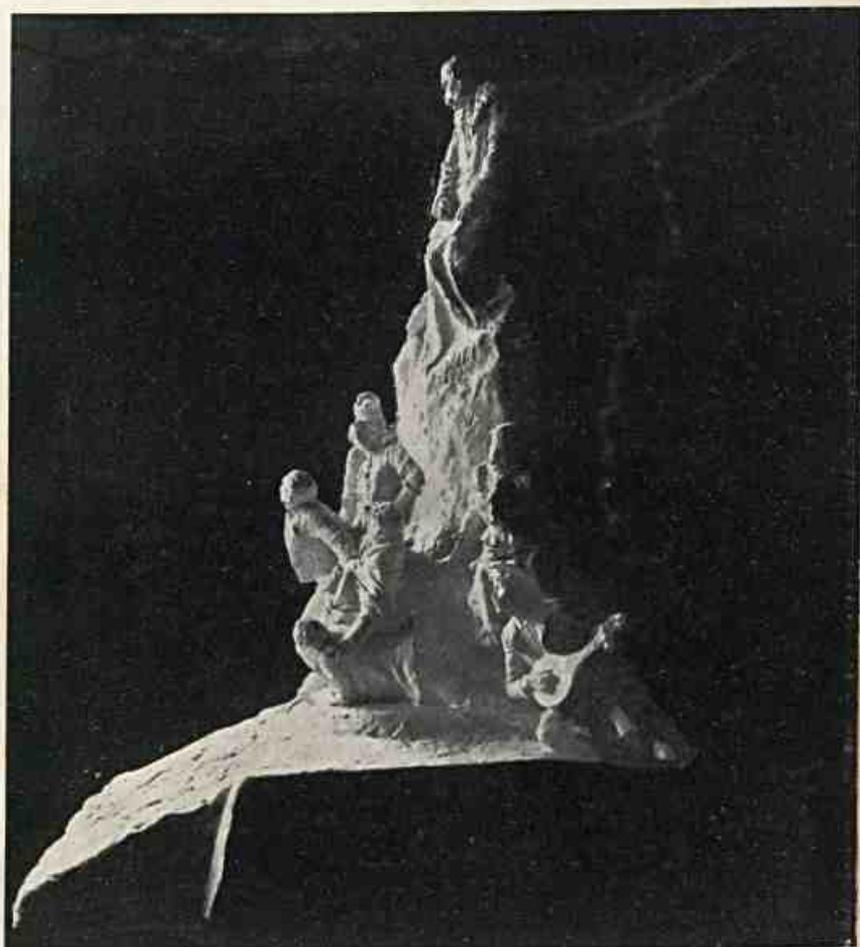
Andas na pradaria em torno das corolas  
Purpurinas, que são como gritos de guerra  
Alucinados, a brotar da terra,  
E vão depois morrer como gôtas sangrentas  
No teu seio que tem no seu verde magnifico  
A magestade real das cousas opulentas.

Deusa feita mulher de olhos verdes, e calmos,  
E ondeante e verde cabeleira  
Que esparsa ondeia sobre a terra inteira.

Esperança!  
Ó verdoenga promessa deliciosa  
De milhares de beijos!...

Ó boca estumescida de desejos,  
Ninho tepido  
Onde a volupia mora e as cantigas palpitam  
E volitam  
Como as cigarras  
Vagabundas, cantando  
Um as canções bizarras,  
E flaflando  
As azas transparentes.

Esperança radiante,  
Sacia a minha sêde de victoria  
No teu corpo triumphante,  
Na tua gloria!... Na tua gloria!...



*MAQUETTE DA ESTÁTUA A CAMILO*

(De Teixeira Lopes)

Embala-me, cariciante,  
Ao som dos teus cantares,  
Que vivem a correr sorrindo e desejando  
E vibrando  
Nos prados e nos mares.

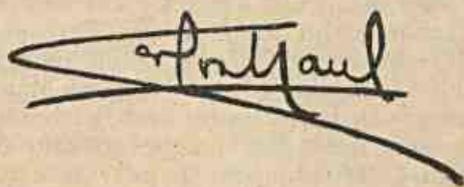
Dá-me a Ventura nos teus braços grandes,  
Infinitos como a beleza  
Que irradia de ti quando te expandes  
Num sorriso aureoreal por toda a Natureza.

Dá-me no teu afago a Terra Promettida,  
A Ideal Canaan de rios murmurantes,  
De ondulosas curvas melodiosas,  
Onde os sonhos de amor são mulheres e rosas,  
Onde a Vida é a Belleza  
E onde a Belleza é a Vida...

Eu que te vejo em tudo, em symbolos vibrantes,  
Nos desejos, no amor, na tristesa infinita  
Dos infelizes e desiludidos;  
Nas alegrias  
Das camponezas rubicundas,  
Nas mil maravilhosas phantasias  
Que enchem o olhar de mil tuberculosas  
De tez de lyrio e com olheiras fundas,  
Reclamo o teu amor, reclamo a tua sombra  
Para o meu corpo e para a minha alma.

Vem dos espaços, vem dos espaços,  
Abre-me os braços  
Para eu descansar,  
Para eu sonhar...

Rio - 912.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Artur de Azevedo'. The signature is stylized with a large, sweeping initial 'A' and a long, horizontal flourish extending to the right.

## Nova teoria do sacrificio

"Et cependant sans ce mystere, le  
 "plus incompréhensible de tous, nous  
 "sommes incompréhensibles à nous mê-  
 "mes. Le nœud de notre condition prend  
 "ses retours et ses plis dans l'abîme du  
 "péché originel; de sorte que l'homme  
 "est plus inconcevable sans ce mystere,  
 "que ce mystere n'est inconcevable à  
 "l'homme."

Pascal.

### I



**O**rito do sacrificio, já de si singularissimo, ainda apresenta de extranho o ser praticado por todos os povos, desde os tempos mais remotos até hoje. A causa, pois, que o determina, deve ser universal, instante, terrível, para produzir tal duração e generalidade. As hipóteses tendentes a explica-lo, embora algumas engenhosissimas, com indiscutíveis verosimilhanças, taes as de Tylor, <sup>(1)</sup> Robertson Smith <sup>(2)</sup> e escola de Durkheim, <sup>(3)</sup> têm o defeito commum de justificarem o sacrificio em *alguns* povos somente, pois que não é de crer que as mesmas aproximações, mais ou menos remotas, mais ou menos subteis, fossem feitas em toda a parte; e, se se recorre á irradiação dessa idea do povo ou povos que a pensaram para os restantes povos, não se vê em tal idea sufficiente importancia e evidencia para ser universalmente adoptada com um cerimonial rigoroso e complexo, e acatada com o maximo dos respeitois.

Estabeleçamos desde já um principio que pôde ser fecundo e dar-nos a chave da questão que pretendemos resolver. Quando o homem expõe uma ideia, tende a dramatiza-la por actos. Este principio não sofre excepções, e não passou despercebido aos psicologos contemporâneos. Assim, Ribot, na sua "Psychologie de l'Attention," <sup>(4)</sup> escreve: "O pensamento não é, como muitos admitem ainda por tradição, um acontecimento que se passe num mundo suprasensível, etéreo, incoercível. Repetiremos com Setchnoff "não ha pensamento sem expressão," quer dizer, o pensamento é um acto no estado nascente, isto é, um principio de actividade muscular."

<sup>(1)</sup> Tylor—La Civilisation Primitive—tr. fr. 2 vol. 1.<sup>a</sup> ed.

<sup>(2)</sup> R. Smith—The Religion of the Semites 2.<sup>a</sup> ed., e Reinach—Cultes, Mythes e Religions, Vol. 1.<sup>o</sup>, ch. VI

<sup>(3)</sup> Hubert et Mauss—Mélanges d'Histoire des Religions (Essai sur la nature et la fonction du sacrifice), e Émile Durkheim—Les formes elementaires de la Vie Religieuse (1912) livre III, cap. II.

<sup>(4)</sup> pag. 20.

A civilização vai atenuando a exuberância de actos concomitantes á enunciação do pensamento. No homem do povo ha mais intensa dramatisação do que no homem do mundo, no selvagem mais do que no homem do povo; no entanto todos são affectados desse modo de ser, que serviu de base a Bernheim para a sua terapeutica suggestiva, e a Paul Emile Levi para uma curiosa teoria da educação da vontade e seu emprego terapeutico, por auto-sugestão.

As primitivas tradições teriam riquissimos desenvolvimentos dramaticos, representativos das acções nelas referidas, e essa foi, sem duvida, a origem dos ritos. É incrível a cegueira dos que affirmam que, na essencia, os mitos são interpretações de ritos, tomando como geral o que é esporadico apenas. Que alguns mitos, principalmente entre os relativamente modernos, sejam a interpretação de ritos já sem sentido, desirmanados dos respectivos mitos, concebe-se; mas que seja esse o habitual processo de génese dos mitos, é o absurdo. Tinhamos, para a explicação dos ritos, de cair nas singularidades da escola sociologica franceza. (1)

Os ritos são dramatisações de mitos, isto é, de tradições adulteradas, mutiladas, interpoladas, que, todavia, conservam um nucleo que persiste ou varia segundo determinadas leis, como nas linguas románicas persiste a vogal acentuada, consoante a lei do filologo Frederico Diez, ou se transformam regularmente as consoantes, nas linguas germanicas, segundo as leis de Werner e Grimm.

De resto, se assim não fosse, deveríamos renunciar, com<sup>o</sup> esteril, ao estudo da mitologia e folk-lore.

Diziamos nós que os ritos são as representações de tradições e mitos. E' o que prova um exame desprevenido aos inumeraveis mitos, tradições e ritos espalhados pelos poemas cosmogonicos, poemas epicos, classicos gregos e latinos, estudos sobre os não civilisados, e *tutti quanti*. Citemos as libações, os ritos orgiasticos, nas festas de Baco, representando o mito da descoberta do vinho, os ritos agrarios oferecidos a Ceres, Atis, Osiris, Adonis, simbolizando o mito da invenção da agricultura, cultura dos cereaes... (2) e os misterios de Isis, reproduzindo os passos do mito Osiriano (3). Em toda a explicação dum rito, dum uso, aparece uma tradição, um mito. Ovidio relata-nos assim a razão do uso do moreto:

"Um derradeiro ponto enfim me ilustra:  
— Em tão santos e opiparos banquetes  
Ousarem pôr moreto!... esse indigesto  
Manjar vilão de tão grosseiras hervas  
Envolverá tambem sentido occulto?.."

(1) Sobre a fusão de ritos, que arrasta a fusão de mitos, falaremos mais adiante.

(2) Frazer, — le Rameau d'Or, tr. franceza, 1903-11, 3 vol, passim. Chamamos a atenção do leitor para os factos citados nesse admiravel trabalho de erudição. A interpretação de Frazer é diferente da nossa. Para os misterios de Eleusis, em hora de Ceres, V. Chantepie de la Saussaye, Manuel d'Historie des Religions, tr. fr. 1904, pag. 559 e Foucart — Recherches sur l'origine et la nature des Mysteres de Eleusis, 1895.

(3) Moret — Rois et Dieux d'Égypte, 1911. V. Plutarco — De Iside et Osiride.

“De leite simples, de grosseiras hervas,  
 — Conclue a sabia mestra — era o sustento  
 Dos antigos mortaes, se crês na fama;  
 Logo alvo queijo e vegetaes pisados  
 Quem assim os mistura, está lembrando  
 A prisca deusa e os priscos alimentos.”<sup>(1)</sup>

Os sacrificios no Egypto “parecem repetir o tema do espos-tejamento de Osiris <sup>(2)</sup>” e a famosa créonomia, na Grecia, era a reprodução do mito de Zagreus despedaçado pelos Titans. Mas, talvez mais elucidativo exemplo é o reproduzido por Van Gennep, no seu livro “La formation des Légendes (1910).” Trata-se dum mito que no proximo artigo estudaremos, referente a um salmão que foi cortado em bocados, cozido, depois de terem lançado incenso no fogo, e por fim comido por dois irmãos. “Recitando isto, o padre magico pesca um salmão, no sitio indicado, corta-o com uma faca de pedra, prepara o fogo, deita-lhe incenso e come o salmão <sup>(3)</sup>.” “A narrativa e o rito formam aqui um todo indissolúvel <sup>(4)</sup>.” O illustre etnógrafo é de opinião que as narrativas precedem os mitos. Para nós, os dois aspectos são simultaneos. Claramente que as grandes dramatisações são posteriores á narrativa, á tradição; mas já no inicio essas tradições eram mais ou menos dramatisadas.

*Se, pois, os ritos são a representação de mitos, de tradições, de qual mito ou tradição será a contra-parte o rito do sacrificio?*

Em boa critica, parece-nos que as condições a exigir á solução provavel do problema, sejam as seguintes: 1.º Pois que o sacrificio é universal, a tradição correspondente deve estar universalmente espalhada. 2.º Essa tradição, na sua dramatisação, deve dar uma forma arcaica do sacrificio, donde facilmente derivem as suas diferentes modalidades, exageros e atenuações; 3.º Deve essa tradição ser a derivada dum facto quasi contemporaneo ou contemporaneo da vida da especie, pois que o sacrificio aparece desde os mais antigos tempos <sup>(5)</sup>.

A forma do problema, em ultima análise, é esta: dada a acção, achar a idéa correspondente.

## II

Haverá algum mito ou tradição que responda ás condições exigidas? Um mito é função duma tradição <sup>(6)</sup>, que, por sua vez, se refere a um facto. Os factos que dão origens a tradições vivazes, são, naturalmente, factos importantes — as grandes descobertas, as

(1) Ovidio — Fastos, tr. de Castilho, tomo II pag. 145.

(2) Hubert et Mauss — ob. cit. pag. XIII.

(3) Van Gennep, obr. cit. pag. 110-11.

(4) idem, idem, pag. 111.

(5) O illustre sabio portuguez Sr. Leite de Vasconcelos acha extremamente provavel que nos tempos neolíticos houvesse sacrificios animaes. Religiões da Lusitania, tomo I.º, pag. 348.

(6) Não seguimos as definições de mito dadas por Wundt (Völkerpsychologie, II, Der Mythos, 1905), Gennep, etc, como se vê.

mudanças profundas de costumes. Vê-se, pois, claramente, que um mito é a reprodução mais ou menos alterada dum facto, e até mais rigorosamente se dirá que um rito seja mais a representação duma tradição do que dum mito, visto que os ritos não variam proporcionalmente á forma oral, muito mais instavel.

De passagem diremos que do exposto se deduz uma consequencia que não sabemos ainda ter sido notada—que uma das causas da duração das tradições e dos mitos, é o rito, que lhes serve de esqueleto, e dalgum modo lhes predetermina as ultteriores variações.

A tradição que buscamos, referir-se-ha a um facto supremo da vida da especie, como diziamos. Esta consideração pode guiar-nos na descoberta das analogias que, atravez das inumeras variações, possam entre si oferecer os mitos, permitindo-nos encontrar uma categoria de mitos oriundos da mesma tradição, concernentes portanto ao mesmo facto.

Se admitirmos a descendencia simiana do homem (e hoje não sofre objecções sérias essa doutrina<sup>(1)</sup>), quer se adoptem as vistas de Darwin ou Lamark, quer se siga a teoria mais provavel, talvez, de de Vries, das mutações bruscas) somos forçados a reconhecer que, na transição do antropoide para o homem, houve uma mudança de regimen alimentar. A preistoria dá-nos o homem caçador, pescador, ao passo que os antropoides são frugivoros, e, factos notaveis, o homem conserva o aparelho digestivo dum frugivoro, nas suas tradições refere-se a um passado de frugivoro, tem uma repugnancia instintiva pela carne crúa, e, finalmente, grande parte das suas doenças são devidas ás toxinas dos alimentos animaes<sup>(2)</sup>. Ainda hoje, apesar das inevitaveis modificações que longos séculos de omnivorismo produsiriam, existe a possibilidade no homem duma alimentação exclusivamente frugivora, tantos e tantos séculos o foram os nossos antepassados simianos!

Esta mudança de regimen foi, quanto a nós, o facto capital da vida da especie,<sup>(3)</sup> pelas consequencias que acarretou. A' vida livre, ociosa, arboricola, frugivora, do antropoide na floresta, succedeu a necessidade de caçar a presa, o desenvolvimento do cérebro, diuturnamente occupado nos ardis da caça, as doenças ocasionadas por alimentos a que o seu organismo não estava habituado, a necessidade da defesa contra os animaes que, reagindo, passassem de perseguidos a perseguidores<sup>(4)</sup>, e, seguidamente, os rudimentos

(1) V. no entanto as theorias de Klaatsch, que derivam o homem dos mamíferos do eoceno, de Kollmann, que faz dos antropoides variações da especie humana, de Raunkj. etc. V. Van Gennep—Religions, Moeurs et Légendes, 2.<sup>a</sup> serie, 1909, pag 201-2.

(2) V. qualquer patologia moderna.

(3) Já fratamos este assunto desenvolvidamente numa teoria nova sobre o mito adamico, publicada no Porto Medico, n.º 11, ano 5.º, sob o titulo "Nova interpretação da Tragedia do Génesis.. Refundimos aqui parte desse ensaio, ampliando-o em algumas partes, por nele se fundar a nossa nova interpretação do sacrificio.

(4) Revé Quinton sustenta que os mamíferos carnivoros são posteriores ao homem. Revue des Idées, n.º 1, ano 1.º.

da civilização, mercê do desenvolvimento mental, a família, as habitações, a fabricação de instrumentos, e a guerra com todos os seus horrores. Foi a origem do bem e a origem do mal.

Entre as modificações causadas pelo novo alimento, duas ha que merecem fixar a nossa atenção porque, como veremos no decorrer destes artigos, apparecem notadas em varios mitos. Queremos referir á queda do pêlo e ás dificuldades do parto.

Müller de Fuente affirma que o homem era outr'ora menos favorecido de sistema piloso do que hoje (1). Está em seu pleno direito. Tudo porém milita a favor da hipótese contraria. Van Gennep, tratando do sistema piloso, diz: "Tem-se explicado pela mutação a ausencia de pêlos no corpo do homem, evidente inferioridade na lucta pela existencia; mas é impossivel que não tivesse causas profundas, extremamente energicas (2).

Ora a causa profunda e extremamente enérgica, póde e deve ser o uso da carne. Com effeito, o Dr. Julio Grand, Presidente da Sociedade Vegetariana da França e Belgica, num trabalho sério "La Philosophie de l'Alimentation", diz-nos a pag. 19: "Se se alimenta o macaco a carne, em breve fica doente perde o pêlo e a pele cobre-se-lhe de erupções e ulceras."

A proposito das dores de parto, diz o eminente bacteriologista Elie Metchnikoff. "Um facto extranho e aparentemente anormal da função reproductora, poderia ser tambem esclarecido com o auxilio da historia da sua evolução. Temos em vista os sofrimentos do parto. E' na verdade para admirar que um fenómeno tão fisiologico seja acompanhado de dores e perturbação tão acentuados. Ha muitos animaes que sofrem durante o acto do parto, mas, na classe dos mamiferos, a mulher bate incontestavelmente o *record* nesse ponto." (3).

Concebe-se que a causa principal desta anomalia seja o consideravel volume do craneo da creança, consequencia do desenvolvimento cerebral da espécie. Se admitirmos, com tantos sabios modernos, que a transformação do antropoide em homem foi brusca (sob o excitante da alimentação, e suas consequencias, acrescentaremos) comprehende-se que a tradição conservasse essa particularidade, como veremos (4). Se se preferisse a transformação lenta, ainda assim poderia o facto entrar na tradição, ao fim de muito tempo, é claro; não é crível que a tradição ficasse completa no dia seguinte ao do novo uso. A verdade dela procede, além do menor periodo de tempo dos que a crearam, ao sucedido, da ausencia de ideas perturbadoras que embaraçam as interpretações modernas, podendo assim os primeiros homens, com uma mentalidade redusida, chegar a interpretações reaes. Ha outras modificações da vida sexual, que reservamos para outro estudo, entre elas a origem da menstruação.

(1) Van Gennep, ob. cit. pag. 204, nota.

(2) Idem, idem, pag. 204.

(3) Metchnikoff - Essais sur la Nature Humaine, 2.<sup>a</sup> ed. 1904, pag. 120.

(4) Convem notar que a civilização do homem contribuiu para um maior desenvolvimento cerebral dos animaes.

Depois do que expozemos, apontadas as gravissimas consequências do novo uso, parece legitimo procurar-se uma tradição e respectivas degenerescencias (mitos) que a esse uso e seus efeitos se refira. O seu esquema será: um alimento (ou derramamento de sangue) foi uma acção funesta que trouxe á humanidade, ou ao seu simbolo, um homem, grandes desgraças. Eis o facto central que devemos esperar se mantenha. Os accessorios, começo da especie, felicidade anterior á *queda*, especificação das desgraças succedidas, esses ou cairão ou se irão desfigurando em successivas interpretações, ou mesmo, por um raro acaso, num povo misoneista, extremamente cuidadoso com as suas tradições, se conservarão algumas com relativa exactidão.

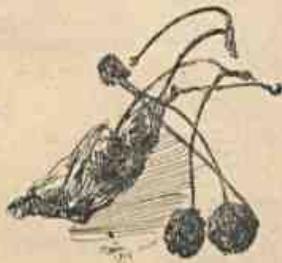
Com este nucleo e alguns accessorios diferenciados ou exactos, encontram-se numerosos mitos, sendo para reccar, contudo, as convergencias de factos diferentes, que nos iludam, embora os mitos que vamos estudar tenham uma feição inconfundivel.

Resumindo: parece-nos que achamos um facto importante, *que fatalmente se deu*, colocado na aurora da especie. Veremos que a sua tradição e mitos estão universalmente espalhados, e, por fim, provaremos que a sua dramatisação dá o sacrificio.

(Continua).

Matosinhos, 5-11-12.

João Teixeira Rego



## BIBLIOGRAFIA

**A Escarpa** (Tragedia moderna em 4 episodios) de **Almachio Dinis** — **Esboços literarios** por **Adherbal de Carvalho**.

Seria muito grato ao meu espirito refer-me desenvolvidamente ás obras de tão illustres escriptores brasileiros, o primeiro dos quaes eu admiro ha bastante tempo, pois a sua obra é já grande e o seu nome muito conhecido e considerado entre nós, portuguezes, que amamos com especial amor, todas as dádivas espirituaes que o Brazil nos envia.

O segundo pertence aos novos que principiam e representam, sobre tudo, a esperança, entre os quaes tambem se destaca uma bella figura de poeta que é Carlos Maul. A eles pertence acrescentar alguma cousa de novo ao muito que as outras gerações fizeram n'essa grande Nação amiga e irmã. E A. de Carvalho, no seu primeiro livro, revela, na verdade, possuir as mais delicadas qualidades de critico. Sabe pôr o dedo onde está a Belêsa, destaca-la da obra tal como foi concebida. E' tambem um artista.

O papel do critico aproxima-se imenso do papel do actor dramatico. Ambos necessitam do poder de reencarnar os pensamentos e os sentimentos alheios, de viver a obra criticada ou representada. Eis porque o dom da sympathia é a qualidade primordial do critico. Sem sympathia não pode haver criação artistica ou de qualquer natureza.

O verdadeiro critico é tambem um artista.

Os outros são herejes que profanam a Belêsa, e, por isso, o flagelo d'esta Divindade.

Quanto á tragedia de Almachio Dinis, é a obra d'um poeta e d'um filosofo. Os seus personagens são creaturas que sentem e pensam, o que é difficil encontrar no palco do mundo, quanto mais no palco d'um teatro!

**Alminio**, essa dolorosa e enigmatica figura de hallucinado, povoou o mundo

com as suas visões terrificas, e d'elas foge, por fim, precipitando-se d'um alto despenhadeiro, sob a luz das estrelas que são sorrisos de indiferença que a noite tem para a dôr humana.

Não é esta figura profundamente tragica? Que é o homem senão uma forma corporea e sensivel, devorada por esse Phantasma que é o seu espirito?

Nós deitamos ao mundo os nossos sonhos que se transformam em lobos carniceiros.

E o Mêdo, o mêdo sublime, pae de Divindades, vem separar o homem do seu espirito. Ah, como D. Quixote, ao regressar, enfim, ao patrio lar, por aquelle cair de tarde de lusitana tristesa, tenta voltar as costas á sua divina Loucura, fugir d'ela que só o abandona para que a Morte fique em seu lugar!

E **Hero**, outro personagem tão interessante da tragedia, que dirige o seu belo cantico ao sol, simbolo do seu Deus naturalista, e discute com **Fri-Armaudo**, impondo ás frias sombras sepulcraes do Catholicismo a claridade eternamente creadora de Apolo? E **Suzana**, a mulher, o coração feminino a derramar-se em lagrimas de amor?

Estas figuras e outras ainda, revelam as faculdades tragicas de Almachio Dinis.

Realmente a nova geração brasileira tem homens de grande valor. Os portuguezes nunca deixarão de prestar as mais fervorosas homenagens aos seus irmãos illustres d'além do Atlantico.

*Teixeira Soares*

### OUTRAS PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

“Questões de ensino” — Alfredo Coelho de Magalhães.

“Dôr-Amôr” — Pinto Ferreira.

## ÍNDICE DOS AUTORES

- A. A. Cortesão - 104, 139.  
Afonso Duarte - 50.  
Afonso Mota Guedes - 58.  
Antero de Figueiredo - 42, 193.  
António Carneiro - 54-A, 168-A.  
António Cobeira - 59.  
António Correia de Oliveira - 81.  
António Costa - 10-A.  
António Nobre - 2, 3, 4, 5, 40.  
Armando de Basto - 144-A.  
A. Rocha Peixoto - 51.  
Augusto Casimiro - 10, 46, 125, 165.  
Augusto Martins - 63.  
Augusto Santa Rita - 49.  
Camillo Castelo Branco - 80, 124, 187.  
Candida Aires de Magalhães - 85, 198.  
Carlos Correia Paraiso - 143.  
Carlos Malheiro Dias - 11.  
Carlos Maul - 95, 174, 207.  
Carlos de Oliveira - 39, 117, 157.  
Carlos Parreira - 17.  
Cervantes de Haro - 44-A, 45, 50, 62,  
64-A, 120-A, 142, 152, 175, 181,  
206, 215.  
Correia Dias - Capa.  
Costa Macedo - 65.  
Cristiano de Carvalho - 42, 80-A.  
Cristiano Cruz - 19, 26.  
Cruz Andrade - 135.  
Domingos Sequeira - 132-A.  
Emílio de Menezes - 170.  
Ernesto do Canto - 26-A.  
Fernandes de Sá - 92-A, 104-A.  
Fernando Pessoa - 86, 155, 188.  
Fialho de Almeida - 158.  
Gonçalo Sampaio - 60, 182.  
Jaime Cortesão - 73, 118, 171.  
José Teixeira Rego - 210.  
Leonardo Coimbra - 37, 106, 166.  
Manuel Laranjeira - 97.  
Margarida Costa - 18-A.  
Mário Beirão - 45, 115, 159.  
Mateus de Albuquerque - 32.  
Pinheiro Chagas - 134, 164.  
Pinto da Rocha - 70.  
Ribera y Rovira - 52.  
Soares dos Reis - 160-A.  
Teixeira Lopes - 176-A, 192-A, 200-A,  
208-A.  
Teixeira de Pascoaes - 1, 112, 113, 185, 216.  
Teófilo Braga - 9.  
Veiga Simões - 10, 98, 104.  
Vila Moura - 6, 116, 176, 201.  
Virgílio Correia - 27, 108.

# ÍNDICE DA COLABORAÇÃO

## LITERATURA

Meus olhos dolorosos . . . . .	1	A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico — 86, 153 e 188	
A Nossa Senhora . . . . .	2	Canto primaveril . . . . .	95
Colar de astros . . . . .	2	Carta a A. . . . .	97
Carta . . . . .	4	Duas paginas do livro das Saudades . . . . .	98
A Vila-Feia . . . . .	6	Nota sobre os vocabulos <i>treinar, deporte e despôrto</i> . . . . .	104
Ternura de Chacal . . . . .	9	O Saudosismo e a Renascença.	113
Versos da Alelúia . . . . .	10	Ausente . . . . .	115
Amor de Mulher . . . . .	11	Medalhas . . . . .	116
Eça de Queiroz . . . . .	32	O Calvário da Tarde . . . . .	117
Bibliografia . . . . . 36, 72, 112, 184 e 216		Da «Renascença Portuguesa» e seus intuitos . . . . .	118
Aguaes religiosas . . . . .	37	A Primeira Nau . . . . .	125
Canção das andorinhas . . . . .	39	Cartas de Pinheiro Chagas — 134 e 164	
Tentação . . . . .	40	Amores . . . . .	135
Mulheres de Camilo . . . . .	42	Bênção de Deus . . . . .	157
Maria Peregrina . . . . .	45	Uma carta de Fialho . . . . .	158
O Valor da Vida . . . . .	46	Cintra . . . . .	159
Lua Nova . . . . .	50	Versos para meu Filho . . . . .	165
Sempre Moça . . . . .	51	O Duelo do Louco . . . . .	166
Minha vontade . . . . .	51	Sobre o túmulo de uma mãe.	170
A educação dos povos peninsulares . . . . .	52	O pedreiro cantador . . . . .	171
Mágua religiosa . . . . .	49	Deante do Mar . . . . .	174
Soneto . . . . .	58	Destino . . . . . 176 e 201	
Elegia da Alma . . . . .	59	Ainda o Saudosismo e a «Renascença» . . . . .	185
Os Covas . . . . .	65	A prosa de Camilo. (Escerto).	193
Arco-Iris . . . . .	70	Diálogo . . . . .	194
A «Renascença Portuguesa» e o ensino da História Pátria . . . . .	73	A casa antiga . . . . .	198
Cartas inéditas de Camilo Castelo Branco . . . . . 80, 124 e 187		À Esperança . . . . .	207
Romarias . . . . .	81		
Mocidade . . . . .	85		

## ARTE

Um pintor de aguarelas . . . . .	17	Caminheiro . . . . .	92-A
O Salão dos Humoristas . . . . .	19	Uma das <i>maquettes</i> para a es- tátua de Camões . . . . .	104-A
ILUSTRAÇÕES			
Flores . . . . .	10-A	Engenho de moer casca de carvalho . . . . .	120-A
Estudos . . . . .	18-A, 132-A e 160-A	O Tango . . . . .	144-A
Depois da Ceia . . . . .	26-A	Silêncio . . . . .	168-A
Tronco de Castanheiro . . . . .	44-A	Mármore . . . . .	176-A
Estudos de creanças . . . . .	54-A	<i>Maquette</i> da estátua a Camilo 192-A, 200-A . . . . .	280-A
Pé de Carvalho . . . . .	64-A	Vinhetas—19, 26, 42, 45, 50, .62, 142, 152, 175, 181, 206 e	215
Vagabundo . . . . .	80-A		

## SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL

O Paleolítico em Portugal . . . . .	27	A Capela do Castro da Senhora da Alegria (Almalagner) . . . . .	108
Phitographia Selectior . . . . .	60	O aeroplano perante a ciência . . . . .	143
O ensino secundário da Mate- mática . . . . .	63	Nota sobre o <i>Juncus echinu-</i> <i>loides</i> Brot. . . . .	182
O mal e o erro . . . . .	106	Nova teoria do sacrifício . . . . .	210
Santelmo . . . . .	139		